

EDUCAÇÃO & TECNOLOGIA

Trilhando caminhos para a construção do ensino-aprendizagem em tempos de pandemia

**Rodrigo Guedes de Araújo
(Organizador)**

Rodrigo Guedes de Araújo
(Organizador)

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

TRILHANDO CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DO
ENSINO-APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2021



Copyright © Editora Metrics

Capa: Daniel Neres da Silva

Imagem da capa: Canva

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

E24 Educação e tecnologia [recurso eletrônico] : trilhando caminhos para a construção do ensino e aprendizagem em tempos de pandemia / organizador: Rodrigo Guedes de Araújo. - Santo Ângelo : Metrics, 2021.
303 p. : il.

ISBN 978-65-89700-47-0

DOI 10.46550/978-65-89700-47-0

1. Educação. 2. Tecnologias digitais. 3. Ensino-aprendizagem. I. Araújo, Rodrigo Guedes de (org.)

CDU: 37:004

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

2021

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora Metrics

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Metrics

Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

<https://editorametrics.com.br>

Conselho Editorial

Dr ^a . Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zuriq, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr ^a . Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordelin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dr ^a . Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dr ^a . Mércia Cardoso de Souza	ESEMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zuriq, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dr ^a . Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr ^a . Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr ^a . Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dr ^a . Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
<i>Deyse Queirós Santos</i>	

APRESENTAÇÃO	15
<i>Alice de Souza</i>	
<i>Camila Fernandes Oliveira</i>	
<i>Daniel Neres da Silva</i>	

Capítulo 1

DIREITOS AUTORAIS NA ERA DIGITAL: PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS EM PEDAGOGIA SOBRE O USO DO PLÁGIO	22
<i>Daniel Neres da Silva</i>	
<i>Emanuelle da Silva Cordeiro</i>	
<i>Rodrigo Guedes de Araújo</i>	

Capítulo 2

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE RIACHO DE SANTANA DURANTE O ENSINO REMOTO.....	40
<i>André de Jesus Rodrigues</i>	
<i>Maurício Souza Prates</i>	
<i>Rodrigo Guedes de Araújo</i>	

Capítulo 3

A INCLUSÃO DAS TICs NA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO.....	53
<i>Alice De Souza Silva 53</i>	
<i>Priscila Teixeira da Silva</i>	
<i>Rodrigo Guedes de Araújo</i>	

Capítulo 4

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO E NOVAS AS PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS	68
<i>Rafaela Rocha Ribeiro</i>	
<i>Thaluane Marlla da Silva Ferreira</i>	
<i>Luiz Ricardo Pereira de Almeida Braga</i>	
<i>Rodrigo Guedes de Araújo</i>	

Capítulo 5

DESAFIOS DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE O ENSINO REMOTO	86
--	----

Izabel Cristina da Silva Barros
Leila Carmo Ferreira dos Santos
Rodrigo Guedes de Araújo

Capítulo 6

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA	100
--	-----

Sheila Pereira Sales Oliveira
Verônica Cristina Silva Brito
Rodrigo Guedes de Araújo

Capítulo 7

ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: AVALIAÇÃO SOBRE OS RECURSOS TECNOLÓGICOS	112
--	-----

Karen Santos Gonçalves
Lidiane Alves da Silva
Paula Bruna Soares dos Santos

Capítulo 8

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO REMOTO.....	126
---	-----

Bruna Alves Cardoso
Carlos Adelino Santos Nascimento
Edcléia de Jesus Souza
Isaura Francisco de Oliveira

Capítulo 9

ENTRE OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO REMOTO NA APRENDIZAGEM ESCOLAR.....	144
--	-----

Gilzete Denilza da Silva
Liliany Pedrolina da Silva Santos
Rodrigo Guedes de Araújo

Capítulo 10

EDUCAÇÃO REMOTA EM TEMPOS DE PANDEMIA 155

Fernanda da Silva Santos

Weliton Ribeiro Sena

Rodrigo Guedes de Araújo

Capítulo 11

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O USO DE RECURSOS
TECNOLÓGICOS NO CONTEXTO ESCOLAR..... 167

Patrícia Regina Cardoso Santos

Tainara Cardoso de Araújo

Rodrigo Guedes de Araújo

Capítulo 12

RELATO DE EXPERIÊNCIA: MONITORIA DE TECNOLOGIA
DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) EM TEMPOS DE
PANDEMIA..... 178

Camila Fernandes de Oliveira

Rodrigo Guedes de Araújo

Capítulo 13

DO ENSINO PRESENCIAL AO REMOTO: FORMAÇÃO
DOCENTE PARA UTILIZAÇÃO DES RECURSOS
TECNOLÓGICOS 188

Eliane Silva Alves

Enária Silva Cordeiro

Gabriel Magalhaes Silva

Capítulo 14

A CIBERCULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS
DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19..... 200

Gabriel Magalhães Silva

Laira de Jesus Anjos

Rafael Pereira Lima

Capítulo 15

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: USO DO AUDIOVISUAL EM
SALA DE AULA..... 209

Renata Lourenço dos Santos

Capítulo 16

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	226
---	-----

Carla de Queiroz Ribeiro

Fabricia da Silva Souza

Marisela Pi Rocha

Capítulo 17

COVID-19: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO.....	244
--	-----

Darlene Oliveira Magalhães

Micaele da Cruz Rocha

Patrícia Rocha da Conceição

Capítulo 18

ENSINO REMOTO: SABERES E DESAFIOS DURANTE A MONITORIA DO COMPONENTE CURRICULAR “PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO”	255
---	-----

Daniel Neres da Silva

Gisele Ferreira de Amorim

Capítulo 19

APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS ATRAVÉS DAS TICS EM PERÍODO DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS	268
--	-----

Lucas Magalhaes Silva

Gislane de Oliveira Almeida

Sandra Thomaz de Aquino

Capítulo 20

EDUCAÇÃO E INFÂNCIAS DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE DO MUNICÍPIO DE PARATINGA-BA	290
---	-----

Maiane de Sousa Santos

Maria Karina Rodrigues Laura

Priscila Teixeira da Silva



PREFÁCIO

Durante muito tempo, a principal ferramenta de ensino e aprendizagem disponível nas escolas brasileiras foram o giz e o quadro negro, e o único instrumento de pesquisa que tínhamos em casa eram as enciclopédias. Denominamos a geração esta geração da qual faço parte, de geração X. Neste tempo quem tinha uma enciclopédia BARSA¹ em casa era um privilegiado, pois contava com um oráculo para as questões mais proeminentes para os estudantes, o mesmo que dar um Google nos dias de hoje.

Aos poucos, já na década de 90 os computadores foram chegando as residências brasileiras, mas era considerado um artigo de luxo para parte expressiva da população, e a geração que fez parte deste momento foi denominada como geração Y.

Nos anos 2000, aconteceu uma revolução tecnológica e conseqüentemente o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs) que causaram uma epifania nas formas tradicionais de ensinar e aprender. Essas tecnologias influenciaram o modo de ensinar e de aprender, transformando assim, a vida estudantil de crianças, jovens e adultos. Era o momento do surgimento da geração Z.

O computador, a Internet e outras tecnologias digitais configuraram uma revolução ativa tanto nas gerações Y como na geração Z, com propósitos sociais e interativos. A constatação que temos é de um caminho sem volta, tanto para as crianças e os jovens que passam a maior parte do tempo on-line, como também para os adultos.

No entanto, o desenvolvimento tecnológico, além de

1 BARSA. A enciclopédia foi idealizada em 1959, por Dorita Barrett, herdeira da família Barrett, detentora da Enciclopédia Britânica, a Barsa foi a primeira enciclopédia brasileira, desenvolvida por um corpo editorial brasileiro formado, dentre outros ilustres, pelo enciclopedista e tradutor Antonio Houaiss, o escritor Jorge Amado, o arquiteto Oscar Niemeyer e o jornalista e escritor Antônio Callado como o redator-chefe da primeira edição Duarte, Marcelo (27 de março de 2012). «A trajetória histórica da Enciclopédia Britânica». Guia dos Curiosos, 2012.

trazer grandes benefícios para a sociedade, como a ampliação do acesso a educação, apresentou também desafios, como a formação de professores, a promoção de espaços de interação e colaboração entre alunos e professores em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), e apesar de serem reconhecidas como essenciais na educação, as TICs ainda são pouco exploradas e usadas em todas as suas potencialidades e suas possibilidades pelos professores de maneira pedagógica com seus alunos.

Este livro reúne artigos da turma do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus Bom Jesus da Lapa, o DCHT XVII, e abordam a inter-relação entre tecnologia ensino e aprendizagem.

As tecnologias digitais podem desempenhar um papel importante na busca de uma educação de qualidade para a nossa população, nesse sentido a UNEB coloca à disposição do público este material rico produzido por nossos discentes.

É grande a minha satisfação em participar deste livro, um material tão rico, sobre um tema tão relevante para nossa sociedade.

Deyse Queirós Santos



APRESENTAÇÃO

Este livro, em forma de e-book, é o resultado da união de estudos sobre as tecnologias na educação, principalmente, no período da pandemia de COVID-19. Participaram da construção desse livro graduandos do curso de Pedagogia e professores do ensino superior. É válido destacar que a maioria das pesquisas que o compõe são o resultado de estudos realizados no componente curricular Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), durante o semestre letivo - 2021-1.

Cada texto disponível neste e-book compõe uma panorâmica da realidade da educação brasileira quando se fala em uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICS) nos espaços escolares. O conjunto completo desta obra constitui uma rica diversidade de temáticas que abordam desde políticas públicas para facilitar o acesso à educação através das tecnologias, bem como os desafios e estratégias usadas para que o processo de garantia de acesso da educação pública.

Sob essa perspectiva, o primeiro capítulo do e-book nominado “Direitos autorais na era digital: percepção dos graduandos em pedagogia sobre o uso do plágio” que teve sua escrita realizada por Daniel Neres da Silva, Emanuelle da Silva Cordeiro e Rodrigo Guedes de Araújo. Este capítulo busca elucidar algumas reflexões sobre o uso do plágio nos espaços acadêmicos, problematizando como o plágio vem se configurando a partir dos conhecimentos que os estudantes de graduação em Pedagogia possuem sobre os direitos autorais, evidenciando a importância de não cometer tal ato dentro e fora da universidade. Neste contexto a pesquisa teve como pano de fundo o Campus XVII da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, que fica localizada na cidade de Bom Jesus da Lapa situado no território Velho Chico.

No segundo capítulo, os autores André de Jesus Rodrigues,

Maurício Souza Prates e Rodrigo Guedes de Araújo apresentam o texto “Desafios e perspectivas dos professores do ensino médio do município de Riacho de Santana durante o ensino remoto.” Na qual este texto buscou compreender quais eram os desafios das aulas remotas sob a ótica dos professores do ensino médio. Listando os principais desafios nas aulas durante o processo de ensino-aprendizagem na Pandemia, e elencando algumas consequências no dia a dia dos professores a partir da visão de alguns educadores alocados em uma Escola Estadual da cidade de Riacho de Santana localizada em um município Baiano. Sendo assim, essa pesquisa evidenciou que os desafios na educação, são advindos dessa modalidade remota de ensino e não por alguma falta de experiência com tecnologias na construção do ensino-aprendizagem em sala de aula. E como consequências deste ensino remoto, surgem alguns problemas como cansaço, problemas de visão e que podem afetar o desempenho do professor durante as aulas.

Seguindo no capítulo terceiro, intitulado “A inclusão das TICs na Educação do/no Campo”, os autores Alice de Souza, Priscila Teixeira da Silva e Rodrigo Guedes de Araújo, problematizam alguns dos desafios que surgem no processo de inclusão dos recursos tecnológicos na Educação do Campo, bem como algumas reflexões acerca do uso dessas tecnologias no campo durante o período da pandemia da Covid-19. Esta pesquisa teve embasamento teórico a partir de documentos oficiais e estudos a partir de alguns autores como Cunha (2020), Gil (2002), Kenski (2012), dentre outros. Sendo assim, a pesquisa mostrou que a inclusão das tecnologias nas escolas do campo perpassa inúmeros desafios e que ainda precisam de reformulações das políticas de inclusão e acesso a essas tecnologias, principalmente agora com a chegada da Pandemia e a implementação do ensino remoto.

Posteriormente, no quarto capítulo deste e-book os autores Rafaela Rocha Ribeiro, Thaluanne Marlla da Silva Ferreira, Luiz Ricardo Pereira de Almeida Braga e Rodrigo Guedes de Araújo, apresentam em seu texto intitulado: “Educação em tempos de Ensino Remoto e novas perspectivas educacionais”, algumas análises sobre

as concepções e as dificuldades reveladoras acerca da implementação do Ensino Remoto na Educação Básica, buscando compreender como a Educação Básica vem enfrentando as novas configurações de ensino no período pandêmico e de qual maneira os impactos do ensino remoto afetam os processos de ensino-aprendizagem no desenvolvimento educacional. Dado o exposto, este capítulo conclui que o atual cenário da Educação Básica perpassa por um momento difícil, cheio de dificuldades e desigualdades ocasionadas pela falta de formação docente e discente, bem como a falta de acesso as tecnologias por todos da escola e que na maioria das vezes não há devida assistência por parte dos governantes.

Seguindo na leitura, o quinto capítulo, “Desafios do ensino-aprendizagem na educação infantil durante o ensino remoto” de autoria de Izabel Cristina da Silva Barros, Leila Carmo Ferreira dos Santos e Rodrigo Guedes de Araújo, vem abordando sobre os desafios do ensino remoto na educação infantil, a partir de uma análise sobre o uso das TICs nestes espaços, problematizando a configuração da educação no ensino remoto para garantir o acesso ao ensino-aprendizagem na educação infantil durante este período excepcional causado pela Pandemia. Como resultado a pesquisa evidenciou que a educação infantil vem sofrendo vários impasses para a garantia de acesso à educação das crianças, e tendo como um destes impasses a falta de recursos digitais de qualidade.

Ainda compondo as leituras deste e-book, o sexto capítulo nominado: “Os desafios da Educação Inclusiva e o uso das tecnologias assistivas em tempos de pandemia.” Escrito pelos autores Sheila Pereira Sales Oliveira, Verônica Cristina Silva Brito, e Rodrigo Guedes de Araújo, tem como principal foco, compreender como a equipe escolar, discentes e familiares, vem enfrentando os desafios nas aulas remotas perante a pandemia da Covid-19, tendo a tecnologia o caminho atual para que ocorram as aulas e que possam oferecer a solução através da TA (Tecnologia Assistiva). Deste modo, este capítulo evidencia o quão é importante a união da equipe escolar, familiares, alunos e comunidades, para que todos busque pela tão precisa Inclusão mesmo em tempo pandêmico.

Posteriormente, as autoras Karen Santos Gonçalves, Lidiane Alves da Silva e Paula Bruna Soares dos Santos apresentam no sétimo capítulo uma análise sobre o “Ensino remoto na Educação Básica: avaliação sobre os recursos tecnológicos”. O artigo apresenta uma discussão sobre o processo de inclusão dos recursos tecnológicos durante o ensino remoto, esse estudo também apresenta desvelamentos sobre a diferença entre ensino remoto e EAD e traz contribuições de autores como Alves (2020), Daros (2020), Leite e Ribeiro (2012) e demais teóricos que se relacionam com a temática proposta.

O oitavo capítulo intitulado como “Desafios e possibilidades do uso das tecnologias na Educação do Campo no ensino remoto”, tem como autores Bruna Alves Cardoso, Carlos Adelino Santos Nascimento e Edcléia de Jesus Souza, tendo como orientadora a professora Isaura Francisco de Oliveira. Esse estudo tem como objetivo evidenciar como a escola do campo tem vivenciado o período remoto e como as tecnologias da informação e comunicação possuem grande importância para auxiliar antes, durante e depois desse momento. Dentre os autores citados podemos destacar Arroyo (2004), Caldart (2009) e Kenski (2012).

No nono capítulo as autoras Gilzete Denilza da Silva, Liliany Pedrolina da Silva Santos e o orientador Rodrigo Guedes de Araújo, discorrem sobre “Entre desafios e possibilidades do ensino remoto na aprendizagem escolar”. O artigo tem como objetivo tecer reflexões sobre a educação remota em tempos de pandemia e os desafios que surgem no processo de aprendizagem.

Em seguida, no décimo capítulo temos o estudo sobre a “Educação remota em tempos de pandemia”, escrito por Fernanda da Silva Santos, Weliton Ribeiro Sena sendo orientado pelo professor Rodrigo Guedes de Araújo. Nesse artigo, o objetivo se centra em abordar a educação remota em tempos de pandemia, como também os desafios e perspectivas na inserção das tecnologias. O texto apresenta estudos de teóricos como Fonseca (2002), Domingos (2020), Novais (2004) dentre outros.

No décimo primeiro capítulo, intitulado “Formação de professores e o uso de recursos tecnológicos no contexto escolar”. As autoras Patrícia Regina Cardoso Santos, Tainara Cardoso de Araújo e o orientador Rodrigo Guedes de Araújo apresentam um estudo que tem por objetivo discutir sobre a formação de professores com enfoque na mediação tecnológica e como essa formação contribui para o desenvolvimento do educando. Dentre os autores citados, podemos destacar Aguiar (2013), Menezes (2014) e Moran (2012).

A seguir, no décimo segundo capítulo temos o “Relato de experiência: monitoria de tecnologia da informação e comunicação (TIC) em tempos de pandemia”, escrito por Camila Fernandes de Oliveira, sendo orientada pelo professor Rodrigo Guedes de Araújo. Nesse artigo, o objetivo se centra no relato de experiência da discente Camila enquanto monitora de Tecnologia da Informação e Comunicação na turma do 5º semestre do curso de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII em Bom Jesus da Lapa/Ba. Dentre os autores citados destacam-se as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de pedagogia, Araújo e Amorim (2020) e Santos (2004).

No décimo terceiro capítulo escrito por Eliane Silva Alves, Enária Silva Cordeiro e Gabriel Magalhães Silva, aborda em sua pesquisa bibliográfica “Do ensino presencial ao remoto: formação docente para utilização dos recursos tecnológicos”, a importância da formação docente para a efetivação do ensino remoto. Os autores destacam a necessidade do cuidado em não desenvolver práticas da educação presencial no ensino remoto, assim, torna-se importante a oferta de formação continuada para os educadores, que destaque a relação entre a educação e as tecnologias.

O décimo quarto capítulo é nomeado: A cibercultura no processo de formação dos docentes em tempos de pandemia do covid-19, e tem como autores Gabriel Magalhães Silva, Laira de Jesus Anjos e Rafael Pereira Lima. Discorre sobre a contribuição que a cibercultura tem na vida dos docentes, os desafios e as estratégias que os professores utilizam nesse contexto de pandemia e os avanços tecnológicos no meio educacional. Enfatizando que o

uso desses meios nem sempre atingem a maioria dos profissionais de educação e a importância de (re) formular o modelo de ensino.

Renata Lourenço dos Santos, no décimo quinto capítulo apresenta o estudo “Educação e tecnologia: uso do audiovisual em sala de aula”. Sua pesquisa tem o propósito de fazer uma conexão entre a educação e a tecnologia, mostrando que **são áreas aliadas e complementares**. Também aborda o uso de recursos audiovisuais como ferramenta pedagógica, didática e educacional em sala de aula. Traz em seu texto a definição de educação, de tecnologia e enfatiza a propriedade educacional do vídeo.

O décimo sexto capítulo das autoras, Carla de Queiroz Ribeiro, Fabrícia da Silva Souza e Marisela Pi Rocha apresentam resultados da pesquisa “Tecnologia na educação em tempos de pandemia”, que tem o objetivo de compreender como a tecnologia tem colaborado para a continuidade do ensino em tempos de pandemia e, se existem, as dificuldades encontradas no decorrer do processo. Ao longo do capítulo buscam responder as seguintes perguntas: como usar a tecnologia em prol da educação? Qual a diferença entre ensino remoto e educação a distância? O ensino remoto está sendo acessível a todos? Se não, existe alguma política pública que facilita o acesso?.

O décimo sétimo capítulo tem como título “COVID-19: desafios e perspectivas na educação”, e como autoras Darlene Oliveira Magalhães, Micaele da Cruz Rocha e Patrícia Rocha da Conceição. Essa pesquisa bibliográfica tem o intuito de analisar o contexto da educação antes e durante a pandemia, identificar os desafios diante do ensino remoto e entender as novas perspectivas de educação que surgiram com a pandemia.

No décimo oitavo capítulo “Ensino remoto: saberes e desafios durante a monitoria do componente curricular ‘processos de alfabetização’”, Daniel Neres da Silva, orientado por Gisele Ferreira de Amorim, relata as experiências vivenciadas durante a monitoria do componente curricular “Processos de Alfabetização”, no curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado

da Bahia – UNEB, no campus XVII em Bom Jesus da Lapa.

O décimo nono capítulo dos autores Lucas Magalhães Silva, Gislane de Oliveira Almeida e Sandra Thomaz de Aquino, apresenta o resultado de estudos que foram realizados no intuito de entender sobre a aprendizagem das crianças através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), em período de pandemia do Coronavírus. Consideramos que diante de inúmeros desafios da docência, seja ela na educação infantil ou nos anos iniciais, este é um período que excede toda e qualquer dificuldade em sustentar a aprendizagem por forma de meios virtuais, pesquisar sobre a aprendizagem das crianças através das tecnologias nos possibilitou entender sobre o desenvolvimento da aprendizagem de crianças a partir de práticas pedagógicas inovadas que sustentam as ações pedagógicas nesse momento pandêmico, de isolamento social.

Fechando essa apresentação, o artigo de número vigésimo, Educação e infâncias do Campo em tempos de pandemia: uma análise do município de Paratinga-ba de autoria de Maiane de Sousa Santos; Maria Karina Rodrigues Laura e Priscila Teixeira da Silva tecer importante reflexão sobre o momento de pandemia ao qual vivenciamos e o que ele tem ocasionado referente aos inúmeros rompimentos no planejamento de vários segmentos da sociedade, sobretudo nos aspectos educacionais e ao considerarmos a histórica negação de acesso ao ensino para os sujeitos do campo.

Diante do exposto, percebe-se o enlace entre a educação e a tecnologia, e como essa relação se intensificou durante a pandemia de COVID-19. Esse livro aborda as mudanças ocasionadas na sociedade pelo novo Coronavírus e as adaptações ocorridas no meio educacional, é um registro desse período histórico. Desejamos uma ótima leitura.

Alice de Souza
Camila Fernandes Oliveira
Daniel Neres da Silva

Capítulo 1

DIREITOS AUTORAIS NA ERA DIGITAL: PERCEPÇÃO DOS GRADUANDOS EM PEDAGOGIA SOBRE O USO DO PLÁGIO

Daniel Neres da Silva¹

Emanuelle da Silva Cordeiro²

Rodrigo Guedes de Araújo³

1 Introdução

Atualmente o uso da "internet" vem sendo bastante aclamada, pois na área da pesquisa acadêmica o seu uso para os discentes e pesquisadores é vista como uma importante fonte para adquirir informações e principalmente conhecimentos, tanto pelo quantitativo de informações que ela proporciona, quanto pela facilidade de acesso e busca. Entretanto, mesmo trazendo esses benefícios, essa mesma 'internet' também é uma fonte que facilita o crescimento do plágio e a violação de direitos autorais nas universidades. Sendo assim Krokoscz (2012) afirma que por plágio entende-se a apropriação e apresentação de

-
- 1 Estudante do 5º semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Membro do grupo de Pesquisa e Extensão Cultura, Gênero e Sexualidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Web designer pela Soluções Dinâmicas em Informática (SDI) – Bom Jesus da Lapa – Bahia. E-mail: dneresjob@gmail.com
 - 2 Estudante do 5º semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: emanuelle.scordeiro@gmail.com
 - 3 Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos MPEJA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em Direitos Sociais do Campo – Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Conhecimento, Política e Desenvolvimento – UNEB – Bahia. Professor no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da UNEB – Campus de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Membro do Centro Acadêmica de Educação do Campo – CAEDT – Salvador. E-mail: pedagogodaterra@gmail.com

conteúdo alheio usado como se fosse seu e essa prática no âmbito acadêmico é um sério problema que pode interferir na qualidade da produção científica. Deste modo, fazer o uso do plágio é bastante perigoso e pode inclusive acarretar numa formação fragilizada, e os estudantes acabarem formando sem conhecimentos necessários para a construção da sua vida pessoal e principalmente na inserção no mercado de trabalho na qual desejam fazer parte.

Partindo desta perspectiva, esta pesquisa buscou problematizar como o plágio vem sendo configurado a partir dos conhecimentos que os estudantes de graduação em Pedagogia possuem sobre os direitos autorais, e tendo como principal objetivo compreender qual a percepção destes graduandos sobre direitos autorais em trabalhos acadêmicos na era digital. Isto posto, e durante as nossas inquietações em sala de aula ao cursar o componente curricular “Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC)” no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, campus XVII de Bom Jesus da Lapa, e durante as nossas leituras e aprofundamentos sobre essa temática nos surgiu o seguinte questionamento: que percepções os graduandos em Pedagogia possuem acerca dos direitos autorais em trabalhos acadêmicos na era digital? Sendo assim, a pesquisa buscou responder a essa inquietação para compreender como ocorre o uso do plágio na pesquisa acadêmica.

Para o alcance do objetivo desta pesquisa, delimitou-se como trilha metodológica a pesquisa de campo de cunho qualitativo e como instrumento de coleta dos dados o uso de questionário no formato digital via link, enviado para os participantes desta pesquisa, e tendo a análise dos dados feita a partir da análise de conteúdo definida pela a autora Bardin (2011). Desta maneira a pesquisa evidenciou que os graduandos do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia campus XVII, carecem de uma formação mais específica sobre o uso do plágio e sobre a violação de direitos autorais quanto ao uso de obras de outros autores em trabalhos acadêmicos.

2 Contextualização histórica do plágio

O termo plágio não é definido em uma só palavra, ela pode ser compreendida de diversas maneiras por ser um fenômeno que tem como característica a violação dos direitos autorais. Segundo as autoras Diniz e Terra (2014, p.19) “[...] em termos jurídico-penais: “crime”, “estupro”, “roubo”, “sequestro”, “pilhagem”, “furto”, “falsificação”, “pirataria”, “fraude”, “empréstimo clandestino”, são algumas das expressões mais usadas.” Partindo destas concepções o plágio não é algo novo e surgiu na antiguidade no período da invenção da escrita, onde a noção de copiar algo de alguém já era reconhecida e bastante praticada desde da Grécia antiga, porém não se discutia a questão dos direitos autorais, pois existia apenas uma sanção moral, ou seja esse fato acontecia perante a consciência do homem em tentar entender se aquilo que estava fazendo era certo ou errado, tendo em vista que durante aquele período não havia consequência penal e era algo inexistente.

Ainda que não houvesse norma legal que instituísse alguma punição contra as violações daquilo que haveria de ser direito dos autores das obras intelectuais, sempre existiu a sanção moral, que impunha o repúdio público ao contrafator e sua desonra e desqualificação nos meios intelectuais. Ainda que sem efeitos jurídicos patrimoniais, nem pessoais (como a prisão, por exemplo), já se considerava um verdadeiro ladrão quem apresentasse como sua uma obra de outrem. (MANSO, 1987, p. 08-09, apud VIERA, 2011, p. 10).

Desta forma percebemos que durante esta época, o ato de plagiar algo alheio já era bem recorrente e não havia nenhum tipo de punição e que apenas era vista como um roubo e o ato era sempre deixado de lado. Segundo Viera (2011, p. 10) “[...] a Grécia antiga foi principalmente uma sociedade oral, sendo que um dos seus maiores expoentes, Sócrates, nada deixou escrito. Compreende-se então que o plágio não foi punido.” Sendo assim, a sociedade era a quem mais praticava a oralidade ao invés da escrita e com isso o plágio não era configurado como um crime e desta forma a pessoa que cometia tal ato não sofria uma punição quando

violava os direitos autorais de alguém.

Em Roma por exemplo, este ato ocorria através dos comerciantes de livros que por sua vez, eram feitos de forma artesanal na qual produziam-se várias cópias manuscritas para poder vender no comércio. Essas cópias feitas por esses comerciantes eram consideradas como golpe e eles começaram a serem chamados de golpistas por receberem os devidos créditos e a remuneração do trabalho de outras pessoas, e com isso sendo ignorado a originalidade daquela obra e dos autores.

Com o aumento das vendas de livros proporcionado pela redução de custos, a grande mudança para o direito autoral foi o surgimento de dois novos personagens: o impressor e o livreiro, bem como o advento do lucro para essas figuras. Nesse ponto da história ficou claro que tal lucro não vinha da produção material e venda de produtos, mas sim algo que nasce da criação intelectual de uma pessoa: o autor que na época não tinha qualquer proteção legal sobre a obra. (VIERA, 2011, p. 11).

Foi a partir destes acontecimentos que o direito autoral começou a ser intensificado. A evolução da sociedade e o avanço da modernidade fizeram com que a preocupação com o plágio não fosse mais considerada como algo novo e as inquietações sobre os direitos autorais foram tomando grandes proporções na sociedade. Com o surgimento da primeira lei em 1710 na Inglaterra para fazer a proteção de obras literárias, começa-se a pensar em proteger as obras para que não houvessem mais cópias como acontecia em Roma com os comerciantes. Segundo Moraes (2003, p. 02) foi também a partir da “invenção da imprensa mecânica pelo alemão Johann Gutenberg (1398-1468), que à pirataria de livros começou a prejudicar os grupos editoriais da época. Foi uma questão econômica o que impulsionou a entrada da matéria autoral no direito positivo.” Deste modo, o uso do plágio e as suas consequências vem sendo debatida durante muito tempo, em algumas épocas se falava com mais frequência e em outras não se falava com tanta ênfase.

No Brasil especificamente no ano de 1827 é que começa a

construir leis para a proteção destes dados. Ainda segundo Moraes (2003, p. 05) a primeira lei específica sobre o plágio surgiu em nosso país em 1898 e foi “denominada Medeiros e Albuquerque, em homenagem ao Deputado Federal relator do projeto.” Sobre esse evento o autor ainda coloca que também foi “em 1916, que o Código Civil trouxe a disciplina nos arts. 649-673 e 1.346-1.358. E em 1973, com o advento da lei nº 5.988, o Direito Autoral saiu do Código Civil, ganhando autonomia legislativa brasileira.” Desta forma, é com o surgimento destas leis que se começa a pensar em políticas para garantir a proteção das obras para que elas não sejam copiadas e usadas sem a devida autorização. Depois do surgimento destas leis e finalmente em 1998 é que entra em vigor a lei brasileira atual nº 9.610 que abrange sobre as questões do plágio e dos direitos autorais na sociedade brasileira. Entretanto, é válido ressaltar que o plágio está presente na vida das pessoas desde da antiguidade, e na face do cenário que estamos vivenciando, discutirmos sobre o plágio tornou-se ainda mais frequente diante dos inúmeros casos ocorridos em todas as áreas, principalmente na área da educação. O ato de plagiar vem tomando força nos últimos tempos, e com a inclusão da tecnologia as possibilidades e facilidades ao acesso a essas várias informações vem contribuindo para o aumento desta prática.

A historicidade da cultura do plágio surge desde os primórdios e esse ato de copiar e colar antes feita de forma artesanal, agora é feito de forma digital e muito mais rápida com a chegada da tecnologia e suas evoluções. Diniz e Terra (2014, p. 63) afirmam que “o plágio é uma apropriação indevida e não autorizada de criação literária. Isso significa que um pseudoautor se apossa de um texto, ou partes dele, e o apresenta como seu.” Concordando com as autoras e diante dos fatos aqui já mencionados, é notório perceber que as pessoas se tornam escravas do ato de plagiar deste da Grécia Antiga e com isso vem permanecendo enraizada esta cultura de apropriar-se daquilo que não é seu e usá-lo ao seu favor.

3 Plágio na “era digital” e a legislação brasileira

O século XXI é marcado por características que o define como o período da chamada “Era Digital”, é nesta era que a tecnologia vai se expandindo e fazendo com que a vida fique cada vez mais prática e rápida. A ‘internet’ usada através dos celulares, dos computadores, dos ‘tablets’ etc. nos fazem ter acesso a informações e as várias categorias de conteúdos disponíveis nos mais diversos sites e diferentes domínios. Segundo Kenski (2012, p. 33) é através dos “ambientes digitais que se reúnem a computação (a informática e suas aplicações) [...] e os mais diversos tipos, formas e suportes em que estão disponíveis os conteúdos (livros, filmes, fotos, músicas e textos).” É através destes princípios que também surge o plágio, com o acesso fácil a informações o número de violações de direitos autorais vem subindo, principalmente nas escolas e nas universidades.

Segundo Satur, Dias e Da Silva (2020, p. 62) “o plágio é o ato de apresentar como seu algo produzido por outra pessoa, normalmente já publicado ou defendido em outro local e para outra finalidade específica.” Copiar alguma obra e tomar para si, se configura como um crime e mesmo que se tenha as mais diferentes explicações por cometer tal ato, a punição diante da violação de direitos autorais é indispensável. A falta de tempo, a desorganização, a pressa, os modos mais fáceis, dentre outros motivos acabam acarretando numa busca incessante pelo caminho mais curto e com isso os conhecimentos vão sendo deixado de lado e sendo substituído por cópias e hipertextos, e com isso a formação vai ficando cada vez mais fraca. Que profissionais teremos futuramente se a política do plágio permanecer cada vez mais ativa nos espaços de educação?

O simples comando de colar e copiar como menciona Satur, Dias e Da Silva (2020) vem sendo cada vez mais frequente e com isso a legislação brasileira enquadra tais atos como infracional a quem faz violação dos direitos autorais. A lei nº. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 no capítulo III art. 33. Estipula que “ninguém

pode reproduzir obra que não pertença ao domínio público, a pretexto de anotá-la, comentá-la ou melhorá-la, sem permissão do autor.” A lei brasileira é esclarecedora ao abordar sobre direitos autorais seja qual for o tipo de obra na qual a pessoa pretende utilizá-la. É de suma importância que os estudantes se atentem as essas normas para que não venha cometer nenhum tipo de crime e perca o seu direito de estar ingresso dentro daquele espaço de educação na qual ele está inserido.

Ao se falar em direitos autorais, o plágio na lei brasileira é tratado em diversos aparelhos legais, dentre eles temos a Constituição Federal e as leis n.º 9.610/98 na qual aborda sobre esses direitos, a lei n.º 9.609/98, a lei que trata sobre softwares de computadores, a lei 6.533/78 que faz regulamentos sobre a profissão de artistas, ou até mesmo o novo Código Civil e seus decretos 75.699/75 e 76.905/75, e também o decreto 1.355/94, que vem evidenciando a respeito dos chamados Tratados sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Industrial relacionados com o comércio, que ficaram conhecidos pela sigla TRIPS. Ainda sobre as leis brasileiras que regem nosso país em relação ao plágio, deixa bem evidente que é fundamental que ao usarmos obras seja qual for, deverá ser devidamente referenciada e dada os créditos para o autor pertencente daquela obra. Segundo a lei nº 9.610 no artigo 46 no inciso III explica quando é que um trabalho não é considerado plágio seguindo as seguintes regras: “a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim de atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra”.

A nossa lei brasileira nos deixa seguro referente ao direito autoral, desta forma devemos sempre tomar cuidado ao fazer o uso de obras que não são nossas em trabalhos acadêmicos ou até mesmo em outras áreas que não sejam diretamente ligadas a educação.

[...] na escola e na universidade, você está sempre se apropriando, naturalmente, do conhecimento que já existe, e essa dinâmica alimenta a geração de conhecimento! Mas

enquanto nos misturamos com o outro em nossas criações, não podemos esquecer de onde viemos e quem somos. Na escola e na universidade, sua voz frequentemente se perderá no meio de muitas outras. Muitas vezes se misturará e se diluirá. Mas, se você se deixar apagar, talvez tenda a se acostumar... Isso mesmo. O plágio apaga você. (AMARAL e VASCONCELOS, 2018, p. 11).

Como coloca as autoras, devemos buscar fugir sempre das cópias e começarmos a nos apropriarmos das nossas próprias habilidades, buscando sempre ser quem somos de verdade e sendo sempre autênticos. Não podemos permitir que o plágio nos apague, é preciso buscar novas alternativas para fugir cada vez mais deste lado obscuro que a era digital vem propiciando nos últimos tempos. Estudar ainda continua sendo a melhor maneira de se adquirir conhecimentos importantes para a nossa vida, seja no âmbito profissional ou pessoal, é preciso estar sempre atento as regras que estão sendo impostas na sociedade com relação à violação de direitos autorais. A lei brasileira é complexa, porém nos norteia e faz um alerta diante de cópias e reproduções sem a devida autorização do dono de determinada obra, é necessário ficar em alerta e buscar caminhos mais coerentes e certos para não cair nas ciladas negativas da ‘internet’.

4 Metodologia

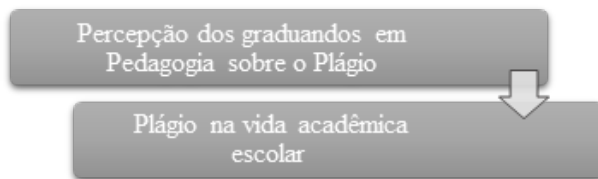
Para a realização deste estudo científico, utilizamos a pesquisa de cunho qualitativo e a pesquisa de campo, na qual segundo Guerra (2014) é partir da abordagem qualitativa, que o/a cientista busca se aprofundar na compreensão dos fenômenos na qual se estuda, tanto as ações dos indivíduos, tanto de grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social. Prodanov (2013) define a Pesquisa de Campo como uma forma de conseguir mais informações acerca dos conhecimentos de um problema na qual buscamos uma resposta, ou de até mesmo uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda descobrir novos fenômenos e suas relações entre eles estipuladas.

Sendo assim, os participantes deste estudo foram 63 estudantes da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus XVII da cidade de Bom Jesus da Lapa – Ba que responderam a um questionário digital enviado via link contendo 10 (dez) perguntas, no período de 29 de abril a 3 de maio de 2021. Foram enviados 42 questionários, dentre estes foram distribuídos entre os grupos de disciplinas do curso de pedagogia e estudantes de graduação individualmente, com isso obtivemos como retorno no prazo estipulado 63 questionários respondidos. Deste modo, os dados desta pesquisa foram analisados conforme a análise de conteúdo definida por Bardin (2011) que afirma que este tipo de análise nada mais é que um conjunto de instrumentos de cunho metodológico na qual se tem um constante aperfeiçoamento e que se aplicam a discursos e conteúdo que são extremamente diversificados. Desta maneira, é necessário que faça uma análise destes dados para se obter as informações necessárias para a conclusão do estudo.

5 Discussão e análise dos dados

As primeiras perguntas foram referentes a gênero e ao período do curso na qual estavam cursando. Sendo assim participaram desta pesquisa estudantes de pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB de Bom Jesus da Lapa, dentre eles 49 mulheres participaram e 14 homens, respectivamente destes, 24 estudantes estavam cursando entre o, 1.º e o 4.º semestre e 37 entre 5.º e 9.º semestre e apenas dois participantes faziam parte do grupo de estudantes desmembrado, ou seja, estudantes que não tem um semestre específico.

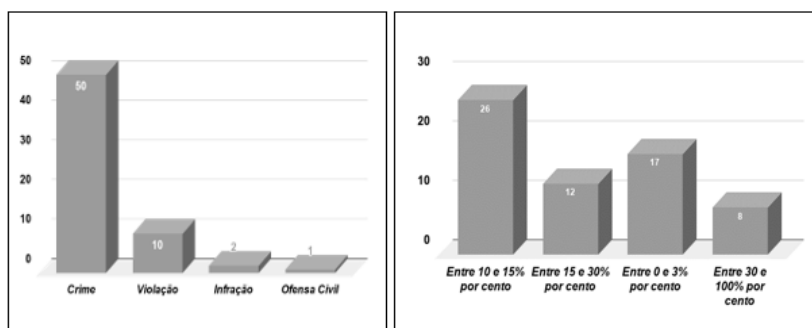
Referente a efetivação da discussão e análise dos dados da pesquisa, realizamos uma análise de conteúdo e categorizamos seguindo a proposta de Bardin (2011), sendo assim os dados coletados e analisados seguem a seguinte ordem:



5.1 Percepção dos graduandos em Pedagogia sobre o plágio

A legislação brasileira é bem clara quando se refere ao plágio, segundo essa lei ao usar e tomar para si obras seja ela qual for sem a autorização do autor original, configura-se como crime e pode inclusive ter uma pena de 2 (dois) a 4 (anos) e multa dependendo de como ocorreu esse plágio e a violação dos direitos autorais. Isto posto, perguntamos para os estudantes como o plágio era considerado segundo a lei brasileira vigente em nosso país e qual a porcentagem permitida para que a pesquisa não fosse configurada como plágio, e obtivemos os seguintes resultados conforme o gráfico 01 (um) a seguir:

Gráfico 1 - Percentuais de respostas sobre o plágio na legislação brasileira e sobre a porcentagem permitida em trabalhos acadêmicos



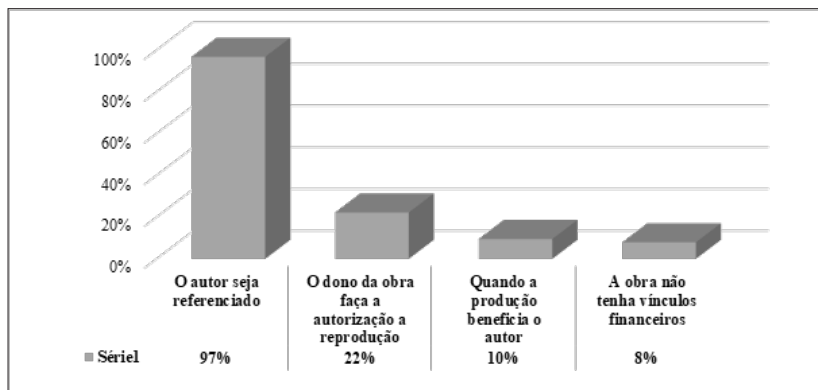
Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa. (2021)

Diante dos dados, percebemos que mais da metade dos graduandos afirmaram que o plágio se configura como um crime na legislação brasileira e apenas nove estudantes dizem ser uma

violação, dois consideram como uma infração e apenas um diz ser uma ofensa civil. Podemos observar no gráfico, que dos 63 estudantes 79,4% acertaram ao afirmarem que se configura como um crime. Segundo a nossa lei brasileira fazer o uso indevido de obras de outros autores sem referencia-lo ou citá-lo e sem dá os devidos créditos, se configura como um crime e pode acarretar multa e dependendo do caso numa possível prisão. É importante percebemos também que 20,7% destes discentes afirmaram que o plágio se configuraria como outro aspecto, e esse resultado mesmo que pequeno ainda assim é preocupante, pois alguns estudantes ainda não obtiveram ou buscaram informações concretas sobre essa temática tão importante.

Ao se falar da porcentagem permitida em um trabalho acadêmico, os números oscilam bastante e a resposta correta era de 0 a 3% sem considerar as citações quando forem citadas de maneira correta. Sendo assim, mais da metade dos estudantes acreditam que entre 10 e 15% não há violação de direitos, ao se usar a obra de um determinado autor sem referencia-lo ou citá-lo, e oito estudantes colocaram que entre 30% e 100% não estão cometendo o plágio. Essa última porcentagem pode ser bem subjetiva, pois esses graduandos podem estar afirmando que ao se pagar por um trabalho não estariam comentando plágio ou afirmando que com essa porcentagem tão alta o trabalho não seria acusado como plágio. Compreende-se então que o plágio no âmbito da escola e na vida acadêmica não pode ficar simplesmente atribuída a um único e determinado sujeito, é necessário analisar e considerar todos os envolvidos neste processo de produção da escrita: tanto o autor, o redator e até mesmo o leitor, conforme afirma Krokoscz (2012). Sendo assim, as porcentagens irão variar muito, porém o mais aceitável em algumas instituições acadêmicas é até 15%, mas é fundamental termos em mente que 0% seria o ideal, sem considerar as citações devidamente referenciadas e descritas como diz a lei. No gráfico 02 (dois) a seguir apresentamos dados bastante importante sobre quando pode ser permitida a reprodução de obras intelectuais e obtivemos os seguintes dados:

Gráfico 2 - Percentuais de respostas sobre permissão de reprodução.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa. (2021)

Nesta pergunta poderia marcar mais de uma questão e somente três respostas estavam corretas, são elas: o autor seja devidamente referenciado ao ser usado em uma pesquisa, quem de direito faça a devida autorização a reprodução e a obra seja de domínio público, ou seja, de uso livre. Obtivemos resultados bem interessantes, quase 100% colocaram ser preciso referenciar o autor, é de suma importância fazer essa referência, porém não é somente isso, outros fatores também contribuem para que o trabalho na qual esteja realizando se enquadre nas normas para não ser considerado como plágio.

Segundo Diniz e Terra (2014, p. 27) “O crédito de uma obra acadêmica não expressa apenas o reconhecimento da criação, mas a delegação de responsabilidade pelo que é apresentado sob a rubrica de pesquisa científica.” Ao usar obras de domínios públicos, ou autorizada pelo autor de origem, fazem parte das várias normativas para poder realizar um trabalho de qualidade e que não venha apresentar nenhum problema futuro. Deste modo, perguntamos para eles o que era plágio a partir dos conhecimentos nas quais eles possuíam referente a essa temática. Diante disso, selecionamos algumas dessas respostas, como mostra na figura 01 (um) a seguir:

Figura 1 – Respostas sobre a definição de plágio na visão de alguns discentes

<p>“Quando 20% do texto seja de outra pessoa esteja referenciado como de outra pessoa.” (Discente 01, maio de 2021)</p> <p>“Além de ser um crime, é errado plagiar um trabalho que não é seu, o autor que teve todo o trabalho em fazer merecer ser referenciado quando se usa sua obra.” (Discente 02, maio de 2021)</p>	<p>“Apropria-se de um pensamento ou ideia de outra pessoa sem dá os devidos créditos autorais.” (Discente 03, maio de 2021)</p> <p>“Violação dos direitos autorais.” (Discente 04, abril de 2021)</p> <p>“Copiar partes de textos sem usar citação ou referenciar.” (Discente 05, abril de 2021)</p>
---	--

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2021).

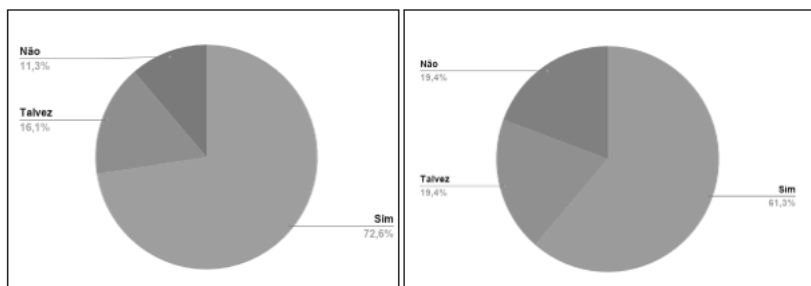
Diante destas e de outras respostas, percebemos o quanto os discentes ainda estão presos ao conceito simplista de plágio e uns afirma que plágio é uma violação, quando na verdade, ao

violar os direitos autorais de alguém se comete um crime. É importante buscar conhecimentos mais aprofundado sobre plágio para fugir desses conceitos básicos desta problemática.

5.2 Plágio na vida acadêmica escolar

Na face do cenário atual discutir sobre plágio tornou-se frequente diante de inúmeros casos ocorridos de fraude em todas as áreas, principalmente na educação. Vivemos em um período em que o ato de plagiar nunca foi tão citado, em vista que a inclusão da tecnologia possibilitou o acesso a inúmeras informações de forma fácil na qual vem contribuindo para essa prática. Na educação o ato de copiar e colar tem início desde da educação básica e perpassa até o ensino superior, acarretando uma educação fragilizada. A partir destas concepções, perguntamos aos estudantes referente a motivação em uso de textos sem referencia-los durante o ensino fundamental e médio e posteriormente sobre orientações de professores sobre plágio durante sua vida acadêmica escolar e obtivemos os resultados a seguir:

Gráfico 3 - Percentuais de respostas sobre o uso do plágio durante o ensino fundamental e médio a esquerda e orientações de professores sobre plágio a direita.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da pesquisa (2021).

Dentre as respostas possíveis sobre o incentivo ao uso de textos em trabalhos escolares desde o ensino fundamental sem fazer as devidas referências, 72,6% dos participantes da pesquisa afirmaram que fizeram sempre o uso de textos sem referenciá-los ou dá os devidos créditos ao autor original. Deste modo, 11,3% responderam que não foram motivados a fazer o uso de texto sem referências e que deram sempre os créditos para os autores, e apenas 16,1% afirmaram que talvez tivessem usado sem seguir as orientações adequadas sobre o plágio. Perissé (2006), citado por Pires (2015, p. 39) afirma que “o aumento dos casos de plágio poderia ser consequência de um ensino básico e superior de baixa qualidade ou de uma má formação de pesquisadores ou ainda de um modelo de educação que privilegia a repetição de ideias e não admite erro.” É fundamental compreendermos que a formação dos estudantes se dá desde da educação fundamental, perpassando o ensino médio até chegarmos na Universidade, é nestes espaços que se deve ter uma formação adequada sobre a cultura do plágio e o uso indevido de obras sem a autorização ou sem referenciá-los.

É importante compreender que a educação no Brasil ainda é bastante fragilizada e o ideal seria debater sobre direitos autorais desde do ensino fundamental, pois é onde acontece os primeiros contatos com textos de outros autores. Segundo Ricardo Bacelar (2008) conselheiro federal da Ordem de Advogados do Brasil

(AOB), a prática do plágio faz parte do dia a dia dos estudantes na execução dos seus trabalhos acadêmicos e também durante o ensino médio. Sendo assim, essa prática perpassa por toda a formação do discente e ele carrega consigo o ato de plagiar e usar como suas, obras de outras pessoas. Com esses resultados podemos perceber o quanto que ainda necessitamos de uma formação mais adequada tanto para educadores poder orientar os discentes a respeito de infringir os direitos autorais, tanto para educandos não poder praticar tal ato, pois somente com essa formação é que conseguimos evitar o uso exacerbado do plágio na comunidade escolar. Além das dificuldades conhecidas relacionadas à falta de investimento adequado, e a falta de qualificação dos professores principalmente nas escolas sem estrutura, escancara a realidade do ensino no Brasil que apresenta um inimigo oculto: o uso inadequado e inconsequente da tecnologia, conforme afirma Ricardo Bacelar (2008).

O uso da tecnologia também vem contribuindo para o número de plágio aumentar no nosso país. É sabido que desde do ensino fundamental e médio o uso da tecnologia se tornou extremamente essencial, ainda com a evolução tecnológica que vem acontecendo diariamente. Deste modo, os resultados da pesquisa são bem pertinentes e percebemos que a maioria dos estudantes teve orientações sobre o uso plágio por parte dos professores. O grande problema é que essas informações ou foram passadas de maneira incorreta, ou incompletas, pois a cultura de violação de direitos autorais ainda persiste, e esse número vem aumentando nas universidades, principalmente em cursos que envolve a área da educação como o curso de Pedagogia. Bianchetti, Zuin e Ferraz (2015, p. 24) afirma que há uma “pressão sobre os professores e pós-graduandos, em particular, para que escrevam/publiquem mais, como pré-condição para se manter ou progredir na carreira.” Sendo assim, é importante termos orientações suficientes para que seja combatida a cultura do plágio na universidade.

6 Considerações finais

Em virtude dos fatos mencionados, percebemos o quanto que a cultura do plágio ainda se mantém forte nas escolas e principalmente nos espaços acadêmicos na qual foi a preocupação deste estudo. Desta maneira a pesquisa conclui que ainda existe um conhecimento fragilizado sobre o plágio e os direitos autorais, e que os estudantes carecem de uma formação que os alerte com mais intensidade a respeito desse impasse que ainda se mantém nas salas de aulas, na comunidade escolar e acadêmica. Em decorrência destes fatos e a partir da coleta de dados a pesquisa buscou responder a seguinte questão: *qual a percepção dos graduandos em Pedagogia acerca dos direitos autorais em trabalhos acadêmicos na era digital?*

Deste modo, a pesquisa mostrou o quanto que essa formação ainda não abrange com tanta ênfase a questão do plágio quanto ao seu uso indevido em trabalhos e pesquisas acadêmicas. Então, fica evidente que é preciso se investir em projetos e soluções para combater o uso inadequado dos mais diversos textos, livros, documentos, entre outras que estão presente nas mais diversas plataformas, seja elas virtuais, ou até mesmo em bibliotecas nas escolas e principalmente nas universidades. Deixamos claro que essas discussões acerca do plágio acadêmico aqui realizada, poderão servir como uma abertura para que surgem mais questões a serem debatidas e aprofundadas sobre essa temática tão pertinente atualmente.

Referências

AMARAL, Rosemeire; VASCONCELOS, Sonia. **Colcha de retalhos sobre plágio: recortes, histórias, narrativas e poesias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.

BACELAR, Ricardo. Os direitos autorais e o combate ao plágio no ensino brasileiro. Academia Cearense de Letras Jurídicas, 2018. Disponível em: < <https://acljur.org.br/2018/07/os-direitos-autorais-e-o-combate-ao-plágio-no-ensino-brasileiro/> >. Acesso

em 01 maio 2021.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 1.355, de 30 de dezembro de 1994. Promulgo a Ata Final que Incorpora os Resultados da Rodada Uruguai de Negociações Comerciais Multilaterais do GATT. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 30 dezembro. 1994.

BRASIL. Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 maio. 1978.

BRASIL. Lei nº 75.699, de 06 de maio de 1975. Promulga a Convenção de Berna para a Proteção das Obras Literárias e Artísticas, de 9 de setembro de 1886, revista em Paris, a 24 de julho de 1971. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 06 maio. 1975.

BRASIL. Lei nº 76.905, de 24 de dezembro de 1975. Promulga a Convenção Universal sobre o direito de autor, revisão de Paris, 1979. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 dezembro. 1975.

BRASIL. Lei nº 9.609, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 19 fev. 1998.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 fev. 1998.

DINIZ, Debora; TERRA, Ana. **Plágio: palavras escondidas**. SciELO-Editora FIOCRUZ, 2014.

GUERRA, Assis. de Linhares. Elaine. **Manual de Pesquisa**

Qualitativa. Belo Horizonte: alma educação, 2014.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Papyrus editora, 2012.

KROKOSCZ, Marcelo. **Autoria e plágio: um guia para estudantes, professores, pesquisadores e editores.** Atlas, 2012.

MORAES, Rodrigo. O plágio na pesquisa acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual. **Revista Diálogos Possíveis-Faculdade Social da Bahia, Bahia**, n. 1, p. 92-109, 2004.

PRADANOV, Cristiano. Cleber. **Metodologia do Trabalho Científico.** 2. Ed. Rio Grande do Sul: editora feevale, 2013.

SATUR, Roberto Vilmar; DIAS, Guilherme Ataíde; DA SILVA, Armando Malheiro. Direito autoral, plágio e coautoria: questões acadêmicas e éticas. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 14, n. 1, p. 57-87, 2020.

VIEIRA, Alexandre Pires. **Direito Autoral na Sociedade Digital.** Editora Montecristo, 2018.

ZUIN, Antônio AS; BIANCHETTI, Lucídio. O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 726-750, 2015.

Capítulo 2

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE RIACHO DE SANTANA DURANTE O ENSINO REMOTO

*André de Jesus Rodrigues*¹

*Maurício Souza Prates*²

*Rodrigo Guedes de Araújo*³

1 Introdução

A pandemia de Covid-19 caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020) trouxe diversos desafios nos múltiplos segmentos econômicos e sociais, afinal no seu início houve mudanças no dia a dia dos sujeitos em muitos países no mundo, dentre essas mudanças pode ser citado o cancelamento de festas, fechamento de comércios, barreiras sanitárias espalhadas para evitar a locomoção de pessoas entre cidades, trabalho ativo da vigilância sanitária para evitar as aglomerações e, o fechamento mais relevante para as discussões nesse estudo, o fechamento das instituições de ensino. Com o fechamento das escolas houve um grande desafio para todos que

-
- 1 Graduando em pedagogia, bolsista de Iniciação Científica (IC), estagiário no Colégio Estadual Sinésio Costa (CESC). E-mail: ajr_rs@hotmail.com.
 - 2 Graduando em pedagogia. E-mail: mauricio.prates@hotmail.com
 - 3 Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional de Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/MPEJA2016); Especialista em Direitos Sociais do Campo - UFG, graduado em Pedagogia da Terra pela Universidade do Estado da Bahia (2010). Professor substituto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus de XVII de Bom Jesus da Lapa - Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa e Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial - CAECDT. E-mail: pedagogodaterra@gmail.com

compõe o espaço escolar, nesse sentido, houve a inserção (que podemos dizer emergencial) de algumas Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas que antes eram presenciais, ou seja, houve a necessidade de adaptar o ensino para que os alunos não ficassem sem aula nesse período letivo em meio a pandemia.

Em estudos de Kenski (2012) relata que a rede de comunicação relacionada a internet interliga as pessoas em geral permanentemente, nesse sentido esse fenômeno tecnológico possibilita a comunicação entre as pessoas independente do seu objetivo, nesse viés surgiu como alternativa o ensino remoto, professores, pais e alunos tiveram que se adaptar aos recursos tecnológicos como computadores, celulares, tablets, etc., sob essa ótica surge um grande desafio para os professores que eram acostumados com o corpo a corpo nas salas de aula, o abraço, as conversas mediadas e paralelas nas salas e corredores das instituições de ensino.

Novais (2004, p. 1) transcende que “as várias experiências de uso do computador no ambiente escolar mundial diferem bastante quanto à duração, à intensidade e à concepção pedagógica que as sustentam [...]”, nessa linha é relevante para a comunidade compreender os principais desafios enfrentados nessa fase de aulas remotas, sob a ótica gradual a partir dos dados refletir sobre como os professores podem ser auxiliados com perspectiva positiva seja do poder público ou pelos sujeitos que compõe a unidade escolar e por fim relevante para futuros pedagogos compreender a realidade de que a cada dia surge novos desafios se tratando de ensino e aprendizagem.

Seguindo a ótica de Leite e Nascimento (2012) salientam que é necessárias adequações nas práticas pedagógicas com novos esforços, a superação de desafios nas habilidades com os meios tecnológicos, superação sobre a falta de tempo no planejamento pedagógico configurado na baixa valorização salarial o que dispõe do professor trabalhar muitas das vezes 60h semanais, surge a seguinte indagação: *quais os principais desafios dos professores do ensino médio de um colégio estadual do município de Riacho de Santana durante o*

ensino remoto?

Dentro dessa perspectiva o estudo tem como objetivo geral compreender os desafios das aulas remotas sob a ótica dos professores do ensino médio. Para chegar ao principal objetivo listamos os principais desafios nas aulas em tempos de pandemia segundo os professores; e analisaremos as consequências do home office no dia a dia do professor.

2 Referencial teórico

2.1 As TICs como ferramentas pedagógicas em tempos de pandemia

As Tecnologias da Informação Comunicação (TICs) e Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) estão se desenvolvendo a cada ano, processo que vai ao encontro do desenvolvimento da sociedade que inserem cada vez mais meios eletrônicos e digitais no seu dia a dia, nessa ótica o seu uso no espaço escolar está se tornando mais comum, afinal, como afirma Moram (2000), a educação está comprimida a mudança, afinal, nós estamos vivenciando as mudanças provenientes da nova organização da sociedade sob vários vieses, inclusive na perspectiva do aprender e ensinar, nesse sentido Moram (2000) ainda discursa que há uma sensação para os professores e alunos de que essas práticas tradicionais de ministrar as aulas estão ultrapassadas, contudo é sabido argumentar que há necessidade do preparo tecnológico do espaço físico e pedagógico das práticas de inserção das tecnologias nas aulas, mas essas tecnologias ainda dependem dos agentes do governo em investimentos tanto na área física quanto na teórica. Não obstante Leite e Nascimento (2012) afirmam que os resultados gerados através da inserção das tecnologias nas aulas podem ser positivos ou negativos a depender da forma como a usa, dentro dessa perspectiva há necessidade do estudo pedagógico sob a linha de até quando as tecnologias estão ajudando e até quando elas podem atrapalhar.

Os pensamentos desses autores são relevantes uma vez que é perceptível o desenvolvimento da sociedade e o uso cada vez maior da internet para todos os âmbitos, seja na divulgação do seu negócio, na discussão de pensamentos e ideias num agrupamento social de várias culturas nas redes sociais, até mesmo para matar a saudade dos familiares que moram em outros espaços geográfico, desde sua própria rua até outro país, sendo assim a internet é um ambiente inclusivo de conexão (KENSKI, 2012). Tendo em vista isso a internet, computador, celular, *tablet*, dentre outros aparelhos tecnológicos e digitais estão inseridos na realidade dos alunos nesse tempo pandêmico, Kenski (2012) transcende que a linguagem digital engloba os aspectos oral e escrito nos novos contextos sociais, tendo em vista isso as aulas remotas surgiram dentro de cada realidade como uma forma emergencial para suprir o cumprimento do direito à educação, mas nem só na perspectiva do direito, também em não deixar os alunos desamparados por todo esse tempo de afastamento social. Porém há o fator social que podem vir a excluir algum desses alunos, afinal nem todos tem acesso a internet e ou aparelhos que podem auxilia-los nessas aulas, pois como afirma Oliveira (2001), esse acesso ainda não é total, não compreende todas as classes sociais, pois demandam de um capital.

Dado todas essas discussões aparece a necessidade do uso emergente de outras plataformas para auxílio a educação para alunos matriculados na modalidade presencial, assim também há necessidade do trabalho pedagógico para que essas ferramentas sejam de inclusão e contemple os alunos nos mais variados grupos sociais, nessa perspectiva é desafiador ao professor essa modalidade remota de ensino. Novais (2004) salienta que a escola deve superar os desafios para que o computador seja usado de forma correta como um instrumento da aprendizagem do aluno, mas para além disso é necessário que os professores superarem os desafios nesse âmbito pandêmico do uso de plataformas como o *Google Meet*, *Google Forms*, *Drive* do Google, assim como redes de interação social como o *Whatsapp*. Ainda na visão de Novais (2004) quando diretores e lideranças como os coordenadores pedagógicos compreendem o

computador como uma ferramenta pedagógica é que as TICs são incorporadas, nessa categoria, quando essas plataformas que são utilizadas pelos professores em seus aparelhos com acesso à internet, tendo um objetivo pedagógico e suportes necessários, as TICs irão desencadear um leque de possibilidades de auxílio a educação que são extremamente importantes na atual situação de isolamento e distanciamento social.

3 Percurso metodológico

Afim de chegar aos resultados desse estudo foi feita uma pesquisa qualitativa descritiva em educação embasado em Silva e Menezes (2000) que ressaltam a importância do processo e das significações como o foco dessa abordagem, ou seja, parte do princípio da interpretação do fato e concessão de significados. A população da pesquisa é constituída por dois professores do ensino médio atuantes na promoção das aulas remotas de um colégio da cidade de Riacho de Santana – BA. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com 11 perguntas de respostas subjetivas enviado via *Whatsapp* (em respeito as normas e decretos municipal no combate ao vírus da Covid-19), um dos questionários foi respondido através do programa Word (digitada) e devolvido pelo professor no próprio aplicativo em que foi enviado e o outro foi respondido por áudios pelo *Whatsapp*, sendo o mesmo transcrito pelos pesquisadores. Através dos dados foi feita uma análise crítica afim de listar primeiramente os desafios do ensino remoto e depois descrever as consequências desse mesmo ensino para os professores e assim por meio dessa análise identificar pontos relevantes aos objetivos propostos.

4 Análise dos achados da pesquisa

O ensino remoto impõe diversos desafios aos professores atuantes em todas as modalidades de ensino, afinal mesmo estando inseridos nessa era digital e tecnológica de constante

desenvolvimento, os professores pesquisados são atuantes na modalidade de ensino presencial, nesse sentido há necessidade de discutir os principais desafios apontados por eles no questionário aplicado.

A sala de aula é um grande ambiente de socialização de ideias e discussões teóricas, sociais e culturais, os professores e alunos da modalidade presencial de ensino estão acostumados a conversar, expressar suas emoções, troca de contatos físicos, se visualizarem nos corredores da instituição, é dentro dessa perspectiva que esses professores sentem mais falta do ensino presencial tendo isso como um dos desafios do ensino remoto. Os professores abordam em seus discursos o distanciamento físico resultante das aulas remotas que por base em decretos e estudos para o combate e propagação do vírus da Covid-19 impossibilita a interação dos alunos e professores no espaço físico escolar ou em qualquer outro ambiente, dentro dessa perspectiva aparece o desconhecimento das reações e expressões faciais caracterizadas por alguma dúvida ou discordância sobre o tema debatido, tendo em vista que as aulas são aplicadas com as câmeras desligadas a fim de diminuir o uso de dados da internet ou mesmo evitar o congelamento de imagem e/ou corte das falas causados por uma internet de baixa qualidade, nessa perspectiva surge outro desafio que é a pouca interação dos alunos nas aulas remotas, assim são poucos os alunos segundo os professores que participam das discussões e indagações. Tendo em vista que muitas das vezes não se vê o aluno, automaticamente outro desafio que transcende nas falas dos professores é em chamar a atenção dos mesmos nas aulas, nesse viés remete às experiências presenciais, o professor visualiza o aluno, vê se está prestando atenção nas discussões ou está exercendo as conversas paralelas, ele sabe ou não se o aluno está na sala de aula, sendo assim, não os vendo pela câmera desligada, por cada um está em espaços físicos distintos, não tem como saber se realmente o mesmo está assistindo a aula ou está apenas com o celular ligado e fazendo outras coisas. Com o ensino remoto os professores e alunos são dependentes da internet para aplicação e visualização das aulas, afinal os aplicativos

de transmissão das aulas rodam a partir dessa rede, nesse sentido alguns alunos e professores têm problemas de conexão consequente da internet, assim, aulas são interrompidas, imagens são congeladas ou áudios saem distorcidos, afinal a qualidade de transmissão e recepção dos dados depende da rede, mas salvo esses problemas recorrentes, de acordo as falas dos professores, outro grande desafio é a falta de compromisso por parte de alguns alunos em não conseguir se programar e consequentemente acabam perdendo por não ter aquela antiga recente rotina de sair de sua casa e fazer todo o percurso para ir a outro espaço para estudar, hoje podem assistir as aulas dentro de qualquer cômodo, até mesmo ainda deitado na cama.

O ensino remoto mudou a rotina dos professores e alunos, trabalho e sala de aula estão no mesmo ambiente de rede e no espaço físico que antes era utilizado para o lazer, tarefas domésticas, socialização entre os familiares, para o descanso. Portanto outro desafio posto por esses professores é a mudança das suas rotinas diárias, afinal eles têm que dar conta do trabalho em horários contrários as aulas, pois surgiu além da correção e planejamento de aula diálogos para esclarecimento de dúvidas com alunos e as vezes os pais utilizando o aplicativo *Whatsapp*, enfim o trabalho profissional invade a casa disputando espaço com os afazeres domésticos básicos. Levando em consideração esse resultado o professor necessidade de um tempo maior para dar conta desses diálogos posterior as aulas e ainda para planejamento das aulas, é um grande desafio, segundo eles, conseguir programar um tempo para o trabalho, outro para o lazer e outro para a família, afinal de contas com o trabalho excessivo acaba que o descanso diminui logo falta tempo para outros afazeres que são necessários para a saúde física e mental. Quando o trabalho “invade” a casa automaticamente a casa “invade” o trabalho, como nem sempre os espaços são preparados com uma boa acústica a fim de evitar sons externos as conversas entre familiares, animais domésticos, propagandas de carros de sons na rua e até mesmo de veículos passando intercalam com a fala dos professores e alunos, nesse sentido a falta de silêncio em algumas ocasiões se torna um

desafio para aplicação das aulas remotas.

Para a realização das aulas remotas requer a utilização de recursos próprios para a promoção das aulas, nesse sentido um grande desafio é a falta de assistência por parte do poder público para compra de equipamentos que transmite e/ou auxiliam aplicação das aulas, os professores relatam que houve a necessidade da compra de computadores, celulares com mais espaço de armazenamento, *software*, cartão de memória e internet móvel e fixa e isso tudo gera um custo grande, então sem a assistência financeira desses poderes os professores tiveram que custear tais recursos para melhorar a qualidade das aulas e evitar percas na aprendizagem do aluno, tendo em vista que na aula presencial há outros recursos que não dependem da internet para esse auxílio na aprendizagem, lá sem internet há possibilidade de planos A, B, C..., sem internet, computador ou celular com boa memória as possibilidades ficam próximas de zero ou são nulas.

Diante dos desafios listados acima compreendemos que há necessidade de um estudo para que os mesmos sejam superados, Leite e Nascimento (2012) abordam que é necessária a adequação das práticas pedagógicas e esses necessitam de esforços adicionais que vão de encontro com um tempo adicional, mas com a baixa valorização salarial dos professores alguns acabam que trabalhando 60h semanais para compensar a baixa valorização capital, de certo que o piso salarial dessa categoria segundo Brasil (2008) é de 2.135,64 reais.

De encontro aos dados Leite e Nascimento (2012) demonstram essa preocupação, uma vez que a atual realidade reflete na sobrecarga de informações no sentido de mediar os conceitos dos livros didáticos com a realidade do aluno e ainda manter o controle da aula buscando a participação, inclusão dos alunos que não tem internet e da preocupação em dar conta de todo o trabalho. Nesse viés é necessário o poio pedagógico, porém Leite e Nascimento (2012) transcende que ainda falta esse apoio, pois na prática não há coordenadores pedagógicos suficiente para auxiliar os professores na inserção das TICs nas escolas, logo também falta

suporte para esses professores nessa modalidade emergente de ensino. Kenski (2012) transpõe que as novas tecnologias trouxeram mudanças positivas no âmbito educacional, porém é necessário a compreensão de como as mesmas podem servir de auxílio pedagógico ou quando elas podem vir a atrapalhar, é necessária a interação entre o que será ensinado e a tecnologia para que a mesma seja um instrumento que agregue, todavia que estamos inseridos na era digital e cada vez mais a internet está se inserindo na vida do sujeito. Conseqüentemente com os desafios abordados nesse ensino remoto surge a necessidade ainda maior de valorização salarial, assistência técnica e pedagógica para professores e alunos para que professores continuem transmitindo seus conhecimentos na vertente crítica/reflexiva e os alunos se formem sujeitos críticos/reflexivos, que continuem promovendo e recebendo uma educação de qualidade.

Os principais desafios apresentados pelos professores listados, eles destacam as principais conseqüências do ensino remoto para os professores, dentro dessa perspectiva será discutido os efeitos que precedem ou andam lado a lado com tais e estão presentes nas falas dos professores. As aulas remotas sendo transmitidas por aparelhos a partir da rede de internet expõe o professor à luz artificial geradas a partir dos mesmos e que podem ser prejudiciais, segundo a Terra (2021?) quando uma pessoa passa muito tempo utilizando seus computadores elas podem estar sofrendo a Síndrome de Visão de Computador e seus sintomas são problemas nos olhos, dores de cabeça, dores no pescoço e a sensação de visão embaçada, além do desconforto físico.

Deste modo os professores demonstram preocupação quanto a essa exposição e ainda relatam alguns sintomas resultantes desse grande tempo enfrente as telas de computador e celular como dor nos olhos, dor de cabeça e stress. Ainda relata a pouco prática de exercícios físicos pela falta de tempo ou pelo cansaço de passar horas e horas à frente desses aparelhos, outra conseqüência é a má alimentação conseqüente da falta de divisão do tempo para o trabalho, saúde e lazer e por fim relatam que dispõe de menos

tempo para descanso, uma vez que a aula não acontece só no tempo programado pela escola, acontecem também nos horários alternativos onde há procura dos alunos, pais e até reuniões online.

Diante dessas consequências geradas a partir das aulas remotas compreendemos que há necessidade de preocupar-se em superar essas dificuldades com a ajuda dos sujeitos que compõe a escola: professores, pais, alunos, direção, coordenação e os demais profissionais ligado a instituição de ensino. Mas para além deles e não menos importante é necessárias políticas públicas que visam melhorar o sistema remoto de ensino para evitar o adoecimento físico e psicológico docente. Segundo Oliveira (2019) numa pesquisa sobre os professores:

60% sofrem com ansiedade, estresse e dores de cabeça e 66% já sentiram fraqueza, incapacidade ou medo de ir trabalhar. Para 87%, os problemas de saúde são ocasionados ou intensificados pela profissão. Os resultados demonstram que saúde mental é um dos temas mais relevantes entre os professores e que precisa da nossa atenção. (OLIVEIRA, 2019) .

Com esses dados os fatores são mais preocupantes uma vez que além desses problemas relatados mediante as aulas remotas, ainda existe esse fator dada à profissão. Como Novais (2012) aborda, há grandes desafios, porém, as TICs oportunizam mudanças na instituição de ensino, a internet através dos computadores e celulares oportunizam o ensino na presente situação que nos encontramos, mas é necessário políticas públicas que propicie o uso da mesma de forma que auxilie, que seja uma ferramenta a mais, e não que adoça e transcenda novos desafios para além dos os professores já enfrentam constantemente.

5 Considerações finais

Diante do exposto, nesse estudo foi possível conhecer os principais desafios sob a ótica de dois professores do ensino médio de um colégio da rede de ensino estadual durante o ensino remoto. Foi possível compreender que os desafios são advindos dessa

modalidade remota de ensino e não por alguma falta de experiência com tecnologias, o que demonstra que suas preocupações, anseios e desafios constantes para dar e manter os alunos na aula são válidos e admiráveis. Para além disso, há busca da superação dos desafios para que consigam cumprir o papel de mediador dos conhecimentos e assim fica claro essa preocupação de não deixar os alunos sozinhos sem o cumprimento do seu direito à educação.

É possível observar que as mudanças da rotina diária do professor, exposição à luz advinda desses meios de suporte e promoção das aulas e a falta de tempo para descanso resulta em alguns problemas de saúde instantâneo como dor de cabeça, dores nos olhos e stress, e somada à falta de tempo para exercício físico e má alimentação podem também resultar em alguns problemas a saúde mais graves com o tempo.

Portanto, com o apoio dos poderes públicos em melhores condições de trabalho, políticas públicas voltadas a educação em tempos de pandemia, piso salarial justo e programas de suporte financeiro afim de ajudar ou custeá-los, esses desafios podem ser superados e o professor poderá trabalhar de forma que não adoça, que tenha tempo para trabalho, família e lazer e ainda possam continuar, mesmo na volta do ensino presencial com alguns desses suportes utilizados no ensino remoto. É válido destacar que os desafios e consequências que são abordados no estudo são consequências da preocupação dos professores em continuar oferecendo um ensino de qualidade, participativo e que dê conta da formação crítica/reflexiva dos seus alunos, nesse viés transcende a inquietação sobre a participação do aluno, seus anseios, suas dúvidas, suas angustias e força de vontade do professor em buscar diversas ferramentas que auxiliem a educação.

Referências

BRASIL, Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Piso salarial do magistério. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 jul. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-

2010/2008/lei/111738.htm. Acesso em: 25 mai. 2021.

TERRA. **Como diminuir o cansaço visual por uso do computador.** [S.I] [2021?]. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/como-diminuir-o-cansaco-visual-por-uso-do-computador,870be6fdac684882c928b656b0560418dtw751md.html#:~:text=Pessoas%20que%20passam%20muito%20tempo,no%20pesco%C3%A7o%20e%20vis%C3%A3o%20emba%C3%A7ada>. Acesso em: 27 mai. 2021.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Histórico da pandemia de COVID-19, Brasília. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 19 mai. 2021.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas: Papirus, 2012.

LEITE, W. S. S.; RIBEIRO, C. A. N. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **MAGIS, Revista Internacional de Investigación en Educación**, v. 5 n. 10, jul/ dez. 2012. p. 173-187. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2810/281024896010.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas.** In: MORAN, J. M., MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. (Orgs.) *Novas tecnologias e mediação pedagógica* Campinas: Papirus, 2000.

NOVAIS, V. L. D. **As TIC chegam à escola.** Como entrar pela porta da frente? 2004. 8 p. Curso de Gestão Escolar e Tecnologias, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: http://www.eadconsultoria.com.br/matapoio/biblioteca/textos_pdf/texto08.pdf. Acesso em: 19 mai. 2021.

OLIVEIRA, M. R. N. S. Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico; mediação tecnológica nas práticas didático-pedagógicas. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 101-107, set./out./nov./dez., 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rbedu/a/>

Y8ks9fcmqrtdtKVfr9DZXkgP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 25 mai. 2021.

OLIVEIRA, T. Como promover a saúde mental do docente? **Nova Escola**, Ed. 322, abr. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/17037/como-promover-a-saude-mental-do-docente>. Acesso em: 25 mai. 2025.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. (2000) Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000, 118p.

Capítulo 3

A INCLUSÃO DAS TICs NA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO

Alice De Souza Silva¹

Priscila Teixeira da Silva²

Rodrigo Guedes de Araújo³

1 Introdução

Nas últimas décadas tem se observado o crescimento expressivo no uso e acesso aos recursos tecnológicos que se fazem cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, esse fator é decorrente do processo de modernização que se acentua a partir do processo da revolução industrial. As mudanças ocorridas na sociedade vêm provocando a introdução de novos mecanismos nas formas de se comunicar, relacionar-se e nas diversas relações sociais como um todo.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade, como pode ser observado também nos espaços de ensino. O processo de inserção das TICs na educação ainda é objeto de muitos conflitos, tendo em vistas que são muitas as desigualdades de acesso a esses recursos. No campo educacional brasileiro, observa-se que são inúmeras as desigualdades sociais, digitais, condições de acesso a internet e aos aparelhos tecnológicos que dificulta essa inclusão no espaço escolar.

No contexto da Educação do Campo o processo de inclusão

1 Graduanda do 5º semestre de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb). *Campus XVII* em Bom Jesus da Lapa- Ba. E-mail: alicesouza006@gmail.com

2 Docente da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). *Campus XVII* em Bom Jesus da Lapa-Ba.

3 Docente da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). *Campus XVII* em Bom Jesus da Lapa-Ba.

das TICs não é algo fácil, se tratando que é uma modalidade educacional que envolve particularidades específicas do espaço campesino que devem ser respeitadas e consideradas na organização do trabalho pedagógico, como também na inclusão das TICs, sendo que em algumas escolas do campo das quais possuem computadores, esses também são direcionados ao uso pela comunidade em que a escola está situada, esse aspecto pode ser observado na pesquisa Tic Educação (MARTINHÃO, 2018. p. 142)

Esse estudo segue os passos da pesquisa bibliográfica na qual se baseia em estudos já realizados sobre o tema proposto (GIL, 2002). O objetivo dessa artigo é compreender os desafios que surgem no processo de inclusão do recursos tecnológicos na Educação do Campo. Para um melhor entendimento sobre esse processo, o estudo se divide em três tópicos que propõe discutir a implementação das TICs na educação, a inclusão dos recursos tecnológicos na Educação do Campo e o terceiro faz uma análise acerca do uso das tecnologias na Educação do Campo durante o período de pandemia da Covid-19.

O embasamento teórico dessa pesquisa se constitui em documentos oficiais como a Constituição Federal de 1988, o Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC, 2020), dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) 2019 e 2020, Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº 9394/96, o Parecer nº 5 de 17 de março de 2020, dados da Pesquisa Tic Educação 2011 e 2018, Resolução CNE/CP nº 2 de 20 de dezembro de 2019 (BNC- Formação de Professores). Como também nos estudos de Barreto, Amorim e Cunha (2020), Gil (2002), Kenski (2012), Leite e Ribeiro (2012), Marconi e Lakatos (2003) e Ribeiro (2013).

2 Percurso metodológico

A metodologia é o caminho que orienta para a construção da pesquisa, é através do método que se tem um norte sobre os passos que guiarão determinado estudo. Marconi e Lakatos destaca

que o “[...] método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança permite alcançar o objetivo conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido [...]”. (2003, p. 83).

Sendo assim, para a construção desse artigo optou-se por seguir os passos da pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (2002, p. 44) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Portanto, esse estudo teve embasamento teórico em livros, artigos científicos, leis e documentos oficiais que se relacionam com a temática abordada.

3 A implementação das TICs na educação

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) surgem no contexto educacional como mecanismos que visam possibilitar inovações no processo de ensino/aprendizagem alinhados as novas formas de relações sociais direcionadas a partir do uso das TICs, que estão demarcando o cenário de um mundo em constante transformação. O crescimento no uso e implementação dessas tecnologias pode ser observado a partir da revolução industrial (KENSKI, 2012) que resultou em novas estruturas não somente nas relações trabalhistas, como também vem moldando toda a conjuntura social e as interações da mesma.

O conceito de tecnologia engloba diferentes significados, sendo que a mesma está presente na sociedade desde os períodos mais remotos, demarcando as novas formas de trabalho e demais atividades do ser humano. No campo da tecnologia digital, essa abrange uma série de transformações que vem ocorrendo ao longo do tempo, sendo que pode observar a evolução tecnológica nas formas de comunicação oral e escrita, na linguagem digital (KENSKI, 2012) e diferentes campos em que os recursos tecnológicos vem se destacando. Com o avanço tecnológico, as formas de relações sociais vão ganhando uma nova roupagem e isso impacta no contexto educacional que busca alinhar as práticas pedagógicas ao

uso dos recursos tecnológicos na sala de aula.

Kenski (2012, p. 43) ressalta que educação e tecnologia são indissociáveis, sendo que tais conceitos podem ser observados também no processo de socialização e inovação. As inovações que vem surgindo acerca do uso dos recursos tecnológicos possibilitam novas formas de interações na sociedade, sendo a escola um espaço marcante na construção dessas relações, observa-se que uso desses recursos no ambiente escolar pode ocasionar tanto a integração entre os estudantes como também potencializar a exclusão social e digital que pode ser vista em grandes proporções no cenário brasileiro.

Segundo Leite e Ribeiro (2012, p. 175) o Brasil tem uma taxa de exclusão digital grande, pois a educação brasileira ainda sofre sérios problemas relacionados à inserção e utilização das TICs, esse aspecto é característico das desigualdades sociais que estão presentes nas escolas públicas do país, como também da falta de formação docente adequada para conduzir o uso desses recursos nas escolas.

O uso das TICs vem remodelando a sociedade devido ao fácil acesso às informações, notícias e entretenimento em tempo real. De acordo com Kenski (2012, p. 38), essas novas tecnologias tem própria lógica, linguagem e materiais, na qual se comunica com a capacidade perceptiva, emocional, cognitiva, intuitiva e comunicativa das pessoas. Sendo assim, nota-se que o papel das TICs na educação deve ou deveria ser um facilitador do processo de ensino/aprendizagem, como também transformar a realidade dos espaços de ensino no país.

Leite e Ribeiro (2012, p. 175) destaca que essas tecnologias podem gerar resultados positivos ou negativos, dependendo de como elas sejam utilizadas. É possível observar que a realidade da educação pública no Brasil apresenta déficit no processo de implementação desses mecanismos, seja por falta de recursos, falta de formação docente com ênfase na mediação tecnológica, como também a falta do acesso à internet, sendo esses fatores alguns dos

muitos agravantes da implementação das TICs na realidade da educação brasileira.

O uso das TICs está presente nas mais diversas formas de relações e comunicações na sociedade em geral e vem demarcando seu espaço também nos sistemas de ensino. Leite e Ribeiro (2012, p.176) destacam que as ações conjuntas dos governos, federal e estadual, por exemplo, através de ações como Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), tem implantado nas escolas da rede pública, salas de informática com acesso à internet.

Conforme o exposto na pesquisa Tic Educação 2011, o programa Proinfo foi lançado na 3ª Reunião Extraordinária do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), que se propôs levar às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais (ALMEIDA, 2011. p. 54). No entanto, observa-se que em muitas escolas esses equipamentos, como por exemplo, os computadores, são colocados em algum espaço na qual permanecem esquecidos, seja por falta de profissionais adequados para mediar o uso dos mesmos, falta de ambiente e instalações específicas e demais fatores que implicam nesse processo de implementação dos recursos tecnológicos.

Dados da pesquisa Tic Educação 2018, aponta que no cenário brasileiro em 2017, embora 97% das escolas tenham acesso à Internet, a quantidade de equipamentos conectados é pequena. Segundos dados da pesquisa:

O estudo indica que 63% das escolas têm até 15 computadores de mesa com acesso à Internet e 70%, até cinco notebooks com acesso à Internet. A pesquisa também relata que a maior parcela das escolas (37%) tem poucos computadores para uso pedagógico, com uma relação de mais de 40 alunos por computador. (MARTINHÃO, 2018. p. 37)

Observa-se que ainda existe uma lacuna no processo de implementação das TICs na educação. Embora a porcentagem de acesso à internet tenha crescido, a quantidade de equipamentos disponíveis nos espaços de ensino ainda são poucos e não atendem a demanda de todos os estudantes. De acordo com a pesquisa “os

aspectos ligados à infraestrutura ainda são apontados como os principais desafios para a efetivação do uso das tecnologias nas escolas, especialmente nas instituições da rede pública de ensino”. (MARTINHÃO, 2018. p. 122).

Nota-se que é preciso repensar a efetivação das políticas de inclusão das TICs nas escolas, sendo que observamos uma pressão massiva dos organismos federais pela inclusão digital nos espaços escolares e na sociedade como um todo, no entanto sabemos que a realidade do país está distante de alcançar esse patamar.

3.1 A inclusão do recursos tecnológicos na Educação do/no Campo

No contexto da Educação do Campo o uso dos recursos tecnológicos gera inúmeros desafios, tendo em vista que se trata de uma realidade que ainda é negligenciada e vista de forma errônea por grande parte da sociedade e também pelos órgãos reguladores dos sistemas de ensino no processo de criação e efetivação de políticas públicas que atendam as especificidades da população do campo.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 205 fica assegurada a educação como dever do estado e da família, na qual deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade (BRASIL, 1988). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 destaca em seu Art. 28 que na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região (BRASIL, 1996).

É importante ressaltar também alguns dos marcos normativos da Educação do Campo, como a Lei nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a criação da Política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação 6 na Reforma Agrária (PRONERA) que assegura a oferta de Educação Básica e superior as populações do campo em regime de colaboração com o estado e União (BRASIL, 2012. p. 81). Sendo assim, podemos observar

que a Educação do Campo é um direito assegurado por lei e que deve ser efetivada mediante uma boa qualidade no processo de ensino/aprendizagem para os estudantes pertencentes ao espaço campesino.

O uso das TICs nesse espaço é de suma importância para a integração das pessoas do campo com os mecanismos tecnológicos e assim romper os paradigmas que colocam a Educação do Campo como aquela que deve se espelhar em um modelo urbano (RIBEIRO, 2013. p. 125). No entanto, o acesso à tecnologia nas áreas rurais ainda possui inúmeras deficiências, que podem ser observadas, por exemplo, no que se refere à infraestrutura, qualidade de internet, disponibilidade de recursos dentre inúmeros fatores que dificultam esse processo.

Dados do Tic Educação 2018 apontam que:

Segundo o Censo Escolar da Educação Básica 2018 (Inep, 2019), o Brasil possui mais de 180 mil escolas de Educação Básica, sendo que aproximadamente 124 mil estão localizadas em áreas urbanas e 57 mil em áreas rurais. [...] A região Nordeste concentra o maior número de escolas rurais, com 30.842 instituições, 172.545 docentes e mais de 3 milhões de matrículas. A região Norte possui o segundo maior contingente de instituições (13.879), docentes (62.353) e matrículas (1.172.239) em áreas rurais. Contraditoriamente, nessas regiões se concentram também as maiores dificuldades para o uso da Internet. Em 2018, apenas 34% das escolas localizadas em áreas rurais possuíam ao menos um computador (de mesa, portátil ou tablet) com acesso à Internet – percentuais que são bastante diferentes entre as macrorregiões do país [...]. (MARTINHÃO, 2018. p. 140).

Observa-se a partir dos indicadores da pesquisa que as escolas localizadas em áreas rurais possuem o menor índice de acesso e suporte dos recursos tecnológicos. É grande o número de escolas situadas nessa região e que não possuem essa assistência para mediação dos recursos tecnológicos, na qual faz-se necessário mencionar a falta de investimentos na infraestrutura para o uso dos equipamentos.

Segundo Silva, Ziviani e Ghezzi (2019, p. 07) em parceria

com Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a crença sobre a internet ser positiva, igualitária e democrática, devido ao acesso gratuito à informação, ignora alguns dos elementos que consideramos essenciais para o debate sobre os seus usos. Sabemos que a realidade do cenário brasileiro é composta por diversas particularidades que refletem nos desafios acerca do processo de implementação das TICs. Quando se trata da realidade da Educação no espaço campesino, é possível observar que esse possui os menores índices de acesso aos equipamentos tecnológicos, esse fator contribui para o aumento das desigualdades sociais e fortalece a visão estereotipada acerca das pessoas pertencentes ao campo.

Leite e Ribeiro (2012, p. 177) ressalta que a questão central para as políticas públicas de estímulo às inovações tecnológicas na educação é saber quando e como essa potencialidade se realiza, isto é, que impacto efetivo as TICs produzem nos resultados educacionais e em que condições isso ocorre. Na Educação do Campo, esse ponto é crucial para entendermos como usar as TICs de forma a concretizar inovações e transformações na realidade das comunidades campesinas.

Silva, Ziviani e Ghezzi (2019, p. 10) destacam que outra dimensão importante, a qual impacta de forma relevante as práticas, engloba o desenho e a força das políticas públicas que permitem a construção de condições de acesso às tecnologias de maneira mais ou menos universal. As políticas públicas destinadas à inclusão das TICs na Educação do Campo devem ser reformuladas e pensadas a partir da realidade local do contexto da escola. É possível observar diante disso, que a implementação dos equipamentos tecnológicos nas escolas do campo ainda ocorre de forma defasada, falta infraestrutura adequada, profissionais com formação adequada, falta de interesse pelos órgãos públicos, como também o acesso a internet nesses espaços.

Esses aspectos podem ser vistos na Pesquisa Tic Educação 2018, na qual aponta também que além dos desafios relacionados à infraestrutura, os responsáveis pelas escolas se preocupam também com o desenvolvimento de programas de formação para

os professores, item citado por cerca de um em cada cinco diretores (MARTINHÃO, 2018). A formação docente é elemento crucial para o trabalho com recursos tecnológicos, o professor pode adequar a tecnologia a sua prática pedagógica e assim alcançar melhores resultados no ensino/aprendizagem dos discentes.

Segundo a Resolução CNE/CP Nº 2, De 20 de Dezembro de 2019 que define bases para a formação de professores (BNC-Formação de Professores), aponta que uma das Competências Gerais Docentes é:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens. (BRASIL, 2019, p. 13).

A pesquisa Tic Educação 2018 aponta que 12% dos responsáveis pelas escolas rurais mencionaram a necessidade de desenvolver programas de formação aos professores para uso de computador e Internet na escola. Os dados da pesquisa reforçam algo que é visível no contexto da formação docente no país, pois sabemos que a formação de professores no Brasil sofre inúmeras carências e não é concretizada de acordo com o expostos em documentos e resoluções oficiais, nota-se uma contradição entre as competências exigidas e as bases para que as mesmas sejam efetivadas.

3.2 O uso das tecnologias na Educação do/na Campo durante o período de Pandemia da Covid-19

O atual momento pelo qual estamos passando se configura como uma das maiores pandemias da história da humanidade. O Covid-19 ⁴ vem provocando e impondo novas formas de convívio

⁴ Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) a Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que vem provocando a Pandemia de Covid-19 e que tem afetado pessoas e países em todo o planeta.

social em conformidade com as medidas de enfrentamento ao vírus, dentre essas medidas, destaca-se o distanciamento social que impacta no fechamento de muitos espaços que concentram um grande número de pessoas, na qual destacamos a interrupção das atividades presenciais. Diante desse contexto, o cenário educacional brasileiro vem se remodelando para conseguir manter o processo de ensino/aprendizagem dos educandos.

Frente a essa nova realidade os organismos federais como o Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) vem buscando soluções para conseguir manter as atividades escolares durante o momento pandêmico. O Parecer CNE/CP Nº 5/2020 estabelece algumas medidas para esse novo cenário, dentre elas a substituição das atividades presenciais por atividades via mediação tecnológica (BRASIL, 2020). O Ensino Remoto Emergencial tem sido um dos principais meios adotados para se manter as atividades educacionais. Esse modelo é caracterizado como a adequação dos conteúdos curriculares da educação presencial para um novo formato, utilizando-se das tecnologias digitais para manter as aulas virtuais de formas síncronas e assíncronas. (BARRETO, AMORIM e CUNHA, 2020. p. 797).

Como já mencionado, o uso das tecnologias nas escolas do campo ainda enfrenta muitos desafios e estes foram potencializados com a pandemia. Frente ao novo cenário pandêmico, os sistemas de ensino vem buscando meios de garantir a aprendizagem dos estudantes e que estes não sofram retrocessos maiores em seu percurso escolar.

O Parecer CNE/CP Nº 5/2020 estabelece medidas para a Educação do Campo durante a pandemia, na qual as escolas poderão ofertar parte das atividades escolares em horário de aula normal e parte em forma de estudos dirigidos e atividades nas comunidades, desde que estejam integradas ao projeto pedagógico da instituição (BRASIL, 2020). Tal documento dispõe sobre a participação dos municípios na efetivação dessas atividades, entende-se que fica a cargo do mesmo o formato que essas atividades serão organizadas.

De acordo com Fórum Nacional de Educação do Campo (FONEC, 2020) as medidas adotadas para manter as atividades educacionais durante o período pandêmico ignoram a diversidade sócio territorial brasileira e a realidade da infraestrutura que a população e as escolas dispõem. Frente a isso observamos o levantamento feito pela pesquisa Tic Educação (MARTINHÃO, 2018), na qual aponta que 55% dentre as escolas rurais não possuíam acesso à Internet, entre os principais motivos citados pelos responsáveis para que as escolas não contassem com conexão, estão 43% de falta de infraestrutura para acesso à rede na região e 24% o alto custo da conexão.

Observa-se que a falta de infraestrutura é um grande agravante para o uso dos recursos tecnológicos nas escolas do campo, frente ao atual cenário o acesso a esses recursos se torna um grande desafio, como já foi aqui ressaltado em muitas comunidades o ponto referência de acesso à internet são as escolas e as mesmas se encontram fechadas durante esse período, como também grande parte não possuem a infraestrutura adequada para atender essa demanda.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) a falta de acesso é mais marcante no meio rural do que no meio urbano, mais no interior do que nas capitais, mais entre pessoas negras do que entre as brancas e muito mais entre estudantes de baixa renda (NASCIMENTO, RAMOS, MELO e CASTIONI, 2020. p. 09). Esse levantamento foi realizado para compreender as possibilidades de acesso dos discentes durante o período de ensino remoto, os dados revelam que se tratando de áreas rurais, o acesso à internet é precário e não atende à demanda desse período.

Os dados apontam que na educação básica pública a carência de internet para atividades remotas de ensino-aprendizagem seja realidade na casa de 45% dos estudantes domiciliados em áreas rurais e na casa de 10% dos estudantes domiciliados em áreas urbanas (NASCIMENTO, RAMOS, MELO e CASTIONI, 2020. p. 10). No entanto a pesquisa aponta também as dificuldades de acesso entre pessoas de baixa renda que afligem tanto pessoas das

localidades rurais como urbanas.

A pandemia tem ocasionado impactos significativos na vida das pessoas a nível global e revelando as diversas desigualdades que já existia antes mesmos desse período e que foram potencializadas pelo momento pandêmico. É preciso que haja mudanças nas políticas públicas direcionadas aos sistemas de ensino, principalmente quando se trata da Educação do Campo, tendo em vista que a pandemia veio revelar problemas existentes há muito tempo no cenário brasileiro e que já era objeto de muitas lutas por melhores condições e qualidade da educação.

4 Considerações finais

A partir da pesquisa, observa-se que esse procedimento de inclusão das tecnologias nas escolas do campo perpassa inúmeros desafios e que ainda precisa de reformulações das políticas de inclusão e acesso a essas tecnologias. O uso das TICs deve ser um facilitador no planejamento docente e no ensino/aprendizagem dos estudantes, nota-se que o uso dessas tecnologias ainda tem inúmeras carências que devem ser revistas e proporcionar melhores resultados no cenário educacional brasileiro.

Através das análises realizadas observamos que a utilização das TICs na educação pode proporcionar ganhos no processo de ensino/aprendizagem, no entanto a forma como essas tecnologias chegam à escola e como são trabalhadas pode ocasionar um efeito contrário daquilo que é esperado através do seu uso. O atual cenário pandêmico está deixando explícito a urgência em rever a introdução dos recursos tecnológicos na educação, a utilização do ensino remoto potencializou as desigualdades do país que não tem a devida assistência.

Destacamos a importância de repensar como está sendo esse processo de inclusão, como também a formação docente adequada e considerar que o cenário educacional do país é composto por diversas particularidades que precisam ser incluídas nesse processo.

Referências

ALMEIDA, Virgílio Augusto Fernandes (coord). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil: TIC Educação 2011** [coordenação executiva e editorial Alexandre F. Barbosa ; tradução Karen Brito Sexton(org.)]. – São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

BARRETO, Jurenice da S., AMORIM, Marília Rafaela O. R. M., CUNHA, Célio. **A pandemia da covid-19 e os impactos na educação. Estudos Acadêmicos**, Brasília, v.3, n. 07, p.14, jul./dez., 2020. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/150/246> Acesso: 15/05/2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, Brasília. Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 20/05/2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos**/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Brasília: SECADI, 2012. Disponível em: < [bib_educ_campo.pdf](#) (mec.gov.br)>. Acesso em 04/06/2021.

BRASIL. Fórum Nacional de Educação do Campo (Fonec)/ **A Educação do Campo no enfrentamento da Covid-19 no Brasil**. Disponível em: < [nota-fonec-e-o-enfrentamento-c3a0-covid-15-abr-2020.pdf](#) (wordpress.com)>. Acesso em 04/06/2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: <[lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf](#) (senado.leg.br)> Acesso em: 10/04/2021.

BRASIL. **Portal Mec/Conselho Nacional de Educação (CNE)**. Dispõe sobre COVID-19. Disponível em:

covid-19. Acesso: 20/05/2021.

BRASIL. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020.** Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-343-2020-03-17.pdf>. Acesso: 20/05/2021.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. **Resolução CNE/CP nº 2, De 20 De Dezembro De 2019/ BNC-Formação de professores.** Disponível em < rcp002_19 (mec.gov.br)> acesso em 16/05/2021.

Gil, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**/Vani Moreira Kenski. – 8ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Coleção Papirus Educação)

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, Werlayne Stuart do Nascimento Soares. RIBEIRO, Carlos Augusto. **A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios**/Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación, vol. 5, núm. 10, julio-diciembre. Pontificia Universidad Javeriana Bogotá, Colombia 2012.

MARTINHÃO, Maximiliano Salvadori (Coord.) **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação na escolas brasileiras**:TIC educação 2018. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

NASCIMENTO, Paulo Meyer. RAMOS, Daniela Lima. MELO, Adriana Almeida Sales de. CASTIONI, Remi. **Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia.** Nota Técnica/

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea): Brasília, agosto de 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200902_nt_disoc_n_88.pdf. Acesso em 04/06/2021.

RIBEIRO, Marilene. **Desafios postos a Educação do Campo**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 50 (especial), p. 150-171, maio 2013. Disponível em: < DESAFIOS POSTOS À EDUCAÇÃO DO CAMPO (ufscar.br)> acesso em 18/05/2021.

SILVA, Frederico Augusto Barbosa da. ZIVIANI, Paula. GHEZZI, Daniela Ribas. **As Tecnologias Digitais e seus usos**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 2019. Disponível em: < TD_2470.pdf (ipea.gov.br)>. Acesso em 04/06/2021.

Capítulo 4

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO E NOVAS AS PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS

Rafaela Rocha Ribeiro¹

Thaluane Marlla da Silva Ferreira²

Luiz Ricardo Pereira de Almeida Braga³

Rodrigo Guedes de Araújo⁴

1 Introdução

A pandemia da *COVID-19* fez com que o mundo se adequasse a uma nova realidade, criando medidas de enfrentamento ao vírus. Com isso, as instituições tiveram que se reinventar para proporcionar aprendizagem remota aos alunos, afinal, para conter a propagação do vírus, as aulas presenciais foram suspensas em 2020. Diante do isolamento social, a única alternativa para o ensino/aprendizagem se deu de várias formas inclusive por meio do ensino remoto, a partir da utilização das tecnologias

-
- 1 Estudante do 5º semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: rafaelaribeiro0109@gmail.com
 - 2 Estudante do 5º semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: thaluanemchive@gmail.com
 - 3 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, em Educação, na área de concentração de Políticas Públicas e Gestão da Educação Básica, Especialista em Neuropedagogia Clínica e Psicanálise e Gestão Escolar, graduado em Pedagogia com habilitação em Docência e Gestão de Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Professor Substituto – UNEB, Campus XVI – Bom Jesus da Lapa. E-mail: braga.uneb@gmail.com lbraga@uneb.br
 - 4 Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos MPEJA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em Direitos Sociais do Campo – Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Conhecimento, Política e Desenvolvimento – UNEB – Bahia. Professor no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da UNEB – Campus de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Membro do Centro Acadêmica de Educação do Campo – CAEDT – Salvador. E-mail: pedagogodaterra@gmail.com

educacionais vinculadas ao ambiente online. O surgimento do novo Coronavírus levou às pessoas a pensarem e agirem de maneira diferente do tradicional, buscando estratégias digitais para que os estudantes não sejam tão prejudicados, havendo uma substituição do presencial para o convívio virtual.

O objetivo deste texto consiste em analisar as concepções e as dificuldades reveladoras acerca da implementação do Ensino Remoto na Educação Básica. Com o intuito de traçar sequencia teórica afunilando o pensamento da escrita destacamos a seguinte questão norteadora: Como a Educação Básica vem enfrentando as novas configurações de ensino no período pandêmico e com os impactos do ensino remoto como haverá os processos de ensino-aprendizagem no desenvolvimento educacional?

Os aspectos metodológicos para a tessitura atende prioritariamente a pesquisa qualitativa. Por meio da pesquisa bibliográfica, foi possível explorar a leitura de artigos, livros e os documentos oficiais disponibilizados pelos órgãos federais, para entender e compreender acerca da Educação Básica no período pandêmico. Fizemos uma análise teórica sobre as perspectivas, o uso das tecnologias e os impactos que esse novo ensino remoto está causando na vida de professores e estudantes da Educação Básica.

A Educação Básica está enfrentando uma realidade devido a *COVID-19*, os profissionais da educação precisaram desenvolver habilidades para garantirem um ensino/aprendizagem adequado aos discentes durante a nova sala de aula virtual. A tecnologia na educação trouxe um efeito de minimizar as ações negativas que esse período ocasionou para o campo educacional, porém essa situação de ensino remoto foi reveladora de grandes dificuldades e desafios de adaptação, falta de acesso e necessidades carentes de todos os envolvidos.

De uma hora para a outra, logo no início de um ano letivo, professores que nunca tinham gravado conteúdo online estavam à frente das câmeras dos próprios celulares. Estudantes descobriram um mundo de lições na internet. Pais ficaram sabendo que podem

encontrar propostas educativas, com vídeos ou transmissões ao vivo, até para as crianças pequenas. (JUSTINO, 2020, p.10).

Diante disso, o presente artigo tem o intuito de suscitar uma discussão sobre a educação em tempos de ensino remoto na Educação Básica, percebe-se que com esse novo modelo de ensino os professores, alunos, pais de alunos e todos da comunidade escolar tiveram que se adaptarem e adotarem esse novo modelo de ensino que tem como ferramenta os meios tecnológicos para o ensino-aprendizagem. O Ministério da Educação (MEC), juntamente com o Conselho Nacional de Educação (CNE) tiveram que buscar alternativas para a substituição da educação presencial pelas aulas remotas ou adoção da modalidade a distância na Educação Básica, fazendo uso das tecnologias para que os professores pudessem ministrar as aulas, além de ter que mudar todo o calendário escolar. (BRASIL, 2020). A escola que antes era de convívio presencial, teve que reinventada na casa de milhões de brasileiros, as relações sociais que antes se fazia presencialmente, passaram a serem feitas virtualmente a partir da tela de um computador, celular ou tablete. Infelizmente essa não é a realidade de muitos desses estudantes brasileiros, sem acesso à internet, os pais que vivem de alguma carência que perderam seus empregos não tem como pagar aluguel ou comer, então tem estudantes que estão sem casa e sem comida, com a pandemia e as escolas fechadas aumentaram ainda mais esses problemas que já existiam na sociedade.

Em um contexto acerca do atual cenário em que vivemos. Para entendermos sobre a educação em tempos de ensino remoto, será abordado os seguintes tópicos: As perspectivas e angústias do ensino remoto na educação básica, no qual será contextualizado as angústias e realidades pelos professores e alunos nesse modelo de ensino remoto; O uso das tecnologias durante o ensino remoto, que irá abordar a realidade que estamos vivenciando, como também o Ensino remoto e os impactos causados na aprendizagem dos discentes.

2 As perspectivas e angústias do ensino remoto na educação básica

O ano de 2020 foi marcado por um acontecimento histórico que ocasionou em muitas mortes na vida de milhões de famílias. A proteção, a fim de se evitar uma sobrecarga nos hospitais, no comércio, nas escolas e em tudo que houvesse aglomeração, se deu por meio de fechamentos desses estabelecimentos, todos foram fechados por conta do vírus, através de decretos instrutivos. A população foi orientada a permanecer em suas residências e interrompeu-se abruptamente, nas instituições de ensino, as aulas presenciais. Em 2020 os números já ultrapassam mais de 468 mil mortes, as escolas continuam fechadas, na relação de lutas de classe os comerciantes seguem com carreatas reivindicando a aberturas dos comércio e o não cumprimento dos decretos que fecham parcialmente alguns estabelecimentos. No âmbito da política de vacinação, o Brasil segue em atraso por falta de compromisso por parte do governo federal.

A tomada de decisões a respeito do modelo de funcionamento da Educação Básica ficou sob os cuidados dos estados e municípios que têm apresentado iniciativas que se direcionam à substituição da educação presencial pelas aulas remotas ou adoção da modalidade a distância na educação básica, (ARRUDA, 2020, p.262). O Ministério da Educação (MEC) e o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou, por unanimidade, as diretrizes para orientar escolas da educação básica e instituições de ensino superior durante a pandemia do coronavírus (BRASIL, 2020). As escolas tiveram que se organizar e mudar todo o calendário escolar de toda a Educação Básica para que os alunos não ficassem prejudicados e continuassem a estudar por meio do ensino remoto. Esse modelo de ensino se tornou um grande desafio, principalmente por que o uso das tecnologias gera dificuldades no acesso e na utilização por parte de professores e dos próprios alunos, antes acostumados em ir para escola, assistirem as aulas de frente para o professor, interagindo com os colegas e nessa nova realidade foram obrigados

a se adaptarem as novas formas de ensino.

A Educação Básica vai atender crianças e adolescentes que estão em níveis de desenvolvimentos diferenciados e que possuem realidades diferentes um dos outros, conforme os dados abaixo, o acesso as tecnologias digitais não são garantidos à todas essas pessoas. Em 30 de outubro de 2020 foi feito uma pesquisa pela Associação Brasileira de Educação a distância sobre as atividades remotas na educação durante a pandemia. No que se refere às atividades remotas, 29,2% dos alunos entrevistados disseram sentir ter dificuldade em conexão com a internet. 10,8% deles não tem o dispositivo próprio e precisa compartilhar com outros integrantes da casa para a aprendizagem. Outros 19,7% disseram não ter acesso à internet para receber o material escolar (OKUMURA, 2020). Sobre esses dados fica claro o quanto esses discentes estão sendo prejudicados pelo ensino remoto, se houvesse desde antes um investimento nas tecnologias nas escolas, na formação de discentes e docentes, a educação não estaria passando por esse descaso, a pandemia foi simplesmente algo que revelou a grande falha que existe no processo educacional.

Os espaços presenciais ainda são indispensáveis para o desenvolvimento dos mesmos, com a pandemia a educação remota foi inserida trazendo à tona problemas sociais, econômicos, limitações tecnológicas, despreparo dos professores para assumir essa mediação por plataformas digitais, dificuldades dos pais em orientar as atividades escolares dos filhos, falta de maturidade dos alunos tudo isso contribuem para essa insatisfação com o ensino remoto (ALVES, 2020). Segundo Alves, a pandemia fez com que os problemas que já viam acontecendo, se tornassem mais evidentes diante dos indivíduos, a falta de acesso à internet pelos professores e alunos, os problemas sociais que muitos desses alunos vivem em situações de carência, econômicos, pois com a falta de emprego e as demissões ocasionadas pela pandemia muitos dos pais dos alunos estão sem trabalho e encontram dificuldades em orientar seus filhos nas atividades escolares. As limitações encontradas pelos discentes no uso dos meios tecnológicos e a falta deles acabam prejudicando

no seu aprendizado e desempenho nesse novo modelo de ensino.

Com aulas presenciais suspensas foi se necessário reorganizar todo o calendário escolar sem que os estudantes ficassem prejudicados durante esse período de pandemia. Os documentos oficiais apontaram forças para o emprego contraditório das atividades a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no mesmo tom, a reorganização do calendário escolar primava por assegurar formas de alcance das competências e objetivos de aprendizagem ou proposta curricular de cada sistema, rede ou instituição de ensino da educação básica ou superior por todos os estudantes, de acordo com o Parecer CNE/CP nº 5/2020, o item 2.1 Dos Direitos e Objetivos de Aprendizagem, destaca que:

[...] A principal finalidade do processo educativo é o atendimento dos direitos e objetivos de aprendizagem previstos para cada etapa educacional que estão expressos por meio das competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e desdobradas nos currículos e propostas pedagógicas das instituições ou redes de ensino de Educação Básica ou pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e currículos dos cursos das instituições de educação superior e de educação profissional e tecnológica. O ponto chave ao se discutir a reorganização das atividades educacionais por conta da pandemia situa-se em como minimizar os impactos das medidas de isolamento social na aprendizagem dos estudantes considerando a longa duração da suspensão das atividades educacionais de forma presencial nos ambientes escolares [...]. (BRASIL, 2020, p. 4).

A reorganização do calendário escolar visou estabelecer os apontamentos da Medida Provisória 934, assinada pelo presidente Jair Bolsonaro e pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, e publicada em edição extra desta quarta-feira, 1º de abril, do Diário Oficial da União (DOU), nela constou a desobrigação do cumprimento dos dias letivos, levando em consideração apenas a necessidade de cumprir as horas letivas conforme prescritas na lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN). As discussões acerca da garantia da realização de atividades escolares para fins de atendimento dos objetivos de aprendizagem previstos nos currículos da educação básica e do ensino superior, atendendo

o disposto na legislação e normas correlatas sobre o cumprimento da carga horária (BRASIL, 2020), ficou a cargo do Conselho de Educação (CNE), onde em suas resoluções apontou para que as redes pudessem assegurar a reposição de aulas e a realização de atividades escolares efetivadas de forma que se preservassem o padrão de qualidade previsto no inciso IX do artigo 3º da LDBEN e no inciso VII do artigo 206 da Constituição Federal, para que consiga se manter uma carga horária na realização de atividades não, evitando assim o retrocesso de aprendizagem por parte dos estudantes e a perda do vínculo com a escola, o que pode levar à evasão e abandono.

Enquanto a modalidade a distância é regida pela LDBEN (BRASIL, 1996), o CNE com suas portarias demonstrou que o ensino remoto poderia ser uma alternativa temporária para o momento de pandemia que estamos vivendo. Finalmente, a mediação das tecnologias nas práticas de ensino presencial que são usadas para ampliar os espaços de interação para além das salas de aula físicas, para estimular uma aprendizagem por meio de plataformas digitais, para contribuir com o letramento digital, entre outros objetivos, tomou força do cenário da educação brasileira. No ensino remoto, é necessário o envio das atividades que os alunos desenvolvem em casa que são não avaliativas, e funcionam como uma forma de controle do uso do tempo uma das características da disciplina, nesse caso, o professor realiza as aulas presencialmente, mas cria um fórum, um blog, um perfil em uma rede social e/ou usa um AVA para disponibilizar textos, criar discussões etc., mas os alunos nem sempre tem obrigatoriedade de participar (ALVES, 2020), porém essa perspectiva não contribui para o ensino/aprendizagem e práticas colaborativas entre os sujeitos do processo de ensinar e aprender, pois não há uma troca e nem uma construção de conhecimentos, já que ao enviar as atividades o aluno pode escolher não fazê-la, a escola também tem que está organizando essas atividades para disponibilizarem à esses alunos e está cobrando essa devolutiva dos mesmos, junto com a família a escola poderá está dando o suporte para esses alunos motivando-os

na realização dessas atividades.

Esse novo modelo de ensino proporcionou descobertas com o uso dos meios tecnológicos, as escolas tiveram que se organizar e planejar como seria a entrada das tecnologias nos estudos educativos das crianças e adolescentes. Kenski (2012), vem trazendo que podemos ver a relação entre educação e tecnologias de um outro ângulo, o da socialização da inovação, a forma como o produto será utilizado precisa ser informada e aprendida, para que essas novas aprendizagens quando colocadas em prática reorientam todos os nossos processos de descobertas, relações, valores e comportamentos.

Em relação a educação, as redes de comunicações trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com os conhecimentos e aprender. Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. (KENSKI, 2012, p. 47).

As novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para educação, como vídeos, programas educativos na televisão e no computador, sites educacionais que transformam a realidade da aula tradicional em mais moderno de acordo vivemos hoje. Porém, precisamos refletir que as intencionalidades das TIC,s surgem como instrumentos que dão suporte ao educadores nos processo didáticos e metodológicos. No âmbito do período pandêmico o que temos assistido é a substituição do papel docente por atividades e instrumentos que os estudantes realizam sozinhos, em casa, sem as explicações e mediações que são necessárias para a consolidação do conhecimento empírico.

Enquanto ao pós-pandêmico será uma oportunidade em que a educação nas escolas possam procurar se reinventar e transformar em uma educação libertadora, incluindo as tecnologias como ferramentas escolares, onde toda comunidade escolar passará a utilizar com as formações adequadas, desses meios tecnológicos

como formas educativas para o aprendizado dos educandos e educadores, como Freire (1986) aborda “A educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual tanto os professores como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes. Este é, para mim, o primeiro teste da educação libertadora: que tanto os professores como os alunos sejam agentes críticos do ato de conhecer.” Não poderá haver um ensino tradicional como era antes, mais pode-se proporcionar um ensino em que a tecnologia deverá ser inserida dentro do âmbito da escola, para que todos os envolvidos possam desfrutar de uma nova forma de aprendizagem, os desafios que temos pela frente são amplos, mas as TICs representam uma efetiva oportunidade tanto para refletir a respeito da gestão e da estrutura escolar, quanto para desencadear mudanças consequentes na instituição, avançando na direção dos objetivos que frequentam apenas os “discursos” da maioria dos educadores. (NOVAIS, 2004, p.7).

Apesar das angústias, medos e realidades diferentes encontradas pelos professores e alunos diante desse modelo de ensino remoto, não é o momento de ambos deixarem de construir uma relação que busque sempre os direitos por uma educação de qualidade, que as tecnologias não atrapalhe o ato crítico de se formar um cidadão que tenha ideias para inovar mais ainda seus conhecimentos, mas que essa ferramenta contribua para essa formação do educando e do educadora partir dessa educação libertadora o uso das tecnologias passem ser vistas como aliadas nessa construção de aprendizado de um aprendendo e evoluindo com o outro.

2.1 O uso das tecnologias durante o ensino remoto

A pandemia do coronavírus têm mudado o cenário social desde quando chegou ao mundo, trazendo impactos à vida de muitas pessoas, principalmente as desigualdades na educação, e um dos problemas estruturais é a falta de acesso à internet para assistir as aulas online. Com a suspensão das aulas presenciais por

conta da pandemia, milhões de estudantes e professores tiveram que se adaptar às aulas online, depender ativamente da internet e outras tecnologias da informação e comunicação, em especial as digitais, para continuar aprendendo e ensinando. Vários alunos estão enfrentando um contexto mais vulnerável e ter que se limitar entre estudar por um celular com pouca memória ou conexão, ou dividir o aparelho com os demais da residência. O ensino remoto emergencial exige que professores, coordenadores, gestores se adaptem na intenção de criar conteúdos curriculares e avaliações, visando dar continuidade as atividades escolares mediadas por tecnologias digitais.

[...] gestores, professores, pais e alunos, desenvolvem outros esquemas para garantir o trabalho e o estudo remotos, para ampliar os limites das escolas por meio de atividades online. Mesmo diante da precária inclusão digital no Brasil e das desconfiças de muitos, a Internet se tornou a tecnologia interativa por meio da qual, de muitas e criativas maneiras, milhares de crianças, jovens e adultos continuaram e continuam a ensinar e aprender nesses tempos conturbados. (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 212).

O ensino remoto é uma das características da transmissão das aulas em tempo real, permitindo que professores e alunos dialoguem, reflitam e argumentem sobre o assunto juntamente. É importante fundamentar que Ensino Remoto é diferente de EAD, uma vez que a aprendizagem virtual veio como uma medida emergencial e temporária para que as escolas e instituições pudessem cumprir a carga horária, e para isso, podem ser utilizadas diversas tecnologias que possibilitam essa interação como, Skype, Zoom, Microsoft Teams, Google Classroom, entre outros. E com essa inovação, o uso das tecnologias está mais presente do que antes dentro e fora de casa das pessoas, usado como recurso pedagógico. Por um momento, fica para “trás” aquele velho modelo tradicional, onde os alunos pesquisavam tudo pelos livros ou fazendo cópias da lousa, e atualmente, o único responsável pela transmissão do conhecimento é a tecnologia.

A educação teve que se reinventar frente ao contexto da

pandemia, e está sendo um desafio para os docentes à frente do uso das tecnologias educacionais, tendo que aprenderem a utilizar o meio tecnológico com fins educacionais, a esse novo modelo de ensino remoto que são de convívios virtuais, o processo de mediações das aulas online tiveram que repassar por um replanejamento de toda a metodologia e a sequência didática, a fim de obter dinâmicas que adequassem a nova realidade em que a educação está inserida. As devolutivas das atividades e dificuldades de acesso às plataformas digitais tornam-se desafiadoras atrapalhando a interação entre professor e o aluno. Portanto o celular e o computador passaram a ser ferramentas para o estudo e auxílio dos estudantes, acredita-se que as aulas online intensificaram o uso dos recursos digitais para aulas presenciais, realizando a produção individual pelas plataformas.

É necessário destacar o desafio proposto para educar as crianças da Educação Infantil durante o ensino remoto, é importante ter muita criatividade, desenvolver propostas lúdicas, videoaulas de movimento, entre outros, com destaque para a ferramenta Jamboard, que permite brincadeiras online, em uma tela interativa, usada de forma compartilhada pelos estudantes. (FONSECA, 2020). A escola deve manter uma relação com os pais, principalmente na aplicação e devolutiva das atividades que essas crianças irão fazer em casa, mantendo sempre esse cuidado em dar a assistência à família desses alunos que ainda são tão pequenos e necessita de atenção para a aprendizagem e seu desenvolvimento.

As atividades digitais das escolas públicas brasileiras é realizada por meio de políticas públicas, principalmente os equipamentos. E por isso, em uma sociedade desigual, há diferentes níveis tecnológicos e condições sociais. De acordo com Warschauer (2006) e Cazelo (2008), a inclusão digital somente terá sentido se promover a inclusão social. Uma questão a ser destacada é a desigualdade entre os sistemas públicos e privados da Educação Básica. Enquanto alunos da escola privada aprendem por meio de recursos tecnológicos aulas gravadas, muitos estudantes da escola pública sequer têm acesso à internet.

Um fato que dificulta o trabalho dos docentes, é que durante as aulas presenciais, às vezes não utilizavam esses recursos tecnológicos, e com a pandemia, tiveram que começar a utilizá-los para a ministração das aulas. Nesse processo de adaptação, esses profissionais aprendem com o exercício da prática fazendo o uso das tecnologias adequadamente para beneficiar os alunos e a si próprio, pois estará aprendendo novas maneiras de se utilizar as ferramentas tecnológicas. Para desfrutar dessas vantagens tecnológicas, não basta apenas fazer o uso, mas também observar o interesse, a facilidade em aprender, e a realidade dos educandos, além de analisar planejando bem os conteúdos que serão passados para esses estudantes tanto do ensino fundamental, quanto do médio, já a educação infantil propor tarefas que sejam de experiências vivenciadas por essas crianças pequenas.

Diante disso, na realidade que estamos vivendo, as ferramentas digitais são ideais e necessárias para o ensino remoto, principalmente durante esse tempo de pandemia, uma vez que no momento de isolamento social e sem aulas presenciais, possibilita a continuidade do ensino-aprendizagem e permite a comunicação mesmo que remota entre os educadores e educandos.

2.2 Ensino remoto e os impactos causados na aprendizagem dos discentes

Com o fechamento provisório de escolas, os alunos estão sem aulas presenciais, há uma grande preocupação sobre uma possível paralisação completa do processo de ensino-aprendizagem e de redução dos estímulos que busquem o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos alunos. Muitos desses estudantes não têm computadores, ou outro equipamento em casa ou quando tem é necessário dividir com as outras pessoas que vivem na mesma casa, a falta de acesso à internet e como manuseá-lo para estudar (fazer uma pesquisa ou montar um trabalho), não há muitas das vezes uma motivação familiar para realizar as atividades propostas pelos docentes, o cansaço acaba afetando o estudante, o que leva a ficar sobrecarregado atrapalhando o seu aprendizado.

Esse momento pandêmico trouxe medo e resistência por parte do professor, por não possuir uma relação íntima com as tecnologias, além de não haver uma formação docente adequada desde a sua graduação, ocasionou em desafios nesse novo modelo de ensino. O docente teve que mudar totalmente sua rotina habitual e transformar as metodologias e planejamentos do presencial, para o convívio virtual que é o ensino remoto. Teve que também conciliar o trabalho com os a fazeres pessoais e domésticos, já que sua casa se transformou em seu local de trabalho: a escola.

Conforme Rodrigues (2020, p.44), “inúmeros têm sido os desafios: o suporte tecnológico aos discentes para acompanhamento das atividades remotas, a normatização das ações e dos procedimentos, a formação dos professores”. É notório que falta de formação dos discentes e docentes para o manuseio do uso tecnológico não se faz de hoje por conta desse momento pandêmico, mais desde antes as escolas já poderiam ter adotado as tecnologias como forma de aprendizado na educação de todos da comunidade escolar. Nesse contexto em que a educação está inserida acaba prejudicando e desmotivando aqueles alunos que já não gostavam de estudar prejudicando assim ainda mais o ensino-aprendizagem de todos eles.

Enfrentar uma pandemia é um desafio constante: isolamento social, medo e ameaça da doença, convívio com a ideia de morte. Não é uma situação fácil para ninguém, porém, os estudantes e professores precisam, ainda, adaptar-se a uma nova dinâmica de ensino em suas próprias residências, com pessoas do outro lado da tela e com os amigos e colegas distantes. (SANTOS & ZABOROSKI, 2020, p. 45). Como dizem as autoras, a pandemia está sendo um grande desafio para todos, afetou o emocional e o psicológico de muitas pessoas, principalmente das crianças e adolescentes que estudam na Educação Básica vivem em situações de carência que tendem a lidar com muitas barreiras para assistir uma aula, responder as atividades, ter um lazer ou até mesmo a convivência em casa com todos da família.

Por conta do isolamento social as pessoas estão ficando mais

em casa, com essa nova rotina de não poderem sair e nem de irem a escola muitos estudantes apresentam uma grande dificuldade em conciliar o lazer e o estudo não presencial, culminando em um insucesso de aprendizado ocasionando ao desenvolvimento de doenças como depressão e ansiedade prejudicando a sua saúde.

Estabelecer uma rotina funcional e viável, considerando as diferentes formas de lidar com a situação e os contextos familiares distintos. [...] Outra dica importante quando se fala de rotina é ver quais são as tarefas que devem ser realizadas no dia e alternar momentos de estudo, de convivência familiar e de relaxamento. (MORALES, 2020, p.45).

Para Morales os estudantes devem criar e organizar suas tarefas de uma forma que encontre um bom horário para a realização de todas elas, de maneira que não fique sobrecarregado mais que consiga conviver com essa nova rotina, quando for ter um momento para estudar que se preste atenção no estudo que está fazendo, pois assim encontrará um tempo de se relacionar com a família e poder ter uma folga realizando outra atividade pessoal. Na Constituição da República Federativa do Brasil em seu Art. 206:

Ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; [...]. (BRASIL, 1988, p.123).

Mesmo com a adoção do ensino remoto a escola e os profissionais da educação devem garantir a permanência dos educandos no âmbito educacional garantindo-lhe o direito de aprender, de pensar e de receber as atividades, porém percebe-se que essa não é a realidade de muitos, tal condições necessárias não estão sendo garantidas, pois não há igualdade de condições de acesso à educação entre os estudantes brasileiros, sobretudo, quando se compara alunos de escolas públicas e privadas.

3 Percurso metodológico

Para a construção desse artigo seguiu-se os passos da pesquisa bibliográfica, que segundo Martins e Theóphilo (2016), a pesquisa bibliográfica:

Trata-se de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc. Busca conhecer, analisar e explicar contribuições sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente – análise teórica – ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando à construção da plataforma teórica do estudo. (Martins e Theóphilo, 2016, p. 52).

Essa técnica de pesquisa tem por finalidade informar o leitor as fontes que serviram de referência para a realização da pesquisa. Como os autores bem ressaltam a pesquisa bibliográfica é aquela decorrente de estudos já realizados sobre o tema, podendo ser livros, artigos científicos, revistas entre outros instrumentos. Os estudos acerca da temática se basearam em documentos oficiais disponibilizados pelos órgãos federais que permitem compreender a legislação acerca da educação em um período pandêmico e através de artigos que também abordam o tema.

4 Considerações finais

Dado o exposto, conclui-se que o atual cenário da Educação Básica perpassa por um momento difícil, de dificuldades e desigualdades ocasionadas pela falta de formação docente e discentes adequadas, falta de acesso as tecnologias por todos da escola e que na maioria das vezes não há devida assistência por parte dos governantes. Fica evidente como esse momento pandêmico afetou a vida de muitos professores, estudantes, pais de estudantes e toda a comunidade escolar. Prejudicando todo o ensino/aprendizagem

desses milhões de estudantes, fazendo com os professores mudassem o modelo de ministrar as aulas, planejar conteúdos e adequar as metodologias, para que se formem discentes capazes de transformar a sociedade, tornando-os sujeitos críticos e autônomos.

Os estudantes da Educação Básica estão enfrentando momentos bastantes complicados com esse novo ensino remoto, pois os mesmo encontram dificuldades em entender e fazer as atividades propostas pelos professores. A rotina em casa é diferente das que eles tinham na escola, a falta de interação física com a escola e social faz com esses alunos fiquem mais estressados, sem animo, não querendo fazer as atividades, ficam ansiosos e muitos desses discentes não tem um aparelho e nem acesso a uma internet de qualidade

Dessa forma a Educação Básica em tempos de pandemia está transformando o contexto educacional, que vem se remodelando e buscando soluções para manter e desenvolver um ensino/aprendizagem que contemple a todos os envolvidos nesse processo, adequando há utilização também das tecnologias. É importante que haja o diálogo e compreensão entre as instancias familiares, escolares e órgãos governamentais para que se estabeleça uma boa qualidade no ensino durante o período pandêmico.

Referências

ARRUDA, Eucidio Pimenta. **Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. Em rede revista de educação a distância**, Associação Universidades em Rede (UniRede), v. 7, n.01, p.257-275, maio 2020. Disponível em: 621-Texto do artigo-3318-1-10-20201014.pdf. Acesso: 14/05/2021.

ALVES, Lynn. **Interfaces Científicas: educação remota: entre a ilusão e a realidade**, Educação Fluxo Contínuo, Aracaju, v.8, n.3, p. 348-365, 2020. Disponível em:file:///C:/Users/Usuario/Desktop/Artigos%20sobre%20tecnologias/Lynn%20Alves.pdf. Acesso em: 14/05/2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, Brasília. Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 14/05/2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. Disponível em: <[lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf](#) (senado.leg.br)> Acesso em: 14/05/2021.

BRASIL. **Portal Mec/Conselho Nacional de Educação (CNE).** Dispõe sobre COVID-19. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/pec-g/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/90771-covid-19>. Acesso: 14/05/2021.

CASAGRANDE, Jacir L.; PICOLLI, Icaro R. A.; SOARES, Sandro V. **Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Bibliométrica, Artigo de Revisão e Ensaio Teórico em Administração e Contabilidade.** Florianópolis/SC, 12/04/2018. Disponível em: [Pesquisa bibliografica.pdf](#). Acesso em: 15/05/2021.

ENSINO Remoto: inovando com a tecnologia na educação. Sagrado Rede de Educação, 26/08/2020. Disponível em:<https://www.sagradoeducacao.com.br/pagina/1653-ensino-remoto-inovando-com-a-tecnologia-na-educacao>. Acesso em: 14/05/2021.

FONSECA, Ofélia. **O uso das tecnologias educacionais no ensino remoto**, Estadão, 09 de Setembro, 2020. Disponível em:<https://educacao.estadao.com.br/blogs/colégio-ofelia-fonseca/tecnologias-educacionais/?amp>. Acesso em: 14/05/2021.

FREIRE, P., SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor.** Tradução: Adriana Lopez. 18. ed. p. 1/116. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MORAIS, N. L.; LIMA, Elidiane G. O.; CARVALHO, Ana Beatriz G. **Os professores e o uso de tecnologias digitais nas aulas remotas emergenciais, no contexto da pandemia da**

covid-19 em Pernambuco, EM TEIA -Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana, Universidade Federal de Pernambuco, vol.11, n.2, p. 1-15, 2020.

MORALES, Juliana. **Os Impactos Psicológicos do Ensino a Distância: Psicóloga da Escola Sesc fala sobre os problemas de estudar durante a pandemia e como lidar com eles.**

Guia do Estudante, 27 maio 2020. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/os-impactos-psicologicos-do-ensino-a-distancia/>. Acesso em: 14/05/2021.

KENSKI, Vani Moreira, **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**, 8. ed., Campinas- São Paulo, Papyrus editora, 2012.

O que o uso das Tecnologias Digitais no Ensino Remoto evidencia sobre o futuro da escola. Movimento de

Inovação na Educação, julho 2020. Disponível em: <http://movinovacaonaeducacao.org.br/noticias/o-que-o-uso-das-tecnologias-digitais-no-ensino-remoto-evidencia-sobre-o-futuro-da-escola/>. Acesso em: 14/05/2021.

RODRIGUES, Alessandra. **Ensino Remoto na Educação**

Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. SBC Horizontes, junho 2020. Disponível em: <https://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/ensino-remoto-na-educacao-superior/>. Acesso em: 14/05/2021.

SANTOS, Jamilly R.; ZABOROSKI, Elisângela A. **O ensino remoto e a pandemia covid-19: desafios e oportunidades de alunos e professores**, Revista Interações, n.55, p. 41-57, 2020. Disponível em: SANTOS & ZABOROSKI.pdf. Acesso em: 14/05/2021.

Capítulo 5

DESAFIOS DO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DURANTE O ENSINO REMOTO

Izabel Cristina da Silva Barros¹

Leila Carmo Ferreira dos Santos²

Rodrigo Guedes de Araújo³

1 Introdução

O atual momento que estamos enfrentando trouxeram mudanças significativas, a pandemia da Covid-19 fez com que nós seres humanos adotássemos novas formas de conviver a partir do distanciamento social, que desencadeou o fechamento das instituições educacionais, redirecionando o ensino para a modalidade remota tanto na rede pública quanto na rede particular. Esse novo contexto em que vive a Educação Infantil, vem gerando preocupações diante da necessidade de se pensar a situação das crianças e os desafios enfrentados no que tange a aulas remotas. Sendo assim, a Educação Infantil no momento atual, vem enfrentando desafios diários para conseguir ressignificar e oferecer um ensino/aprendizagem que contemple as demandas das crianças e das famílias no período em que estamos vivenciando durante a

-
- 1 Estudante do 5º semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: Cristinasillva1999@hotmail.com
 - 2 Estudante do 5º semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: leilacarmo02@gmail.com
 - 3 Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos MPEJA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em Direitos Sociais do Campo – Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Conhecimento, Política e Desenvolvimento – UNEB – Bahia. Professor no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da UNEB - Campus de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Membro do Centro Acadêmico de Educação do Campo – CAEDT- Salvador. E-mail: pedagogodaterre@gmail.com

pandemia. É no campo da Educação Infantil, que essas tecnologias tem sido recorrentes para manter o vínculo entre a escola, as crianças e as famílias.

Deste modo, o artigo traz como objetivo principal identificar quais os desafios do ensino remoto na educação infantil, a partir de uma análise sobre o uso das TICs nestes espaços. A nossa pesquisa também buscou problematizar como vem se configurando a educação no ensino remoto para garantir o acesso ao ensino/aprendizagem na educação infantil durante este período excepcional, e para o alcance do objetivo desta pesquisa, buscamos responder ao seguinte questionamento: quais os desafios da educação infantil no ensino remoto? Diante disso e através de leituras e aprofundamentos sobre a temática, evidenciamos que a educação infantil vem sofrendo vários impasses para garantir que as crianças tenham acesso à educação. Um destes impasses é a falta de recursos digitais de qualidade e principalmente a falta de materiais necessários para conseguir realizar partilhas de conhecimentos de qualidade para estes pequenos estudantes.

2 Contextualização histórica da Educação Infantil

Todo o processo histórico que molda o olhar que se tem na modernidade sobre a infância foi demarcado por um cenário de preocupações com as crianças, visto que por um longo período foram maltratadas, escravizadas e abandonadas, tidas como seres incapazes de produzir seu próprio pensamento, sua própria cultura. É importante mencionar que as transformações ocorridas na sociedade como a revolução na indústria e no setor econômico colaboram ainda mais com os maus tratos e o trabalho infantil, com tudo se vê a necessidade de se inserir propostas que visem a integração dessas crianças no contexto social como sujeito histórico.

Philippe Ariés (1981) aponta que, no período da idade média a infância era entendida como uma fase negativa e sem qualquer importância, sendo as crianças seres insignificantes, ou um adulto em miniatura, condição essa devido a forma com a qual

eram vestidas. Um novo olhar começou a se instalar na sociedade a partir dos séculos XVII e XVIII partindo da concepção de criança e infância através dos conceitos de criatividade e pureza, onde se insere assim a disciplina das mesmas, para tais objetivos se mantinham a separação dos adultos em centros e escolas, preparação que seria útil na sua vida em sociedade.

Diante dessa construção, podemos mencionar diversos autores e pesquisadores que se debruçam sobre a temática, apontando suas contribuições e perspectivas. Del Priori (2007) faz uma análise sobre a taxa de mortalidade na infância por maus tratos e doenças, onde tais circunstâncias eram naturalizadas. Bastos (2001) aponta que o jardim de infância não se trata de uma instituição com fins pedagógicos “é uma instituição de caridade para meninos desvalidos, que serve para que a mãe ou pai, sendo minimamente pobres, quando vão para o trabalho, entregue seus filhos[...]”. Toda reforma que se instala sobre o conceito de infância proporciona uma nova visão sobre as condições de desenvolvimento da criança, garantindo cuidados e assistência as suas necessidades, contudo, as creches que eram instituições especializadas a garantirem esse acesso partiam de um conceito assistencialista.

No período do Estado Novo ainda sob o governo de Getúlio Vargas surge um maior comprometimento ao atendimento infantil com a criação do Ministério da Saúde e da Educação, todos mantidos com o auxílio governamental. Micarello (2011) evidencia que durante esse processo “[...] as mulheres encontraram no magistério uma alternativa possível para o ingresso no espaço público e a conquista de independência”. Esse segmento ocasionou a associação da imagem feminina no atendimento a infância.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças,

diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2009, p. 36)

A Constituição Federal de (1988) vem mudando essas concepções partindo do atendimento educacional oferecido a criança pequena, designando o acesso as creches como um direito das crianças de 0 a 6 anos de idade, onde regulamentou-se a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) a educação infantil como a primeira etapa da educação básica afim de assegurar o seu desenvolvimento através dos aspectos físicos, intelectuais, sociais e psicológicos, dando significado para si mesma e a realidade na qual faz parte, promovendo uma passagem dos moldes assistencialista, para uma proposta pedagógica de acordo com cada faixa etária.

A LDBEN 9394/96 aponta em seu Art. 29 que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). A partir desse ponto notamos a importância da participação familiar no processo de ensino/aprendizagem na Educação Infantil.

Nota-se que a Educação Infantil é de suma importância, que contempla também o preparo da criança para o ingresso no Ensino Fundamental. O Estatuto da Criança e do Adolescente Lei nº 8.069/1990 (ECA) em seu Art. 3º dispõe sobre os direitos fundamentais as crianças e adolescente, assegurando-lhes, por lei e por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, com o intuito de facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990). As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009 (DCNEI) aponta em seu Art. 4 que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009)

Destacando que o eixo principal das diretrizes são as interações e brincadeiras, o espaço da Educação Infantil se constitui como precursor dessas relações, sendo que nessa etapa a criança tem contato com outros sujeitos, brincam e desenvolve aprendizagem através de atividades lúdicas e interativas. A Educação Infantil marca o processo de socialização da criança, partindo do contado que se tem nas creches e pré-escolas com diferentes culturas, realidades e vivências que moldam a formação cidadã do ser humano e marca esse ingresso das crianças no contexto social fora do ambiente familiar.

Ao falarmos em Educação Infantil segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e como a mesma vem sendo abordada nesse documento, notamos que a mesma necessita da articulação entre família e escola, sendo que um dos principais pontos que se observa nesse documento é o desenvolvimento psicossocial e de interação. Contudo, a Educação Infantil requer atenção e planejamento exclusivo que possa atender as suas demandas, tendo em vista que se trata de um espaço que recebe bebês e crianças, o trabalho do professor e todo corpo docente da escola deve estar em concordância com as necessidades, conteúdos e metodologias específicas para assim possibilitar o melhor desempenho e acompanhamento das crianças.

3 Surgimento e desafios do ensino remoto

Com o surgimento da COVID 19, um vírus altamente perigoso que surgiu em meados de 2019 a rotina do mundo teve que mudar de maneira drástica, distanciamento social, proibição

de eventos, de festas, escolas e faculdades que tiveram suas portas fechadas, uso de máscara e reforço dos cuidados com a higiene, foram algumas das condições impostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para poder frear a linha de contágio. Este vírus mudou a realidade de vários países pelo mundo, principalmente por se tratar de um vírus com alto poder de contágio que é transmitido de pessoa para pessoa, sendo disseminada por gotículas respiratórias e principalmente transmitida através de espirros, tosse ou objetos contaminados sem que se tenha realizado a devida higienização.

Os sintomas que se assemelham a gripe fizeram com que esses países mudassem a sua realidade e a educação foi o setor mais afetado com essas mudanças. A educação infantil é a que vem mais sofrendo com este processo de transferência do ensino presencial para o virtual, no Brasil com a economia afetada e a educação paralisada, surge medidas para fazer a retomada das aulas mesmo que ainda distante, com isso, surgem então leis para assegurar o direito a educação mesmo ainda a distância com o surgimento do ensino remoto que fará substituição a salas de aulas presenciais por salas de aulas virtuais com interação em tempo real. Deste modo entre em vigor no Brasil diretrizes implementadas sob a Lei Nº 14.040, de 18 de agosto de 2020 que vai estabelecer normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública enfrentada pelo país e reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020; e altera a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009.

Com o intuito de minimizar o dano na relação ensino-aprendizagem, as escolas tentam se reinventarem na forma de ensinar e aprender, inovando e se desafiando ao adentrar neste novo modelo de ensino remoto e se tornado uma alternativa temporária e necessária para continuar com o processo educacional. Com este novo modelo de educação, começam a surgir inquietações e reflexões referente ao enfrentamento da educação neste momento difícil na qual o país se encontra. Alves (2020) afirma que com essas mudanças “as práticas de educação remota cresceram no mundo todo por conta da pandemia e se caracterizam por atividades

mediadas por plataformas digitais assíncronas e síncronas[...]”. Com isso na educação remota o que predomina é uma adaptação das metodologias utilizadas no modelo presencial, que serão substituídas por atividades online, seja no formato síncrona feita em tempo real ou assíncrona de forma offline como realização de outras atividades complementares.

Os professores estão tendo que adaptar os materiais para conseguirem realizar as suas atividades, criando slides, vídeos, digitalizando livros, fazendo atividades para serem entregues aos estudantes e crianças, bem como brincadeiras on-line e dentre outros recursos para ajudar estes estudantes na compreensão e participação, garantindo a construção de conhecimentos. É sabido que, um dos grandes problemas deste ensino remoto é que nem sempre a qualidade destes materiais atende aos objetivos desejados. De acordo com Gomes (2020) citado por Alves (2020) neste processo “as práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais, como aplicativos com os conteúdos, tarefas, notificações e/ou plataformas síncronas e assíncronas como o Teams (Microsoft), Google Class, Google Meet, Zoom[...]” começam a ter um crescimento na sociedade social e se tornando ferramentas necessárias.

Estudos e pesquisas sobre a funcionalidade do ensino remoto também surgem na sociedade para poder identificar se este modelo de educação irá realmente funcionar. Holges, et. Al. (2020) citado por Brito, Lima e Faustino (2020) trazem que essa “modalidade remota se trata de um cenário de incertezas, dúvidas, medos e questionamentos, que surge como uma mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativa” [...] eles ainda acreditam que “devido às circunstâncias de crise é que nos leva a observar os entraves que desafiam a educação antes e durante a pandemia.” Sendo assim, apesar do ensino remoto vim com uma proposta de minimizar os danos ensino-aprendizagem, ela possui fragilidades que não assegura a participação de todos como os oriundos de classe social baixa, levando a uma restrição as tecnologias digitais. Os professores também começam a sentir dificuldade devido à falta de formação para encarar essa nova

realidade vivida em todo o mundo.

Mesmo para funcionar como substituto, excepcional, transitório, emergencial, temporário etc., em que pesem as discordâncias que temos com o ensino não presencial e que iremos abordar, determinadas condições primária precisariam ser preenchidas para colocar em prática o “ensino” remoto, tais como o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamentos adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade; que todos estejam devidamente familiarizados com as tecnologias e, no caso de docentes, também preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais (SAVIANI e GALVÃO, 2020, p.38).

Diante dessas necessidades para se obter um resultado satisfatório, ainda se tem um déficit grande para assegurar um aprendizado de qualidade e inibir a evasão e exclusão escolar. Deste modo, os autores reforçam que as condições mínimas exigidas não foram preenchidas para a grande parte dos alunos e com isso todo mundo teve que se adaptar a essa nova realidade tendo prejuízos e arcando com os custos dessa nova forma de ensinar. Para além disso, eles acreditam que no ensino remoto os discentes não garantem uma aprendizagem satisfatória, mas em contra partida ficam com muitas atividades e se sobrecarregam, de um lado os estudantes passam a ser “autônomos” e vão em busca do próprio conhecimento com a multiplicação de leituras, vídeos, etc. por outro, os docentes estão cheios de trabalhos para corrigir, mensagens de e-mails e aplicativos de mensagens, e várias outras atividades para poderem darem conta.

De acordo com Cavalcanti (2020) para os “estudantes sem acesso algum à internet, com limitação de acesso em função da localização da moradia ou mesmo por falta de condições socioeconômicas, tem que ser disponibilizado o material impresso com as atividades elaboradas pelos professores”. A autora ainda reforça a fragilidade docente com o planejamento remoto, tendo em vista que trabalhar e elaborar essas atividades em casa é bem mais difícil, pois os professores estão visivelmente estressados e ansiosos devido às condições atuais e se questionam sobre a volta

às aulas presenciais e de que maneira acontecerá a nova realidade escolar.

Segundo Brito, Lima, Faustino (2020) “a maior dificuldade encontrada em relação ao ensino remoto, é o acesso dos alunos e a habilidade dos professores em manusear programas e equipamentos para que as aulas aconteçam.” Isso comprova que o ensino brasileiro ainda vive em uma realidade difícil e que sem investimento o ensino remoto fica cada vez mais difícil. São muitas lacunas que ainda precisam ser preenchidas em relação ao ensino remoto para se garantir o acesso à educação e a permanência dos alunos. Alves (2020) acredita que “uma formação para os professores a fim de que aprendam a interagir com as plataformas digitais e pensar em propor atividades que engajem os seus estudantes, diminuindo o nível de stress aos quais estão sendo acometidos[...]” podem evitar este processo doloroso que a educação vem enfrentando com a chegada do deste ensino remoto excepcional.

4 Uso das TICs na educação infantil durante o ensino remoto

Em meio as transformações que se tem na sociedade, o uso das tecnologias vem garantindo um espaço cada vez maior entre as relações sociais e no cotidiano das pessoas, tais meios tornaram-se indispensáveis principalmente no processo educativo de crianças, jovens e adultos aliada as práticas pedagógicas como um instrumento de ensino aprendizagem. Com a evolução da pandemia do Covid-19 e a intensificação do isolamento social, as tecnologias digitais permitiram a expansão do ensino remoto na educação infantil, de forma a reinventar e reorganizar o ensino.

As crianças da chamada “geração dos nativos digitais” não conhecem o mundo sem a Internet, o Google e os smartphones, e ensinam pais, avós e professores a manusearem dispositivos cada vez mais presentes no cotidiano. Nesse contexto, os responsáveis pela educação desses pequenos estão em constante dilema sobre quais os limites do uso de tecnologia, levando em conta as influências positivas e negativas no aprendizado com o uso de dispositivos de tela. (PLAYTABLE 2021, p. 03)

As dinâmicas de aprendizagem ocasionadas pelo distanciamento social evidenciaram a necessidade de reestabelecer o diálogo e a união entre os discentes, famílias e comunidade escolar, buscando como e quais conteúdos e formas de aprendizagem por meios tecnológicos devem ser inseridos no cotidiano desses sujeitos. Para além disso, devemos considerar que grande parte dos estudantes não dispõe de acesso aos recursos tecnológicos, bem como o sistema público não oferece estrutura, evidenciando cada vez mais as desigualdades sociais existentes.

Dessa forma, o planejamento proposto pelos docentes e a organização pedagógica no ensino remoto devem abordar temas e atividades relacionadas com a realidade a qual se está inserido. Visto isso, Cavalcanti (2020) discute que, deve haver a promoção de [...] “situações problemas que desafiem a curiosidade, não deixando de levar em consideração as informações que o estudante já possui como conhecimento empírico[...]”. O despertar do interesse pelo aprender deve ser estimulado no ensino remoto, com métodos que desenvolvam a criatividade e o pensamento crítico nos discentes, fazendo parte das suas atividades cotidianas, ampliando o contato com o lúdico, com o seu meio e com outras crianças.

O uso de tecnologias digitais no contexto escolar propicia diferentes possibilidades para trabalhos educacionais mais significativos para os seus participantes. Entretanto, não devemos esquecer do planejamento de propostas didáticas que busquem o “aprender a aprender”, o “aprender a fazer”, o “aprender a ser” e o “aprender a conviver” [...] (BACICH; NETO; TREVISANI, 2015, p. 68).

As TICs vem sendo bastante utilizada como ferramenta neste processo educativo, desafiando o professor a dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. É necessário compreender que as crianças durante este período, ao fazer o uso do computador ou do ‘smartfone’ tendem a se dispersar e achar cansativo, com isso acabam utilizando esse meio apenas para jogos, assistir desenhos, bem como apresentar também certas dificuldades em manusear essas plataformas digitais, e com isso necessita de uma maior atenção

por parte dos pais, na qual também podem não ter afinidades com a tecnologia. Resendes (2021) faz referência a importância da instituição na escolha da ferramenta, cita que o tablet em uma determinada instituição foi usado com dois aplicativos disponíveis na plataforma Android e levando em conta a potencialidade das crianças ao desenvolver seu raciocínio lógico, o pensamento criativo e habilidades motoras dos alunos, e não simplesmente que promovessem atividades lúdicas e recreativas.

Sendo assim, desafiando todo o processo pelo qual a instituição já estava adaptada no ensino presencial, principalmente o professor com sua abordagem em sala de aula, fica evidente a fragilidade dos professores com essa nova forma de ensino, na qual ocorre uma luta com a falta de formação adequada para superar e se adaptar a este novo modelo de fazer educação. Resendes (2021) ainda coloca que o processo de ensino- aprendizagem na educação infantil e no primeiro ciclo do fundamental deve levar em conta o debate sobre valores morais e éticos para que aconteça o convívio com as diferenças da sociedade. Assim sendo, jogos que ensinam os estudantes a tomar decisões, a escolha entre o certo e o errado, vai permitir que estas crianças aprendam a noção de suas próprias escolhas e consequências fundamentais para a sua formação e na construção de um cidadão responsável.

Kenski (2012) ressalta que o “poder criativo do que os estudantes poderiam fazer com lápis, papéis coloridos, tesouras e cola- materiais que obviamente custam uma fração do preço de computadores”. Ainda afirma que “estudantes de uma escola elementar que realizaram atividades com papéis e tesouras antes de desenvolverem suas versões em computador disseram para Oppenheimer que preferiam a forma manual de realização do trabalho.” Dessa forma, os gestores enfrentam um desafio em escolher a tecnologia educativa, para que dessa forma o aprendizado se torne efetivo e lúdico. Silva (2020) coloca que é na Educação Infantil que a aprendizagem e o desenvolvimento nos mais diversos campos de experiências, vem sempre tomando eixos estruturantes as interações e brincadeiras. Fica claro então, a importância de

garantir o acesso a educação, mesmo com estes problemas, porém também é necessário analisar o tempo de permanência da criança frente ao computador, tablet ou outro meio, pois o excesso a permanência pode causar inúmeras doenças físicas e mentais nas crianças.

5 Considerações finais

Concluimos que diante da realidade atual da sociedade com o período de pandemia da Covid-19, onde evidenciou-se com maior frequência a necessidade do ensino remoto na educação infantil após a suspensão das aulas presenciais, as práticas educativas passam por um processo de reestruturação, visto que todo esse caos vivido gerou de forma explícita uma deficiência do sistema de ensino, visto que muitas crianças não dispõem de acesso a tecnologias que possibilitem o contato com a instituição educativa, e para além disso, muitas famílias se veem no impasse entre o trabalho fora de suas residências. Vale ressaltar que, a etapa da educação infantil se faz através de atividades que proporcionem a ludicidade e impulsionem a curiosidade e a criatividade da criança mediante o seu contexto e a realidade a qual se está inserida, e para que essa aprendizagem aconteça, é necessário a articulação e maior qualificação dos docentes para aproximar as TICs e plataformas digitais que contribuem para o ensino remoto, com a proposta pedagógica centralizada na educação infantil.

Diante dos resultados obtidos com a pesquisa bibliográfica da temática, ficou evidente a necessidade de maior articulação das políticas públicas, bem como das instituições, com programas e ações que visem a acessibilidade para as crianças inseridas na educação, bem como a formação adequada dos docentes para garantir um melhor manuseio das Tecnologias da Informação e Comunicação.

]

Referências

ARIÉS, Philippe: História social da criança e da família, Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BASTOS. M. H. C. Jardim de Crianças – o pioneirismo do Dr. Menezes Vieira (1875-1887). IN: MONARCHA. C. Educação da infância brasileira 1875 – 1983. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRASIL. Lei nº 9.394: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 1-9, dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 19 mai. 2021.

BRASIL. Resolução CNE/CP Nº 2 de 10 de dezembro de 2020. Diário Oficial da União. Brasília, Seção 1, p. 52, dez. 2020.

BRASIL. Lei nº 14.040. Normas educacionais adotadas durante o período excepcional. Diário Oficial da União, Brasília, ago. 2020.

BRASIL. Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei no 8.069/1990 (ECA), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 (LDBEN) Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Resolução CNE/CP Nº 2, De 22 de Dezembro de 2017.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo; TRVISANI, Fernando (Orgs). Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

CAVALCANTI, Isabella. Educação infantojuvenil em tempos de isolamento social. 1. ed. 4. vol. Belém: Rfb Editora, 2020.

DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. 6. Ed., São Paulo, Contexto, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Papirus editora, 2012.

MICARELLO, Hilda. Formação de professores da educação

infantil: puxando os fios da história. In. ROCHA, E. A. C.; KRAMER, S. (Orgs). Educação Infantil: enfoques e diálogos. Campinas, SP: Papyrus, 2011, p.432.

RODRIGUES, Coelho Marta Janine. SANTOS, Priscila Galdino dos (Orgs). Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia. João Pessoa: editora do CCTTA.

SILVA, Cássia da. LIMA, Rodrigues Janaína Cícera (Orgs). Ensino Remoto e metodologias aplicadas no ensino a distância. João Pessoa: ideia, 2020.

SAVIANI, D; GALVÃO, A. C. Educação na Pandemia: a falácia do 'ensino' remoto. Universidade e Sociedade ANDES-SN, ano XXXI, janeiro, 2021.

TECNOLOGIA como ferramenta tecnológica. Playtable, 2021. Disponível em: <<https://playtable.com.br/blog/ebook-a-tecnologia-como-ferramenta-pedagogica-para-educacao-infantil-e-o-ensino-fundamental-serie-coronavirus>>. Acesso em: 27 maio 2020.

Capítulo 6

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Sheila Pereira Sales Oliveira¹
Verônica Cristina Silva Brito²
Rodrigo Guedes de Araújo³

1 Introdução

Durante o ano letivo de 2020 e de 2021, as instituições escolares tiveram que se readaptar, às pressas, para poder aderir ao ensino remoto por conta do distanciamento social que impôs a suspensão das aulas presenciais durante pandemia. É perceptível que a inclusão das crianças com deficiência em algumas escolas, foram afetadas, pela falta de saberes em relação, de como adaptar as aulas a distância, de acordo com a necessidades das deficiências de cada educando. Nos dias que estamos vivendo um isolamento com ensino remoto, atividades impressas entregue a cada dois dias, e videoaulas, onde vem se tornando mais frequente nas aulas online, tendo em vista isso tudo que estamos passando, essas aulas dessa forma está dando certo a crianças com deficiência? Um aluno surdo só vendo as aulas pela tela do computador

-
- 1 Graduada do 5º semestre no curso de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: sheilasales228@gmail.com
 - 2 Graduada do 5º semestre no curso de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: cris-silvabrito@outlook.com
 - 3 Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos MPEJA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em Direitos Sociais do Campo – Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Conhecimento, Política e Desenvolvimento – UNEB – Bahia. Professor no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da UNEB – Campus de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Membro do Centro Acadêmica de Educação do Campo – CAEDT – Salvador. E-mail: pedagogodaterra@gmail.com

consegue entender o que o professor está falando sem auxílio nenhuma tradução correta? E uma criança com deficiência visual vai conseguir compreender o que a professora está falando sem nenhum áudio descrição?

Entre estas, muitas outras dúvidas parecem perante estes assuntos, as faltas de formações preocupam e acabam virando um verdadeiro desafio para estudantes e Professores perante a inclusão nas aulas remotas. Em algumas instituições, familiares não conseguem entrar em contato com professores e as tarefas e dúvidas, parecem sufocar pais e estudantes. Docentes que antes da pandemia não tinham muito contato com a tecnologia, que já tinham dificuldades antes em trabalhar a Inclusão presencialmente, estão tendo agora que lidar com os dois desafios de uma só vez.

Perante tais situações é importante procurarmos compreender, a situação que estamos passando perante a pandemia e, refletir os efeitos causados na educação as evoluções que a educação que a teve, dificuldades que os alunos estão tendo, mas também uma nova forma em que a tecnologia se mostrou, ainda mais presente nas escolas nos mostrando, o quanto ela é uma importante ferramenta para o desenvolvimento estudantil. A tecnologia assistiva (TA), está sendo a uma grande ferramenta, que antes usada nas aulas presenciais, mas agora principalmente nas aulas remotas como forma de inclusão e adaptação para as aulas de crianças com deficiência, neste momento de isolamento social.

Os relatos dos pais de reclamação em relação as aulas do ensino remoto é bem constante, pois está havendo uma falta de adaptação com as atividades a distância, com as crianças com deficiência, pois tem que ter um acompanhamento com um contato físico, seja ela ensino infantil, fundamental ou médio. Percebemos que escola teve que se reinventar, e teve que ter uma adaptação rápida para o acolhimento do ensino remoto por decorrência do crescimento constante da pandemia. Tendo em vista que a inclusão de crianças com alguma deficiência, que já tinham algumas barreiras a serem ultrapassadas na educação brasileira, apareceram novas dificuldades a serem vencidas.

A seguir neste artigo, buscaremos assim, compreender os desafios passados pela equipe escolar, discentes e seus familiares, nas aulas remotas perante a pandemia da Covid-19 e, como a tecnologia que está sendo o caminho atualmente para que ocorram as aulas, possam oferecer a solução de muitas dúvidas, através da TA (Tecnologia Assistiva)

2 As percepções do nosso “novo normal” com a Inclusão social

Portanto, diante da omissão do MEC em propor ações inclusivas para os alunos com deficiência fica a cargo da escola o papel de promover meios de acesso à educação, ou seja, a escola deve considerar em suas ações as diferentes situações que envolvem esse processo de inclusão, além de ser necessário considerar as necessidades educativas dos alunos com deficiência e oferecer metodologias diversificadas para promoção da aprendizagem principalmente para que não haja perdas futuras no aprendizado. Inclusão estão perdendo seu meio, pois existe diversas dificuldades. Podemos perceber que as aulas online não são pensadas para as crianças com inclusão. Temos em conta que as aulas não vem adaptada para as crianças com inclusão. Os professores foram pegos de surpresa, e as crianças também. A sala de aula deve ser um lugar de aprendizagem e apresenta as habilidades dos alunos, expor novas ideias e práticas onde o professor é o mediador dessas novas etapas.

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015, p.02).

Com está realidade pandêmica, nos trazem reflexões sobre a importância da sala de aula e a sua importância como um espaço de aprendizagem, nos trazendo certos questionamentos. Como uma criança autista vai conseguir se concentrar em uma aula remota com os outros coleguinhas fazendo barulho, como um deficiente

auditivo vai conseguir entender as aulas sem um intérprete de libras na tela do computador, e foras outras comorbidades, outras deficiências. Palú, Scrütz e Mayer, nos diz:

O que se quer dizer é que, neste momento de crise, com os desdobramentos e as consequências que acompanham uma pandemia, a condição da pessoa com deficiência pode ser reforçada e/ou ofuscada, deixando a percepção de que sua existência e vida estão em segundo plano. (PALÚ, SCHÜTZ e MAYER, 2020, p. 180).

Crianças com Síndrome de Down precisam de um contato físico, elas precisam de atenção mais de perto, pois sabemos que são crianças dispersas, e tem muitos pais que não conseguem ensinar da forma que os professores especializados. As escolas deveriam disponibilizar também, um canal de auxílio aos familiares que se encontram com alguma dificuldade em promover o trabalho com as crianças em casa. Segundo Ross, 1998, p. 241 Atribui-se aos pais a responsabilidade pela formação da autoestima da pessoa com deficiência vinculando-se, portanto, a sua função quanto a formação emocional. Conseqüentemente os pais contribuem para a superação dos efeitos negativos da deficiência, favorecendo assim, a própria aceitação de sua condição.

As desigualdades no Brasil ganham ainda mais dimensões nesse tempo de pandemia, pois a luta pela inclusão que havia sido travada há bastante tempo pelo direito de acesso e permanência em um ensino igualitário na escola regular, dá uma pausa, no mesmo momento em que se inicia uma nova luta pelos direitos dos alunos com deficiência vivenciar a educação inclusiva nesse novo formato de ensino.

A inclusão de pessoas com deficiência na resposta e recuperação da COVID-19 é uma parte vital da consecução do compromisso de não deixar ninguém para trás, e um teste crítico dos compromissos globais da Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (CDPD). (Nações Unidas, 2020).

Com tudo diante da suspensão do MEC em sugerir ações inclusivas para os alunos com deficiência fica a cargo da escola o

papel de promover meios de acesso à educação, isto é, a escola deve considerar em suas ações as diferentes situações que envolvem esse processo de inclusão, além de ser necessário considerar as necessidades educativas dos alunos com deficiência e oferecer metodologias diversificadas para promoção da aprendizagem principalmente para que não haja perdas futuras no aprendizado.

3 Tecnologia Assistiva: o passo para a autonomia.

Perante a pandemia do Covid-19, que está sendo uma árdua batalha contra a humanidade, a tecnologia está sendo o maior instrumento, para continuidade no mercado de trabalho, informação, saúde e principalmente educação, mesmo no isolamento. Em meio à educação inclusiva, antes mesmo deste vírus, utilizava-se dos meios tecnológicos para a melhor aprendizagem e desenvolvimento de crianças e jovens com algum tipo de deficiência nas escolas, a Tecnologia Assistiva. Mas você sabe do que ela se trata?

A Tecnologia Assistiva (TA) segundo as autoras Mara Lúcia Sartoretto e Rita Bersch, no site Tecnologia Assistiva Tecnologia e Educação (2021), é utilizado para identificar todo o arsenal de Recursos e Serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover Vida Independente e Inclusão. Ou seja, esta área é voltada para o aumento da qualidade de vida e desenvolvimento, das pessoas com deficiência. Tendo assim, diferenças com a Tecnologia Educacional, que é focada em todo o âmbito educacional, diferenciando-se da TA, sendo centrada somente para a área da Educação Especial. Esse meio tecnológico, permite que elas, com deficiência física, motora, psicológica, etc. Possam utilizar deste meio com ainda mais facilidade e segurança. São adaptações tanto em softwares, hardwares, nas estruturas dos computadores, celulares, tornando-as mais acessíveis, indo mais além do que muitos imaginam, além dos programas e, deste aparelhos tecnológicos, vão desde uma bengala ajustável,

uma escova de dentes adaptada, um mouse de computador pelos movimentos da boca, a um objeto que ajude a vestir alguma peça de roupa, ou um lápis mais grosso para mais firmeza ao escrever. Além desses, existem muitos outros exemplos, pois a Tecnologia Assistiva, visa com detalhes, cada necessidade passadas pelas pessoas com deficiência a cada momento do dia, seja para se locomover à se vestir.

Já no meio educacional, a TA, auxilia no desenvolvimento de muitos estudantes tanto nas escolas, quando nas suas casas. Através dela, tiveram autonomia na informática, que antes não tinham, como pessoas com pouca mobilidade corporal. Os de baixa visão, de poderem ler um texto para os colegas de turma, utilizando a lupa eletrônica, como antes sem ela, faria com mais dificuldade. Assim aumentando a autonomia destes estudantes, crescendo a inclusão comportamental. Além disso, a TA, é um caminho para uma melhor aprendizagem destes estudantes, pois com acesso a tecnologia é um passo mais perto de diversas informações e novos conhecimentos.

[...] as ajudas técnicas e a tecnologia assistiva constituem um campo de ação da educação especial que têm por finalidade atender o que é específico dos alunos com necessidades educacionais especiais, buscando recursos e estratégias que favoreçam seu processo de aprendizagem, habilitando-os funcionalmente na realização das tarefas escolares. (MEC, 2006, p. 19).

Na sala de aula, os desafios vêm como um processo de aprendizagem e desenvolvimento, tanto para os alunos, quanto para os professores. Cada dia letivo é uma nova oportunidade para uma quebra de barreiras. Em sala a tecnologia Assistiva é utilizada para esta finalidade, em busca também da autonomia. A realização de tarefas, pesquisas online, atividades interativas com os colegas de turma, são avanços importantes para o desenvolvimento psicológico da(o) criança/jovem com deficiência. Segundo a Lei Brasileira da Pessoa Com Deficiência no art.14 parágrafo 1, nos diz:

[...] O desenvolvimento de potencialidades, talentos, habilidades e aptidões físicas, cognitiva, sensoriais psicossociais, atitudinais, profissionais artísticas que contribuam para a conquista da autonomia da pessoa com deficiência e de sua participação social em igualdade de condições e oportunidades com na dessas pessoas (Parágrafo único).

Por isso, é importantíssimo a equipe da instituição, estar sempre em busca dos materiais tecnológicos voltados para a Inclusão, para se aproveitar toda oportunidade e capacidade dos estudantes de aprender. Uma escola que seja focada na no desenvolvimento e acessibilidade de todos os alunos. É preciosa a união da equipe escolar, que busca a Inclusão das pessoas com deficiência e valorizam o rico valor que cada discente tem dentro de si. Por isso é importante o planejamento de cada passo dado pela equipe escolar, para melhor desempenho e favorecimento de cada aluno.

[...] A garantia de acessibilidade deve ser contemplada no Projeto Político Pedagógico da escola de educação básica e no plano de desenvolvimento da instituição de Educação Superior. Para tanto, deve estar assegurada em seu planejamento e na execução orçamentária, na composição do quadro de profissionais, nos projetos pedagógicos dos cursos, no investimento de infraestrutura arquitetônica, nos serviços de atendimento ao público, no sítio eletrônico, no acervo pedagógico e cultural, nos materiais didáticos e pedagógicos e nos equipamentos e demais recursos tecnológicos.” (Santos 2015, p. 53).

O PPP (Projeto Político Pedagógico) além de trazer acessibilidades arquitetônicas para a escola, também deve manter principalmente a atenção sobre o conteúdo Pedagógico para as aulas. Trazer estes materiais TA, para dentro da sala de aula, é um avanço na aprendizagem dos estudantes com deficiência e uma grande ajuda na execução do trabalho pedagógico do professor. Em muitos casos, os adaptadores necessários para certas atividades e aparelhos para específicas deficiências, tem um valor mais elevado ou é difícil de ser encontrado para compra. Nestes casos, entra a criatividade dos professores e pais dos discentes, para adaptações

em materiais escolares para mais conforto na hora de estudar. Como por exemplo, enrolada tiras de EVA nos lápis para ficar mais fácil de ser segurado, um “inclinador” de teclado de computador feito de papelão, ficando em uma melhor posição para deficientes físicos, brinquedos adaptados em alto relevo, e muitos outros. Assim, é sempre importante a relação entre família e professores, para melhor conhecimento do aluno.

Em um tempo difícil que a humanidade inteira está passando por consequência da pandemia, as comunidades escolares tiveram que se adaptar a nova realidade das aulas remotas, aulas a distância que muitas vezes acabam trazendo dificuldades e desafios para os alunos e principalmente professores. Um destes desafios são de como tornar as aulas a distância mais Inclusivas, visando por cada deficiência de seus estudantes. Segundo o Instituto Fabris Ferreira, no artigo Aluno com deficiência na pandemia, relata que, esse contexto, faz-se necessário encarar a pandemia como uma oportunidade para aprender e descobrir como inovar as vivências e práticas Pedagógicas. (2015, p.4) não sendo somente um momento de aprendizagem para os estudantes, mas principalmente para os educadores. As aulas remotas vieram para muitos como um momento de desafios, muitos professores tiveram que vencer mais está barreira e aprender conviver diariamente com a tecnologia que muitos antes não tinham muita prática. Perante a Inclusão, estas dificuldades se tornaram mais aparentes, de como tornar as aulas a distância mais Inclusivas. Assim como já apresentado no início deste artigo, muitos discentes com deficiência, estão tendo dificuldades com as aulas online e os seus pais, de como lidar com está situação.

Por isso é importante toda equipe escolar, pensar em melhores maneiras para estar lidando com essas dificuldades. Primeiramente estando conforme com o PPP da escola, estar adicionando nas aulas online, melhores práticas pedagógicas inclusivas, de acordo com cada deficiência dos estudantes de cada turma. Procurando assim, programas, softwares, que auxiliem o professor a estarem adaptando suas aulas. Por exemplo, ter um intérprete de libras no canto da tela em um tamanho razoável e com legendas para

crianças com deficiência auditiva. Com a falta destes interpretes, com a legenda, estará lhe ajudando, a compreender o assunto passado em aula. É importante também, que o professor esteja compromissado, a estar adaptando até a forma de agir durante as aulas, tornando as mais interativas e que auxilie as crianças com deficiência de TDAH, autismo e entre outros, a estarem mais entretidas dentro da aula. Atividades passadas para casa, sejam adaptadas com fontes (exemplo, Arial, fontes que sejam limpas) que os estudantes com baixa visão possam estar conseguindo responder as questões. Facilitando também para os familiares dos estudantes a estarem acompanhando e as auxiliando neste momento de ensino pedagógico.

Os alunos com deficiência devem ser acompanhados de forma mais adequada neste período de isolamento, devendo a escola estabelecer um canal de direto com a família e fornecer momentos de “tutoria individual” conforme a necessidade. (I.F. Ferreira, 2015, p. 5).

Com esses novos desafios e principalmente dificuldades tanto dos estudantes, mas principalmente dos professores, neste novo mundo do ensino remoto, é necessário a união da equipe escolar, em parceria com a secretaria de educação, em busca de formações continuadas para os professores, com o objetivo de buscar melhores planejamentos, para aulas mais Inclusivas neste momento de educação a distância.

[...] Ninguém pode negar que a realidade social ensino instituição educacional e as finalidades do sistema educacional evoluíram e que como consequência dos professores devem sofrer uma mudança radical em que forma de exercer a profissão em que seu processo de incorporação e formação. (Imbernón, 2010, p. 15).

Havendo formações, os professores teriam mais oportunidades de melhor desempenho em diferentes situações. Algo também indispensável, é a relação entre Professor e família dos alunos. Sabemos que a família tem contato direto com do estudante com deficiência, e em muitos casos o aluno encontra dificuldades em certos conteúdos, onde a família muitas vezes, não sabem o que fazer

para ajudar. Assim, é necessário o acompanhamento do professor para auxílio pedagógico para a família, para junto ao discentes, ultrapassar as barreiras e contribuir para o seu desenvolvimento.

Mesmo perante tantos desafios e dificuldades, a Tecnologia Assistiva está para nos auxiliar a desenvolver, a crescer. Nestes tempos de isolamento professores e alunos estão passando por dificuldades mas visando por mundo de inclusão. A TA é uma ferramenta para os estudantes, expressarem a força e a coragem que eles tem. A equipe escolar em união com as famílias, só influenciaram para que estes estudantes “voem” cada vez mais alto.

4 Processo metodológicos da pesquisa

Para a realização deste artigo de base qualitativa, foram feitas pesquisas bibliográficas, através de livros, sites, artigos e revistas online, para a melhor compreensão na temática abordada neste artigo. Segundo Severino, em seu livro *Metodologia do Trabalho Científico*, nos apresenta que o ensino e aprendizagem só serão motivadores se seu processo se der como processo de pesquisa. (2013, p. 10) o pesquisar, alimenta o conhecimento, dando assim, autonomia, coragem de seguir em frente, tanto para futuros profissionais, quanto aqueles já exercem. Como instrumentos para formulação de texto, foram utilizados celulares, tanto para pesquisa, quanto para a escrita.

5 Considerações finais

Ao analisarmos tudo que já vimos aqui, percebemos, quantas dificuldades, familiares e Professores estão passando perante este tempo de pandemia. Mas como a tecnologia também está ajudando a continuarmos nos estudos e trabalhos, em um momento que mal podemos sair de nossas casas para seguir a antiga rotina. A TA (tecnologia assistiva), também surge de uma nova forma, antes uma “pequena” ferramenta, não muito captada pelos olhos, hoje se torna mais aparente. Enriquecendo as aulas online,

transformando-as mais Inclusivas. Perante aos olhos de muitos, a Educação Inclusiva tem uma visão fragilizada, pequena, não muito aparente. Mas, quando olhamos de perto, conhecemos sua história e as lutas, por cada vida, que antes muitos ignoravam, perceberemos o quanto essa área da educação é forte e necessária. É importante a união da equipe escolar, familiares, alunos e comunidades, para que todos busque pela tão precisa Inclusão.

Referências

BRASIL, Câmara dos Deputados. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, p. 43, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 06 de junho. 2015.

CURY, Carlos Roberto Jamil et al. **Aluno com deficiência e a pandemia**. Instituto Fabris Ferreira. Prudente – SP. 2015 . Acesso em: 6 jun. 2021.

IMBERNÓN, Francisco . **Formação Continuada de Professores**. 2010. 120 p. São Paulo. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=dONtDgAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=a+importancia+da+formacao+continuada+para+professores&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjz3KK33YjxA-7kGHZnzCzAQ6AEwAnoECAMQAw#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 5 jun. 2021

MEC. Ensaio Pedagógicos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

NURBEGOVIC, Milene. **Relação professor, aluno e família: a educação unida para o sucesso**. ABDA. 2017. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/conclusao-de-trabalho/>. Acesso em: 10

mai. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU].
Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.
Doc. A/61/611, Nova Iorque, 2006.

O ensino remoto e as crianças com deficiências: elas foram esquecidas?. Canguru News. 2021. Disponível em: <https://cangurunews.com.br/a-crianca-com-deficiencia-na-quarentena/>. Acesso em: 4 jun. 2021.

PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro.
Desafios da educação em tempos de pandemia, Editora Ilustração, Cruz Alta – Brasil, 2020.

SANTOS, Martinha Clarete Dutra dos. **O direito das pessoas com deficiência à Educação Inclusiva e o uso pedagógico dos recursos de Tecnologia Assistiva na promoção da acessibilidade na escola: diferença entre citação curta e citação longa nas normas da ABNT.** Brasília, DF, 2015.

SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita. Tecnologia Assistiva. Assistiva Tecnologia e Educação. 2021. Disponível em: <https://www.assistiva.com.br/tassistiva.html>. Acesso em: 5 jun. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=YvXDAwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=a+import%C3%A2ncia+do+pesquisar&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKewi27an92YnxAhUjpZUCHes0AwUQ6AEwAHoECAsQA#wv=onepage&q=a%20import%C3%A2ncia%20do%20pesquisar&f=false>. Acesso em: 8 jun. 2021.

SOUZA, Andreia; SIRQUEIRA, Adriana; BAHIA, Camila.
Tecnologia Assistiva: inclusão no ensino remoto. YouTube. UFUBA. Disponível em: <https://youtu.be/bi-01bn3tOg>. Acesso em: 5 jun. 2021.

PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro.
Desafios da educação em tempos de pandemia, Editora Ilustração, Cruz Alta – Brasil, 2020.

Capítulo 7

ENSINO REMOTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: AVALIAÇÃO SOBRE OS RECURSOS TECNOLÓGICOS¹

Karen Santos Gonçalves²

Lidiane Alves da Silva³

Paula Bruna Soares dos Santos⁴

1 Introdução

Com a pandemia do COVID-19 o Ministério da Educação se viu obrigado a adotar como medida de segurança o isolamento social, paralisando todas as atividades presenciais nas escolas, o que afetou todo o sistema educacional brasileiro. Desta maneira surgiu a necessidade de adaptação para que as atividades das escolas e universidades não fossem totalmente prejudicadas por conta da pandemia. Sob orientação do CNE (Conselho Nacional de Educação) as secretarias optaram pelo ensino remoto para execução das atividades na educação básica.

Para entendermos de forma mais concisa sobre o ensino remoto na educação básica com uso das TICs, temos como objetivos: Compreender como a educação básica está lidando com o ensino remoto e uso dos recursos tecnológicos; identificar como o ensino remoto está sendo executado; analisar como a escola está

1 Artigo apresentado como requisito avaliativo do componente de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) ofertado a turma de Pedagogia (2018.1) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no período letivo de 2021.1

2 Estudante do 5º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Email: karen16j@hotmail.com

3 Estudante do 5º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Email: lidianeasilva87@gmail.com

4 Estudante do 5º Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Email: paulabubu70@gmail.com

fazendo o uso dos recursos tecnológicos; identificar as dificuldades na inserção do ensino remoto e uso dos recursos tecnológicos. O presente artigo está organizado em três tópicos de desenvolvimento, percurso metodológico e por fim as considerações finais. Os autores utilizados foram: Alves (2020); Daros (2020); Cunha, Silva e Silva (2020); Júnior et al. (2020); Leite e Ribeiro (2012); Oliveira, Silva e Silva (2020); Ribeiro et al. (2020); Saraiva, Traversini e Lockmann (2020);

Apesar da paralisação, de acordo com Saraiva, Traversini e Lockmann (2020) não significou que seria um período de folga para os alunos e professores, o que seria apenas a suspensão das atividades presenciais. Nesse cenário o sistema educacional vigente sofreu grandes mudanças na tentativa de colocar o ensino remoto em prática, o que perpetuou também na educação básica, sendo assim as atividades seriam adaptadas para serem realizadas através de ferramentas tecnológicas.

É importante ressaltar que muitos ainda confundem ensino remoto com o modelo EAD, ambos se diferenciam em vários aspectos. De acordo com Daros (2020) As aulas remotas não são consideradas uma modalidade de ensino, e sim como uma solução rápida e acessível para muitas instituições, sendo utilizada em um período curto de tempo, já o modelo EAD, se diferencia pelo fato de que toda sua estrutura e metodologia pensada para garantir o ensino e educação a distância.

Na educação remota o processo ensino-aprendizagem é estabelecido através de práticas pedagógicas que são promovidas através de plataformas digitais, como aplicativos com os conteúdos, tarefas, notificações e/ou plataformas síncronas e assíncronas como o Teams (Microsoft), Google Class, Google Meet, Zoom (GOMES,2020, apud ALVES, 2020) Portanto vemos surgir um novo mercado de aplicativos voltados para essa finalidade, o que gera uma grande competição em busca de conseguir o maior número de usuários, o que pode explicar as constantes atualizações desse aplicativos e a melhora destes.

Este é um tema de suma importância que vem ganhando destaque no cenário atual tornando muito relevante para o conhecimento de professores, futuros professores e comunidade acadêmica, buscando compreender melhor procuramos por meio da pesquisa bibliográfica artigos, autores que nos possibilitaram uma maior compreensão do assunto.

Como sabemos a educação básica foi atingida pelo distanciamento social tendo que parar por um momento as aulas presenciais, o ensino remoto foi uma saída para dar continuidade nas atividades. Porém existe demandas que dificultam a qualidade deste ensino. Sendo assim temos a indagação: Como a educação básica está lidando com o ensino remoto com a utilização dos recursos tecnológicos?

A vulnerabilidade social e desigualdade social é um dos principais problemas que a educação enfrenta, pois a educação básica envolve diversos alunos de diferentes classes sociais.

2 Ensino remoto e Educação Básica

O ensino remoto surgiu como uma solução temporária na oferta da educação. No início da pandemia foi preciso aderir ao distanciamento social logo as instituições escolares fecharam as portas. Essa foi a estratégia mais eficaz para o momento, porém sabemos que esse método não é eficaz o suficiente para a qualidade educacional.

O ensino remoto é semelhante ao ensino EAD já que ambos utilizam a Internet e outros variados recursos tecnológicos. A educação EAD é uma modalidade de ensino que tem todo preparo integral na garantia da educação, diferente do ensino remoto que é um mecanismo urgente onde a comunidade escolar cria sua própria metodologia de acordo a realidade dos alunos. É um processo dinâmico, flexível e adaptável.

Segundo Saraiva, Traversini e Lockmann (2020), o ensino remoto muda a hierarquia das aulas presenciais deixando de ter

a vigilância dos professores e passando a exigir a fiscalização e organização dos pais. Todas essas mudanças causam redução dos resultados dos alunos pois distante do professor que faz a mediação do conteúdo o estudante precisa mais do apoio dos pais. (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020).

Diante disso, evidenciando a realidade das escolas públicas, as famílias estão em vulnerabilidade social onde é comum pais trabalhar fora, não ter tempo para ajudar os filhos e falta de instrução devido a baixa escolarização. (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020). Essas pautas nos levam a pensar se o ensino remoto está sendo mesmo eficaz quanto as aulas presenciais. (SARAIVA, TRAVERSINI e LOCKMANN, 2020).

Saraiva, Traversini e Lockmann (2020) fala que professores no ensino remoto está tendo a carga horária maior referente a necessidade de planejar, elaborar atividades, tirar dúvidas dos estudantes e pais causando uma exaustão docente, gerando estresse, esse é um dos desafios que o ensino remoto impôs. O corpo docente tem a obrigatoriedade de assumir aulas mesmo sem se sentir preparados, tendo que lidar com alunos e famílias, recursos tecnológicos e outras demandas que são colocadas na responsabilidade do educador. (ALVES, 2020).

O uso dos recursos tecnológicos também é um problema pois há uma dificuldade por parte de alunos e professores, tanto na aquisição de bens como na execução de meios digitais, como internet, algo que não é acessível para todo mundo confirma Saraiva, Traversini e Lockmann (2020).

O distanciamento social interferiu bastante na educação básica pública, esta tem um cenário de vulnerabilidade muito grande (ALVES, 2020). Toda via, foi preciso fazer novos planejamentos para que a educação remota supra a lacuna na educação, enfatiza Cunha, Silva e Silva (2020).

De acordo com Cunha, Silva e Silva (2020) neste período de afastamento presencial os sistemas de ensino devem orientar as famílias a acompanhar o desenvolvimento do aluno. Complementa

ainda a importância do acompanhamento familiar no ensino remoto em relação aos níveis de ensino já que nos anos iniciais os alunos têm maior dependência, nos anos finais e ensino médio o estudante já tem uma autonomia maior.

Além da mediação familiar o ensino remoto deverá ter a função pedagógica sendo desenvolvidos por meios digitais, aula-online, ao vivo ou gravadas, redes sociais, plataformas virtuais. (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020). Entretanto para a inclusão dessas tecnologias de forma eficiente é necessário diversos fator sendo um deles o domínio do professor e outras facetas pontua Leite, Ribeiro (2012). Além disso como já foi citado o ensino remoto neste sentido traz verdades vivenciadas pelos estudantes que são a maioria de classe baixa, escancarando um cenário de precariedade não sendo possível estudar no meio digital. (ALVES, 2020). Essa realidade tem como consequência a evasão escolar (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020).

A educação básica está dividida por níveis, etapas e modalidades, cada uma tem singularidades diferentes devido as desigualdades estruturais da nossa sociedade. Com isto a educação remota trouxe grandes questões e desafios de adaptações rápidas usando recursos digitais de forma emergencial sobrecarregando e causando exaustão docente. (SARAIVA, TRAVERSINI e LOCKMANN, 2020).

Parecer CNE/CP nº 5/2020 – Na educação infantil é importante a interação social por meio da ludicidade para o desenvolvimento cognitivo, porém a realidade é o distanciamento social, o que poderá ocasionar atraso dos alunos, esse nível é de crianças menores. Neste sentido o ensino remoto não supre a educação infantil por meios digitais e ainda carece do auxílio dos pais. Sendo assim os pais devem receber orientações dos professores. Com todo esse cenário percebemos que esse é um modelo que pode funcionar com qualidade, mas dependendo dos fatores que a família tem, essa estratégia se torna inalcançável.

No ensino fundamental nos anos iniciais se encontra o

ciclo de alfabetização sendo fundamental o acompanhamento de um adulto, com a emergência essa fase é complexa, precisando de um cuidado maior. Nos anos finais as propostas pedagógicas não presenciais tem resultados positivos pois tem independência maior que as das séries iniciais. No ensino médio a autonomia dos estudantes garante o ensino remoto por recursos tecnológicos.

Após essas elucidações o que observamos é o ensino remoto sendo aplicado nos diferentes níveis e etapas na educação básica, executando de diferentes formas devido as desigualdades sociais que encontram os estudantes. (ALVES, 2020).

Além destas questões Sariva, Tarversini, Lockmann (2020) Relata a ênfase nas tecnologias digitais que cada vez mais ganhando espaço, mas por si só ela não garante a qualidade da educação. (ALVES, 2020), relata que as plataformas digitais, por conta do letramento digital ou por limitações para acesso.

Em contraponto a isso, aos problemas da mediação digital, muitas escolas disponibilizam tarefas impressas que devem buscá-las na escola. (ALVES,2020)

Outro aspecto também importante é referente as frustrações dos estudantes nestes cenários, por mais que crianças e adolescente tem facilidade para interagir com plataformas digitais, a relação com o ensino remoto é muitas vezes angustiante e desagradável. (ALVES, 2020).

Neste contexto, compreende a educação remota sendo uma adaptação temporária emergente que se encontra acentuado em problemas socioeconômicos, educacionais e sociais, uma realidade complexa que vem se configurando ainda nos tempos atuais. Para além disso nota-se que estudantes, professores e famílias se esforçam na tentativa de superar obstáculos. (CUNHA, SILVA e SILVA, 2020)

No entanto, isso se opõe as desigualdades e dificuldades enfrentadas pelos alunos referente a vulnerabilidade, falta de acesso a recursos tecnológicos e internet. Contudo o cenário vai guiar as estratégias que a educação deverá seguir.

3 Ensino remoto e a utilização das TICs na Educação Básica

No ensino remoto o uso das Tecnologias da Informação (TICs) se tornou indispensável para a execução das aulas, na etapa da educação infantil vemos que ela vem sendo utilizada de forma mais sutil do que nos outros níveis de ensino, como vemos no (Parecer CNE/CP nº5/2020) na educação infantil a utilização dessas ferramentas deverá ser feita apenas quando for necessário, o que não diminui a sua importância nas outras etapas da educação básica, na qual o uso de plataformas digitais é a principal forma de se manter a execução das atividades escolares.

Nesse contexto de educação remota a inserção das TICs colaborou para mudanças significativas nas práticas pedagógicas. “(...) nesse novo cotidiano que o professor tem vivenciado durante a pandemia, ele se permita aprender, que essas vivências e experiências possam servir de mote para transformações (...)” (OLIVEIRA, SILVA e SILVA, 2020, pág. 32) como vemos esse é o momento para que o professor possa ressignificar suas práticas, tornar as aulas mais interativas e dinâmicas é fundamental para conseguir manter a atenção das crianças durante a realização das atividades.

A proposta de Educação remota para rede pública na Bahia, pode se constituir em um grande equívoco, pois os estudantes, na sua maioria, são oriundos de classes sociais mais baixas, sem acesso a tecnologias digitais, vivem em casas que têm pequenos espaços, onde muitas vezes não têm lugar para estudar. (ALVES, 2020, p. 355).

Como vemos, um dos grandes desafios para se colocar em prática uma educação com a utilização de recursos tecnológicos envolvem questões socioeconômicas, pois uma parte considerável dos estudantes não possui acesso a esses recursos. Existe também a falta de estrutura nas residências, faltando local adequado para a realização das aulas.

Um dos principais problemas na utilização de novos recursos tecnológicos na educação, é que a maioria dos professores ainda não possuem conhecimentos e domínio das TICs . O ponto de

partida para esse problema está na formação acadêmica deficiente na inclusão de novas tecnologias, pois de acordo com Leite e Ribeiro (2012) na grade curricular dos cursos superiores ainda existe a carência de se trabalhar as novas tecnologias, destacando o tradicionalismo metodológico de ensino nas universidades, desta maneira é importante salientar que a formação acadêmica deveria se adequar para atender as mudanças ocorridas no mundo e estar preparados para momentos como este que exige várias habilidades do professor.

Segundo Leite e Ribeiro (2012) a inserção das TICs exige um perfil profissional que saiba além do apenas conhecer certas tecnologias, mais que também saiba utilizá-la como instrumento de transformação e invocação do processo de ensino-aprendizagem. Essa afirmativa nós leva-nos a refletir que se os professores estivessem realmente capacitados, as aulas remotas estariam sendo colocadas em prática com mais facilidade e aceitação por parte de toda a comunidade escolar, pois ela ainda gera resistência por parte de muitos, que se sentiram despreparados para esse formato de ensino.

O ensino remoto trouxe a tona vários questionamentos a respeito de como a Educação brasileira vem sendo sucateada em todo país, onde fica evidente a falta de investimento do governo em tecnologias voltadas para a educação. “(...) Na educação pública de nível básico o desafio de se utilizar tecnologia extra sala, como a Internet, emerge a real condição de precariedade e impotência que o Estado tem, anos de descasos (...)” (RIBEIRO et al., 2020 Pag. 155).

É importante redobrar os cuidados quando se utiliza tecnologias com crianças, pois ainda encontramos na internet um território desconhecido, na qual a exposição do público infantil é arriscado. Portanto é necessário que essas crianças sejam constantemente acompanhadas e orientadas durante as aulas, para que não se tornem vulneráveis a crimes cibernéticos.

4 Escola e o papel dos professores e o uso das TICs

As escolas têm um papel muito importante na vida dos alunos, pais, professores, pois ela a tua não só como lugar de acolhimento, para os estudantes e comunidade mais também lugar de conhecimento doado por ambas as partes.

Na educação Tais medidas significam, em linhas Gerais, o fechamento de escolas públicas e particulares, com interrupção de aulas presenciais já são 91% do total de alunos no mundo e mais de 95% da América Latina que estão temporariamente fora da escola devido a covid-19 Devido a pandemia o Centro de Ensino tiveram que fechar as portas, e adotar novos meios para dar continuidade do ensino-aprendizagem Novas formas estão sendo estabelecidas de emergência já que os alunos não podem romper com isolamento decretado por lei (BRASIL, 2020).

Em escolas particulares, os alunos estudam de forma online, em aulas remotas e até algumas escolas públicas adotaram o mesmo recurso, porém um grande desafio por parte do de Ensino público. Brasil (2020) relata que, no atual contexto, atividades a distância assume caráter essencial mas é preciso reconhecer que o ensino remoto tem limitações e não conseguirá substituir a experiência escolar.

De acordo com o Parecer CNE-CP N° 5/2020 um dos grandes desafios por parte da diretoria coordenador e professores, que não tem condição para dar continuidade as aulas remotas, pois não possui conhecimento tecnológico, e até mesmo os alunos por não conseguir se concentrar diante de vídeos, levando em contrapartida que nem todos os educandos possui, computadores, tablets, ou internet devido a essa situação os professores enviam atividades em formas escritas que dificultam mais, pois alguns pais por ser Analfabeto não consegue ajudar nas atividades de seus filhos, e outros continua Mesmo durante a pandemia trabalhando com isso torna ainda mais difícil para as crianças que não tem quem o ajude com as “tarefinhas” enviadas pelos professores, o autor vem alertando que é importante no que tange a priorização

dos esforços por parte do poder público nas próximas semanas e meses por mais que a doação do ensino remoto possa contribuir para conduzir o impacto do fechamento da escola na formação dos alunos, é fundamental que as redes de ensino não demore com a volta às aulas

O ensino desenvolvido de plataformas online e outros recursos digitais, a distribuição de matérias de estudos impressos e a transmissão de aulas via TV aberta e rádio foram as principais estratégias adotadas e/ou anunciadas pelas secretarias de educação durante o período de quarentena. Essa foi a estratégia tomada pela secretaria de educação ao saber de uma possível pandemia pararia não só o Brasil, mas o mundo. Essa foi a estratégia tomada pela secretaria de educação ao saber de uma possível pandemia pararia não só o Brasil, mas o mundo. Segundo Cunha, Silva e Silva (2020), todos foram surpreendidos com a pandemia em 2020 que de imediato tiveram que fechar tudo e começar um isolamento para que diminuísse seu Contágio. Todos foram surpreendidos com a pandemia em 2020 que de imediato tiveram que fechar tudo e começar um isolamento para que diminuísse seu Conhecimento. (JUNIOR et al., 2020).

Nessa situação, a pandemia revelou o quanto é evidente a fragilidade por parte da instituição de ensino, sejam elas públicas ou privadas, demandando uma reflexão crítica sobre a inclusão dos discentes e a formação dos professores, uma vez que, o ensinar e aprender é uma tarefa complexa. (JUNIOR et al., 2020 apud MARTINS, 2020; ROMANOWSK, 2007, p. 17).

Diante desta demanda por si só muito difícil para os professores, pois os mesmos não tiveram o apoio por parte do Ministério da Educação e Cultura, cursos continuados de inclusão digital, quando deveria ser fundamental, os professores terem esse suporte pelas políticas públicas. Segundo Junior et al. (2020), ainda em sua pesquisa revelou que 52% dos professores possuem limitações de conhecimento no uso das tecnologias educacionais edição de texto pesquisa na internet, edição de vídeos, dentre

outros 27%, precisão de ajuda de terceiros, e 22% consideram que são autossuficientes.

Em tempos tão modernos caiu por terra uma maquiagem no ensino público onde se encontra professores que se sentem incapazes de atuar no ensino aprendizagem com aulas remotas, dificultando ainda mais a vida dos alunos, que também existe muitas outras dificuldades, tendo mais uma outra luta que será de ter internet em casa, estudar mesmo não tendo o que comer e por fim diante do Caos que essa pandemia trouxe.

5 Metodologia da pesquisa e o caminho percorrido

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do presente artigo levarão em conta a abordagem qualitativa, pois de acordo com Minayo (1994) a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando se, nas ciências sociais, na realidade dos fatos que não podem ser quantificados, com isso será possível trabalhar com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

O tipo de pesquisa do referente artigo é de cunho bibliográfica. Nesse tipo de pesquisa segundo Gil (2002):

[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não tem maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base Em dados bibliográficos. (2002, p. 3).

Desta maneira compreendemos que a pesquisa

bibliográfica nos permitiu investigar o tema com uma quantidade variada de informações, o que tornou possível o melhor desdobramento do problema investigado.

6 Considerações finais

Compreendendo nosso trabalho como uma pesquisa bibliográfica que teve a intenção de compreender como a educação básica está lidando com o ensino remoto e o uso dos recursos tecnológicos, sendo este o objetivo geral, trouxemos autores que discutem a temática.

O ensino remoto é uma estratégia que ganhou muita visibilidade nos últimos tempos, devido a urgência de seu uso para continuar os estudos da educação, sendo um método que visava suprir as aulas presenciais por aulas a distância.

A educação remota é semelhante a educação a distância trazendo muitos equívocos as pessoas ao considerar que são o mesmo método. A educação remota apesar de fazer uso de recursos tecnológicos, se difere do ensino EAD pelo caráter adaptativo. A comunidade escolar e o professor faz o planejamento e executa as aulas remotas de acordo a realidade dos estudantes, sendo assim o ensino remoto é uma opção que mais adequa a realidade existente dos tempos atuais.

Observamos que grande maioria dos estudantes são de classes baixas e vulnerabilidade social, não tendo acesso a recursos tecnológicos que garanta o acesso à educação. Por outro ângulo professores não tem domínio de uso dos meios os digitais suficientes para aplicar aulas por esse método, com isso tem causado um grande desgaste mental por parte dos professores.

Evidenciando que nessa estratégia do ensino remoto é essencial o papel da família na fiscalização das atividades. Diante disso acrescento a importância maior da família na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental pois tem maior dependência e precisa de um adulto para mediar o conteúdo. Os

anos finais do ensino fundamental e ensino médio os alunos tem maior autonomia tendo mais resultados o ensino remoto.

As outras modalidades também tem singularidades que devem ser considerados, como educação de jovens e adultos, educação do campo, educação quilombola, educação especial.

Diante destas elucidações, concluímos este artigo respondendo a nossa questão norteadora, confirmando que o ensino remoto foi um método utilizado pela educação básica de forma emergente, mas vemos que devido as desigualdades encontradas nos alunos, e outros problemas enfrentados nota-se que este não contempla totalmente a qualidade da educação, para os estudantes.

Referências

ALVES, Luan. **Educação Remota: entre a ilusão e a realidade.** Interfaces Científica. Aracajú, V. 8, n. 3, p. 352. 2020.

Brasil. (2020). **Conselho Nacional de Educação. (2020). Parecer CNE-CP Nº 5, de 30 de Abril de 2020**, dispõe sobre a reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de Cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Recuperado em 03 de Maio, 2020, disponível Em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Parecer-cne-cp-005-2020-04-28.pdf>

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação.** Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 03 fev. 2021.

DAROS, Thuinie. **Conheça a diferença entre ensino Remoto e EAD**, Unicesumar Educação a Distância, 30 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/blog/diferenca->

entre-ensino-remoto-e-ead/

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas,2002.

JUNIOR et al., **Ensino Remoto em Tempos de Covid-19: Aplicações de Acesso nos Estados do Piauí e Maranhão**. Ano II | Volume 3 | Nº 9 | Boa Vista | 2020 <http://revista.ufr.br/boca> <http://doi.org/10.5281/zenodo.4018034>

LEITE; RIBEIRO, **A inclusão das TIC na Educação brasileira: problemas e desafios**, Bogotá.2012.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**.

In: . (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

OLIVEIRA. S. S, SILVA. O, S, F e SILVA. M. J. O, **Educar na Incerteza e na Urgência: Implicações do Ensino Remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula**. Interfaces Científicas , Aracaju , 2020, V.10, p.32

RIBEIRO. M. C. J, FIGUEIREDO. S. L, ALVES. D. C. O, PARENTE. M. P. M, HOLANDA. J. S, **Ensino remoto em tempos de covid-19: aplicações e dificuldades de acesso nos estados do Piauí e Maranhão**, Boletim de Conjuntura (BOCA) 3 (9), p. 154, 2020.

SARAIVA, K. TRAVERSINI, C. LOCKMANN, K. **Educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão doscente**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. , 2020 Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>

Capítulo 8

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO USO DAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO ENSINO REMOTO

Bruna Alves Cardoso¹

Carlos Adelino Santos Nascimento²

Edcléia de Jesus Souza³

Isaura Francisco de Oliveira⁴

1 Introdução

Esse artigo busca apresentar resultados de uma pesquisa realizada com educadores que atuam em escolas campestres durante o período atípico pandêmico, no qual teve como principal objetivo evidenciar como a escola do campo tem vivenciado o período remoto, e como as tecnologias da informação e comunicação possuem fundamental importância para auxiliar antes, durante e depois desse momento, apesar de terem diversas barreiras para seu uso no ambiente escolar.

Existem diversas interações e não interações diante das tecnologias da informação e comunicação, tais quais, medo, curiosidade, receio, são diversas relações diante desse novo recurso. Muitos professores utilizam esse recurso como suporte para as aulas, usam seus softwares, recursos linguísticos e de códigos para

1 Estudante do curso de Licenciatura em pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia DCHT, CAMPUS XVII, campus Bom Jesus da Lapa.

2 Estudante do curso de Licenciatura em pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia DCHT, CAMPUS XVII, campus Bom Jesus da Lapa.

3 Estudante do curso de Licenciatura em pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia DCHT, CAMPUS XVII, Bom Jesus da Lapa.

4 Mestrado em educação pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Professora da UNEB- Universidade do Estado da Bahia, DCHT, CAMPUS XVII, Bom Jesus da Lapa- Ba E-mail: isaurauneb@gmail.com

explorar e enriquecer o processo de ensino aprendizagem. É muito comum nos deparamos com profissionais que possuem receios de utilizar essas tecnologias, até mesmo evita-las cotidianamente.

Diante da chegada da pandemia no Brasil, os profissionais da educação e todos os demais tiveram que se adaptar a uma realidade diferente, uma vez que as tecnologias da informação e comunicação se fizeram tão importantes, surgira também diversas barreiras. O uso das tecnologias por si só já era visto por alguns como um dilema, com sua chegada quase que obrigatória na sala de aula, veio junto diversas questões como, suporte técnico, acesso a esses aparelhos, conectividade, instrução e adaptação.

A realidade campesina reverbera essa realidade de forma ainda mais potencializada, na qual por muitas vezes sofre com a ausência de políticas públicas para acessibilidade das tics nas escolas, somada as limitadas formações para exercer domínio sobre essas tecnologias, diante desse novo quadro os professores perpassaram novos desafios, dilemas e experiências para garantirem a aprendizagem durante esse período remoto.

Em vista disso, tornou-se imprescindível indagar sobre como essa realidade está acontecendo na prática? Como estão sendo levadas em conta as questões de acessibilidade e utilização desses recursos? Como tem sido essa relação com as tics para os educadores? E como as desigualdades sociais se colocam como um elemento que tem desnivelado o desenvolvimento da educação campesina mediante as tics?

O artigo se estrutura da seguinte maneira. Primeiramente um contexto histórico da escola do campo, para que assim identifiquemos mediante o processo histórico as matrizes para esse déficit do uso tecnológico, Rolim; Moreira (2021), Arroyo (2004), Caldart (2009), em sequência os desafios do uso das tics no meio escolar do campo, Leal e Mengarelli (2018), Kenski (2012), Caldart (2009), Almeida (1988), por seguinte, a escola do campo com a inserção das tics, Munarim (2014), por fim, a análise de como tem sido essa realidade mediante a pandemia nas escolas

do campo através da perspectiva de Foucault (1986). O Percurso metodológico escolhido para a realização da pesquisa, tem como destaque Marconi e Lakatos (2018).

Desse modo, esse artigo tem como intuito ajudar a compreender como tem sido as relações dos professores e as Tecnologias da Informação e Comunicação durante esse período remoto nas escolas do campo, podendo assim trazer contribuições para o ambiente escolar e universitário, bem como o conhecimento e a divulgação dos resultados obtidos.

2 Contexto histórico das lutas e conquistas da educação do campo

De acordo com Rolin e Moreira (2021), a Educação no Campo se deu a partir de Movimentos Sociais, iniciou-se uma construção de proposta em que ficou registrado que no campo há conhecimento, cultura e saberes, sujeitos que trabalham, produzem e constituem um modo de vida. Os sujeitos do campo têm saberes importantes para oferecer, saberes que podem se potencializar à medida que os profissionais da educação utilizam de abordagens pedagógicas de forma que abranjam o meio em que os sujeitos vivem.

Rolin e Moreira (2021), evidenciam que para isso é preciso que a educação na escola do campo deve dissociar da lógica da escola urbana, a qual é necessário estar no meio em que vive para ser melhor compreendido. Quando leva em conta as particularidades do aluno do campo, o desenvolvimento será reconhecido em avaliações e métodos utilizados ao logo da formação dos sujeitos.

A educação do campo deve compreender que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, tem nomes e rostos, lembranças, gêneros e etnias diferenciadas. Cada sujeito individual e coletivamente se forma na relação de pertença a terra e nas formas de organização solidária. Portanto os currículos precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço

físico e simbólico, do território, dos sujeitos do meio ambiente (BRASIL, 2005, p. 22).

Dessa forma, é perceptível que o campo traz um conhecimento de muita importância na vida de várias pessoas e principalmente em seu cotidiano. Vale ressaltar que é preciso que os currículos escolares abranjam todo esse potencial oferecido no campo, logo, deva ser um currículo voltado para o ambiente a qual está inserido o sujeito, assim os envolvidos estarão produzindo a partir da sua realidade e se reconhecendo dentro âmbito escolar.

Segundo Arroyo (2004), ao longo dos anos tivemos muitas conquistas na luta por educação no campo, a exemplo, a criação do Programa Nacional de Educação para a Reforma Agrária (PRONERA), que em parceria com o INCRA e o Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, financiou cursos de alfabetização e curso de escolarização a nível superior na área de formação docente. Essa articulação teve seus resultados para benefício da educação no campo, como as Conferências Nacionais por uma Educação Básica do Campo, em conjunto a Instituição pelo Conselho Nacional de Educação-CNE, das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo. Nesse mesmo período surgiu a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão- SECADI. Santos (2011), a qual teria que formar professores para trabalhar nas escolas do campo, dando suporte para que a formação continuasse ao longo dos anos. Desta forma, a educação teve seu espaço para que a diversidade e problemas do campo pudessem ser trabalhados e resolvidos dentro do âmbito da lei, foi reconhecimento com significado importante, pois com essas ações a melhoria da vida das pessoas do campo ocorreria de forma efetiva.

Com bases nos estudos de Caldart (2009), o educador que usa o planejamento escolar com uma realidade totalmente oposta à qual o aluno está inserido, acaba por não conseguir realizar uma educação significativa por não levar em consideração o meio ambiente em que vive o sujeito. É preciso que os alunos do campo tenham acesso aos conteúdos da zona urbana, pois os mesmos poderão ir

em escolas e ambientes urbanos e reconhecer assuntos estudados na escola, todo conhecimento será de relevância significativa ao aluno. A troca de saberes trará carga de conhecimentos aos estudantes, para que possam usa-las quando necessário em variados ambientes, sendo assim, diversas pessoas tendo acesso a esse ensino garantirá autonomia aos sujeitos, e possuindo como eixo principal a educação do campo, o estudante não somente irá se restringir aos estudos técnicos das distintas zonas, mas sim, desenvolver um senso crítico a respeito da sua realidade e assim garantir os direitos que lhes são necessários.

Caldart (2009), a realidade das escolas só será mudada quando todos os envolvidos lutarem por uma melhoria da educação, quando enfrentarem os desafios que surgem durante o percurso em que atuam, ao qual são chamados a tornarem pessoas que transformam o atual modelo educacional, em uma realidade emancipadora para que todos sejam beneficiados com educação de qualidade.

3 Os desafios para o uso das TIC'S no campo

De acordo com Leal e Mengarelli (2018), a aprendizagem sofre uma ambiguidade diante da educação do campo e a educação urbana, onde não existe uma relação balanceada de investimentos e políticas públicas. Mediante disso, os problemas de acessibilidade a tecnologia se deparam com um dos principais desafios, no qual, a luta por políticas públicas que garantam o mesmo percentual de investimento que é direcionado as demais escolas de zonas urbanas.

Segundo Leal e Mengarelli (2018), esse problema tem raízes de um imaginário de inferiorização do povo campestino diante do urbano, no qual historicamente foi estereotipado como uma parte da população atrasada. Em vista, o que causa essa inferiorização campestina é a ausência do próprio governo, quando resolve aderir aos conceitos retrógrados em relação ao campesinato, acaba também por manter o ciclo deturbado de povo “atrasado”, sendo que a questão a ser trabalhada se estende as questões públicas de

acessibilidade e recursos para a educação.

O homem do meio rural teve a sua imagem inferiorizada, pois morar no campo era visto como um castigo e como uma privação, e a vida do homem urbano eram tidas como perfeita pelos avanços que a modernidade oferecia, sinônimo de vida boa. Nesse aspecto à sociedade relegou um caráter marginal no processo histórico-social em relação aos sujeitos do campo. (MOREIRA, 2009, p. 04).

Moreira (2009), a inferiorização do sujeito do campo ocorreu em comparativo ao meio urbano, meio o qual carrega adjetivos de progresso, desenvolvimento e como sendo um lugar de futuro, o processo de marginalização acabou por disseminar uma imagem ainda maior de atraso do campo, uma vez que essa concepção estereotipada enfatiza uma relação de inferioridade de um povo perante outro.

Caldart (2009), vos fala que não somente o estereotipo do povo campesino se torna algo a ser combatido, como também se torna necessário ir em rumos opostos ao dos grandes latifundiários e detentores de grandes capitais monetários da zona rural. Uma vez que essa conjuntura se estabelece acaba por ditar como será a educação oferecida no campo, essa educação se caracteriza como tecnicista e que não respeita a realidade do povo campesino, se desvinculando assim das identidades do sujeito. “A expressão educação rural está relacionada a uma postura encadeada pela concepção positivista, mercadológica, competitiva, capitalista, [...] que instrui o indivíduo para desenvolver atividades no mundo do trabalho.” (PINHEIRO, 2007, p. 05). Dessa maneira, a educação que é ofertada no campo possui caráter voltado para o mercado de trabalho, visando o sujeito como uma mercadoria a ser utilizada futuramente em prol de uma conjuntura capitalista.

Conforme Almeida (1988), a função da educação do campo somada as novas tecnologias ocupam o lugar de pensamento como a ferramenta que vai possibilitar a inclusão e a melhoria dos sujeitos do campo. “A educação do meio rural não pode tratar somente dela mesma, mas sim deve ser inserida na discussão da problemática mais

ampla do campo, hoje” (ALMEIDA, 1988, p. 68). A educação do campo possibilita o engajamento dos sujeitos nas lutas camponesas, reformula as estruturas, e proporciona novas realidades por meio das transformações sociais, o uso dessas tecnologias irão garantir o necessário para que esse processo se efetue com maior praticidade como lhes é de direito, para isso é necessário abranger não somente os conteúdos de ideais capitalistas, mas também, de uma educação que tome como contrapartida os ideais tecnicistas, tais quais, educação aliada às tics, valorização do povo do campo e um real currículo conforme as especificidades do camponado, sendo necessário garantir os meios para a permanência e manutenção dessas particularidades.

No que diz respeito à introdução das tics no campo, Kenski (2012), afirma que se faz necessário buscar os mais variados meios para aprender a lidar com a tecnologia, buscar melhores formas para se extrair resultados significativos na utilização desses meios. Conforme Luz (2009) a tecnologia não deve se tornar uma dificuldade para as escolas do campo, o instrumento que pode ampliar o desenvolvimento dos sujeitos por muitas vezes se torna o elemento de limitação quando inserido sem os devidos recursos de acessibilidade, manuseio e capacitação.

Para a inclusão dessas tecnologias na educação, de forma positiva, é necessária a união de multifatores, dentre os quais, pode-se destacar como mais importantes: o domínio do professor sobre as tecnologias existentes e sua utilização na prática, e isso passa, necessariamente, por uma boa formação acadêmica; que a escola seja dotada de uma boa estrutura física e material, que possibilite a utilização dessas tecnologias durante as aulas; que os governos invistam em capacitação, para que o professor possa atualizar-se frente às mudanças e aos avanços tecnológicos; que o professor se mantenha motivado para aprender e inovar em sua prática pedagógica; que os currículos escolares possam integrar a utilização das novas tecnologias aos blocos de conteúdos das diversas disciplinas; dentre outros.” (LEITE; RIBEIRO, 2012, p. 04)

Segundo Leite e Ribeiro (2012), a formação de professores se torna um dos principais meios para preparar os profissionais

para lidarem com as tecnologias da informação e comunicação. A formação por si só não vai garantir a efetividade, é necessário reestruturar as escolas para receberem essas tecnologias, fazendo-se essencial um maior investimento de políticas públicas para que ocorram essas adaptações. As escolas precisam adaptar o currículo para uma mediação e melhor aproveitamento das tecnologias no dia a dia escolar como um recurso transversal para todas as matérias e não somente como uma matéria concreta voltada para a utilização do meio tecnológico. Dessa maneira, a inclusão da tecnologia associada a uma educação campesina possibilitará diversas melhorias na educação do campo e não somente na realidade educacional, como também na social.

4 A escola do campo com a inserção das TICS

Munarim (2014), devido o atual momento pandêmico em que a humanidade está vivendo, a educação assim como os demais setores da sociedade vem sofrendo sérios impactos e mudanças devido o distanciamento social, o fechamento das escolas, a obrigatoriedade de continuar as aulas por meio do ensino remoto, onde se depararam com diversos problemas como, falta de estrutura, difícil acesso a internet, dificuldade no manuseio dos recursos tecnológicos e digitais tanto por parte dos profissionais de educação como por parte dos alunos, além da falta de assistência e acompanhamento por parte das secretarias municipais de educação e principalmente por parte do governo. De acordo com os pensamentos de Freire (1984), é mais que necessário politizar as ligações existentes nas relações entre tecnologias e educação, Freire ressalta em um de seus textos a urgência de analisar, discutir e desvendar os reais interesses políticos por trás da forma de como é tratado a educação do país, principalmente no atual momento, em que os profissionais de educação, pais, alunos e a comunidade em geral se viram obrigados a adentrar no mundo tecnológico e das ferramentas digitais. Freire embaça esse pensamento em um de seus textos quando diz que:

[...] Em primeiro lugar, faço questão enorme de ser um homem do meu tempo e não um homem exilado dele, o que vale dizer que não tenho nada contra máquinas. De um lado, ela ressalta e de outro estimulam o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, que, por sua vez, são criações humanas. O avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade humana. Por isso mesmo, as recebo da melhor forma possível. Para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão sendo posta em uso. Então, por aí, observamos o seguinte: não é a informática que pode responder uma pergunta política, que envolve uma direção ideológica, tem de ser respondida politicamente. Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola. Será que vai continuar dizendo aos estudantes que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil? Que a revolução de 64 salvou o país? Salvou de quê, contra quê, contra quem? Essas coisas que acho que são fundamentais. (Freire, 1984)

Quando Paulo Freire (1984), faz a indagação; “a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão?”, nos provoca uma série de questionamentos como por exemplo, trazendo para a realidade de uma escola do campo, onde por muitas vezes sofre por falta de investimento, de recursos materiais, assistência pedagógica por parte das secretarias municipais de educação, problemas com transporte, merenda, acessibilidade, dentre todos os outros problemas existentes dentro do espaço escolar, e que agora se vê obrigada a adequar-se à um modelo de ensino remoto, onde a tecnologia, a internet, programas digitais se tornaram o principal e muitas vezes o único meio possível para realização da aula.

Munarim (2014) diz que, a inferiorização da cultura e do modo de vida campesina provocou muitas vezes o afastamento principalmente dos mais jovens de suas raízes, fazem com que as gerações mais novas que vivem na zona rural procurem cada vez mais cedo migrarem para as cidades em busca de “progresso”, além de ter em mente a ideia de que o fato de sair da “roça” os coloque como integrantes dessa então denominada cultura superior. Isso se dá

pela ausência de uma educação pensada e voltada para a verdadeira realidade do povo do campo, uma educação que valorize, ressalte, incentive e reforce um sentimento de pertencimento, que mostre a esses jovens que possível viver o progresso e a modernidade sem precisar sair do campo.

Munarim (2014), não se tratando de um ponto de vista negativo que as pessoas que vivem na zonal rural devem não escolher morar na cidade, o que buscamos é uma educação que mostre a essas crianças campesinas que é possível vive no campo e ter o acesso ao mesmo ensino que as crianças da zona urbana, e que é possível ter uma educação que a faça com que elas se sintam representadas em sala de aula e que para isso não lhes será tirado o direito de aprender sobre as diversas outras culturas, mas que as possibilitem entender que todas comunidades, cidades, estados e países tem suas especificidades, culturas, crenças e costumes, e que isso não faz de nenhuma delas inferior ou superior perante as outras.

6 Percurso metodológico

Para a produção deste artigo foi escolhida uma abordagem de característica qualitativa, pois esta abordagem preocupa-se, nas ciências sociais, “com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO 2002 p. 21-22). O seguinte percurso metodológico se constitui pelo: estudo de campo com o objetivo de compreender como os profissionais da educação estão se relacionando com as tecnologias da informação e comunicação durante o período atípico pandêmico. Segundo Minayo (2002), “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que devemos estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo” (MINAYO, 2002. p 51-52). Segundo a autora e como um dos objetivos é compreender como está sendo o uso das tics na educação do campo durante a

pandemia em duas escolas de ensino fundamental da rede pública da zona rural do município de Bom Jesus da Lapa-Ba, a pesquisa de campo é um tipo de pesquisa adequado para a realização da mesma, uma vez que implica a ida do pesquisador ao local a ser estudado e, estando em campo, o pesquisador pode realizar as devidas observações, anotações e os demais tipos de coleta de dados necessários para, por fim, chegar ao objetivo desejado. Apesar do período pandêmico não permitir a ida aos locais, foram utilizados os recursos tecnológicos disponíveis para a realização das atividades da pesquisa de campo. Dentre os instrumentos para a coleta de dados foram utilizados a observação e entrevista semi-estruturada.

7 Resultados da pesquisa

Essa pesquisa aconteceu em escolas da rede municipal pública da zona rural de Bom Jesus da Lapa na Bahia, com a coordenadora e professores atuantes destas escolas durante a pandemia, com objetivo de identificar as barreiras, dificuldades e facilitadores do uso das tecnologias da informação e comunicação através da análise do discurso. A pesquisa de campo foi realizada durante dois momentos, sendo que no primeiro foi realizado um diálogo com os participantes, seguida de uma análise das atividades e observação dos recursos tecnológicos disponíveis. Durante o seguinte momento foram realizadas entrevistas semi-estruturadas através de plataformas de vídeo chamada.

Optamos por denominar os docentes das formas citadas com o intuito de preservar a identidade da escola, dos estudantes e dos demais funcionários da mesma.

Entrevistadores	E
Professor(a)	P1
Professor(a)	P2

Entramos em contato com os entrevistados e realizamos as seguintes perguntas: 1. Quais os desafios a respeito da tecnologia na educação do campo em comparado a da zona urbana? 2. Nesse período remoto, você sente falta de uma capacitação/suporte por meio dos órgãos responsáveis? E como está acontecendo os planejamentos das aulas? 3. Como acham que o uso das tic's na educação poderão melhorar e facilitar o trabalho e a vida dentro das escolas? E como vocês imaginam esse processo?

A partir das respostas obtidas tentaremos identificar, nos discursos, como esses profissionais tem lidado com essa nova realidade tão dependente das tecnologias da informação, como tem se disponibilizado os recursos e suportes pelos órgãos cabíveis para a realização do processo de ensino. A seguir veremos as transcrições das entrevistas com os profissionais, onde a fala 'P' são os pesquisadores em seguida das respostas obtidas:

E. Quais os desafios a respeito da tecnologia na educação do campo em comparado a da zona urbana?

P1- [...] para nós, educadores do campo, o acesso à internet é um grande desafio, uma vez que há vários fatores que dificultam o referido acesso, como encontrar um provedor que faça esse serviço em comunidades mais distantes da cidade [...], e, no meu caso, em específico, ainda não temos energia elétrica e muito menos internet instaladas na parte interna da escola [...]

E. Nesse período remoto, você sente falta de uma capacitação/suporte por meio dos órgãos responsáveis? E como está acontecendo os planejamentos das aulas?

P1- Os órgãos responsáveis como a Secretaria Municipal de Educação, não tem medido esforços para ajudar os professores a se adaptarem [...]. Todavia, ainda sinto a falta de cursos específicos para aprendermos a lidar com novas tecnologias e aplicativos, como o Google Meet, por exemplo.

E. Como acham que o uso das tic's na educação poderão melhorar e facilitar o trabalho e a vida dentro das escolas? E como vocês imaginam esse processo?

P1- A realidade do ensino à distância já era uma realidade em muitas faculdades, mas não esperávamos essa realidade em

todos os níveis de ensino, da Educação Infantil até o Ensino Médio. Diante disso, faz-se necessário um projeto do governo, voltado para a Educação pública, que instale ou amplie o acesso do educando a essas tecnologias, instalando ou ampliando o acesso à internet e também ao equipamento de suporte para isso - roteador, celular, tablet, notebook, visto que, a grande maioria dos educandos não tem condições financeiras para tanto.

Nesta primeira parte, mediante as perguntas o entrevistado relatou que um dos principais desafios se definia em questões de acessibilidade, tanto aos aparelhos quanto aos recursos necessários para a utilização dos mesmos, fica notável que essa questão se configura como uma barreira que poderia ser solucionada pelos órgãos governamentais cabíveis, e por assim permitir a acessibilidade das tics na comunidade em questão. Também sendo possível perceber as dificuldades que os profissionais se deparam como foi explicado “ausência de energia elétrica na escola”, o que acaba por dificultar ainda mais o uso das tecnologias no local.

O entrevistado relatou que a secretaria de educação tem fornecido algumas formações para o período remoto, entretanto, é possível notar na fala do mesmo que relata ainda sentir uma necessidade quanto a formações de uso de plataformas, situação que por assim, acaba por dificultar a utilização das tics. Segundo Leite e Ribeiro (2012), a formação continuada seria uma solução para garantir uma boa utilização dos recursos tecnológicos, uma vez que o professor tendo tal conhecimento, poderia aplicar as tics de forma dinâmica e melhorar as aulas.

Em sequência o entrevistado relatou que o uso das tics seria bem essencial para a formação dos educandos, o mesmo relata que para isso seria necessário que os órgãos responsáveis garantissem os recursos tecnológicos. Para isso seria necessário desenvolver políticas públicas para garantir esses aparelhos, ampliação de formação de professores para o uso dessas tics de forma pedagógica e manutenção desses meios.

E. Quais os desafios a respeito da tecnologia na educação do campo em comparado a da zona urbana?

P2- [...] O isolamento social não permite mais nossos encontros presenciais nas escolas e dessa forma, [...] nós estamos utilizando assim nas atividades impressas e realmente o uso dos meios tecnológicos [...]. Como desafios, nós consideramos a falta de tecnologia, a falta realmente de recursos, por que quando comparamos assim né, o contexto do campo e da cidade, nós percebemos que o acesso à internet, a quantidade de usuários de aparelhos como por exemplo celular computador é bem menor na zona rural, e por isso as crianças da cidade tem até uma maior facilidade para usar assim mesmo os recursos tecnológicos para acessar os recursos do que as crianças do Campo né, que ainda em alguns casos eles nem possuem esses meios, e por diferentes motivos né, seja por que mora em uma região isolada, sem sinal né, ou sem wifi tipo diferente contigo mas que seja por que mora em uma região ensinar né sem wi-fi sem internet ou até mesmo porque não é uma prioridade de consumo [...].

E. Nesse período remoto, você sente falta de uma capacitação/suporte por meio dos órgãos responsáveis? E como está acontecendo os planejamentos das aulas?

P2- [...] uma capacitação com o objetivo de auxiliar os professores se apresentaria como formação essencial, por que né, por que mesmo podendo pesquisar editoriais de como fazer isso e aquilo na internet, um curso mais elaborado e organizado proporcionaria ao professor uma maior facilidade para tornar a atividade mais fácil para ele conseguir ter mais propriedade de inovar e tornar esse momento mais significativo para os seus alunos, seria algo bom [...].

E. Como acham que o uso das tic's na educação poderão melhorar e facilitar o trabalho e a vida dentro das escolas? E como vocês imaginam esse processo?

P2- As tics tem sido aliadas nesse período sim, na volta para a sala de aula, os planejamentos e as práticas pedagógicas jamais vão ser as mesmas. Por que nesse período, como eu já disse antes, os professores, gestores, pais e alunos eles foram meio que obrigados a se atualizarem, a aprenderem a utilizar esses meios para a construção de conhecimentos, e isso poder ser uma oportunidade de instalar de forma mais frequente na

sala de aula presencial o uso desses recursos, o que vai trazer mais facilidade, vai auxiliar mais os professores e alunos, promove um divertimento, e desafia os alunos, através de novas realidades por meio de jogos, de vídeos, fotos, áudios, aplicativos e plataformas.

Diante das perguntas P2 relatou que, um dos principais desafios durante o período remoto se resumem as questões de localização e acessibilidade dos professores e alunos de acessarem os recursos tecnológicos, muitas vezes por questões financeiras ou de prioridade, principalmente levando em consideração o período pandêmico, que são somente gerou o isolamento social, como também o digital e cominou-se no aumento da desigualdade social. A dualidade existente entre o a campo e a cidade no que diz respeito sobre um carregar um estereotipo de desenvolvimento e o outro de atraso acaba por ampliar ainda mais essa dificuldade, tendo em vista que o uso das tics se deparam com questões de acessibilidade, manutenção e instrumentalização no contexto campesino, enquanto que por muitas vezes o da zona urbana enfrenta essas dificuldades de forma mais sutil ou inexistente em alguns casos. É possível identificar na fala de P2 o descaso dos governantes diante a educação campesina, onde durante a pandemia a ausência de recursos se evidenciou como uma realidade que não recebe tanto enfoque pelos órgãos responsáveis, através da fala de P2 é possível identificar também que o mesmo apresenta estar emergido nas questões campesinas, sendo de fundamental importância para o processo de emancipação tecnológica do campo.

Segundo P2, o uso das tics que estão ao alcance deles no momento proporcionou nos membros escolares e familiares diversas reflexões quanto ao uso desses meios. É possível notar na fala de P2, que o mesmo acredita que não somente a introdução das tics no ambiente educativo vai proporcionar efetividade, sendo necessário também formações para instrumentalização do uso desses aparelhos de forma pedagógica para que assim os professores possam inovar e possuir maior autonomia.

Durante o diálogo, P2 afirma que a realidade atual

proporcionou de forma verticalizada a introdução dessas tecnologias no ambiente escolar, fazendo com que os professores, pais e responsáveis de “atualizassem” perante esses meios, acreditando dessa forma, que no retorno presencial essas tics continuarão integradas nas salas de aula e com o tempo ganhando cada vez mais espaço nesse ambiente.

8 Conclusões

Portando, diante do que foi exposto a partir da análise das falas dos(a) educadores entrevistados, buscamos evidenciar através dessa pesquisa elencar algumas das dificuldades enfrentadas pelas escolas do campo com a mudança para o ensino remoto e os problemas advindos da utilização das tecnologias da informação e comunicação. O nosso intuito com essa pesquisa não foi por a prova a eficácia ou não das Tics, mas sim, elencar alguns dos principais problemas e dificuldades enfrentadas pelas escolas campesinas.

A partir dos dados coletados através das entrevistas e pesquisa bibliográfica ficou explícito o nível desses desafios enfrentados pelos educadores que vão desde a falta de assistência por parte do governo, a necessidade de uma formação continuada que oriente e auxilie os profissionais de educação de forma que os capacite a manejar aparelhos tecnológicos e os diversos programas digitais que se tornaram ferramentas indispensáveis nesse atual modelo de ensino remoto, o difícil acesso à internet e a defasagem no que diz respeito à falta de infraestrutura adequada.

Conclui-se que, as diversas más distribuições de recursos que deveriam garantir acessibilidade, formação e capacitação para o uso dessas tecnologias se tornam um elemento a ser discutido e superado para alcançar uma educação campesina que caminhe ao lado das Tics.

Dessa forma, melhorando o atual quadro da educação campesina através dos novos recursos tecnológicos, onde seria necessário discutir com os órgãos responsáveis para que assim

as necessidades já expostas sejam superadas, e havendo o devido suporte para todos os envolvidos.

Referências

- ALMEIDA, Fernando José de – **Educação e Informática – Os computadores na escola** – Editora Cortez, São Paulo, 1988.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **A Educação básica e o movimento social do campo**. CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (orgs). **Por uma Educação do Campo: 2º ed.** Petrópolis- RJ: Vozes, 2004.
- BRASIL, Lei nº9.394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. MEC, Brasília, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Referências para uma política de Educação do Campo: caderno de subsídios**. Brasília, 2º ed. 2005.
- CALDART, R.S. **Sobre educação do campo**. In: FOERSTE, Erineu, MARGIT-SCHUTZ- FOERSTE, Gerda, CALIARI, Rogério. (orgs). Educação do Campo. Povos. Territórios. Movimentos sociais. Saberes da terra. Sustentabilidade. Espírito Santo: UFES, 2009. CD-ROM.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FREIRE, Paulo. **A máquina está a serviço de quem? BITS**, 1984. Disponível em: <<http://acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/123456789/24#page/1/mode/1up>>.
- LEAL, Osni César da Luz; MENGARELLI, Rodrigo Rosi. **A Importância da Tecnologia na Educação da Escola do Campo**. UFPR SETOR LITORAL. Paraná. 2018.
- LUZ, Fabiana Ribeiro. **Tecnologia e educação na Escola do Campo**, Araguaiana 2009. Disponível em: <http://>

educaonocampo.blogspot.com/2009/10/tecnologia-e-educacao-na-escola-do.html. área Fundação Universidade do Tocantins 2009, Pedagoga, acessado em 5 jan. 2011.

LEITE, Werlayne Stuart Soares; RIBEIRO, Carlos Augusto do Nascimento. **A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios** Magis. Revista Internacional de Investigación en Educación, vol. 5, núm. 10, julio-diciembre, 2012, pp. 173-187 Pontificia Universidad Javeriana Bogotá, Colombia. 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. Papirus, 8ª ed. Campina, São Paulo. 2012.

MOREIRA, F. **As imagens sociais produzidas a respeito da “roça”**. In: FOERSTER, Erineu, MARGIT-SCHUTZ-FOERSTE, Gerda, CALIARI, Rogério. (orgs). Educação do Campo. Povos. Territórios. Movimentos sociais. Saberes da terra. Sustentabilidade. Espírito Santo: UFES, 2009. CD-ROM.

MUNARIM, Iracema. **As Tecnologias Digitais nas Escolas do Campo: Contextos, Desafios e Possibilidades**. UFSC. Florianópolis. 2014.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias, **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas.shtm>. área UFPA 2007 Pedagoga, Especialista em Gestão, em Educação, da Linha Currículo e Formação de Professores, Turma 2007. acessado em 17 dez. 2010.

SANTOS, Romoffly Bicalho dos. Histórico da Educação do Campo no Brasil-EIXO temático: Educação do Campo, Trabalho e Movimentos Sociais. Berenblum, Andrea e Oliveira, Lia Maria Teixeira de. **Educação: diálogos do Cotidiano Seropédica** (RJ): Outras letras Editora, 2011.

Capítulo 9

ENTRE OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO ENSINO REMOTO NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Gilzete Denilza da Silva¹

Liliany Pedrolina da Silva Santos²

Rodrigo Guedes de Araújo³

1 Introdução

O presente artigo tem como intuito tecer algumas reflexões a respeito da educação remota em tempos de pandemia e os desafios da aprendizagem.

Inicialmente o estudo tem como objetivos: compreender os problemas que as escolas enfrentam para realizar as aulas remotas; identificar os pontos positivos e negativos enfrentados pelos professores; compreender as maiores dificuldades que os professores e alunos enfrentam.

As aulas remotas surgiram como uma alternativa que pudesse reduzir o grande impacto que a pandemia trouxe para à educação. O corona vírus (Covid'19) afetou toda a sociedade em si, e com as escolas, professores, país e alunos não foi diferente. A educação é um processo que presume o encontro, como afirma Freire (2004), mas em tempos pandêmicos isso se torna algo apenas intangível. De acordo com Kenski (2012), é indispensável que as tecnologias nas escolas sejam de forma em que garanta a aprendizagem de forma

1 Graduanda em Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XVII em Bom Jesus da Lapa –BA. E-mail: gilzetedenilza19@gmail.com

2 Graduanda em Pedagogia. Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XVII em Bom Jesus da Lapa –BA. E-mail: lilianypedrolliny@gmail.com.

3 Professor da Universidade do Estado da Bahia- UNEB CAMPUS XVII. Membro do Grupo de Pesquisa INTERGESTO/UNEB, E-mail: pedagogodaterra@gmail.com

satisfatória em busca de novos conhecimentos, é imprescindível que haja planejamento acerca dos conteúdos que serão trabalhados com objetivos concretos do que se deseja aprender.

Este projeto tem como objetivo identificar através das pesquisas, os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, no que diz respeito à pesquisa bibliográfica Amaral (2007) diz:

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 1)

Dessa forma buscamos para a realização do presente artigo informações e dados encontrados em artigos, livros, sites, dentre outros meios de pesquisa.

2 Afinal, o que é ensino remoto?

Atualmente muito se ouve falar de ensino remoto, mas afinal o que isso representa? Ensino remoto é o mesmo ensino EAD? No momento atual é necessário compreendermos o significado desse contexto, mas antes de responder às perguntas vamos entender como surgiu o ensino remoto. O Brasil assim como todo o mundo, vem enfrentando uma longa e dura batalha contra a pandemia da covid'19, devido isso surgiu decretos que impossibilita encontros presenciais, conseqüentemente tornou-se inviável a realização de aulas, fazendo necessário buscar medidas para que a educação continuasse acontecendo. Dessa forma surgiu às aulas remotas como alternativa que possa reduzir o grande impacto que essa pandemia trouxe para à educação. Essa mudança atingiu escolas, professores, país e alunos.

Na prática o professor ministra a aula a partir de vídeos em tempo real, afim de sanar e tirar as dúvidas dos alunos e ter um contato mais próximo com os mesmos, os alunos por sua vez

fazem as atividades em casa sozinhos ou com a ajuda dos pais e em seguida envia a devolução da mesma ao professor. A justificativa de que as escolas não podem parar e devem funcionar mesmo que de modo precário seria de evitar danos

Há consenso entre especialistas que o ensino remoto não substitui o presencial, mas, ao menos, contribui para minimizar os danos causados pela suspensão das aulas. Para o diretor de políticas públicas do Todos Pela Educação, Olavo Nogueira Filho, o afastamento do ambiente escolar deixará sequelas que precisam ser amenizadas mesmo [a] distância. (ELY, 2020, n.p.).

O ensino remoto como vimos surgiu com o intuito de amenizar os grandes problemas que a pandemia trouxe para a educação. E respondendo às perguntas anteriores, diferentemente do ensino EAD que é uma modalidade de ensino que tem estrutura política pedagógica, em que os alunos acessam uma plataforma e encontra aulas, textos gravados e não precisa ter a presença do professor no momento do acesso do estudante, porém essa modalidade conta com tutores que ficam disponíveis em alguns momentos do dia ou em algum encontro presencial para tirar dúvidas, essa forma de ensino é mais comum em universidades ou cursos extracurriculares. No contexto social atual, a educação a distância é um método educacional que permite diferentes perspectivas educacionais, trazendo aspectos e pontos positivos para o contexto educacional, tal como a democracia das oportunidades educacionais e a possibilidade de constituição da emancipação individual no contexto social e educacional.

No ensino remoto as aulas acontecem de maneira ao vivo apenas no ambiente virtual, essas aulas acontecem no mesmo horário em que acontecia as aulas do modelo presencial, mantendo a rotina que já tinha nas escolas. Por ser aulas em tempo real os alunos podem tirar dúvidas a todo momento com os professores. A cerca das atividades não presenciais o Ministério da Educação (MEC), orienta que:

Neste período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares (BRASIL, 2020c, p. 9).

No contexto em que salas de aula hoje em dia é a sala de casa, aulas remotas se convertem na principal alternativa da escola para dar continuidade do ano letivo, vale ressaltar que é crucial a presença de algum responsável durante a realização das atividades caso seja uma criança, em tempos pandêmicos se tornou ainda mais necessário a parceria escola-família.

3 Impactos da educação remota: desafios e possibilidades

Com a pandemia do Corona Vírus (Covid'19), as instituições de ensino tiveram que se organizarem para darem continuidade ao aprendizado dos alunos, já que as aulas presenciais se tornaram inviáveis, pois seria uma forma de propagação do vírus. Com o surgimento do covid-19 as instituições tiveram que reformular a forma do ensino aprendizagem deixando o modo tradicional de lado por um tempo, e assim foram obrigados a desenvolver formas e buscar ferramentas para suprir a necessidade do momento.

Existe um grande impasse de quais são os pontos positivos e negativos desse estilo de ensino que fomos obrigados a nos submeter, por conta do momento em que estamos vivendo, é inegável que algumas ferramentas vieram para complementar e possibilitar a interação dos alunos com os professores e vice e versa, o uso de plataformas e aplicativos são vistos de forma positiva pois visam e exploram habilidades além do que seria explorado em sala de aula

Por ser algo novo, essa nova forma de ensino trouxe consigo pontos considerados positivos e também negativos, estabelecendo novas oportunidades e nos mostrando dificuldades já existentes na educação e outras que surgiram no atual momento. É inegável que o ensino durante esse período de aula virtual traz benefícios aos educandos que tem acesso a internet e facilidade em lidar com

as tecnologias, outros pontos positivos é que para alguns alunos e professores que precisavam se deslocar de suas casas e percorrer longas distâncias, hoje isso não é necessário, a principal vantagem das aulas online é a tentativa de diminuir o contágio de forma exacerbada, já que com as aulas presenciais a proliferação do vírus seria de forma intensificada.

Outro ponto considerado positivo é a autonomia do aluno em relação aos momentos em que o mesmo decidirá as pausas durante o período de estudo, geralmente em sala de aula os momentos de intervalo quem decide é a escola, já em casa os alunos decidem qual horário será mais propício do mesmo cumprir suas obrigações. Em relação a autonomia do educando Freire nos diz que:

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. É nesse sentido que o professor autoritário, que por isso afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (Freire,2000, p. 66-67).

Deste modo ressaltamos que, esse período de ensino remoto trouxe um pouco mais de autonomia aos alunos, ato esse sendo visto como algo importante na visão de Freire.

Porém, não se pode ocultar os pontos negativos que esse momento trouxe. Alguns destes que podemos perceber é a dificuldade que a maioria dos professores encontram para ministrar esse tipo de aula. É o que nos mostra uma pesquisa realizada no início do isolamento pelo Instituto Península, entre os dias 13 de abril e 14 de maio de 2020, com participação de 7.734 professores de todo o Brasil, que aponta que 83% desses professores não se sentem preparados para atuar no ensino virtual. Essa pesquisa

mostrou também que 88% desses professores disseram que nunca haviam dado aula de forma virtual antes da pandemia e 21% acham difícil lidar com as tecnologias digitais. Porém devido à falta de preparo e a dificuldade que os sistemas escolares encontram para fazer o treinamento desses professores, com seis semanas de isolamento essa mesma pesquisa nos mostra também que essa realidade pouco mudou e cerca de 55% dos professores atuantes na educação, não tiveram nenhum suporte ou foram capacitados para lecionar fora das salas de aula e que 75% gostariam de receber esse apoio tecnológico. Isso traz um grande desgaste para os professores, que tiveram que se adaptarem para dar aula de um jeito que nunca haviam dado antes e se reinventarem todos os dias para darem conta de tudo isso.

A falta da presença física, das conversas presenciais, do contato professor/aluno, também é uma das dificuldades que tanto docentes quanto discentes enfrentam, a forma de interação entre eles é bem diferente de como acontecia anteriormente, essa nova forma de ensino pegou todos de surpresa. Os professores preocupam pois não sabem se os alunos estão de fato compreendendo os conteúdos e muitos alunos ainda tem receio em tirar suas dúvidas, dessa maneira acabam sendo prejudicados. Outro problema que sempre existiu, mais que com a pandemia acabou sendo escancarado para que todos percebessem, é em relação as desigualdades sociais e o acesso tecnológico. Dessa forma:

A quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele. (Santos, 2020, p. 21).

Como vimos esse momento que estamos vivendo reforçou muitos os problemas já existentes, muito professores não tem tanta prática para usar os meios tecnológicos e pior que isso é que muitos alunos não tem fácil acesso a essas tecnologias, muitos pais de 2 ou mais filhos estudantes sofrem por que tem apenas um aparelho em casa e os filhos precisam estudar no mesmo horário, acabam todos

sendo prejudicados. E outra grande parte dos alunos não assistem as aulas por de fato não terem nenhum aparelho ou acesso à internet.

4 Desafios educacionais mediante pandemia

Com as medidas de isolamento e distanciamento social por conta do Corona vírus (Covid'19), foi inevitável não buscar uma medida para que os estudantes não ficassem prejudicados e com isso a solução encontrada foi o início do ensino remoto, essa solução divide opiniões, para alguns esses formatos veio apenas para cumprir tabela quando o ensino de fato não ocorre, em muitos casos fica explícito o quanto os alunos e família não se sentem contemplados com essa tecnologia.

Os professores por sua vez, muitas vezes não tem suporte algum para desempenhar suas funções, não tem estrutura para que possam exercer suas funções com êxito. A falta de treinamento, apoio e equipamentos são constantes reclamações dos docentes.

Segundo Jacobs (2020, p. 3):

Além das taxas de perda e abandono da aprendizagem, há fatores de difícil mensuração. É muito provável que a crise cause perturbações sociais e emocionais, aumentando o isolamento social e criando ansiedade diante da possibilidade de que os pais possam perder o emprego e os entes queridos possam adoecer. Marcos importantes também têm sido cancelados, como cerimônias de formatura, campeonatos esportivos e eventos extracurriculares. São exemplos do que pode reduzir a motivação acadêmica e prejudicar o desempenho e o envolvimento.

É necessário também frisar que os danos da pandemia também são perceptíveis na saúde mental e psicológica de alunos e professores, sendo assim além de apoio com os meios tecnológicos, esses sujeitos também precisam de apoio psicológico.

A quarentena vem abalando a saúde mental dos educadores e dos educandos, assim como as dos pais. As dificuldades em si adaptar as novas mudanças, as cobranças, raiva, frustrações e problemas com a internet e com os aparelhos eletrônicos são alguns

dos fatores responsáveis por essa tensão psicológica. Os professores talvez são os que mais sofrem com isso, o sentimento de cobrança a todo o tempo, a mudança metodológica que eles têm que fazer, o uso das suas casas como sala de aula, a sensação de ter muita coisa para ser feita ao mesmo tempo e os problemas e preocupações que eles enfrentam com os alunos que não tem acesso à internet. Sabemos que para executar bem seu trabalho independente de qual profissão a pessoa exerça é fundamental está com a saúde mental equilibrada. Ajudar e compreender os sentimentos e as emoções desses profissionais é muito necessário. E isso fica frisado na fala de Freire:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (FREIRE, 1989, p.146).

É de suma importância que esses profissionais da educação recebam um apoio socioemocional, que seja capaz de amenizar esses sentimentos e aliviar suas demandas, para que dessa forma, possa facilitar também o ensino/aprendizagem, assim como auxiliar e acolher também os alunos que sofrem com algum tipo de ansiedade.

As crianças e os jovens também tem a saúde mental afetada, o distanciamento físico pode ser algo doloroso para eles, afinal não é fácil se distanciar de um amigo^a que sempre esteve presente na escola com eles, sem falar da importância que esse afeto tem para o desenvolvimento cognitivo das crianças, assim como é difícil para os estudantes do ensino fundamental ter que distanciar de colegas e professores. Ambos sofrem com a impossibilidade de frequentar as escolas.

5 Percurso metodológico

Nosso delineamento se faz pela pesquisa bibliográfica. Este estudo percorreu os passos da pesquisa bibliográfica fundamentada em Gil (2002 p. 44), “[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Os materiais pesquisados foram livros, capítulos de livros, sites e artigos científicos. Analisando e fazendo reflexões dos mesmos e buscando sempre resultados consensos para a estrutura e conteúdo do referido trabalho.

6 Considerações finais

Diante do que foi estudado e pesquisado para compreensão dos problemas que engloba o ensino remoto, compreendemos que o mesmo trouxe muitas mudanças para o cenário educacional, no decorrer deste artigo trouxemos algumas dessas mudanças, as quais trouxe pontos positivos e também negativos em todo meio educacional.

É de suma importância compreendermos que, embora exista grandes desafios a serem enfrentados, o ensino remoto veio para amenizar o impacto que uma pandemia poderia causar para educação, e também para que possamos aprender e reaprender as muitas formas de ensinar, nos dando oportunidades de aprimorar o campo educacional.

Dessa forma, a pesquisa nos possibilitou a compreensão do tema de acordo com o nosso objetivo geral que foi de identificar os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia. Portanto fica evidente as muitas dificuldades enfrentadas pelos educadores, educandos, pais e toda gestão escolar em meio a pandemia, assim como todas as possibilidades de ampliar e investir em meios tecnológicos, afim de amenizar essas dificuldades. A pandemia nos abriu os olhos para enxergarmos problemas já existentes e nos mostrar os novos problemas que surgiram com ela; exigiu que o educador se reinventasse, e fez com que todos se adaptassem às

novas tecnologias e as novas metodologias. Exigiu mudanças que devem ir além de adaptação momentânea, ela nos fez compreender a importância dos professores e dos meios tecnológicos para a educação. Assim, fica evidente que é necessário investir em projetos e buscar soluções para amenizar esse impasse que ainda existe entre educação e tecnologia.

Referências

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica.**

Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses/1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>

ELY, Débora. **Aulas presenciais nas escolas do RS não têm**

prazo para retorno. GAÚCHAZH, Porto Alegre, 29 abr. 2020.

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/04/aulas-presenciais-nas-escolas-do-rs-nao-tem-prazo-para-retornock9lwcmbi00oj017ndtzezi2r.html>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e

Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 165 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JACOB, EDGAR. **As consequências da pandemia na educação podem ser piores que o esperado.**

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas: Papirus, 2012

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP Nº: 5/2020. **Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2020c.

PESQUISA DO INSTITUTO PENÍNSULA. (27/maio/2020)
Disponível em: <https://www.institutopeninsula.org.br/em-quarentena-83-dos-professores-ainda-sesentem-despreparados-para-ensino-virtual>

SANTOS, Boaventura de Sousa, **A Cruel Pedagogia do Vírus**, al-Medina Edition, Coimbra, 2020.

Capítulo 10

EDUCAÇÃO REMOTA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fernanda da Silva Santos¹

Weliton Ribeiro Sena²

Rodrigo Guedes de Araújo³

1 Introdução

Em 2019 os países foram alertados da existência de um novo vírus tendo início na China, denominado Covid 19, uma doença respiratória grave que vem levando a internação e óbitos de pacientes. Logo o vírus fez se presente no mundo, tendo registro de contaminação espalhando se pelo universo, caracterizando uma pandemia, mesmo com todos os aparatos científicos e tecnológicos, não foi possível frear a contaminação antes que afetasse drasticamente o mundo, os setores da educação, saúde e economia sofreram impactos.

A Covid 19 vem causando problemas na sociedade, bem como impactos econômicos e políticos, tendo como alternativa de controle de disseminação do vírus o isolamento social, uso de máscara e a higienização das mãos e todo objeto que por ela ser tocado, as escolas se fechando em 2020, empresas, parques, trabalhadores desempregados, ficando a responsabilidade de gestores estaduais e municipais com decretos municipais a fim de prevenir e conter o número de contaminações, e principalmente a conscientização

1 Graduanda do 8º Semestre do curso de Pedagogia, Campus XVII, Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

2 Graduando do 6º Semestre do curso de Pedagogia, Campus XVII, Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

3 Professor do quinto semestre, turma, do componente curricular Tecnologias da Informação e comunicação – TIC do Curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII

de cada um. Diante desse cenário, novas metodologias foram inseridas ou melhorada para amenizar a situação, as tecnologias vêm ganhando força, principalmente na área da comunicação, informação e entretenimento, o mundo virtual nunca foi tão requisitado. Logo a frente nos apostes teóricos iremos abordar com mais precisão sobre a utilização das ferramentas tecnológicas na educação com ênfase em tempos de pandemia.

Este artigo tem por objetivo abordar a educação remota em tempos de pandemia, os desafios e perspectivas na inserção das tecnologias. Para alcançarmos esses objetivos fundamentaremos com base nas pesquisas bibliográficas. Como questão problema, buscaremos compreender o processo de ensino aprendizagem por meio da educação remota em tempos de pandemia.

Desse modo, organizaremos o artigo da seguinte forma, será dividido em três tópicos com discursões teóricas acerca do cenário da Educação Remota em tempos de Pandemia. No primeiro tópico abordaremos uma reflexão com tema Tempos de Pandemia inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação. Segundo MENDES, 2008 “TICs é um conjunto de recursos tecnológicos que, se estiverem integrados entre si, podem proporcionar a automação e/ou a comunicação de vários tipos de processos existentes nos negócios, no ensino e na pesquisa científica, na área bancária e financeira, etc”. Em segundo destacaremos TICs Ferramenta que possibilita o conhecimento, mas que pode se tornar perigosa, e em terceiro uma reflexão acerca das dificuldades e perspectivas no uso das tecnologias na educação. Para a construção e reflexão destas abordagens apoiaremos em algumas fontes teóricas, bem como: (FONSECA, 2002; ZATTAR, 2017, apud CARVALHO E MATEUS, 2018; DOMINGOS, 2020; DI MARTINO e WIRTH, 1990, Apud RAFALSKI & ANDRADE, 2015; NOVAIS, 2004).

A escolha do tema foi a partir do momento em que estamos vivenciando, uma realidade tão exposta no meio educacional, crise econômica e por ser uma metodologia que é preciso ser trabalhada pelos governantes Estaduais, Municipais, juntamente com a equipe escolar para que haja políticas públicas voltadas para o acesso e

adequação dos meios tecnológicos, para assim todos os alunos terem educação, e profissionais capacitados para trabalharem com essa nova metodologia de ensino, e seja pensado não somente em tempo de Pandemia, mas que todos tenham educação de qualidade e acesso à internet de forma segura.

2 Percurso metodológico

A pesquisa científica no campo educacional exerce papel importante, uma vez que nos permite compreender e buscar respostas no objeto estudado, a vista disso buscaremos para construção desse trabalho uma pesquisa de cunho bibliográfico, com base em estudos de teóricos, pois nos possibilita investigar, compreender o objeto estudado. Para FONSECA, 2002,

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, paginas de websites. Qualquer trabalho científico inicia se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que se já se estudou sobre o assunto. Existem porem pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Entretanto, a pesquisa bibliográfica favorece ao pesquisador compreensão e visão crítica a partir de levantamentos de informações e colaborações de teóricos para o desenvolvimento da pesquisa, atentando sempre com precisão obter os resultados interessados.

3 Discussões teóricas

3.1 Tempos de pandemia inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação

A Pandemia do novo coronavírus teve início em 2019,

ocasionando no mundo grande número de mortes, impactando crise economia e o retrocesso da educação. Em meados do século XX a covid teve casos isolados somente em alguns Países e logo controlado, de acordo com TAKENAMI (2020)

O coronavírus (CoV), inicialmente isolado em 1937, ficou conhecido em 2002 e 2003 por causar uma síndrome respiratória aguda grave no ser humano denominada SARS. Na época, a epidemia foi responsável por muitos casos de infecções graves no sistema respiratório inferior, acompanhado de febre e, frequentemente, de insuficiência respiratória. (TAKENAMI, 2020, p.55).

A covid 19 é uma doença causada por um vírus, a mesma atinge o sistema respiratório, em casos mais graves leva o paciente a internação e em outros casos a óbito, a mesma surgiu na China e se espalhou por todo o mundo, a sua propagação ocorre através de contato de um indivíduo infectado, e assim vai se desencadeando. Para desacelerar a taxa de infecção os estados começaram a criar medidas restritivas em muitas cidades, devido aos números de casos e UTIs chegando a sua capacidade máxima, foi necessário um fechamento parcial e até mesmo total dos comércios. Em meio a esse cenário surge dúvidas e incertezas, a frase que ficou mais conhecida durante a pandemia foi o “fique em casa”, pedido esse que foi bastante criticado por donos de estabelecimentos, e até mesmo por trabalhadores, com as seguintes indagações, como vou sobreviver? Quem vai pagar as minhas contas? Nesse momento surge o estado, oferecendo um auxílio para amenizar a situação, infelizmente esse recurso não chegou a todos, e as pessoas ficaram à mercê da ajuda de outras pessoas, que se sensibilizava. A covid 19 não atingiu só a saúde, mas todo o sistema que engloba o mundo, se inicia uma corrida contra o tempo, para a produção de imunizantes que tem como um objetivo salvar vidas e todos os sistemas que o ser humano está inserido.

Devido ao momento atípico novas metodologias tecnológicas tiveram que ser adaptadas e inseridas, nunca se falou tanto em isolamento social, vidas ceifadas, crise econômica e sanitária, famílias desempregadas, empresas tiveram que se adequar ao mundo tecnológico para permanecerem no mercado. A falta de conhecimento, e o não acesso aos mecanismos tecnológicos fez com que pessoas perdessem emprego, agravando ainda mais a crise econômica. Outro fato que a pandemia interferiu, e o que nos importa com mais precisão neste trabalho é o afastamento dos alunos e profissionais dos ambientes escolares, o que é um desafio para professores e alunos estarem afastados de um ambiente que tem como objetivo contribuir para transformação e desenvolvimento do mundo. Desafio ainda quando se fala em educação pública, uma vez que possuem grandes falhas na qualidade educacional, tanto estrutural e educacional para alunos e professores.

Entretanto, já garantida a validade da modalidade de ensino a distância, e foi a partir do momento atual os governantes viu como alternativa optarem a princípio as aulas remotas, MUGNOL, 2009, aponta que:

A partir da Lei n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação para todos os níveis de ensino (LDB), o ensino a distância, conforme dispõe o parágrafo 4º, do inciso IV, do artigo 32, passa a ser definido como uma modalidade utilizada para “complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”; e segundo o inciso 2, do artigo 87, cada município deve ser responsável por “prover cursos presenciais ou a distância aos jovens e adultos insuficientemente escolarizados.” (2009, p. 345).

Com o cenário da educação remota vários aplicativos de comunicação fazem se presente, e contribui para trocas de experiências, e aprendizados dos alunos. Vale ressaltar em especial o acesso a essas plataformas só são possíveis para aqueles que tenham acesso a internet, e saibam, manusear, as plataformas mais comuns no momento são: Google Meet, Microsoft Teams, Google Class; Zoom.

O ensino a distância, era comum em universidades

particulares em determinados cursos, utilizando outras ferramentas, entretanto nas escolas públicas essa modalidade na maioria das vezes não foi introduzida durante o ensino, nem mesmo nos cursos de capacitação dos professores. Embora, as TICs têm se grande função no processo educacional, “a inserção de novas Tecnologias nas escolas está fazendo surgir novas formas de ensino e aprendizagem; estamos todos reaprendendo a conhecer, a comunicar nos, a ensinar e a aprender, a interagir o humano e o tecnológico (SCUISATO, 2016, p.21).

É preciso que a inserção das TICs contemple a todos os alunos, é preciso ser trabalhado e utilizada de forma correta, que todos tenham acesso à internet e aos materiais. Diante o cenário atual de Pandemia houve aumento da procura e necessidade da utilização dessa metodologia é possível perceber que diante a inserção dessas ferramentas de ensino remoto é falho no Brasil, e quanto a desigualdade social está presente na sociedade, alunos não possuem acesso a internet, nem mesmo as ferramentas básicas, outros residentes em zona rural o que dificulta o acesso ao sinal, professores não são capacitados para atuarem por meio desta modalidade a distância, o que ocasiona a desistência e retrocesso da educação brasileira.

3.2 TICs: ferramenta que possibilita o conhecimento, mas que pode se tornar perigosa

As tecnologias estão cada vez mais presente em nossas vidas, não tem como negar, com o momento que estamos vivendo a mesma ganhou mais força, viver sem os recursos tecnológicos é quase impossível, a mesma se encontra presente nos lares brasileiros através do rádio, tv e internet, aproximando quem está longe, quebrando diversas barreiras. Isso é incrível, o mundo digital veio definitivamente para facilitar a vida do homem, quando precisamos de alguma informação abrimos o computador celular ou tablete e em fração de segundo temos diversos resultados. A ferramenta Google é fantástica, nos possibilita diversas experiências, podemos

conhecer vários lugares, culturas, e o melhor no conforto da nossa casa.

As ferramentas digitais, nos faz interagir com milhares de pessoas de forma simultânea, nos possibilita guardar memórias, através de Pendrive, cartão de memórias, CDs, DVDs, HD, mecanismo esses que armazena vários dados, que são utilizados em ambientes de trabalhos e até mesmo para uso pessoal. A indústria de produtos tecnológicos consegue prender as nossas atenções, com produtos que são práticos e que fica a um toque dos nossos dedos. Diante de tantas maravilhas e praticidade nos surge indagações acerca desse mundo digital, será que estamos usando tais ferramentas de forma correta? Até onde esse acervo de informações pode nos gera conhecimento? E nesse mundo de inovações estamos tendo a nossa privacidade protegida?

Nos últimos anos vem crescendo as chamadas fakes News, as mesmas tem como objetivo disseminar informações falsas, em muitos casos gerando graves problemas para a sociedade, informações duvidosas induz quem está lendo a pensar e agir de maneira errada, e, alguns casos gerando risco para a própria pessoa e para terceiros.

Ter acesso às fontes de informações é uma tarefa diária e essencial na atualidade. Contudo, não basta que se tenha acesso a qualquer tipo de informação, pois é necessário qualidade, relevância e veracidade nos mais diferentes contextos, de forma que sejam evitadas desinformações e notícias falsas nas bolhas informacionais em que somos inseridos. (ZATTAR, 2017, apud CARVALHO E MATEUS, p.5, 2018).

Não é de hoje que surge diversas polemicas sobre a privacidade na internet, sempre a um escândalo envolvendo grandes empresas, sobre vazamento de dados, esse vazamento de informações faz com que milhares de pessoas caia em golpes, vítimas de cibecriminosos, que utiliza a fragilidade do usuário, para praticar crimes. Navegar por esse mundo não é algo simples, existe uma série de procedimentos que precisa ser levado em conta, a utilização de antivírus, o acesso a sites que são certificados, são

uma das maneiras mais simples de se proteger

As tecnologias da informação e comunicação TICs na educação assume papel importante na construção do pensamento crítico e desenvolvimento da criança no universo, é preciso orientações para o uso dessas ferramentas digitais. Para DOMINGOS, 2019, p.104 “perspectivas para essa modalidade de educação são animadoras no sentido da expansão do desenvolvimento de novas tecnologias e/ou adaptação das existentes na educação”. A vista disso, a inserção das ferramentas na educação no momento de pandemia veio para que mesmo distante haja buscas da construção do conhecimento, e uma alternativa de manter se o aluno mesmo em isolamento inserido no mundo educacional, além de alternativa de estar ativo no processo de ensino aprendido.

3.3 Dificuldades e perspectivas no uso das tecnologias na educação

Vivemos em uma sociedade bastante diversificada, socialmente e culturalmente, a tecnologia da informação nem sempre está presente em todos os lares brasileiros, nem todos conseguem ter acesso a essas ferramentas, o fator social é o grande vilão. A pandemia veio para escancarar essa realidade já existente, no entanto precária. Para resolver algumas situações foi preciso fazer adaptações, porém em muitos casos não é possível conseguir aproveitamento devido.

Para suprir as necessidades básicas das famílias, é preciso obter se uma renda, e para isso muitos pais trabalham enquanto as crianças estudam, por não ter algum familiar próximo, nem mesmo recurso para pagar algum responsável. E com a onda do Covid, afetou principalmente os lares familiares, muitos dos trabalhadores teve a necessidade de reinventar e permanecerem em casa, com trabalho Home Office uma nova metodologia adotada por algumas empresas que ainda permaneceram com profissionais, vendo uma alternativa de manter na empresa usando as tecnologias e ainda permanecendo com os funcionários sem que houvesse necessidade de demissão, o que foi uma adaptação e desafio para os trabalhadores uma vez que

não tinha conhecimento para tal tecnologia, ainda permanecendo em casa cuidando dos filhos, devido o fechamento das escolas, com a introdução dessas tecnologias no ambiente de trabalho acarretou para o número de desempregados, principalmente as pessoas com mais idade, por não terem conhecimento com a inserção de meios tecnológicos, DI MARTINO e WIRTH, 1990 *Apud* RAFALSKI & ANDRADE, 2015 apontam,

que o teletrabalho pode ser definido como o conjunto de atividades profissionais realizadas fora do escritório/da empresa, sem contato pessoal com colegas de trabalho, mas com a possibilidade de se comunicar com estes por meio de tecnologia de qualquer tipo (exemplo: telefone móvel ou e-mails). (DI MARTINO e WIRTH, 1990, *Apud* RAFALSKI & ANDRADE, 2015, p. 433),

Partindo para a esfera educacional, grande desafio para as famílias de baixa renda, permanecer o filho em casa para acampamento das aulas virtuais, posto que o acesso as tecnologias não são para todos, não possuem nem mesmo o acesso à internet, ou os pais não tem paciência devido a rotina de trabalho, a falta dessa participação acaba contribuindo para o baixo desempenho ou a desistência dos alunos. Bem, como DALBEM, 2020 cita “[...] as famílias estão vivendo momentos muito diferentes daqueles que já viveram. E todos estamos nos testando sobre a nossa capacidade de termos paciência, temperança, solidariedade, empatia, colaboração e resiliência” (DALBEM, 2020, p.14)

Na zona rural por exemplo o acesso a essas tecnologias é ainda mais escasso, há localidades que não conta com energia elétrica, os preços elevados para a instalação de um equipamento, fatores esses que acaba sendo um grande empecilho, nessa perspectiva cabe a nós perguntar, será que esse modelo de ensino virtualmente atende um ensino pedagógico? o processo de ensino e aprendizagem está de fato sendo eficaz? Nesse contexto a culpa se torna do estado, porque o mesmo tem como finalidade garantir o acesso de todos a uma educação de qualidade. Outro problema recorrente é a má preparação do corpo docente, para trabalhar com as tecnologias,

ainda é presente números de professores com dificuldade ao manusear as ferramentas básicas, o que durante a formação não tiveram contato com as tecnologias na prática. Em muitas escolas públicas possuem alguns aparato tecnológico, como um dos mais necessários o computador, mas muitos destes abandonados, devido não ter pessoas capacitadas para estarem utilizando.

Para tanto o que se espera durante e pós Pandemia é que os gestores, estaduais e municipais tenham um olhar sobre as escolas públicas, acesso à internet e meios tecnológicos para todos sem exclusão, alunos e profissionais capacitados que possam transferir o conhecimento com excelência para os alunos, e que busque formas de profissionalizar e capacitar pessoas para está exercendo essa função pra atender as necessidades educacionais,

É preciso darmos conta do desafio e da oportunidade que a escola tem diante de si ao fazer com que o computador seja efetivamente utilizado como uma ferramenta de aprendizagem. Para que isso ocorra, o diretor, os coordenadores e orientadores, os professores e os alunos devem viver um processo de mudança, sendo atores desse próprio processo (NOVAIS, 2004, p.6).

Portanto, os desafios educacionais devem serem superados, e que atendam a todos os estudantes sem exclusão, para além, formação continuada aos profissionais para que possa atender e preparar os alunos com excelência.

4 Considerações finais

O trabalho educacional remoto contribui no processo de formação e ensino aprendido do aluno, embora ainda poucas pessoas tem acesso. Atualmente a utilização dos meios tecnológicos faz presente no mundo, com as medidas de isolamento social devido ao coronavírus viu se como alternativa de comunicação a utilização dos meios tecnológicos para continuidade da aulas por meio remoto, bem como abordado no texto a inserção das aulas remotas tem sim sua importância e desafios a seres superados na esfera educacional,

sendo que nem todos os escolas da rede pública possui materiais digitais suficiente para acesso de todos, nem mesmo nas residências dos alunos, apesar do avanço dessas tecnologias, ainda há muito a ser implementado no sistema educacional os meios digitais.

Diante do exposto, é notório que é necessário políticas públicas, organização dos gestores municipais, e gestores escolares para que o acesso aos materiais digitais atendam a todos os alunos sem exclusão, dos centros urbanos e rurais, para além capacitações de professores para o uso das metodologias digitais, e que o uso dessas plataformas sejam trabalhadas além das aulas remotas.

Referências

DALBEN, Freitas d. L. I.A. Relação família X escola em tempos de pandemia. Paidéia. EdiçãoV. 14n.22(2019. p.2020).

DOMINGUES, Alex Torres. A interiorização da EAD nas Instituições públicas de educação noestado de Mato Grosso do Sul: avanços e perspectivas. Horizontes- Revista de Educação. [S, I,], v.7, n.14, p.106,2019.

FONSECA, J.J.S. Metodologia da Pesquisa Científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

MENDES, A. TIC – Muita gente está comentando, mas você sabe o que é? Portal iMaster, mar.2008. Disponível em: <<http://imasters.com.br/artigo/8278/gerencia-de-ti/tic-muita-gente-estacomentando-mas-voce-sabe-o-que-e/>>. Acesso em: 28 maio. 2021.

MUGNOL, Márcio. A educação a distância no Brasil: confeitos e fundamentos. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, v. 9, n. 27, p. 335-349, maio/ago. 20

NOVAIS, V. As TIC chegam à escola: como entrar pela porta da frente? PUC-SP, 2004.

RAFALSKI, Julia Carolina; DE ANDRADE, Alexsandro Luiz

Home-Office: Aspectos Exploratórios do Trabalho a partir de Casa
Temas em Psicologia, vol. 23, núm. 2, 2015, P. 431-441 Sociedade
Brasileira de Psicologia Ribeirão Preto, Brasil.

SCUISATO, Dione Aparecida Sanches. **Mídias na educação: uma proposta de potencialização e dinamização na prática docente com a utilização de ambientes virtuais de aprendizagem coletiva e colaborativa.** Acesso em 27 de maio de 2021

TAKENAMI, Iukare. **Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI.** Vigil. Sanit. Debate 2020, 8(2): p. 54-63, abril. /abr./abr. 2020. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/07/1103209/2020_p-028.pdf. Acesso em: 7 jun. 2021

ZATTAR, M. **Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação** | Information literacy and disinformation: criteria for evaluating the content of information sources. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2017. DOI: 10.18617/liinc.v13i2.4075. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4075>. Acesso em: 08 jun. 2021.

Capítulo 11

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NO CONTEXTO ESCOLAR

Patrícia Regina Cardoso Santos¹

Tainara Cardoso de Araújo²

Rodrigo Guedes de Araújo³

1 Introdução

O presente artigo tem como enfoque principal discutir sobre a formação de professores e os recursos tecnológicos, a fim de compreender de qual maneira os recursos tecnológicos contribuem para o processo de desenvolvimento do aluno, assim como identificar a importância dos recursos tecnológicos para a prática pedagógica.

Trabalhar com o uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) tem sido uma tarefa cada vez mais fácil, pois a sua contribuição para que os professores desenvolvam as suas práticas pedagógicas tem tido um grande desenvolvimento, tanto no aprendizado do aluno quanto para a realização do seu trabalho. Com o avanço dos recursos tecnológicos onde quase todos nós

1 Estudante do V semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia. UNEB. Email:patypatriciaregina07@gmail.com

2 Estudante do IV Semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia UNEB: E-mail: cardozo.tca@gmail.com

3 Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos MPEJA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em Direitos Sociais do Campo – Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Conhecimento, Política e Desenvolvimento – UNEB – Bahia. Professor no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da UNEB – Campus de Bom Jesus da Lapa –Bahia. Membro do Centro Acadêmica de Educação do Campo – CAEDT – Salvador. E-mail: pedagogodaterra@gmail.com

podemos ter o acesso e com a inclusão das TIC dentro da educação, podemos assim então afirmar o quanto é importante estarmos sempre interligadas a ela, nesse sentido a formação de professores é fundamentalmente essencial para obter conhecimentos que façam dos recursos tecnológicos um uso adequadamente que possa contribuir positivamente no processo de aprendizagem do aluno.

Por meio do tema formação de professores e os recursos tecnológicos, nos surgiu essa discursão que viesse problematizar, como os recursos tecnológicos contribuem para que os professores desenvolvam as suas práticas pedagógicas. Diante disso surgiu a seguinte questão: Como os recursos tecnológicos vêm contribuindo para o avanço do aprendizado do aluno? Para compreendermos sobre esse questionamento utilizamos da abordagem do tipo qualitativa tendo como a pesquisa bibliográfica buscando entre artigo e livros autores que discutem essa temática (AGUIAR, 2013), (BEHRENS, 2000), (MENEZES, 2014), (MERCADO, 1999), (MORAN, 2012), (ROSA, 2002), (ROLKOUSKI, 2011), (VALENTE, 1997), (VALENTE, 2003) (VIEIRA, 2011).

2 A importância dos recursos tecnológicos para o desenvolvimento do aluno

É preciso que o professor tenha o conhecimento sobre os recursos tecnológicos e como utilizá-los, para melhor assim atender as necessidades de desenvolvimento diante da sua prática pedagógica, e por meio delas poder então promover que o aluno tenha um desenvolvimento positivo onde alcance o objetivo que foi proposto diante da prática aplicada pelo professor, porém para que isso ocorra é necessário que o professor busque este conhecimento através da sua formação.

A formação do professor deve prover condições para que ele construa conhecimento sobre as técnicas computacionais, entenda por que e como integrar o computador na sua prática pedagógica e seja capaz de superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica. Essa prática possibilita

a transição de um sistema fragmentado de ensino para uma abordagem integradora de conteúdo e voltada para a resolução de problemas específicos do interesse de cada aluno. Finalmente, deve-se criar condições para que o professor saiba recontextualizar o aprendizado e a experiência vivida durante a sua formação para a sua realidade de sala de aula compatibilizando as necessidades de seus alunos e os objetivos pedagógicos que se dispõe a atingir. (VALENTE, 1997, p. 14)

No entanto, o professor que adquire estes conhecimentos desenvolve o seu trabalho com mais praticidade diante das demandas que são encontradas dentro do espaço escolar, nesse sentido os recursos tecnológicos contribuem de forma significativa para o processo de desenvolvimento do aluno, pois os recursos tecnológicos possibilitam que a aula seja mais atrativa para os alunos, onde é possível aproveitar bastante do que é oferecido por meio da forma que são utilizados. Para o professor que sempre estar em busca do novo, através dessa ferramenta de ensino é importante lembrar que “o recurso por si só não garante a inovação, mas depende de um projeto bem arquitetado, alimentado pelos professores e alunos que são usuários.” (BEHRENS, 2000, p.99). Ou seja, o professor deve estar sempre buscando se atualizar sobre o uso dos recursos tecnológicos.

3 A importância dos recursos tecnológicos para a prática pedagógica

Compreendemos que a utilização dos recursos tecnológicos desde a sua inclusão dentro do ambiente escolar foi benéfica para que o desenvolvimento das práticas pedagógicas pudesse assim ser desenvolvidas com mais facilidade, e assim esse meio de ferramenta fosse eficaz para a melhoria e qualidade da educação, com isso os recursos tecnológicos cada vez mais têm se contribuindo para que os professores realizem seu trabalho docente utilizando de uma praticidade. “O uso da tecnologia está além do ‘fazer melhor’, ‘fazer mais rápido’, trata-se de um ‘fazer diferente’” (ROLKOUSKI, 2011, p. 102). Deste modo, o uso da tecnologia é fundamental no

contexto da educação.

Sobre o uso das TIC na escola, Moran (2012) afirma que:

A educação fundamental é feita pela vida, pela reelaboração mental-emocional das experiências pessoais, pela forma de viver, pelas atitudes básicas da vida e de nós mesmos'. Assim, o uso das TIC na escola auxilia na promoção social da cultura, das normas e tradições do grupo, ao mesmo tempo, é desenvolvido um processo pessoal que envolve estilo, aptidão, motivação. A exploração das imagens, sons e movimentos simultâneos ensinam aos alunos e professores oportunidades de interação e produção de saberes. (MORAN, 2012, p.13).

Nesse sentido podemos entender o quanto o uso das TIC na escola é essencial para a construção de uma educação que possibilita várias formas de como o professor possa utilizá-las da forma que atenda às suas demandas. “a tecnologia é usada para fazer o tratamento da informação, auxiliando o utilizador a alcançar um determinado objetivo.” (VIEIRA, 2011, p, 16). A formação de professores permite que o professor busque sempre inovar o seu trabalho e nesse sentido a tecnologia é fundamental nesse processo de busca.

De acordo como a tecnologia vêm se avançando, vale então ressaltar que é preciso que o ambiente escolar capacite o professor ou que busque por políticas públicas uma ferramenta que auxilie e sempre que possível atualize para que o professor tenha cada vez mais a capacidade de inovar suas práticas pedagógicas através da contribuição dos recursos tecnológicos, com isso a inclusão das TIC no espaço escolar faz com que a contribuição para auxiliar na realização da prática pedagógica seja essencial, pois o conhecimento é importante para assim então obter resultados promissores, que beneficie principalmente no processo de ensino aprendizagem do aluno.

4 As TIC na formação continuada dos professores

A formação de professores que inclua o uso das tecnologias digitais é um elemento fundamental para que atendam todas

as necessidades educacionais dos alunos no contexto escolar, a formação continuada é de grande importância nesse processo dando condições a estes professores. Na formação de professores é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar as novas tecnologias no processo de aprendizagem exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas nas quais a função do aluno é a de mero receptor de informações e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores. (MERCADO.1999).

Ficam evidentes os paradigmas que são impostos de que por muito tempo o professor era o único detentor do saber mas que esses pensamentos já foram rompidos, pois o ensino é uma troca constante de aprendizado entre o professor e aluno, a mudança ocorre pois na sociedade atual não existe mais esse pensamento de que o professor é como o único detentor do saber. “os conhecimentos não deve ser considerados lógicos, pois o que modifica não são os conhecimentos, mas a ligação que as pessoas tem”. (MENEZES 2014). Essa relação entre os conhecimentos e pessoas diz muitos quando temos uma relação direta com determinada situação, onde nos familiarizamos mais quando está em nosso convívio.

O professor pesquisador e reflexivo tem uma condição necessária quando se fala das tecnologias no seu meio de trabalho, a sua relação deve contribuir no desenvolvimento dos alunos com relação às atividades propostas no planejamento, as escolas tem modificado a suas estruturas para uma boa inclusão das tecnologias com os equipamentos necessários nas salas de aula. Com a evolução das tecnologias toda a sociedade vem utilizando os conhecimentos no mundo atual, no campo educacional a tecnologia vem proporcionando uma nova forma na aplicação dos conteúdos, o uso das tecnologias aparecendo como uma nova forma surgem maneiras e conceitos em sua utilização tornando muitas vezes um desafio para os professores na atualidade (AGUIAR 2013). A tecnologia pode ser vista como uma ferramenta que ajuda na resolução de questão problema, e ajudar neste processo. A tecnologia é usada também na economia do mundo com o objetivo de produzir ainda

mais com a junção de recursos. (AGUIAR, 2013).

É necessário que as TIC sejam incluídas no meio educacional, essa busca nas escolas estão cada vez maior, pois ela serve para auxiliar diretamente no ensino. ‘As TICs não devem ter como objetivo somente instrumentalizar o professor com recursos pedagógicos modernos, mas deve auxiliá-lo para que em sua prática pedagógica deixe de ser um transmissor de informações e passe a ser aquele que cria situações de aprendizagem nas quais seus alunos possam construir conhecimentos contextualizados’. (VALENTE 2003).

Segundo Aguiar 2013, é necessária a busca pela inclusão da tecnologia na área da educação, pois ela contribui nas novas formas de apreensão de conhecimentos, por se tratar de um mecanismo que auxiliam no aprendizado. A tecnologia é um instrumento importante, quando o professor é habilitado para fazer o uso desde o planejamento pedagógico até a implementação em sala. Essas mudanças não contribuem somente na área da educação, mas também no mercado de trabalho.

É fundamental que as tecnologias da informação estejam para ajudar na melhoria do ensino e aprendizado mudando assim o papel do professor que antes se tratava de um ensino tradicional na sua prática que está relacionada com sua formação, por se tratar da tecnologia como uma nova forma de se trabalhar e está no cotidiano dos alunos. Muitas vezes o uso das TIC não é visto como satisfatório ainda que faça cada vez mais parte do cotidiano de uma escola sendo assim sujeitos a passarem por novas transformações para se adequar a essas novas tecnologias.

5 Ensino remoto em tempos de pandemia

O ensino remoto está sendo a nova realidade dos alunos tanto da rede pública quanto da rede privada as aulas estão sendo realizadas neste formato por conta do covid 19, são medidas adotadas e mediadas pela tecnologia, sendo uma forma que o

ministério da educação encontrou de continuar a escolarização dos alunos com a ajuda dos recursos tecnológicos. A família tem um papel de grande importância no desempenho dos alunos e na realização das atividades nesse processo.

Neste período de afastamento presencial, recomenda-se que as escolas orientem alunos e famílias a fazer um planejamento de estudos, com o acompanhamento do cumprimento das atividades pedagógicas não presenciais por mediadores familiares. (BRASIL, 2020c, p.9).

É importante que a família se faça presente na rotina de estudos dos alunos nesse período para que consiga ter resultados na sua aprendizagem por se tratar de momento de isolamento onde os alunos não estão tendo contato direto com os colegas e professores o que torna ainda mais difícil. “Não estamos diante de uma opção, mas de uma necessidade de mudança, tendo em vista que mudar é questão de sobrevivência, de agora em diante’ (ROSAS, 2002).

É necessário investir na formação continuada que nesse período os profissionais terão que rever sua prática para que atenda as necessidades educacionais, uma vez que os professores estão tendo que se reinventar diante dessa pandemia. Está sendo um desafio ter um suporte tecnológico para que os alunos consigam acompanhar as atividades.

A pandemia desafiou os professores a reinventar suas práticas e a forma como ministrar as aulas com novas estratégias para conseguir dá aula a distância nesse novo formato de ensino remoto.

De forma emergencial e com pouco tempo de planejamento e discussão (o que levaria meses em situação normal, professores e gestores escolares, público e privado, da educação básica a superior, tiveram que adaptar in real time (em tempo real) o currículo, atividades, conteúdos e aulas como um todo, que foram projetadas para uma experiência pessoal e presencial (mesmo que semipresencial), e transformá-las em um Ensino Remoto Emergencial totalmente experimental. Fazendo um recorte desse processo, podemos afirmar que nunca a educação foi tão inovadora. Foi a transformação digital mais rápida

que se tem notícia num setor inteiro e ao mesmo tempo. (ENSINO..., 2020, n.p.).

Com o ensino remoto ficou evidente os grandes problemas que estão presentes na educação como a desigualdade que não estava tão exposta, muitas coisas que antes eram camufladas, ficam bastante visível agora para toda a população, a desigualdade social e tecnológica. Nesse sentido compreendemos que a tecnologia por esse lado continua sendo vista como um desafio a ser trabalhada na realização das práticas pedagógicas dos professores, por se tratar do acesso que nem todos os alunos ainda têm, e nem todos os professores ainda conseguem dominar essa nova ferramenta de ensino, diante disso pudemos perceber também que a desigualdade social é um dos fatores que implicam no desenvolvimento do aprendizado do aluno em meio a esse tempo de pandemia principalmente, onde a realidade de acesso à tecnologia torna-se o acesso escasso, muitos dos recursos tecnológicos que os alunos possuem em casa é preciso ser compartilhado por mais outras pessoas, nem todos tem um acesso de qualidade a internet.

Em meio a essas dificuldades os professores sempre procuram fazer o seu melhor e compreendem a realidade dos alunos buscando sempre incentivar os alunos a não abandonar os estudos.

6 Considerações finais

O uso das tecnologias no ambiente escolar fica notório que contribuem significativamente no desenvolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, quando são utilizados de maneira correta pelos educadores, por se tratar de uma ferramenta que contribui nas suas práticas pedagógicas, as escolas veem se organizando cada vez mais para implementar as tecnologias da informação melhorando sua estrutura para receber essas tecnologias, como é o exemplo dos computadores, que é tido como um recurso tecnológico básico para que os alunos tenham o acesso do mesmo.

Com a nossa pesquisa fica evidente que a necessidade de que muitas escolas ainda enfrentam com a chegada dos recursos

tecnológicos, e a falta de estrutura que tenha a adaptação para atender a realidade que ali existe, pois muitas das vezes o ambiente escolar não tem suporte ainda para receber esses recursos, de acordo com o que vai chegando e da forma que os professores encaram para conseguir fazer a utilização de modo que desenvolvam seu trabalho, as tecnologias digitais estão proporcionando uma flexibilidade na forma como o professor irá trabalhar em sala com a rapidez com que a tecnologia vem avançando e com essa facilidade que podemos ter acesso a variadas formas de conhecimentos.

Com a chegada dos recursos tecnológicos nas escolas como uma ferramenta que veio para auxiliar no ensino e aprendizado, os professores encontram ainda muitas dificuldades para conseguirem fazer sua utilização corretamente preferindo assim o modo tradicional de trabalhar, que muitas vezes a tecnologias não são bem aceitas por alguns profissionais por não ter uma formação que dê condições a estes professores para que desenvolvam seu trabalho, as tecnologias contribui não somente no meio escolar mas também em todo o nosso cotidiano, onde vem ganhando ainda mais espaço na sociedade.

As TICs surgem cada vez mais sendo incorporadas em nossas vidas de forma que será impossível não fazer o seu uso, as tecnologias vem transformando a forma como nos relacionamos em toda a sociedade e no meio escolar não é diferente, é inevitável que ela chegue a escola e que os professores terão que fazer o uso delas em suas práticas pedagógicas. A formação continuada é necessária neste processo de implantação das TIC pois muitos professores não estão familiarizando com as novas tecnologias, já que em sua formação não foi ensinado como fazer o uso, portanto é de grande importância que o profissional busque meios além da sua formação para conseguir desenvolver seu trabalho com os alunos com a ajuda dessa ferramenta que hoje é indispensável, e com a chegada da pandemia está colaborado para que tenha a continuidade da escolarização dos alunos.

Referências

AGUIAR, Ranieri Roberth Silva de. **Tecnologias da informação e educação: uma relação necessária**. Newton PaivaVirtual: Curitiba, 2013.

BEHRENS, M. A. **Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente**. In: Moran, J. M.; Masetto, M.T.; Behrens, M. A. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, S.P.: Papirus, 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. **O que é Covid-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020 Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em 04 jun. 2021.

ENSINO Remoto Emergencial: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. SINEPE/RS, Porto Alegre, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar>. Acesso em : 04 jun. 2021.

MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T., BEHRENS Marilda **Aparecida. Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. Campinas, SP. Papirus, 2012.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**, Maceió: EDUFAL, 1999

MENEZES, Glauco Gomes de. **As TICs na formação continuada de professores**, Educar em revista, Curitiba, Brasil: Editora UFPR, 2014.

ROLKOUSKI, E. **Tecnologias no ensino de matemática**. Curitiba: Ibpex, 2011.

ROSA, S.S. da.(2002). **Construtivismo e mudança**. 8 ed. São Paulo: Cortez.

VALENTE, J. A. **Visão analítica na Educação no Brasil: a questão da formação do professor**. Revista Brasileira

de Informática na Educação. RS: Sociedade Brasileira de Comunicação, n 1, set. De 1997.

VALENTE, J.A. **A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos.** Em M.C. Joly (ed.) Tecnologia no Ensino: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2005.

VALENTE, J. A. **Repensando situações de aprendizagem: fazer e compreender.** Artigo Coleção Série Informática na educação. Editora Avercamp. 2003.

VIEIRA, Rosângela Souza. **O papel das tecnologias da informação e comunicação na educação: um estudo sobre a percepção do professor/aluno.** Formoso -BA: Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), 2011. v. 10, p.66-72.

Capítulo 12

RELATO DE EXPERIÊNCIA: MONITORIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Camila Fernandes de Oliveira¹
Rodrigo Guedes de Araújo²*

1 Introdução

Esta pesquisa se desenvolveu em torno da questão problema: Como foi a experiência de monitoria do componente curricular Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no curso de Pedagogia? Nesse sentido, tem o objetivo geral de relatar minha experiência como monitora de Tecnologia da Informação e Comunicação no curso de pedagogia. E como objetivos específicos: Entender sobre o ensino superior e o curso de Pedagogia - Analisar a relevância da monitoria para o graduando em Pedagogia - Compreender a importância da monitoria de TIC em tempos de pandemia.

No ensino superior, a monitoria é de fundamental importância, pois possibilita que o estudante tenha uma formação mais completa. Ela oportuniza que o educando tenha experiências além da sala de aula e que adquira novos conhecimentos. Também

-
- 1 Graduanda do 6º semestre do curso de Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – Bahia. E-mail: fernandesmilaa@hotmail.com
 - 2 Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos MPEJA da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Especialista em Direitos Sociais do Campo – Universidade Federal de Goiás. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade, Conhecimento, Política e Desenvolvimento – UNEB – Bahia. Professor no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da UNEB – Campus de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Membro do Centro Acadêmico de Educação do Campo – CAECDT – Salvador. E-mail: pedagogodaterra@gmail.com

dar a chance de o monitor relacionar a prática e a teoria, fazendo com que tenha outros olhares sobre o que estudou. No curso de Pedagogia, a monitoria de ensino oferece ao discente a oportunidade de acompanhar o trabalho do educador, desde o planejamento até as aulas, isso gera muitos aprendizados para o educando e pode resultar no desejo, por parte do monitor, de seguir com a carreira docente.

A partir dos temas abordados nessa pesquisa, o embasamento teórico foi composto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Pedagogia, de 2006 e pela Resolução Nº 2.018/2019. Também foram usados autores como: Santos (2004), Neves; Martins (2016), Silveira; Sales (2016), Araújo; Amorim (2020) e Castaman; Rodrigues (2020).

Esse estudo é de cunho qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência, feito a partir da monitoria de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), realizada em uma turma do 5º semestre do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII – Bom Jesus da Lapa/Bahia. A monitoria aconteceu no contexto da pandemia da COVID-19, a partir do ensino remoto e de encontros virtuais. A pesquisa está organizada em: introdução, resultados e discussões, que abordam sobre o ensino superior no Brasil, o curso de Pedagogia, a oferta de monitoria na graduação, as vivências na monitoria de TIC, ensino remoto na pandemia e as tecnologias na educação, considerações finais e referências.

2 Análise teórica da monitoria no Ensino Superior

Historicamente o Brasil é marcado por atrasos na educação, com o ensino superior não aconteceu de forma diferente, devido a oposição do governo português em criar escolas superiores e universidades na colônia brasileira. Esse fato só se modificou no início do século XIX, quando a corte portuguesa veio para a colônia (1808), com o intuito de oferecer uma educação que formasse para

o mercado de trabalho, gerando assim, mão de obra para a corte (NEVES; MARTINS, 2016). Percebe-se que a chegada tardia do ensino superior no Brasil foi proposital, tinha o objetivo de não ofertar educação para o povo brasileiro.

Na década de 1930, surgiram as primeiras universidades brasileiras. Entre as décadas de 1940 e 1960 o número de universidades aumentou, sendo tanto públicas quanto privadas. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ocorreu o aumento crescente da industrialização no país, notou-se que o Brasil precisava formar profissionais que entendessem sobre desenvolvimento econômico. Para atender a essa necessidade, em meados da década de 1960, o Governo Federal construiu uma série de universidades federais e públicas em quase todo o território nacional. Com o Golpe Militar (1964-1985), o ensino superior passou por reformas, para se adequar ao ideal de desenvolvimento dos governos militares (IDEM).

A partir das décadas de 1970 e 1980, começou a acontecer a fragmentação do ensino superior brasileiro em público e privado, porque o acesso era limitado nas universidades públicas, que tinham que atender ao tripé de ensino, pesquisa e extensão. E nas privadas os cursos, principalmente, nas áreas de ciências humanas e de ciências sociais, tinham o custo baixo. Por sua vez, essas universidades preocupavam-se apenas com o ensino. Essa fragmentação se estabeleceu e perdura até hoje no ensino superior do Brasil (IDEM). Atualmente, a educação brasileira precisa passar por melhorias significativas, inclusive, no ensino superior. É imprescindível que o governo crie oportunidades para a população de acesso e permanência da/na universidade.

Assim sendo, dentre os inúmeros cursos de ensino superior, encontra-se o de Pedagogia, que sofreu modificações em seu processo de formação de docentes ao longo do tempo. Inicialmente, acontecia no curso normal, que foi criado na época do Império. Posteriormente, na época do Golpe Militar, a partir da década de 1970, a preparação para a docência ocorria no chamado magistério de segundo grau. Somente a partir de 1980, através das

lutas dos educadores e pesquisadores, surgiu o curso superior de Pedagogia, reconhecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), DE 1996 (CORTESE; FUSARI, 1989). Diante disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Pedagogia estabeleceram que:

[...] O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (BRASIL, 2006).

Percebe-se, que o pedagogo tem um amplo mercado de trabalho, podendo atuar com diferentes públicos, em espaços escolares e não escolares. Desse modo, ainda na graduação de Pedagogia são oferecidas oportunidades que preparam os estudantes e os fazem compreender sobre as atividades que desempenharão depois da formação. Como exemplo disso, tem-se o tema central desse relato de experiência: a monitoria. Nessa perspectiva, a LDB traz em seu artigo 84 que “Os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos” (BRASIL, 1996).

Sendo assim, as monitorias são projetos de extensão oferecidos pelas universidades que desempenham um papel fundamental na formação dos discentes. Sabendo disso, a Resolução Nº 2.018/2019, traz em seu Art. 1 que “A Extensão Universitária é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação entre a Universidade e outros setores da sociedade, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa” (BRASIL, 2019). Os estudantes terão acesso a práxis no processo da extensão, podendo colocar em prática seus conhecimentos acadêmicos.

Nesse sentido, o Art. 2 complementa abordando que a extensão na universidade possibilita aos educandos “[...] autonomia

e protagonismo para que experimentem uma formação acadêmica integral, interdisciplinar e indissociável entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 2019). Nota-se a necessidade da extensão nas universidades, pois através dela os estudantes aumentam a sua bagagem de conhecimentos, têm experiências práticas, desenvolvem a criticidade e vivenciam uma formação mais completa. Além disso, a extensão proporciona que a universidade ofereça um ensino que se preocupe com a sociedade, com a democracia, que lute contra a exclusão social e a degradação ao meio ambiente, e que defenda a diversidade. (SANTOS, 2004).

Através das experiências vivenciadas pelo monitor no período de atividades, como as aulas, a socialização de conhecimentos e o planejamento do professor, a monitoria pode despertar no educando o desejo de seguir com a carreira docente. Além de proporcionar para a sua formação momentos de trocas de aprendizagem entre o monitor, os alunos e o professor (SILVEIRA; SALES, 2016). Desse modo, a monitoria de ensino do componente curricular Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), tornou-se uma ótima oportunidade para adquirir novos conhecimentos sobre as tecnologias na educação e aprender mais sobre o trabalho docente.

3 Da experiência ao relato da monitoria de ensino

Quando surgiu a oportunidade de fazer a seleção para a monitoria de ensino do componente curricular Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), eu fiquei muito contente em poder concorrer, porque gostei muito de fazer a disciplina quando foi ofertada para mim no 5º semestre de Pedagogia, e agora poderia ter uma nova experiência como monitora. Os critérios de análise da seleção foram: o currículo, o histórico escolar, a carta de intenção e a entrevista. A monitoria aconteceu em uma turma do 5º semestre de Pedagogia composta por 30 educandos, dentre esses, 6 são de turmas e semestres diferentes.

Devido a pandemia da COVID-19 as aulas aconteceram virtualmente, pelo aplicativo Microsoft Teams. As atividades foram

divididas em síncronas, que correspondiam as duas horas de aula, e assíncronas, que eram as atividades que os discentes faziam sem ser nos encontros virtuais. Esse contexto apresentou dificuldades ao longo do semestre, porque tanto os alunos quanto o professor tiveram problemas de acesso e de internet, o que gerou situações como: a impossibilidade de assistir as aulas, acessá-las depois de já terem começado e perderem a conexão antes do término do encontro.

Para cada encontro virtual, o professor passava um material para ser estudado antes (atividade assíncrona), esse material era discutido na aula e os estudantes tinham até o final do dia para entregar uma atividade referente a ele, que poderia ser uma síntese ou um fichamento, por exemplo. Além de capítulos de livros e artigos, nos encontros também foram discutidos uma resolução e um documentário, todos voltados para temas que abordassem as tecnologias e a educação. Durante a monitoria, ocorreram reuniões semanais em que o professor explicava sobre o seu planejamento, o andamento das aulas e dos discentes e solicitava que eu fizesse algumas atividades, como listas e tabelas.

Ao longo da monitoria me chamou atenção o planejamento do educador, pois ele sempre buscava alternativas para melhorar suas aulas e ter a participação de todas as pessoas. A turma era bem participativa, porém tinham discentes que não se envolviam nas discussões, para modificar isso, o docente trouxe dinâmicas para as aulas que pediam a participação de todos, como o sorteio eletrônico, que dava três nomes de alunos e os sorteados teriam que comentar o que tinham estudado e/ou fazerem a leitura do seu trabalho. Teve também a divisão da sala em grupos, neles os educandos discutiam sobre o texto e depois apresentavam para a turma.

Além disso, o professor ouvia e respeitava aos alunos, sempre entrando em acordo com a turma a respeito das atividades e das datas de entrega. No final de cada aula solicitava aos alunos que fizessem uma avaliação daquele encontro, falando o que foi bom, o que não foi, se tinham entendido os assuntos ou se restavam

dúvidas. Percebi que o docente tinha uma preocupação com todo o processo ensino-aprendizagem, queria que ele ocorresse de forma real e leve, não apenas que os alunos tivessem acesso aos conteúdos de forma mecanizada, como resultado, os educandos tiveram avaliações muito positivas ao final do semestre.

A minha experiência como monitora do componente curricular Tecnologia da Informação e Comunicação foi excelente, tive acesso a muitos conhecimentos através das leituras dos materiais e do documentário, isso proporcionou que eu entendesse ainda mais sobre as TICs. Também aprendi com a turma e com o professor, acompanhando e/ou participando das discussões e vendo a forma com que o educador planejou e ministrou a matéria.

É importante destacar que, a monitoria ocorreu por meio do ensino remoto devido a pandemia da COVID-19, o que trouxe inúmeras dificuldades tanto para os educandos e suas famílias quanto para os educadores, que começaram a lidar cotidianamente com o acesso limitado das tecnologias e a dificuldade em manuseá-las. Desse modo, a educação brasileira que nunca foi valorizada, teve os seus problemas acentuados na pandemia (ARAÚJO; AMORIM, 2020). Nesse sentido:

A Pandemia apenas expôs a nervura do real. Ela permitiu olhar um pouco mais demorado sobre a práxis, o que está sendo feito e como está sendo feito. Defende-se que a Pandemia do Covid-19 foi de algum modo, um momento privilegiado de reconhecimento das fragilidades e das potencialidades enquanto comunidade educativa. Isso não significa que podemos com isso demonizar as aulas à distância ou mesmo endeusá-las. Na verdade, revelam de algum modo, as potencialidades e as fragilidades de nosso cotidiano, tanto em sua versão mais luminosa, como mais sombria (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020, p. 19).

Percebe-se que a pandemia acentuou as desigualdades sociais, gerando no meio educacional a exclusão dos discentes que não podem ter acesso a internet e aos aparelhos tecnológicos. Mesmo com a dedicação das famílias e das instituições de ensino, a educação vive um momento difícil em um país que nunca a

valorizou e não possibilitou na pandemia recursos básicos para que ela fosse realizada de maneira inclusiva e com qualidade.

Compreende-se que uma educação tecnológica tem seus aspectos negativos, porém as tecnologias também trazem inovações positivas para o meio educacional. Quando os educadores têm acesso a elas, superam os seus medos e as inserem no planejamento, as aulas ficam mais dinâmicas e prazerosas. Por esse motivo, foi muito interessante ser monitora do componente Tecnologia da Informação e Comunicação em um momento que a educação depende tanto das tecnologias para continuar sendo realizada, pois mesmo com todas as dificuldades, foram as TICs que possibilitaram que a interação entre as pessoas no meio educacional pudesse acontecer.

4 Considerações finais

Ao longo deste estudo, observou-se que o ensino superior brasileiro enfrenta dificuldades desde o início, quando surgiu tardiamente no Brasil, porém, tem um papel muito importante na educação e emancipação dos sujeitos. Notou-se também a necessidade da oferta de monitoria no curso de Pedagogia, porque além de ser um momento de ensino-aprendizagem para o monitor, é uma política de permanência na universidade.

A monitoria, é um projeto de extensão da universidade, que proporciona ao monitor novas aprendizagens e experiências, além de dar ao estudante o acesso a práxis. O monitor também pode observar o trabalho docente, vendo o planejamento, a didática, as aulas e a avaliação do educador. É um momento de socialização de conhecimentos entre o professor, os alunos e o monitor. Um dos objetivos da monitoria é unir o ensino, a pesquisa e a extensão, por isso é uma etapa necessária na formação dos educandos.

A pandemia da COVID-19 obrigou o mundo a se adaptar a uma nova realidade. Essa adaptação aconteceu no meio educacional a partir do ensino remoto, um desafio para os docentes, os discentes

e as famílias. A monitoria de ensino ocorreu nesse contexto, e as aulas, as reuniões e as atividades foram feitas virtualmente, assim, o tema central da monitoria - tecnologias na educação - acabou sendo o meio para que ela pudesse se desenvolver, ou seja, em todo o processo a monitoria aconteceu através dos aparelhos tecnológicos.

A experiência de monitoria do componente curricular Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no curso de Pedagogia foi muito importante e fundamental para a formação da monitora, pois além de revisar o que já tinha sido estudado, foi um momento de muito aprendizado com os educandos e com o educador. Também foi interessante a monitoria de TIC ter acontecido na pandemia da COVID-19, porque possibilitou um novo olhar sobre as tecnologias na educação, destacando que são elas que permitem que o ensino remoto aconteça.

Referências

ARAÚJO, Deise Bastos de; AMORIM, Gisele Ferreira. Educação remota e os desdobramentos docentes durante a pandemia do COVID-19. In: BARION, Isabel Francisco de Oliveira; OLIVEIRA, Isaura Francisco de; ARAUJO, Rodrigo Guedes de (org). **Diálogos Interdisciplinares sobre Educação em Tempos de Pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 61-70.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** n. 9394/96. Brasília, DF: Senado Federal, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Estadual da Educação. **Resolução CNE/CP 1/2006**. Institui diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em pedagogia, licenciatura. Brasília, DF: MEC, 2006.

CASTAMAN, Ana Sara; RODRIGUES, Ricardo Antonio. Educação a Distância na crise COVID-19: um relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 6, p. e180963699-e180963699, 2020.

FUSARI, José Cerchi; CORTESE, Marlene Pedro. Formação de professores em nível de 2º grau. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 68, p. 70-80, 1989.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; MARTINS, Carlos Benedito. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. In: DWYER, Tom... [et al]. **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. – Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016.

SANTOS, Boaventura S. **A Universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 120).

SILVEIRA, Eduardo; SALES, Fernanda de. A importância do Programa de Monitoria no ensino de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). **In CID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 131-149, mar./ago., 2016.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução Nº 2.018/2019**. Aprova o Regulamento das AÇÕES DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO nos Cursos de Graduação e PósGraduação ofertados pela UNEB, e dá outras providências. Bahia: Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2019.

Capítulo 13

DO ENSINO PRESENCIAL AO REMOTO: FORMAÇÃO DOCENTE PARA UTILIZAÇÃO DES RECURSOS TECNOLÓGICOS

Eliane Silva Alves¹

Enária Silva Cordeiro²

Gabriel Magalhaes Silva³

1 Introdução

Muitas modificações ocorreram na sociedade, e as novas tecnologias se fazem mais presentes a cada dia. Na educação os recursos tecnológicos têm ganhado mais espaço, em consequência do surgimento da pandemia da Covid-19 as escolas tiveram que fechar suas portas para o ensino presencial, e adotou novos métodos de ensino e aprendizagem nos espaços online, por consequência do distanciamento. De acordo com “a portaria n°544 DE 16 DE JUNHO DE 2020, dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19”. (Brasil, 2020, p.62,)

O ensino online e o remoto tornaram-se a melhor forma de levar educação para muitos alunos, porém, essas formas de ensino

-
- 1 Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Gêneros e Sexualidades em Espaços Escolares. E-mail: alveseliane@outlook.com
 - 2 Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – Bahia. E-mail: enaria2000@gmail.com
 - 3 Graduando do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XVII – Bom Jesus da Lapa – Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Ciência e Resistência e do Grupo de Pesquisa Cultura, Gêneros e Sexualidades em Espaços Escolares. E-mail: magalhaes041998@gmail.com

apresentam especificidades e exige cuidados, a exemplo de evitar que haja a reprodução e transposição de práticas pedagógicas do ensino presencial para o remoto. Isso se apresenta como um grande desafio para os docentes, pois muitos não têm familiaridade com as tecnologias digitais. Nesse sentido, se faz necessário a oferta de formação continuada para os docentes que se veem obrigados a atuar nesse novo cenário.

O artigo tem como objetivo analisar a importância da formação docente para a efetivação do ensino remoto, baseando-se em pesquisas bibliográficas. Para tanto foi necessário refletir sobre a transição do ensino presencial para o remoto, compreender a importância da formação docente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, além de especificar a importância da utilização de recursos tecnológicos para a continuidade do ensino.

2 Transição do ensino presencial para o remoto

A pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19) impôs medidas de isolamento social para a população e provocou mudanças na educação, as escolas tiveram que adotar novas estratégias de ensino, migrando as aulas presenciais para o modo virtual. Com isso o ensino e a aprendizagem passaram a acontecer de forma remota, Para Alves “Na educação remota predomina uma adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial, com as aulas, sendo realizadas nos mesmos horários e com os professores responsáveis pelas disciplinas dos cursos presenciais” (2020, p.358), o ensino remoto foi uma alternativa temporária utilizada com o intuito de atender as demandas educacionais de maneira rápida e eficaz.

Esse modelo de ensino não pode ser confundido com o modelo de Ensino a Distância (EAD) para esta modalidade, de acordo com Alves (2020) as práticas a distância se mantém durante todo o curso, com um auxílio de um tutor que dá suporte aos alunos. O estudante aprende do seu modo e se prepara com equipamentos, espaço e tempo para realização das aulas. Também se diferencia da

modalidade de ensino híbrido na qual apresenta uma combinação do modelo presencial e a distância, para BACICH; TANZI NETO; TREVISANI é “um programa de educação formal no qual um aluno aprende por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o modo e/ou o ritmo do estudo, e por meio do ensino presencial na escola.” (2015, p. 52), o ensino remoto surgiu como uma medida emergencial para suprir as necessidades da educação, uma vez que as escolas tiveram que fechar e se adaptar ao um novo contexto.

Diante das mudanças ocorridas no âmbito educacional tanto os professores como os estudantes vivenciaram desafios, tendo que se ajustar a essa nova forma de ensino sem nenhuma preparação para tal, e utilizar ferramentas digitais pouco utilizadas nas aulas presenciais. Nesse contexto os professores tiveram que “(Re) inventar a profissão docente em tempos de adversidade, o que não é fácil, (RE) inventar a nós mesmos e nossos modos de vida em situação de distanciamento social, o que também não é nada fácil, mas sim, é possível” (MONTEIRO, p.249, 2020). Assim, foi necessário repensar a prática pedagógica, traçar outros rumos, adaptar conteúdos curriculares e avaliações, planejar atividades criativas para despertar o interesse e proporcionar a aprendizagem dos estudantes.

As estratégias utilizadas nas aulas remotas para que favoreça o estudante no processo de ensino aprendizagem devem ser inovadoras, para Bacich e Moran (2017) a aprendizagem se torna mais significativa quando há motivação nos alunos, diálogos sobre as atividades e a forma de fazê-las. Com base nisso as tecnologias digitais auxiliaram nesse processo, visto que o professor é apenas o mediador, e o estudante se torna o principal responsável pelo seu aprendizado.

Nesse sentido o uso da tecnologia e das ferramentas digitais possibilitou a comunicação entre educadores e estudantes.

A tecnologia digital está modificando o acesso às informações, à produção e a reconstrução do conhecimento, sinalizando a importância da superação das barreiras existentes entre as

instituições e a comunidade, possibilitando que o local de aprendizagem possa ser a casa, o escritório, a sala de aula [...] (LUCIANO; BOFF; CHIARAMONTE, 2010 p.211).

Desse modo as ferramentas digitais permitem que o Professor possa registrar o progresso, esforço e dificuldade de cada aluno, além de facilitar o acesso aos conteúdos.”O professor, mais do que transmitir conhecimentos, deve agora guiar o processo de aprendizagem do estudante de forma a desenvolver as suas capacidades, nomeadamente de aprender a aprender, da sua autoaprendizagem e da sua autonomia” (MOREIRA, HENRIQUES, BARROS, 2020 p. 354). De maneira virtual os professores esclarecem dúvidas e auxiliam os estudantes na compreensão dos conteúdos e nas dificuldades encontradas, ou seja, criam estratégias para o ensino e aprendizagem.

Sendo assim, a partir das estratégias utilizadas pelas escolas foi possível obter o controle das entregas de atividades, em consequência permitiu realizar a avaliação, instrumento fundamental, pois auxilia na tomada de decisões em relação ao planejamento que pode ser modificado de acordo com o contexto para Luckesi (2011) avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes para intervir e obter melhoria nos resultados. Deste modo, se torna importante para melhorar na metodologia de ensino e contribuir na construção do aprendizado do discente, para isso se faz importante que os profissionais estejam preparados com formação específica para tal.

3 Formação docente e práticas pedagógicas

Atualmente as tecnologias da informação e comunicação (TICs) estão cada vez mais presentes, e os professores tiveram que se adaptar e inovar em suas práticas pedagógicas para contribuir no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, para tanto, é necessário vencer os desafios na formação docente. Para a educação ser relevante é necessário que, para além dos alunos e a escola está equiparada com recursos tecnológicos é imprescindível que haja

professores empenhados em desenvolver da melhor maneira as suas práxis. Nesse sentido, a formação continuada deve estar em destaque para a ressignificação da prática do professor e para o desenvolvimento de uma educação de qualidade (RATTI; MELLO, 2013).

Deste modo, Freire enfatiza que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (1996, p.43) É importante que o docente repense suas ações, construa novas metodologias que o aproxime dos educandos e se capacite para que a assim os recursos tecnológicos sejam utilizados na prática pedagógica de forma eficiente.

Os recursos educacionais das TICs podem ser empregados na estruturação de conteúdos possibilitando aos alunos práticas transformadoras e aprendizagens relevantes para o desenvolvimento do senso crítico e compreensão da realidade. Além de possibilitar a superação da fragmentação de conteúdos. (PRAIS; REIS; DUTRA, 2015).

O papel do professor frente a esse novo paradigma é de fundamental importância, pois são indispensáveis práticas pedagógicas consistentes e adequadas. Moraes (2000) enfatiza que não é suficiente adquirir computadores, sem que ocorra mudança de postura do educador. Isto restringirá as novas tecnologias simplesmente a meios de informação.

Muitos professores não conseguem se familiarizar com os recursos e com a quantidade de informações, são muitas inseguranças e desafios. Como aponta Kenski:

Um dos grandes desafios que os professores brasileiros enfrentam está na necessidade de saber lidar pedagogicamente com alunos e situações extremas: dos alunos que já possuem conhecimentos avançados e acesso pleno às últimas inovações tecnológicas aos que se encontram em plena exclusão tecnológica; das instituições de ensino equipadas com mais modernas tecnologias digitais aos espaços educacionais

precários e com recursos mínimos para o exercício da função docente. O desafio maior, no entanto, ainda se encontra na própria formação profissional para enfrentar esses e tantos outros problemas. (2009, p.103).

A inclusão de novas tecnologias deve ser um elemento para contribuir com ensino, cabendo ao professor utilizar esses recursos de forma inovadora. Para tanto, é necessário que esse professor tenha a capacitação adequada para desenvolver seu trabalho.

Diante das exigências decorrentes da presença das tecnologias digitais no contexto educacional faz-se necessário repensar o fazer pedagógico, de modo que atendam às necessidades educacionais. Essa é uma tarefa que requer uma ação política de formação inicial e continuada consistente, emergindo em mudanças no cenário educacional e em discussões teóricas e práticas que propiciem o avanço no conhecimento tanto do professor quanto do aluno (FRIZON; LAZZARI; SCHWABENLAND; TIBOLLA, p.4, 2015).

A formação de professores é de fundamental importância no cenário educacional, visto que, contribui para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Assim, uma formação específica possibilita uma melhor condução dos processos educacionais e das tecnologias digitais de forma didática e crítica, levando em consideração as necessidades, potencialidades e dificuldades dos alunos.

Além de permitir ao professor a aquisição de conhecimentos relacionados à sua profissão, tornando-o mais atualizado frente às mudanças que estão ocorrendo e mais capacitados para suprir as necessidades determinadas pela sociedade. (SCHIO; GIACOMINI; OURIQUES, 2014). Para além de saber, o professor precisa fazer, de forma que os alunos se sintam incluídos, é necessário que o professor mostre seu humano, pois são tempos difíceis que requer do professor afeto e compreensão, aplicando assim seus saberes para desenvolver ações transformadoras.

4 Utilização de recursos tecnológicos na continuidade do ensino

A utilização de recursos tecnológicos na educação já vinha sobressaindo-se desde o começo da pandemia, pois quando bem utilizados, os recursos tecnológicos podem acarretar vários benefícios para o ensino, essa inovação deve estar presente no cotidiano tanto de professores quanto de alunos, promovendo meios para a produção e utilização de recursos didáticos que proporcionem melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem.

Morais e Silva (2014) ressaltam que “criar um ambiente de ensino-aprendizagem, em que o conhecimento seja construído de forma coletiva, com professores e alunos colaborando no processo de construção e apropriação do conhecimento não é tarefa fácil, porém possível e necessário de realizar”. Para além disso, é necessário que as escolas tenham um espaço organizado onde tanto os alunos quanto professores tenham acesso ao uso dos aparelhos tecnológicos sendo elas, computadores, notebooks, tablets, internet, televisões, dvds, dentre outros. No entanto, os recursos tecnológicos por si só não garantem mudanças na forma de ensinar e aprender, esses aparatos servem para o enriquecimento do ambiente educacional proporcionando a construção do conhecimento.

Com o início da pandemia causada pelo covid-19, foi necessário pensar em soluções para a implementação de um novo modelo de educação online. As tecnologias se tornaram fatores primordiais, as instituições escolares acabaram por aderir a esse modelo de ensino, tendo como base os aparelhos tecnológicos e com isso os professores e alunos se viram obrigados a se adaptarem às aulas online e os mais diversos recursos tecnológicos disponíveis.

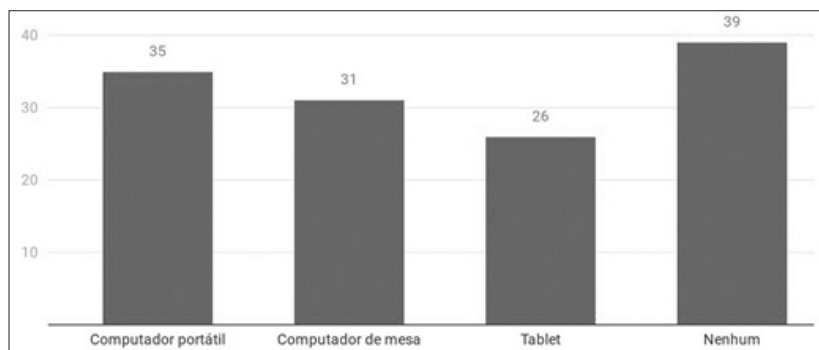
As metodologias utilizadas em sala de aula foram adaptadas para utilização das tecnologias de forma ativa, assim como a curadoria de recursos midiáticos que pudessem ser inseridos em suas aulas que fossem de fácil entendimento para os educandos assim como a linguagem utilizada para a comunicação a distância. (CORDEIRO, 2020, p. 5).

É necessário ressaltar a importância de que os professores

necessitam de uma formação na área das tecnologias, para que assim possam trabalhar com mais propriedade e segurança. Se faz necessário pensar a educação em um todo, sabe-se que a realidade varia de escolas para escolas “[...] integrar as tecnologias como apoio ao ensino aprendizagem é um grande desafio para a educação, especialmente na rede pública de ensino para dar igualdade de condições aos educandos” (CARVALHO, 2018 p. 7).

Na rede pública de ensino é comum encontrar alunos que não têm acesso a computadores, tablets ou internet. Assim, com a falta desses recursos fica explícito que os estudantes apresentam dificuldades de acesso aos conteúdos online, que atualmente tem substituído as aulas presenciais. Abaixo segue o resultado de uma pesquisa feita pela TIC Educação sobre a disponibilidade dos recursos tecnológicos.

Quadro 1- Disponibilidade de computador no domicílio, em % Respostas dadas por alunos de escolas públicas urbanas à pesquisa TIC educação



Fonte: TIC Educação 2019.

Infográfico mostra a disponibilidade de computador no domicílio, em porcentagem, segundo a pesquisa TIC Educação. — Foto: Infografia/G1.

Para além dos recursos tecnológicos, as escolas e os professores devem ter outras alternativas para continuidade do ensino, “São necessárias novas competências e atitudes para que o processo de ensino-aprendizagem seja significativo” (CARVALHO, 2018 p. 7).

Em contrapartida a utilização das TICs (tecnologias da informação e comunicação), demanda um planejamento, acompanhamento e avaliação das tecnologias escolhidas para a utilização, “[...] a tecnologia educacional deve auxiliar o aluno na sua aprendizagem e não dificultar como também deve propiciar melhores condições de ensino e não assustar o professor, já tão sobrecarregado de atividades educacionais. (JAQUES RAMOS; FARIA, 2011, p.16). Portanto, esses recursos tecnológicos precisam ser contextualizados com a realidade vivida pelos alunos e claro, não podendo esquecer dos objetivos da disciplina a serem alcançados.

5 Considerações finais

A transição do ensino presencial para o remoto provocou mudanças causando impacto na educação, as ferramentas digitais foram utilizadas para promover o ensino e aprendizagem, professores alunos e toda a comunidade escolar encontraram dificuldades para a execução das aulas, devido a desigualdade social e a falta de preparação dos professores diante da tecnologia digital.

A pandemia escancarou problemas já existentes no âmbito educacional, com isso os professores e estudantes tiveram que lidar com inúmeros desafios diariamente, desde a falta de dispositivo, de internet, espaço adequado para assistir aulas remotas, entre outras demandas que influenciam no ensino e aprendizagem.

No entanto, o trabalho do professor se tornou bem mais complexo do que antes, uma vez que não teve preparação específica para o ensino remoto e teve que reinventar sua prática pedagógica de maneira rápida, elaborando novidades para oferecer o melhor para os estudantes.

Diante disso percebe-se a importância da educação continuada, pois ela possibilita que os educadores conduzam com habilidade e autonomia, intervenções pedagógicas que favorecem na construção do conhecimento, sendo assim se torna fundamental para diminuir a carência dos educadores diante

de novos desafios.

A educação deve ser atraente e de qualidade, seja no ensino remoto por meio das ferramentas digitais, ou presencial “a educação não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços que incluem os digitais” (MORAN, 2015, p.16), nesse sentido, é fundamental que os profissionais da educação sejam valorizados e que tenham condições de exercer a profissão de maneira digna, com políticas públicas que atendam as demandas específicas e com programas de formação continuada para que eles consigam desenvolver o trabalho da melhor maneira, e assim possam enfrentar os desafios pós ensino remoto.

Referências

ALVES, Lynn. **Educação remota: entre a ilusão e a realidade**. Interfaces Científicas, Aracaju, V.8, N.3, p. 348 – 365, 2020.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Penso Editora, 2015.

BACICH, Lilian. MORAN, José. (Orgs.). **Metodologias Ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso editora Ltda, 2018.

BRASIL. **Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, Seção 1, 2020.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O impacto da pandemia na educação: a utilização da tecnologia como ferramenta de ensino**. 2020. Disponível em: <<http://idaam.siteworks.com.br/jspui/bitstream/prefix/1157/1/O%20IMPACTO%20DA%20PANDEMIA%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20TECNOLOGIA%20COMO%20FERRAMENTA%20DE%20ENSINO>>.pdf. Acesso em 08 de julho de 2021.

CARVALHO, Rosiani. **As tecnologias no cotidiano escolar: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos**. 2018. Disponível e: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1442-8.pdf>>. Acesso em 07 de julho de 2021.

FREIRE, P. **A Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: “Paz e Terra”, 1996.

FRIZON, V. et al. **A formação de professores e as tecnologias digitais**, 2015.

JAQUES RAMOS, M.B.; FARIA, E.T. **Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas**. Porto Alegre: PUCRS, 2011, p.299.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 5.ed. Campinas, SP: Papirus, 2009. 141p.

LUCIANO, N. A.; BOFF, E.; CHIARAMONTE, M. S. **Reflexões sobre os recursos para interação em ambientes virtuais de aprendizagem**. In: Org. VALENTINI, C. B.; SOARES, E. M. do S. *Aprendizagem em ambientes virtuais: compartilhando ideias e construindo cenários*. Caxias do Sul: Educus, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação de aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. **(RE) Inventar educação escolar no Brasil em tempos da covid-19**. Rev. Augustus, Rio de Janeiro, v.25, n. 51, jul./out. 2020

MORAIS, G. M. S. **Novas tecnologias no contexto escolar**, Comunicação & Educação, São Paulo, maio/ago.2000.

MORAIS, Margarete Campagnolo de. SILVA, João Carlos da. **O uso das novas tecnologias no processo de ensino aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental na escola pública. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Versão Online. ISBN 978-85-8015-080-3.

Cadernos PDE, volume 1, 2014.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens, v.2, 2015.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela; Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. Dialogia, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr. 2020.

OLIVEIRA, Elida. Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, aponta estudo. G1. 2020. Disponível em: <[https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-de-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml#:~:text=Outros%20destaques%20da%20pesquisa%3A,%25\)%20e%20Nordeste%20\(25%25\)](https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-de-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml#:~:text=Outros%20destaques%20da%20pesquisa%3A,%25)%20e%20Nordeste%20(25%25)>)>. Acesso em 08 de julho de 2021.

PRAIS, J. et al. **O uso das TICs no atual contexto educacional: formação docente frente às novas tecnologias**, Revista Tecnologias na Educação, 2015.

RATTI, C. de F.; Mello Josiane Medeiros de. **Recursos tecnológicos: diagnóstico e formação na utilização do software**. jclíc, 2013.

SCHIO, S. et al. **Desafios e metas da gestão educacional: uma abordagem sobre a formação continuada do magistério na escola**, – Santa Maria, RS: UFSM, Centro de Educação, 2014.

Capítulo 14

A CIBERCULTURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

Gabriel Magalhães Silva¹

Laira de Jesus Anjos²

Rafael Pereira Lima³

1 Introdução

A cibercultura e os cenários sociais técnicos estão a cada dia dominando o atual cenário, as redes sociais se destacam nessas ferramentas tecnológicas. Tais meios fazem parte da atualidade e se tornaram facilitador no que se refere ao processo de formação de cada indivíduo.

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo trazer aos seus leitores as vastas contribuições que a cibercultura tem na vida dos docentes, os desafios e as estratégias que os docentes utilizam nesse processo de formação em tempos de pandemia do COVID-19 e refletir sobre os avanços tecnológicos no meio educacional. Nesse viés, Santos (2019), destaca a importância desse seguimento para os docentes, fomentando a necessidade da cibercultura e que sem ela não existiria as infraestruturas tecnológicas existentes na atualidade.

Com o início da pandemia causada pela corona vírus (COVID-19), os impactos na educação foram aparecendo

1 Graduando em pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB campus Bom Jesus da Lapa-BA. E-mail: magalhaes041998@gmail.com.

2 Graduanda em pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB campus Bom Jesus da Lapa-BA. E-mail: anjoslaira@gmail.com.

3 Graduado em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Baiano – campus Uruçuca-BA. E-mail: rafaelplima88@gmail.com

demasiadamente, com isso surgiram necessidades de discussões sobre a criação de mecanismos para implementação de uma educação online de qualidade.

No atual contexto em que nos deparamos, onde as instituições de ensino por motivo de segurança tiveram que fechar as portas e milhares de alunos ficaram impedidos de ir à escola, foi necessário (RE) formular o modelo de ensino numa tentativa de não afetar o processo educativo que é um direito de todos. Assim, as instituições de ensino buscaram alternativas para novas modalidades de ensino, com os suportes tecnológicos, com isso, professores e alunos se viram obrigados a se adaptarem a utilização de recursos tecnológicos para a procedência das atividades escolares.

A educação *online* não se baseia somente em práticas massivas EAD, mas em um instrumento de habilidades ubíquas que são trabalhadas em conjunto mesmo a distância. Santos (2019) ressalta que, “O pesquisador é coletivo, não se limita a aplicar saberes existentes; as estratégias de aprendizagem e os saberes emergem da troca e da partilha de sentidos de todos os envolvidos”, as pesquisas em campo nesse momento pandêmico vão se reerguendo aos poucos, o cenário da educação *online* se constrói com os dispositivos, o uso dos softwares potencializa ainda mais tais pesquisas.

Diante disso, destacamos a necessidade de dialogar sobre a temática e analisar como as novas ferramentas veem adentrando no cotidiano da sociedade e como podemos usa-las para auxiliar no processo de pesquisa *online* e formação dos docentes, tendo em vista que muitos deles não possuem formação continuada que auxilie no manuseio desses instrumentos, impossibilitando-o até mesmo de passar os conteúdos para seus alunos, em suma, ressaltamos que o uso desses meios nem sempre atinge a maioria dos profissionais da educação.

2 A cibercultura e seus ambientes virtuais para a educação

Para Santos (2019), os ambientes virtuais de aprendizagem

(AVA) são conjuntos das interfaces comunicativas e que fazem parte da vida de muitos das gerações passadas, a autora destaca em seu texto os anos de acordo com as invenções que fazem parte da comunicação humana, ressaltando o ano 1850, onde o papel impresso se fez e faz parte dos meios comunicativos, já em meados de 2005 foi dado o início da banda larga e do correio eletrônico, instrumentos que facilitaram muito a comunicação entre indivíduos de outras cidades, países ou estados.

Com a pandemia tais ferramentas foram se expandindo ainda mais, o contato com demais pessoas se fazem presentes através das telas do celular ou computador, até mesmo as escolas tentam se adaptar da melhor maneira para passar os conteúdos para os alunos, momentos que se tornam a cada dia ainda mais desafiador, principalmente para as famílias mais carentes e com difícil acesso aos aparatos tecnológicos, a equipe escolar em muitas localidades tentam utilizar a impressão dessas atividades e entregar ao responsável do aluno para diminuir a evasão escolar.

A evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) transformou substancialmente as relações sociais. Estamos cada vez mais usando dispositivos eletrônicos na interação com outras pessoas e o mundo. Embora o computador tenha trazido muitas facilidades para o mundo contemporâneo, trouxe também vários desafios. (PASSERO, ENGSTER E DAZZI, 2016, p.16).

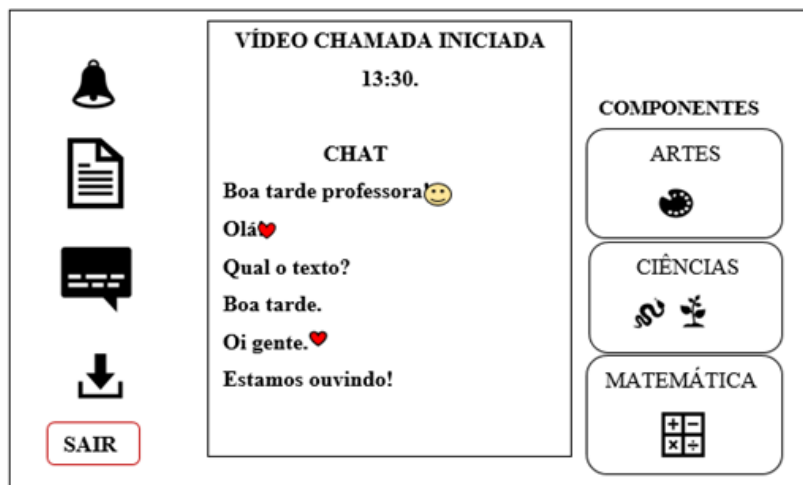
Em meio a pandemia muitos alunos que não possuem acesso à internet ou outros meios tecnológicos, tiveram que optar por uma ferramenta antiga e não usual em muitos lugares, o rádio bastante utilizado em tempos passados, voltou a ser utilizado pelos docentes de muitas regiões do Brasil, assim garantindo o seu estudo através das transmissões feitas pela equipe escolar.

Sabemos que o uso desses meios de comunicações pode causar certos prejuízos, principalmente quando seu uso é iniciado antes da adolescência, para (PASSERO, ENGSTER E DAZZI, 2016, p.2) “o uso de laboratórios de informática no ensino fundamental requer atenção”, deste modo, cabe a toda equipe

escolar fazer o acompanhamento dos alunos para auxiliar o que pode ou não se tornar prejudicial no processo de desenvolvimento pessoal e educacional. Diante disso, é importante salientar que o uso das tecnologias é uma troca constante de informações, tornando, portanto, um local fácil de acessar quaisquer tipos de conteúdo.

De acordo com Teixeira (2013), o ciberespaço é responsável por toda a rede global de comunicação, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para a educação é feita por sistemas, o aluno dentro dessas plataformas tem acesso aos conteúdos feitos pelos professores, como está sendo demonstrado na Foto 1.

Foto 1: Ilustração de plataforma utilizada para as aulas.



Fonte: Autoral, 2021.

Em meados dos anos 90 a introdução das TICs foram se expandindo a cada dia no mundo escolar, Teixeira (2013) destaca esse aceite por várias instituições educacionais, devido a sua expansão ficou conhecida como um modelo ideal e assim o governo criou estratégias para desenvolver softwares de formação contínua.

[...] os professores também passam a mediar o conhecimento por meio das tecnologias, sendo necessário compreender o uso dos recursos possíveis de serem utilizados no processo de

ensino-aprendizagem e otimizar a utilização das TICs pelos estudantes. (SANTOS e RAMOS, 2020, p.5).

Mediante a isso, destacamos que o uso das tecnologias sozinha não substitui o ensino presencial, é necessário que ambos se completem e seja um facilitador tanto para o professor, quanto para os alunos. Santaella (2010), ressalta a importância de adequar esses novos modelos de ensino para ambos, tornando um facilitador no processo de ensino/aprendizagem.

3 Formação docente: desafios e oportunidades na cibercultura

A formação docente é primordial para um ensino de qualidade, no entanto é notório que os cursos de formação não são totalmente condizentes com a realidade de todas as escolas, principalmente quando se trata da educação ofertada para escolas da rede pública de ensino.

Apesar da formação de professores evoluírem com o passar do tempo, até anos atrás essa formação tinha um direcionamento focado apenas no ensinar conteudista. Diante disso:

Até a primeira metade do século XX, o foco sobre a formação de professores esteve na formação inicial direcionada à aprendizagem de saberes disciplinares. Formar o professor significava, sobretudo, formar profissionais conhecedores dos conteúdos que deveriam ministrar em seu exercício docente. O que ensinar? Era e ainda é, em alguns contextos, principalmente na formação inicial de grande parte dos cursos de licenciatura e de aperfeiçoamento no Brasil, a grande questão (MACEDO, 2019, p.80).

Com o início da pandemia causada pelo COVID-19, as escolas tiveram que migrar do ensino presencial para o ensino online, em contrapartida os professores se viram obrigados a se adaptarem a esse novo modelo de ensino, isto é, migrar para um modelo que não tinham familiaridade e sequer formação para se trabalhar de forma online. O ciberespaço é o novo meio de conexão entre redes de computadores que se concentram diversidades de dados informativos, permitindo pessoas acessarem

e formarem comunidades que se entrelaçam umas com as outras disponibilizando trocas de informações” (LEVY, 1999). Em suma, com essa transição do modelo de ensino, fica explícito a necessidade de formação docente para atuar no ensino online.

Destacamos que esse modelo de ensino os professores tiveram que (re) adaptar suas práticas pedagógicas pensando na diversidade de problemas que os alunos poderiam enfrentar com essa transição de ensino. Essa modalidade online surgiu como uma alternativa para continuidade do processo de ensino/aprendizagem, haja vista que, o processo educativo não poderia parar.

A educação online é uma modalidade de educação que pode ser vivenciada ou exercitada para potencializar situações de aprendizagem mediadas por encontros presenciais, ou a distância, caso os sujeitos do processo não possam ou não queiram se encontrar face a face; ou ainda situações híbridas, nas quais os encontros presenciais podem ser combinados com encontros mediados por tecnologias telemáticas (SANTOS, 2005 apud MACEDO, 2019, p.90).

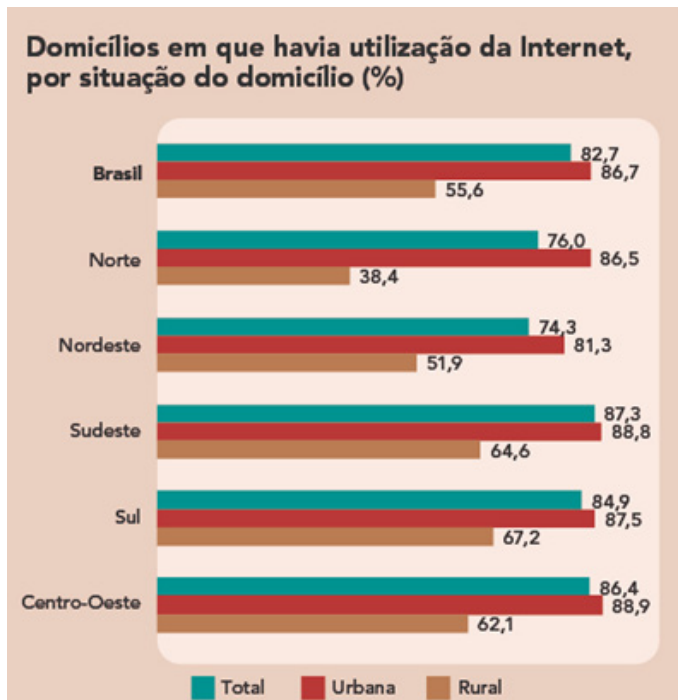
Para atuar na educação online não basta apenas ter acesso ao computador e a internet. É necessário, para além do acesso aos meios digitais, vivenciar a cultura digital e saber utilizar esses recursos para obtenção de informações que desejam na rede e transformar esses dados adquiridos em conhecimento. Deste modo, saber se comunicar através das redes, são fatores importantes para a integração na cibercultura. Esses saberes são fundamentais para o desenvolvimento da docência online.

Pensando nesse viés, sobre o saber utilizar a ferramenta digital, faz-se necessário comparar a aula tradicional da cibercultura, Silva (2008) pontua a disparidade entre esses dois modelos, no que se refere ao modelo presencial o seu vínculo é unidirecional, ou seja, onde o docente é o emissor ativo e os discentes emissor passivo, já na cibercultura há uma emissão colaborativa, em que o discente já tem sua ferramenta de pesquisa, e o docente somente passa o método de como procura-la. De modo que haja um conflito na emissão depositada nas informações, dificultando na metodologia

de ensino.

Olhando para essa disparidade entre esses dois modelos e, comparando com a necessidade dos dias atuais com a problemática do corona vírus, percebe-se a dificuldade para a transição de um modelo unidirecional para o colaborativo. Esse impacto tem sido um obstáculo no que se refere à métodos de ensino e mudança em projetos pedagógicos, necessitando de adaptação, ou seja, criando uma nova roupagem no ensino tanto para os discentes, quanto para o docente (CAMBRAIA, 2021).

Foto 2: Situação do alcance da internet no Brasil



Fonte: IBGE, 2019

Observando os dados na foto acima, nota-se que, em uma média, de cada 10 pessoas apenas 8 pessoas têm acesso à internet, refletindo-se não só na dificuldade encontrada no método de ensino, o Brasil encontrasse em um problema social bastante significativo,

quando o assunto é acessibilidade a tecnologia de conectividade para a “cibereducação” (IBGE, 2019).

Nesse contexto supracitado, é bem nítido o impacto na educação no molde remoto ou EAD, além das mudanças e adaptação repentina, o acesso à tecnologia é bastante escasso, tornando uma educação desigual e exclusão social para a educação.

4 In-conclusões

Na atual conjuntura, as escolas públicas e particulares se adaptam para que as aulas aconteçam, sabemos que nem todos terão a mesma chance de usufruir dessas aulas remotas, infelizmente atualmente muitas famílias não possuem conectividade e aparatos tecnológicos, destaco a necessidade de novas políticas públicas que contemplem todas as famílias nessa situação, possibilitando assim o ensino remoto das crianças e jovens.

Um momento de adaptações, desde o início de março do ano de 2020, buscamos forças para nos adaptar aos “novos tempos”. Desse modo, todo apanhado feito acima e ao longo do levantamento bibliográfico são partes dos avanços e surgimentos de vastos meios de comunicações, desde então a humanidade vai aderindo e se adaptando as novas tecnologias.

Deste modo, se adaptar a utilização de aparelhos tecnológicos e as aulas online não é e nem está sendo uma tarefa fácil, principalmente para os professores que precisaram (RE) formular suas metodologias, isso sem contar com a falta de uma formação específica, que é de fundamental importância para a continuidade de um ensino de qualidade neste cenário da cultura digital.

Referências

ALVES, TAS., and SOUSA, RP. Formação para a docência na educação online. In: SOUSA, RP., et al., orgs. Teorias e práticas em tecnologias educacionais [online]. Campina Grande:

EDUEPB, 2016, pp. 39-66. ISBN 978-85-7879-326-5.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Uso de Internet, Televisão e Celular no Brasil*. 2019, Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acessado em: 27 de jul. 2021.

CAMBRAIA, A. C. *Aprender e ensinar na Cibercultura: Desafios e Perspectivas Inovadoras* In: 5º SENID: Cultura Digital na Educação, 2021, Santo Augusto-RS, **Anais ...** Santo Augusto-RS: UFP, 2021, p. 01-10.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: EDITORA 34, 1999.

PASSERO, Guilherme; ENGSTER, Nélia Elaine; DAZZI, Rudimar Luís Scaranto. **Uma Revisão Sobre o uso das TICs a Educação da Geração Z**. CINTED – UFRGS, V. 14 N° 2, 2016

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal. **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP** — Departamento de Computação/FCET/PUCSP, vol. II, nº 1, 2010.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SILVA, M. *Cibercultura e Educação: A Comunicação na Sala de Aula Presencial e Online*. **FAMECOS**: Porto Alegre, nº 37, 2008.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça. **A Cibercultura na Educação**. Pátio: Ensino Fundamental, v. 1, p. 36-39, 2013.

Capítulo 15

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: USO DO AUDIOVISUAL EM SALA DE AULA

Renata Lourenço dos Santos¹

1 Introdução: começando pela educação

Este texto pretende fazer uma conexão entre a educação e a tecnologia, afirmando-as como áreas aliadas e complementares, e destacando o uso de recursos audiovisuais como ferramenta pedagógica, didática e educacional em sala de aula. Aqui se definirá o conceito de educação, de tecnologia, as bases teóricas que fortalecem os argumentos, além de enfatizar a propriedade educacional do vídeo, que pode aproximar o público estudantil do conhecimento por meio de tecnologias e formatos alternativos, bem como promover uma aproximação com suas realidades, registradas com imagem e som por outros jovens em outras comunidades.

Primeiramente vai-se argumentar sobre qual educação considera-se modelo, o que entende-se como educação, criando uma referência para todo o estudo. De acordo com teóricos da educação, ela pode ser uma entidade que transforma a realidade das pessoas e da sociedade, ou então pode reproduzir pensamentos e sistemas dominantes. (SAVIANI, 1983; LUCKESI, 1993; BOURDIEU, 1992).

Sobre esses dois formatos de educação, a autora Tozoni-Reis expõe que,

1 Mestre pelo Programa Pós de Graduação Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade do Sudoeste da Bahia - UESB, professora. Especialista em Cultura e Artes Visuais pelo SENAC. Licenciada em Letras. Bacharel em Jornalismo. Professora de jornalismo da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus XXIII. Email: rlou.santos@gmail.com ; rlourenco@uneb.br

A educação como instrumento de reprodução da sociedade diz respeito à educação não-crítica, aquela que tem como finalidade principal a adaptação do sujeito à sociedade tal qual ela se apresenta [...] A educação como instrumento de transformação da sociedade é a educação crítica, aquela que tem como finalidade principal a instrumentalização dos sujeitos para que estes tenham uma prática social crítica e transformadora. (TOZONI-REIS, 2009, p.11).

São pontos de vista antagônicos que compõem uma mesma palavra e que também podem ser observados nas diversas realidades: escolas que transformam e escolas que reproduzem.

Para Bourdieu e Passeron (1992), a escola é sempre um espaço de reprodução de uma cultura dominante que também repete as relações de poder de determinado grupo social. O ensino é um sistema que reproduz a violência simbólica, seja selecionando ou excluindo significações de acordo com os valores dessa classe, seja definindo a cultura dominada como algo ruim e falso. Essa violência simbólica, ou sistemas de relações de força material entre grupos e classes, é uma força simbólica que corrobora com as relações de força material. Age imposta por um poder econômico que determina o que é a cultura, o que é a arte, e com um tempo, estão todos violentados reproduzindo as escolhas das minorias. (BOURDIEU PASSERON, 1992).

Em seu texto *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, Althusser (1980) faz um minucioso estudo sobre a relação de reprodução das forças produtivas, separando os setores de produção do Estado em dois, os Aparelhos Repressivos de Estado (ARE) (Exército, Polícia, Tribunal, etc.), e os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), que conta com a Família, o sistema Jurídico, Político, Cultural e Educacional. Ele destaca a educação como um dos Aparelhos Ideológicos do Estado no processo de formação do estado capitalista e também de reprodução desse sistema, assim “a Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam «saberes práticos» mas em moldes que asseguram a sujeição à ideologia dominante ou o manejo da «prática» desta.” (ALTHUSSER, 1980, p.22).

Num estudo que buscou resolver o problema da marginalidade e evasão escolar, Saviani (1983) revela duas teorias, uma que entende a educação como um instrumento de equalização social e portanto, de superação da marginalidade, e outra que entendem-na como instrumento de discriminação social e de manutenção do sistema excludente. O autor analisa que para aqueles que tratam a educação como transformadora, a sociedade é um lugar harmonioso, possível de integração entre todos seus membros e que tem por função “reforçar os laços sociais”, enquanto que o outro tipo de educação, feito por pessoas que entendem a sociedade dividida entre grupos ou classes de dominantes e dominados, é feito para “reforçar a dominação e legitimar a marginalização” (SAVIANI, 1983, p.16).

Reconhecer uma sociedade dividida entre classes ou grupos dominantes e dominados e querer que ela permaneça como está, sem refletir que é essa estrutura engessada que não permite a mobilidade vertical e/ou horizontal de seus membros, é ser conivente com essa realidade.

O educador Paulo Freire acreditava num sistema educacional voltado para a transformação, que promovesse mudanças dentro e fora da sala de aula, de acordo com o conhecimento de todos e todas envolvidas no processo. Freire reconhecia a educação como algo libertador, lugar dos sonhos possíveis e de combater a opressão. Se assim não fosse, seria uma educação bancária, onde o professor deposita seu pretenso conhecimento na mente do aluno ou aluna, e se dá por findo o processo de educação. (FREIRE, 1979, 1996).

Assim define-se a educação neste artigo. Reconhecendo-a como um direito humano, como uma demanda transformadora de realidades sociais, envolvida numa pedagogia libertária que conduz o aprendiz a um autoconhecimento e auto valorização. Não se pode negar a existência, infelizmente, de uma educação voltada para a manutenção da marginalidade, servindo como poder ideológico do estado e exercendo a violência simbólica, mas ainda assim, não se deve omitir diante de uma realidade de reprodução do sistema. Nessas situações de reprodução o melhor é ser crítico, atuar como

agente de mudança, de pensamento, de reflexão.

2 Tecnologia

A tecnologia sempre conviveu com os seres humanos e por meio da tecnologia o homem pode se defender, se apropriar, guerrear e evoluir até o que vemos e temos hoje em dia. O uso e o desenvolvimento de tecnologias, bem como o domínio da informação, tornaram o homem um animal diferente, distinguindo-o entre os demais. Para Kenski (2007), o domínio do homem sobre a natureza se justifica no uso das tecnologias, numa constante evolução, “assim, sucessivamente, com o uso de inovações tecnológicas cada vez mais poderosas, os homens buscavam ampliar seus domínios e acumular cada vez mais riquezas” (KENSKI, 2007, p. 16).

As primeiras armas usadas pelos homens primitivos, evoluindo do osso para a pedra até chegar no metal, constituem importantes peças de manutenção da vida humana na terra e devem ser consideradas tecnologias de sobrevivência. A partir do momento que o homem entendeu esse poder e domínio por meio da tecnologia, ele a desenvolveu envolvendo diversas comunidades de pesquisadores, empenhados em resolver questões mundiais e do cotidiano.

Alguns fatos mundiais específicos, como as Guerras Mundiais e a Viagem Espacial do homem, ajudaram muito o desenvolvimento da tecnologia humana e, embora feitas para objetivos específicos, acabou agregadas no uso comum, ajudando no final toda a sociedade, como descreve Kenski, “A guerra fria impulsionou a ciência e a tecnologia de forma jamais vista na história da humanidade [...] A corrida espacial, resultante do avanço proporcionado por essa tensão, trouxe inúmeras inovações: o isopor, o forno de microondas, o relógio digital e o computador” (KENSKI, 2007, p.16).

Novamente o poder econômico e social se relaciona

intimamente com o termo estudado, a tecnologia se desenvolveu e segue se desenvolvendo de acordo os ditames do poder econômico, que investe ou não, em determinados estudos e pesquisas. Na atualidade, essas relações de poder envolvendo conhecimento, inovações tecnológicas e a comunicação ampliam-se e articulam a hegemonia do sistema neoliberal. Kenski observa que foi esse movimento neoliberal que construiu novos sentidos no mundo do trabalho (qualidade, produtividade, terceirização), “como resultado do desenvolvimento e introdução de novas tecnologias na produção e na administração empresarial, com agravamento da exclusão social” (KENSKI, 2007, p.17).

Novamente, fica nítida a relação econômica e de poder, de uma lado uma tecnologia que pode ajudar, que melhora e transforma a vida em sociedade, do outro uma tecnologia que exclui e segrega ainda mais o desnível social mundial. Nesta pesquisa a escolha é no mesmo caminho do conceito de educação, por uma tecnologia que sirva de emancipação de quem a produz e de quem a consome. Como a educação, entendemos a tecnologia como algo libertador, capaz de projetar e realizar sonhos e descobertas fundamentais para a manutenção da vida.

3 Tecnologia educacional

Pode-se afirmar que a tecnologia existe desde sempre na sala de aula, a exemplo do quadro negro, do giz, do lápis ou do próprio corpo do professor. Hoje encontramos outras tecnologias presentes nas escolas, afinal o espaço de educação deve evoluir junto com a tecnologia. Concordando com Brito e Purificação (2015), a ciência e as tecnologias criadas pelo homem trouxeram mudanças significativas nas relações deles com os demais seres e com a natureza, chegando ao ambiente escolar. Se a tecnologia está por todo canto da vida humana, portanto deve estar na escola também, o que se pode chamar tecnologias educacionais.

Para conceituar as tecnologias educacionais buscou-se auxílio nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN onde se acha a

definição de Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) como sendo os,

recursos tecnológicos que permitem o trânsito de informações, que podem ser os diferentes meios de comunicação (jornalismo impresso, rádio e televisão), os livros, os computadores, etc. [...] Os meios eletrônicos incluem as tecnologias mais tradicionais, como rádio, televisão, gravação de áudio e vídeo, além de sistemas multimídias, redes telemáticas, robótica e outros. (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, os PCNs ajudam a considerar que a tecnologia educacional são todas as citadas acima, usadas no contexto escolar e em interação com o processo ensino-aprendizagem, seja pelo professor(a) ou pelo aluno(a) durante ações pedagógicas. São tecnologias que combinam ações de aprendizagem, desenvolvimento e gerenciamento de conteúdo para resolver problemas educacionais.

No Brasil o desenvolvimento e ampliação das tecnologias educacionais se potencializou a partir de 1997, por meio de políticas públicas de acesso às tecnologias. Destaca-se aqui o Programa Nacional de Tecnologias na Educação (ProInfo) e suas extensões: Programa Um Computador por Aluno, TV Escola, Portal de Professor. De acordo com a Portaria nº 522/MEC, que regulamenta o ProInfo, a finalidade do projeto é: “disseminar o uso pedagógico das tecnologias de informática e telecomunicações nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio pertencentes às redes estadual e municipal” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997).

Desde 2007 o ProInfo passou a ser denominado Programa Nacional de Tecnologia Educacional, sendo redefinido como um programa educacional que intenciona facilitar o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica, atuante até hoje.

No entanto, não se pode compreender as tecnologias educacionais sem levar em consideração toda estrutura educacional que recebe e usa essas tecnologias. A realidade de muitas escolas públicas brasileiras é de uma baixa qualidade no ensino, como comprova o resultado do Anuário de Competitividade Mundial

2020 (World Competitiveness Yearbook – WCY)², que o Brasil está em último lugar no fator educação, ocupando a posição 63. Segundo a UNESCO o baixo desenvolvimento de conceitos científicos dificulta a inclusão dos alunos na sociedade moderna, sendo esse um assunto importante que merece ser debatido integralmente.

As autoras Brito e Purificação (2015) perceberam que mesmo recebendo novas roupagens, o conceito de tecnologias educacionais permanece com o enfoque principal na utilização dos meios em si, e reforçam que não podem se reduzir a isso. Para as professoras, as tecnologias educacionais devem ser instrumentos mediadores entre o homem e o mundo e entre o homem e a educação, possibilitando aos estudantes e professores se apropriarem do saber de forma a redescobrir e reconstruir cotidianamente o conhecimento. O uso das tecnologias educacionais é importante, mas sozinha não é suficiente, afinal “se as tecnologias educacionais não forem bem utilizadas, garantem a novidade por algum tempo, mas não acontece, realmente, uma melhoria significativa na educação” (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2015, p.37).

Portanto não basta apenas ter tecnologia na escola, ela deve estar num contexto compreendido pela comunidade escolar. O pesquisador da educação Antônio Munhoz (2014), traz a hipótese que as tecnologias educativas devem “religar professores e alunos num processo de comunicação que torne o seu relacionamento numa relação encantadora e o processo de ensino e aprendizagem numa atividade agradável” (MUNHOZ, 2014, p.45).

Para que as tecnologias educacionais não se tornem apenas uma novidade momentânea é fundamental que os professores, alunos e comunidade escolar em geral entendam que as mudanças tecnológicas são instrumentos necessários à demanda qualitativa da escola, representando “a cada momento, no tempo histórico, a complexidade dos processos pedagógicos, na esteira da tomada

2 Acesso em 20/06/2021. Disponível em: <https://www.imd.org/wcc/world-competitiveness-center-rankings/world-competitiveness-ranking-2020/>

de decisão de seus gestores”, portanto, é preciso reconhecer as tecnologias e incrementá-las de acordo com as diversas realidades existentes. (NETO; MELO, 2004, p.50).

Assim, entende-se que o termo tecnologias educacionais não tem um sentido fechado, nem em si mesmo, nem em relação às evoluções que diariamente ocorrem na educação e nas tecnologias, mas aberto, em processo, que deve ser apreendido tanto pelo professor como pelo aluno, quanto pela comunidade cotidianamente. Neste, a ideia é o uso de produções audiovisuais e o estímulo artístico visual na formação e na construção de uma educação transformadora, adequando-se às realidades sensibilizadas por esse conteúdo.

3.1 O audiovisual como tecnologia educacional

Este artigo trata da relação da comunicação com a educação por meio do uso da tecnologia do cinema, ou das produções audiovisuais como ferramentas de ensino e de aprendizagem no âmbito escolar. Indicando a transversalidade do audiovisual como um ponto importante para a escola, talvez até mesmo um desafio, afinal são outros formatos de ver e ouvir o mundo dentro da sala de aula. Provocando interesses e comportamentos acostumados com o tradicional, o cinema na escola pode transformar olhares e saberes, transformar o pensar e o sentir. (PIRES, 2010).

O desenvolvimento da tecnologia agrega novos modos de ter e fazer diversas atividades e agrega novas formas de sociabilidade, inclusive dentro da escola, de relacionamento entre as pessoas, que seguem buscando um sentido para suas vidas. Para Bakhtin (2003), esse sentido pode ser encontrado nas relações estabelecidas por meio da linguagem, portanto bem próximas à comunicação. As tecnologias da informação e comunicação se associam às tecnologias da educação.

Cada novidade tecnológica da comunicação se insere rapidamente na área educacional e os dois campos se invadem, se

intercruzam e conversam para evoluir. São áreas comuns, onde as inquietações da comunicação na educação, e as inquietações sobre a comunicação se misturam em suas originalidades e totalidades, demonstrando novos pontos de vista e novas questões para pesquisa. (BRAGA; CALAZANS, 2001).

O uso do audiovisual como meio educativo no Brasil começou antes dos incentivos às tecnologias educacionais, em 1936, quando foi inaugurado o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) – primeiro órgão público voltado para o cinema - autorizado pelo então Presidente Getúlio Vargas e dirigido pelo antropólogo Roquete-Pinto. Nesse período inicial, os filmes produzidos buscavam demonstrar para o público como era o interior do país, trazendo temas como o homem do campo e suas formas de produção rural, bem como conteúdos educativos como os cuidados com a saúde e a higiene pessoal. A popularização do cinema nas escolas brasileiras se efetivou com os projetos Proinfo, quando a televisão e o videocassete foram introduzidos nas instituições escolares, e depois substituídos pelo DVD (Digital Video Disc), ou pelo datashow, pendrives, computadores com acesso a internet.

As propostas curriculares que lidam com a educação por meio da mídia apresentadas por Pires (2010) consideram três formas de trabalho: educar pela, educar com e educar para a mídia. De acordo com a autora, “as três perspectivas estão relacionadas na reconfiguração dos espaços escolares e nas relações entre o conhecimento e os sujeitos do conhecimento, sendo o professor um importante mediador” (PIRES, 2010, p. 287). Considera-se assim o vídeo como uma importante ferramenta e dispositivo pedagógico para os estudantes e professores, seja pela possibilidade de ver seus próprios conflitos ou o dos outros na tela, seja pelo acesso à cultura e a arte no ambiente escolar, ou ainda por perceber o processo coletivo de produção daquele material e inspirar produções locais. Além da íntima relação entre os jovens com as tecnologias de comunicação, aproximando esse público do digital, do vídeo, da tela e da câmera.

A bibliografia estudada aponta que mesmo com a evolução

dos dispositivos, o uso pedagógico dos vídeos e filmes em escolas ainda está aquém do que poderia ser. Brito e Purificação (2015) atestam para um repetido formato de uso do audiovisual em escolas, que “se limita ao professor escolher um filme que não tem objetivos específicos com a sua aula, e utiliza-o totalmente desvinculado de seu planejamento” (2015, p.53). Percebe-se que a evolução tecnológica é importante no uso do audiovisual, como também a evolução do professor e dos alunos, no acesso, entendimento das ferramentas e suas potencialidades.

O uso dos vídeos, filmes, produções audiovisuais, devem ocorrer de acordo a necessidade e a especificidade de cada conteúdo planejado, de cada conjunto de alunos e professores e suas realidades, e especialmente, seguindo a percepção sobre a cultura à qual pertencem.

3.2 Audiovisual e escola

O fascínio do olho humano para uma imagem com luz e cores sendo reproduzida na sua frente, num tecido esticado numa tela, ou num pano, foi quase imediato. Desde 1895, quando Auguste e Louis Lumière, exibiram em Paris o vídeo de nome “Chegada de um trem à estação de la Ciotat”, ansiosos, os espectadores que viam aquilo pela primeira vez, reagiram como uma cena real³. Foi mesmo algo grande, que causou medo e fascínio. De lá pra cá, as evoluções de equipamentos de gravação, reprodução, acesso, compartilhamento só reforçou o grande apelo visual que as imagens nos trazem. Um espaço constante para receber e passar informações, linguagens presentes que podem e devem educar.

Duarte (2002, p.17), acredita que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. Fresquet (2015) coloca, em sua pesquisa sobre o cinema em escolas, que essa relação cria um

3 Quando exibiu a imagem do trem vindo em frente ao público, os Lumière assustaram alguns espectadores, que se levantaram correndo de medo.

diálogo entre a educação e as experiências criativas, percebendo as tecnologias como ferramentas educacionais de arte e cultura, na busca de um diálogo mais amplo. A mistura entre cinema⁴ e entidades de ensino pode promover novas relações entre as pessoas, as coisas, épocas e lugares diversos, “de fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto” (FRESQUET, 2015, p.13).

Pensando em ações que estimulem a democracia, o diálogo e o respeito com as diversidades, o cinema pode ter um caráter basilar dentro da prática educativa, colaborando na transformação social por meio da representação cultural, artística ou documental. De novo, afirma-se que cada realidade experienciada traz contextos que ressignificam as propostas de uso do audiovisual.

A potência pedagógica dos vídeos, filmes, ou gravações será percebida à medida que o uso das produções audiovisuais acontecem nos ambientes escolares. Seguindo o pensamento freireano, a educação é movimento, é a prática calcada na teoria e ambas buscando um mesmo sentido transformador na educação. Pensar o audiovisual na escola, fazendo um caminho histórico e contextualizado, é importante para situar a ferramenta, as pessoas e as possibilidades. (FREIRE, 1979).

O uso do audiovisual em sala prevê uma ambientação mais ampla sobre essa tecnologia educacional, lembrando que nada acontece da noite para o dia. É possível que alguns ruídos aconteçam durante essa experimentação com filmes e vídeos, seja por problemas de abordagem do material, ou de adequação das tecnologias às aulas, ou uma falta de reflexão sobre esse uso.

Uma referência bibliográfica indicada para estudar profundamente o cinema na escola é o livro do historiador e professor Marcos Napolitano, Como usar o cinema em sala de

4 Entende-se aqui o cinema com a produção audiovisual geral, não somente as produções que têm/tiveram o privilégio de estarem em cartaz nos cinemas.

aula, lançado em 2003, que analisa e discute o uso do cinema nas escolas como forma de ajudar esse ambiente educativo a se reencontrar com uma cultura artística elevada, afinal o cinema e suas produções agregam estética, lazer, ideologia e valores sociais importantes para o desenvolvimento humano. Para Napolitano, os filmes sempre trazem alguma possibilidade para o trabalho escolar, cabendo ao professor se perguntar: “qual o uso possível deste filme? A que faixa etária e escolar ele é mais adequado? Como vou abordar o filme dentro da minha disciplina ou num trabalho interdisciplinar? Qual a cultura cinematográfica dos meus alunos?” (NAPOLITANO, 2003, p.12).

O cinema na escola irá refletir o cotidiano, afinal os filmes são, em geral, essa representação da vida por meio da ficção. No entanto esse uso educativo deve ser mais amplo que só assistir, que reproduzir formas de leituras que assimilamos no cotidiano, na escola essa experiência deve contemplar o comum e também avançar para outras reflexões,

A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre a emoção e a razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/ linguagem do filme com o conteúdo escolar. Esse é o desafio. (NAPOLITANO, 2003, p.15).

Napolitano (2003) também apresenta a possibilidade real da metodologia não funcionar. Abaixo alguns fatores que o autor cita como entraves no uso do filme como instrumento pedagógico,

Possibilidades técnicas e organizativas na exibição de um filme para a classe; articulação com o currículo e/ou com o conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino aprendizagem. (NAPOLITANO, 2003, p.16).

Na extensa e detalhada pesquisa o autor confirma que as interações do cinema com a educação infantil, o ensino fundamental e médio são diferentes e vai depender de um planejamento conjunto

e da localidade implementada. Destaca-se abaixo dois pontos do texto de Napolitano (2003) sobre a adequação e abordagem dos filmes, que é fundamental para começar a usar o filme como ferramenta pedagógica.

Possibilidade técnicas e organizativas: Falhas no arquivos de exibição; falha nos aparelhos de exibição; incompatibilidade de arquivos (resolve indo antes e testando tudo, deixando um segundo plano pronto). o filme não estar mais atual ao debate; não existir para baixar, ou demorar (planejamento e antecedência); inadequação de exibição: muita luz, pouca cadeira, tela pequena, volume baixo (adequação, separar turmas, vedar janelas).

Articulação com o currículo/conteúdo, habilidades e conceitos: escolha de filmes pelo tema e conteúdos curriculares formais, inter curriculares, transversais (definidos pelo PCNs) - desenvolvimento de habilidades e competências como leitura e elaboração de textos, aprimorar a capacidade narrativa e descritiva, decodificar signos e códigos não verbais, aperfeiçoar a criatividade artística e intelectual, capacidade de crítica sócio cultural, aprimorar o olhar sobre uma das artes mais importantes do mundo contemporâneo - os conceitos dos roteiros, dos argumentos são inumeráveis: retirados, sugeridos, inferidos. (NAPOLITANO, 2003, p. 18-20)

Problemas também podem ocorrer, e um dos entraves comuns para uso do cinema na sala é a incompatibilidade entre o tempo do filme e o tempo da aula. Por isso os filmes exibidos podem e devem ser curtas metragens, de acordo com as narrativas, os valores e a curiosidade da turma. O ideal, para duas aulas, são vídeos menores, no máximo 30 minutos, com o tempo restante para debate. Outro entrave do cinema da aula é quando ele é usado como “tapa-buraco”, para ocupar o espaço de uma aula sem professor, ou o “vídeo-enrolação” como chama Napolitano (2003, p. 34), quando o professor exhibe um filme sem ligação com a matéria apenas para ocupar uma aula não planejada.

O ideal é que o professor insira o uso dos filmes dentro de um planejamento mais amplo, se possível com outros docentes buscando uma interdisciplinaridade, interligando-os aos conteúdos, conceitos, competências e habilidades a serem trabalhadas com a turma. Os filmes escolhidos devem ter objetivos e metas a serem atingidos junto à disciplina orientadora. Conhecer um pouco sobre o cinema e sobre a informação dos alunos sobre essa produção também são importantes para um bom desenvolvimento de atividades em sala de aula. (NAPOLITANO, 2003).

A escolha dos filmes deve contemplar todo o espectro de produções que se tem acesso, tanto comerciais quanto documentários, material educativo, produção regional/local, produtoras com conteúdo aberto, entre outras. A aproximação do filme em qualquer uma de suas esferas com o público espectador favorece a apreensão, a associação e a reflexão sobre seus meios de convivência, estimulando a criatividade, a solução de problemas e a educação. (FRESQUET, 2015; NAPOLITANO, 2003; DUARTE, 2002).

4 Considerações finais: usar ou não usar?!

Após a explanação do tema tecnologias e educação volta a grande questão: de fato, os recursos audiovisuais são ferramentas que podem potencializar uma educação legítima? É bom ou não usar o vídeo como recurso pedagógico?

Tais interrogações, mais que respondidas aqui, devem provocar os educadores ao estudo, à renovação, à sensibilidade para perceber o que se tem de tecnologia possível e como favorecer isso para os estudantes. São muitos os desafios, especialmente no contexto da educação e da tecnologia, mas ao mesmo tempo tem-se mais oportunidade de conhecer, de acessar conteúdos feitos em todo o mundo, em várias línguas, relatando inúmeras experiências, literalmente.

Mesmo sabendo da dificuldade desse cenário nas escolas

públicas, é possível dizer que a educação conduzida com novos recursos tecnológicos cria ambientes de reflexão sobre o ensino em si e sua interação com esses novos meios, como também reflete os papéis dos educadores e dos estudantes. Velhos espaços podem produzir novas experiências e sensações, contribuindo na materialização da educação, da práxis educativa. (FREIRE, 1996, 1987).

Neste estudo percebeu-se que a educação deve olhar para as tecnologias como algo favorável, capaz de auxiliar e potencializar seus espaços e todos os envolvidos. As significações que emergem de processos de troca entre estudantes e educadores por meio do audiovisual, provocam experiências pessoais, que para Fresquet (2015, p.36), quando acrescidas das diferentes formas de ver e sentir os vídeos “acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de um mundo de um grande contingente de atores sociais.”

Concorda-se também que dominar o audiovisual é requisito fundamental, no cenário atual, para que se possa transitar em diferentes campos sociais, garantindo inclusive direitos básicos. Portanto, a imagem em movimento tem relação com aquilo que somos, com nossas identidades, o que nos remete a uma reflexão sobre a importância da linguagem audiovisual na nossa sociedade. Usar os filmes em sala é uma pequena ação, de proporções muito íntimas e grandiosas, implicando em ressignificar os contextos sociais que estão inseridos os professores e alunos.

Sabe-se de toda dificuldade estrutural que passam as escolas e que o uso do cinema não irá dirimir essas crises, mas acredita-se que o uso do filme em sala de aula pode sim ativar um maior interesse dos alunos pelo ambiente escolar e pelos estudos, proporcionando uma educação efetiva e possivelmente transformadora.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. Editorial Presença, 1980.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. Educação e novas tecnologias: um (re)pensar. Curitiba: Editora InterSaberes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A reprodução - elementos para teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A., 1992.
- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. Comunicação e educação: questões
- DUARTE, Rosália. Cinema & Educação: refletindo sobre cinema e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica dentro e fora da escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- LUCKESI, Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1993.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Criação ProInfo. Portaria Nº

522, de 9 de abril de 1997.

MUNHOZ, A. S. Tecnologias educacionais. São Paulo: Saraiva, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

NETO, Cassiano Zeferino de Carvalho; MELO, Maria Taís de. E agora, Professor? POR UMA PEDAGOGIA VIVENCIAL. Edição Digital. São José, SC: Instituto para Formação Continuada em Educação - IFCE, 2004. Disponível em: <<http://www.laborciencia.com/site/wp-content/uploads/2011/05/E-AGORA-PROFESSOR.pdf>> Acesso em: 26/08/2020

PIRES, Eloiza Gurgel. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, jan./abr. 2010. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a06v36n1.pdf>>. Acesso em 26/08/2020

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez, 1983.

TORRES, V. S. O uso de vídeos como um recurso de apoio didático: exemplos da biologia. In: Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro: Editora ABT, ano XXVI, v. 26, n. 140, p. 30-36, jan./mar., 1998.

TOZONI-REIS, Maria Freita de Campos. Metodologia da Pesquisa Científica. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

Sites:

Programa Salto Para o Futuro:

<https://tvbrasil.ebc.com.br/saltoparaofuturo>

<http://portal.mec.gov.br/busca-geral/111-tv-mec-818951690/tv-escola-1440558247/13258-salto-para-o-futuro-sp-1346571866>

Centro de Inovação para Educação Brasileira - CIEB: <https://cieb.net.br>

Capítulo 16

TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Carla de Queiroz Ribeiro¹

Fabricia da Silva Souza²

Marisela Pi Rocha³

1 Introdução

No início do ano de 2020 fomos surpreendidos com o boom da transmissão em massa do popularmente chamado de novo coronavírus que acarretou na pandemia da Covid19. Os primeiros registros do Sars-Cov-19, foram feitos em 2019 na cidade chinesa de Wuhan e se espalhou rapidamente pela China (Ministério da saúde, 2020), em seguida de países asiáticos, europeus, americanos e de repente todos os continentes se viram submersos a onda de contágio.

A capacidade rápida da expansão do vírus fez com que as organizações da saúde desse ordens para o isolamento social, pois visualizavam a partir da menor circulação de pessoas um número menor de contaminados, caso contrário haveria sobrecarga dos sistemas de saúde.

1 Acadêmica em Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia/UNEB/Campus XII. Monitora Bolsista do Projeto de Extensão “Me conte sua história” pelo Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX). E-mail: carla_cba12@hotmail.com.

2 Acadêmica de Pedagogia, Universidade do Estado da Bahia/UNEB/Campus XII. Bolsista do Pibid (CAPES). E-mail: fabricia.gbi98@gmail.com.

3 Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências/UFBA, Especialista em Psicologia Educacional/PUC-MINAS, Pós Graduação em Neuropsicopedagogia/Universidade Cândido Mendes; Pós Graduação em Gênero e Sexualidade/Faculdade Dom Alberto. Professora Substituta na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XII; Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire/ NEPE/ UNEB/ Campus XII e GEHFTIM - Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Famílias, Territórios, Identidades e Memórias/UESB/JEQUIÉ. E-mail: mariselaroc@gmail.com.

No Brasil, não foi diferente, a maior parte da população foi instruída a ficar em isolamento social, cada um em sua casa e sob recomendação das medidas de higienização e protocolos determinados pelos órgãos de saúde em prol da não contaminação (uso de máscara para quando precisasse sair e de álcool em gel).

Crescentes foram o número de pesquisas em busca de remédios e em especial de uma vacina com eficácia - uma corrida entre os cientistas de todo o mundo. Mesmo enfrentando diversas dúvidas sobre o vírus e sua capacidade de mutação, as primeiras vacinas chegaram e estão sendo usadas de modo emergencial, o foco agora é vacinar o maior número de pessoas possíveis.

Desde o início da pandemia no nosso país (Brasil) até quarta-feira (17/03/2020), segundo dados do G1 (2020), tivemos 285.136 óbitos registrados e mais de 11,7 milhões diagnosticados com Covid-19. Em contraste a isso, a vacinação caminha a passos lentos, ainda conforme levantamentos do G1, apontam que somente 10.713.615 pessoas receberam a primeira dose de vacina contra a Covid-19, número representa 5,06% da população brasileira

A pandemia estar proporciona-nos experiências extremas, desafiadoras e a cada dia mais novas informações preocupantes tomam conta dos noticiários, vemos instaurada uma crise sanitária, em que a humanidade refém de um vírus cujo tamanho da desestabilidade causada não é possível de mensurar, por ainda estamos em meio a pandemia. Estamos em caos econômico, social e político.

No campo educacional, instituições foram fechadas (tanto as públicas quanto as privadas) por tempo indeterminado, porque não existia (2020) e ainda não existem (2021) muitas possibilidades dar aulas presencias. Diante dessas questões os educadores, tais qual demais responsáveis pelo setor educacional se viram obrigados a mudar suas práticas educativas, no intuito de garantir o não distanciamento total dos estudantes da educação escola, colocou-se em discussões uma nova modalidade de ensino, a qual se dá o nome de Ensino Remoto. As tecnologias, cuja utilização nunca

estive distante da educação desde que surgiram, ganharam espaço para manutenção das aulas.

Anterior a pandemia, as tecnologias, de modo geral, funcionavam como instrumentos de canalização do conhecimento visto a versatilidade de esta canalizar o conhecimento e torná-lo acessível de maneira mais rápida e prática. Assim, é perceptível as possibilidades de ampliação do ensino para além do espaço físico. Os estudantes têm buscado cada vez mais ferramentas on-line para ampliarem seus conhecimentos, seja através de objetos digitais que dão suporte como vídeo aulas ou acesso a livros, artigos, entre outros materiais pedagógicos, bem como experiências culturais, com a utilização de ambientes virtuais que possibilitam assistir a filmes, visitar museus ou laboratórios, dentre outros.

No entanto, não era esperado ter de usar somente de meios digitais e internet para dar continuidade aos estudos, ainda que uso/ as contribuições das tecnologias atrelado as propostas pedagógicas já estivessem sendo estudados.

Diante disso, notamos que o despreparo para tal adaptação é a somatória de problemas anteriores a pandemia. Toschi (2003), em *Tecnologia e educação: contribuições para o ensino*, afirma que “a escola precisa é de maior competência comunicativa para ser sensível e ouvir este mundo, ouvir o que as crianças e jovens têm a dizer”, em outras palavras, a escola precisa adaptar-se aos interesses das novas gerações ou acabará por perder a atratividade. Já o artigo, *Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem*, Kenski (2005), trouxe estudos sobre a importância da adequação do planejamento pedagógico para o uso de tecnologias nas atividades de ensino presenciais ou a distância. Klein, *et al* (2020), em *Tecnologia na educação: evolução histórica e aplicação nos diferentes níveis de ensino*, aborda por meio de uma revisão de literatura, equívocos na utilização de instrumentos tecnológicos e afirma que os maiores problemas estão ligados na não inserção de tecnologias, no momento certo e de maneira adequada, e na falta de formação continuada de docentes.

Visto a importância destas discussões, sabendo das dificuldades do presente momento e dado o fato de estarmos passando pela experiência do Ensino Remoto, discutiremos sobre as seguintes questões:

- a) como usa a tecnologia em prol da educação?
- b) qual a diferença entre Ensino Remoto e Educação a distância?
- c) ensino Remoto está sendo acessível a todos? Se não, existe alguma política pública que facilita o acesso?

Buscamos por fim, compreender como a tecnologia tem colaborado para a continuidade do ensino em tempos de pandemia e se existem, quais as dificuldades foram encontradas ao longo desse processo.

2 Metodologia

Para elaboração deste trabalho foram feitas pesquisas e leituras a respeito da tecnologia, da educação escolar, a relação que estas possuem entre si e como ficou após a Pandemia da Covid19.

Trata-se, assim daquilo que Gonzalez, *et al* (2014), coloca como pesquisa bibliográfica, pois buscamos adquirir conhecimentos sobre as temáticas com base em referências teóricas publicadas, tais como: livros, artigos, monografias, dissertações de mestrado, entre outros.

Não significando, porém, uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas sim um novo exame de um tema, em um outro período e sob nova abordagem, chegando a conclusões inovadoras (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Desta forma, usamos aqui artigos, monografias e pesquisas. Dentre os autores os mais usados foram Carvalho (2006), Palú (2020), Pacheco, *et al* (2017), Ribeiro, *et al* (2020), entre outros.

3 Tecnologia e educação: breve histórico

A sociedade vive um momento de expansão tecnológica/digital, no qual tornou-se mais rápido e prático fazer atividades diárias, pesquisas para o trabalho e/ou escola, funções que demandam um tempo maior. Locomoção e esforço passaram a se limitar a um clique. Já é comum a utilização de aplicativos em substituição às filas, seja para compras (em supermercados e lojas), idas ao banco ou ainda para evitar a espera de um ônibus e/ou táxi. Além disso, o acesso às informações, sejam estas quais forem, passou a ser mais simples e conseguidas em grande número diariamente.

Se por um lado é importante e bom saber sobre os acontecimentos diários do nosso contexto social (da nossa cidade, do país ou do mundo), por outro o acúmulo de informações dá-nos maior propensão para leituras superficiais, questão preocupante em especial para os educadores – tendo em vista o aumento da chegada dessas aos estudantes. Percebe-se ainda que a disseminação rápida e a facilidade em publicar sobre qualquer assunto propicia consequentemente o aumento de notícias falsas, sob as quais nem sempre o internauta consegue discernir que se trata de uma mentira.

Todas essas vantagens e desvantagens citadas estão ligadas direta (ou indiretamente) ao que hoje conhecemos com Internet. Mas como, quando e com qual intuito surge a Internet?

No início da década de cinquenta do século passado, segundo Carvalho (2006), em meio ao contexto pós II Guerra Mundial e diante da Guerra Fria, período recheado de testes de bombas nucleares, de crises políticas, conflitos bélicos disperso pelas diversas regiões do mundo, pelos quais os países buscavam demonstrar sua soberania, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos resolveu conduzir um estudo independente sobre sistemas de defesa aérea.

Sob recomendação do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), Os Estados Unidos, em 1953, criaram um laboratório (Laboratório *Lincoln*) que foi destinado para a criação de tal

sistema - mais tarde denominado de SAGE (*Semi-Automatic Ground Environment*) (CARVALHO, 2006). Surge desse projeto a primeira interligação entre mais de um computador, seria uma espécie de internet limitada somente aos computadores do exército norte-americano para facilitar a comunicação entre seus membros. Infelizmente, não foi tão utilitário para se livrar dos mísseis mais tarde, mas foi de grande importância para a tecnologia, servindo de inspiração para projetos posteriores que resultaram no que hoje chamamos de *Internet*.

Internet, uma rede de computadores dispersos por todo o planeta que troca dados e mensagens utilizando um protocolo comum, unindo usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de toda envergadura (DICIO, 2020). É, portanto, um meio de globalização de informações de quaisquer espécies, é aberta a todos, mas não é acessível para alguns, disponibiliza conteúdos socialmente éticos e não éticos, a depender do uso de cada internauta.

No Brasil, as primeiras experiências com a internet, segundo Buys (2011), foram em 1991, quando pela primeira vez, sob alguns privilégios, os pesquisadores universitários puderam trocar mensagens eletrônicas, pois na época a internet brasileira era uma rede exclusiva das universidades e dos centros de pesquisa. Nos dias atuais, ainda com muitas restrições e não acessibilidade por parte de uma parcela da população mais pobre, tem-se mais de 134 milhões de usuários, de acordo a pesquisa TIC Domicílios 2019.

O mundo passou a ser visto de uma forma menor após as conexões via web, é como se o planeta e todas as informações contidas nele coubesse em uma telinha de computador, ou na palma das nossas mãos, no caso dos celulares. Uma revolução que chegou, ficou e modificou nossa forma de ler as coisas e de nos conectar com as pessoas, trouxe inúmeros benefícios e praticidades, assim como o inverso.

A tecnologia surge para melhoria dos instrumentos que atendem as necessidades humanas, caracterizando-se pela

intencionalidade de seu uso, aperfeiçoamento e progressividade da humanidade, é mais que manuseio de aparelhos e equipamentos, é cultura que possui implicações éticas, políticas/sociais, econômicas e educacionais (TOSCHI, 2005). A internet, como uma tecnologia, não é diferente, esta tem implicações em todos os âmbitos sociais, seja positiva ou negativamente.

A evolução consideravelmente rápida da internet, dos celulares e outras tecnologias de fácil acesso, e a chegada dessas as camadas populares, foi um dos fatores preponderantes para que os responsáveis pela educação começassem a pensar em como utilizar essas ferramentas na prática educativa. Pois, queira ou não estariam/estão presentes no campo educacional, já que “independente do uso mais ou menos intensivo de equipamentos midiáticos nas salas de aula, professores e alunos têm contatos durante todo o dia com as mais diversas mídias” (KENSKI, 2005), ou seja, ainda que seu uso não se destine ao suporte pedagógico às pessoas mantêm contato o tempo todo com os mesmos.

Além disso, as gerações mais jovens são inseridas desde a infância no contexto tecnológico e, por vezes, até mesmo possuem acesso aos artefatos digitais (celulares, tablet, etc.), pois o ambiente familiar e social lhes proporciona tal acesso (CORRÊA, *et. al*, 2020). Dessa forma, em consonância com Pacheco, *et al* (2017), compreende-se que frente a sociedade da informação, é inviável que as escolas façam uso somente da lousa, do pincel/giz e livro didático como instrumentos na prática educativa, porque, sendo assim, essas não estaria preparando os sujeitos para o mercado de trabalho ou mesmo para a convivência social.

Uma vez introduzida no campo educacional, as interações entre as tecnologias e os alunos, passa a ser de responsabilidade da escola, e o princípio destas é a promoção da aprendizagem por meio de novos métodos educacionais, visado facilitar a aprendizagem, aproveitar melhor o tempo e contribuir para melhoramento do desempenho dos educandos (KLEIN, *et. al* 2020).

Para Pacheco, *et al* (2017), o uso de tecnologias em aula

auxilia na inserção e na participação dos estudantes na sociedade, que continuamente está sob evolução tecnológica; facilita a compreensão nos conteúdos, dos mais simples até os mais difíceis; aumenta o interesse em interagir e aprender, pelo fato da aula se tornar interessante e prazerosa; e os prepara melhor para o mercado de trabalho, que se torna mais exigente a cada dia tratando-se de conhecimento nas áreas de inovações digitais.

A tecnologia passa, então, a ser indispensável nas nossas vidas e tende a aprimorar-se cada dia após dia, fazendo com que vivamos em constantes adaptações. Como meio de formação, a escola não pode, de forma alguma, distanciar-se dessas mudanças, caso contrário ficará aquém de seu tempo e será dispensada ou trocada por outros meios sociais para obtenção de conhecimentos.

4 Tecnologia na educação em tempos de pandemia

Todas essas questões de utilização da tecnologia como ferramenta educacional permeiam e se afluíram ainda mais ao chegarmos a 2020 e sermos surpreendidos com a pandemia do Covid19. A capacidade rápida de transmissão do vírus fez a Organização Mundial da Saúde, junto aos ministérios de cada país, tomar algumas medidas, tais como a de distanciamento social, com essa, diversas atividades foram interrompidas, dentre elas, as atividades escolares.

Como ficaria a educação diante de um cenário de medo, apreensão, pessoas contaminadas, milhares de mortos e os estudantes sem poderem sair de casa para estudar? A inexistência de uma vacina, de remédios (tratamento) ou mesmo informações sobre o vírus, sua atuação no organismo humano, e as possíveis sequelas, impactou em vários aspectos. Em meio a tantas incertezas, diversos setores sociais foram fechados, tais como o da Educação, no qual as instituições de ensino, em todos os níveis, tiveram suas atividades presenciais suspensas. Sem previsão de retorno às atividades, os responsáveis por esse setor tiveram que se reinventar de modo a continuarem atuantes. Um desafio para todos os

envolvidos: estudantes, professores, pais, e demais representantes do corpo escolar.

Começaram, então, análises e avaliações sobre a possibilidade de ensino on-line, entra em pauta a Educação a distância (EaD) e o Ensino remoto. Mas o que é mesmo cada um desse? E se existe, qual a diferença?

As instituições de ensino desenvolveram novas formas de ter contato com seus alunos enquanto as unidades permanecem fechadas, a migração para os meios digitais foi uma delas. O uso de plataformas que possibilitam a interação e aproximação dos envolvidos em tempo real tornou-se comum. Com isso, equivocadamente, começaram a tratar de Ensino Remoto e as EaDs como sendo a mesma coisa. Para Behar (2020), não devemos considerar sinônimos, pois, o Ensino Remoto caracteriza-se como uma mediação pedagógica por meio da tecnologia, em que os professores readaptam seus trabalhos/atividades e o currículo, programados anteriormente para aulas presenciais, para as plataformas digitais, visto que estão impedidos de frequentar o ambiente institucional. O ensino remoto, ainda segundo a autora, propõe o distanciamento geográfico dos professores e alunos, mas, permite a interação social em tempo real e é uma medida adotada temporariamente.

Oliveira, *et. al* (2020), diz que nas plataformas digitais podemos ter interações e estudos de duas maneiras, com interações síncronas (que se caracterizam como o acesso de maneira simultânea ao ambiente virtual em tempo real, proporcionando a interação entre os participantes) e interações assíncronas (que correspondem a flexibilização do tempo de estudos, onde se tenha atividades em que os alunos desenvolvam no seu próprio tempo).

Já a Educação a distância, caracteriza-se segundo o decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, no seu art. 1:

Art.1- (...) educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado,

com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

As EaDs já são criadas com a proposta de ensino a distância, seja esse disponibilizado digitalmente de forma total ou parcial, seus currículos e atividades são programados/pensados para ambiente virtual, assim como a formação dos profissionais que ali irão atuar, a participação de equipes multidisciplinares, os tutores envolvidos, os gestores, coordenadores pedagógicos, coordenadores de tutoria, e demais envolvidos no corpo educacional. E é sabido também que estas estão presentes desde antes da pandemia.

5 As dificuldades conexão com aulas remotas

A pandemia fez uma reviravolta no ambiente escolar, colocando-nos a pensar uma nova forma de ser escola, em que pudesse haver mediações e trocas de conhecimentos, com a construção de uma nova rotina de aulas, com novas perspectivas e em um novo ambiente, sem perder o propósito inicial de ensinar (KIRCHNER, 2020). Assim, como aulas presenciais não seriam possíveis, algumas instituições, respeitando as legislações (como as da Bahia), decidiram dar continuidade às aulas remotamente, para não perder o vínculo com os estudantes.

Esse novo formato de sala de aula trouxe inúmeros questionamentos para os professores, alunos e familiares: Como seriam essas aulas por mediação tecnológica? Todos teriam ferramentas (notebook, celular e/ou tablet) e internet para acessar as aulas? Como seria o processo de interação e avaliação do conhecimento? Haveria formação para acessar essas plataformas? E aqueles que não possuem acesso à internet, como estudariam?

De acordo Palú (2020) as aulas vêm acontecendo através de diferentes plataformas digitais, ainda que nem todos os estudantes tenham acesso a essas tecnologias, em alguns casos, nem mesmo à internet - para esses alunos as escolas tentam fornecer os materiais

de estudos de maneira impressa, para serem retirados na própria instituição, fato que também não ajuda, considerando a longa distância entre a escola e a casa de muitos dos estudantes. Além disso, o ambiente escolar era o único espaço adequado para os estudos, que muitos alunos tinham, por possibilitar o acesso à internet. Com o distanciamento, a não condição de pagar um plano de internet e acesso limitado por meio dos pacotes de dados oferecidos pelas operadoras de celulares, não proporcionam requisitos suficientes para estudar e se manter conectado, acessando as aulas remotas, e assim alguns estão sem estudar.

As famílias dos estudantes, em especial as das escolas públicas, encontram-se mais vulneráveis. Como cita o Instituto Unibanco (2020), é necessário que a Escola realize pesquisas para saber as suas condições de vida pessoal, bem como estudantis, verificar a questão do acesso aos aparelhos (tais como notebook, computador, tablet e/ou celular) e da conectividade para traçar estratégias de ensino e de aprendizagem que posso englobar a todos.

Neste sentido, o apoio das instituições aos discentes, não somente na questão de educação, mas também, no quesito de solidariedade humana, tendo compreensão e auxiliando àqueles que não possuem acesso à Internet para dar continuidade aos estudos é de extrema importância.

Os(as) professores(as) também não estavam preparados para essas modalidades de ensino, assim tiveram que acessar cursos para se formarem. Além disso, como cita Palú (2020) o trabalho deles/delas mais que triplicou, já que agora além da participação na formação para trabalhar em todas essas novas ferramentas, precisam ter de alimentar as plataformas on-line, atender pais, discentes e equipes escolares tudo via aplicativos, bem como preencher o diário de classe atendendo às novas exigências, planejar e disponibilizar atividades remotas que não utilizam as tecnologias digitais para aqueles que não possuem acesso à internet, fazer a conferência de atividades, dar a devolutiva aos estudantes, e ainda realizar a avaliação do processo ensino-aprendizagem nessa nova modalidade. Tudo isso a partir de sua própria casa, utilizando seus

próprios recursos.

Com a utilização dessas novas formas de ensino, é preciso, de acordo Farias e Giordano (2020), considerar possíveis parcerias com as famílias. É preciso orientar os responsáveis que auxiliarão os estudantes nas tarefas escolares remotas. Tarefa nada fácil, pois como sabemos, no País nem todas as pessoas são alfabetizadas. Por outro lado, os pais querem que seus filhos estudem, o que significa dizer que nem toda criança terá auxílio dos pais em suas tarefas escolares, por serem esses analfabetos.

A situação da educação está, assim, para além da formação tecnológica, conforme afirma Filho, *at al* (2020), a acumulação do capital sem precedentes, somadas ao caos sanitário posta à toda a sociedade mundial, transparece, em especial no País, de maneira cruel as péssimas condições e as dificuldades que a escola enfrenta já atrelada à desigualdade do acesso à educação pública de qualidade.

Ao encontro disso, dados da pesquisa Tic Domicílios de 2019 apontam que 20 milhões de domicílios brasileiros ainda não possuem acesso à internet, e dos 134 milhões de usuários, 58% acessam somente pelo celular, ou seja, pagam planos de operadoras que como sabemos em áreas mais distanciadas o sinal não é de qualidade. Existem aquelas que não possuem conhecimento sobre a internet e por esse motivo estão desconectadas, essas somam 47 milhões de brasileiros e brasileiras.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do último trimestre de 2018, mostrou que a porcentagem de jovens estudantes, com 14 anos ou mais que têm acesso à internet, ultrapassa 95% nas regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste, na região Norte são 81% e no Nordeste 86% - percentuais que caem ao incluir os adolescentes de 10 a 13 anos, ficando na faixa de 92% nas três primeiras regiões, 71% na região Norte e 79% na região Nordeste (ARRUDA, 2020). Todas essas dificuldades, somadas à falta de experiência dos alunos e professores com as novas plataformas para o ensino, acabaram por retardar e dificultar a qualidade das aulas remotas.

Frete a tais questões, estão em tramitação no Senado Federal desde junho de 2020, dois projetos com intuito de auxiliar as famílias de baixa renda, são eles: o Projeto de Lei nº 3466, que visa criação do Programa Bolsa Internet, e destina-se à subvenção econômica nos serviços de conexão à internet; e o Projeto de Lei nº 3462, que cria o Auxílio-Conexão para assegurar o acesso dos estudantes à educação remota por meio da conexão com rede mundial de computadores – Internet em banda larga fixa e móvel, e dá outras providências (BRASIL, 2020).

Para Ribeiro, *et al* (2020), a demora na aprovação compromete a aprendizagem de muitos estudantes, e os efeitos dos auxílios podem não ser como esperado, pois os educandos necessitam desses para adquirem computadores e internet já estão perdendo aulas e atividades, além de verem seu desenvolvimento sendo prejudicado em comparação àqueles que possuem os instrumentos adequadas para continuidade dos estudos.

Na contramão de todos esses problemas, o presidente da República, Jair Bolsonaro, vetou por completo o Projeto de Lei (PL 3.477/2020), que tinha como ementa garantir acesso à internet, com fins educacionais, para docentes e discentes da Educação Básica pública. Como uma das justificativas do veto, o presidente argumentou que tal medida não apresentava estimativa do respectivo impacto orçamentário e financeiro, ou seja, de até quando gastariam com o programa. Já ministérios da Economia e da Educação evidenciaram que a proposta traria alta rigidez no orçamento, ocasionado dificuldades no cumprimento da meta fiscal e da regra de ouro, prevista na Constituição Federal (AGÊNCIA SENADO, 2020). Em resumo, vemos o governo mais preocupado com gastos que com a manutenção da saúde, da educação e cidadania de sua população.

6 Considerações finais

É triste termos de chegar a uma crise sanitária para as pessoas, em especial os governantes desse País enxerguem de forma

nítida a desigualdade social estruturalmente estabelecida. Mais revoltante é vê-los “fazer de conta” que nada disso está acontecendo, é ver pessoas morrendo em meio a um caos desenfreado, enquanto autoridades máximas minimizam a situação, ver pessoas passando fome, enquanto tais dizem que o fundo monetário do Brasil não possui capacidade de pagar o Auxílio Emergencial com um valor digno de se fazer uma cesta básica ou ainda propiciar Internet gratuita para que os estudantes mantenham seus estudos em dia.

A pouca preocupação com uma educação de qualidade e com dar possibilidade para que essa seja acessível a todos, nos faz refletir sobre o quão elitizado é o conhecimento.

Na tangente a tecnologia digital, essa chegou e modificou as nossas vidas e a sociedade como um todo, é hoje algo indispensável para a maior parte das pessoas. Nesse sentido, a preocupação passa a ser no como inserir os estudantes no contexto da tecnologia? ou como utilizá-la como ferramenta metodológica? E ainda como torná-la um bem comum acessível a todas as pessoas?

A certeza que temos é de que mantê-la fora da escola seria um retrocesso, além do mais depois de um momento de uso tão efetivo dos meios tecnológicos, assim como é de responsabilidade do Poder Legislativo criar leis para torna-la de fácil aquisição pelos brasileiros e brasileiras.

Referências

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação Remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em Rede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, maio 2020. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso: 19 mar. 2021.

BEHAR, Patrícia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. julho, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia>. Acesso: 18 out. 2020.

BRASIL. **Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017**. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-2017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503. Acesso: 18 out. 2020.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 3466, de 2020**. Cria o Programa Bolsa Internet, destinado à subvenção econômica nos serviços de conexão à internet. Brasília, DF: Senado, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/142774>. Acesso: 19 mar. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 3262, de 2020**. Cria o Auxílio-Conexão para assegurar o acesso dos estudantes integrantes de famílias de baixa renda à educação à distância por meio do acesso à rede mundial de computadores – Internet em banda larga fixa e móvel, e dá outras providências. Brasília, DF: Senado, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/142744>. Acesso: 19 mar. 2021.

BUYS, Bruno. 20 anos da internet no Brasil: universalização do acesso em expansão. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 6-9, 3 jun. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252011000300003>. Acesso: 16 out. 2020.

CARVALHO, Marcelo Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no brasil: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança**. Dissertação (para obtenção do título de mestre em Engenharia de Sistemas e Computação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. DOI 10.13140/2.1.2908.8325. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcelo_Carvalho17/publication/268809917. Acesso: 16 out. 2020.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (Cetic.br). **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros –TIC Domicílios**, 2019. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf.

Acesso: 04 nov. 2020.

CORRÊA, Carlos Eduardo Ferla, *et.al.* **Tecnologia e educação: uma relação democrática?** Revista Mundi Engenharia, Tecnologia e Gestão. Paranaguá, PR, v.5, n.3, p. 241-01, 241-19, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifpr.edu.br/index.rnal=MundiETG&page=article&top=view&path%5B%5D=1224>. Acesso: 03 nov. 2020.

DICIO. **Dicionário online de português.** Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso: 28 out. 2020.

INSTITUTO UNIBANCO. **Como apoiar as famílias durante o fechamento das escolas.** 2020. Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/conteudo/como-apoiar-as-familias-durante-o-fechamento-das-escolas/> Acesso: 18 mar. 2021.

FARIAS, Mirian Zuqueto; GIORDANO, Cassio Cristiano. **Educação em tempos de pandemia de COVID-19:** Adaptação ao ensino remoto para crianças e adolescentes. 2020. Disponível em: <http://200.229.32.43/index.php/pedagogiacao/article/view/23759>. Acesso: 03 nov. 2020.

FILHO, Astrogildo Luiz de França. *et al.* Alguns apontamentos para uma crítica da educação a Distância (EaD) na Educação Brasileira em tempos de Pandemia. **Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 16-31, maio 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50535>. Acesso: 19 mar. 2021.

GONZALEZ, Wania. Técnicas de pesquisa. In: VENTURA, Magda Maria [org]. **Metodologia científica.** Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2014.

G1- BEM ESTAR. **Mundo atinge 44 milhões de casos de Covid; EUA registram recorde de 500 mil infectados em 1 semana.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/28/mundo-atinge-44-milhoes-de-casos-de-covid-eua-registram-recorde-de-500-mil-infectados-em-1-semana.ghtml>. Acesso: 28 out. 2020.

G1- BEM ESTAR. **Brasil aplicou ao menos uma dose de vacina em mais de 10,7 milhões, aponta consórcio de veículos de imprensa.** 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/03/17/brasil-aplicou-ao-menos-uma-dose-de-vacina-em-mais-de-107-milhoes-aponta-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso: 18 mar. 2021

KENSKI, Vani Moreira. **Das salas de aula aos ambientes virtuais de aprendizagem.** 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/030tcc5.pdf>. Acesso: 03 nov. 2020.

KIRCHNER, Elenice Ana. Vivenciando os desafios da educação em tempos de pandemia. In. PALÚ, Janete; SCHUTZ, Jenerton Alan; MAYER, Leandro (orgs). **Desafios da educação em tempos de pandemia.** Cruz Alta: Ilustração-2020. p. 45-53.

KLEIN, Danieli Regina, *et. al.* **Tecnologia na educação: evolução histórica e aplicação nos diferentes níveis de ensino.** EDUCERE - Revista da Educação, Umuarama, v. 20, n. 2, p. 279-299, jul./dez 2020. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/educere/article/download/7439/3979+&ccd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso: 03 nov. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. São Paulo: Atlas 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é coronavírus?** 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/>. Acesso: 04 nov. 2020.

OLIVEIRA, Maria do Socorro de Lima, et al. **Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático.** Recife: EDUFRPE, 2020. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/ufrpe-lan%C3%A7a-publica%C3%A7%C3%A3o-sobre-ensino-remoto-e-planejamento-para-docentes>. Acesso: 19 out. 2020.

PACHECO, Mariá Aparecida Torres; PINTO, Leandro Rafael;

PETROSKI Fábio Roberto. **O uso do celular como ferramenta pedagógica: uma experiência válida**. 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24549_12672.pdf. Acesso: 04 nov. 2020.

PALÚ, Janete. A crise do capitalismo, a pandemia e a educação pública brasileira: reflexões e percepções. In. PALÚ, Janete; SCHUTZ, Jenerton Alan; MAYER, Leandro (orgs). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração-2020. p.87-106.

RIBEIRO, Renata Maia. *et al.* Políticas públicas como forma de minimizar a desigualdade digital evidenciada pela pandemia. **Conedu VII Congresso Nacional de Educação – Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**. Maceió, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA21_ID7309_01102020184941.pdf. Acesso: 19 mar. 2021.

TOSCHI, Mirza Seabra. **Tecnologia e educação: contribuições para o ensino**. Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande-MS, n. 19, p. 35-42, 2005. Disponível em: <https://www.serie-estudos.ucdb.br/serie-estudos/article/view/443>. Acesso: 03 nov. 2020.

AGÊNCIA SENADO. Vetado projeto que dava acesso à internet a alunos e professores da rede pública. Brasília - DF, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/03/19/vetado-projeto-que-dava-acesso-a-internet-a-alunos-e-professores-da-rede-publica>. Acesso: 20 mar. 2021.

Capítulo 17

COVID-19: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA EDUCAÇÃO

Darlene Oliveira Magalhães¹

Micaele da Cruz Rocha²

Patrícia Rocha da Conceição³

1 Introdução

Com o surto do novo Coronavírus em 2020, inúmeros setores estão sofrendo e buscando formas para se adaptar e superar essa situação angustiadora. Pouquíssimas pessoas imaginavam uma pandemia com as mesmas proporções que esta alcançou, e como resultado disso, nenhuma organização estava preparada para lidar com as consequências que o isolamento social impôs.

Este estudo tem por objetivo compreender os desafios e perspectivas que a pandemia de Covid-19 impôs a Educação. Para isso desenvolvemos uma análise bibliográfica de textos desenvolvidos sobre essa temática, a fim de analisar o contexto da educação antes e durante a pandemia, identificar os desafios diante do ensino remoto e entender as novas perspectivas de educação que

-
- 1 Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCHT, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa –Bahia. Monitora do Projeto de Extensão Informática Básica e as novas tecnologias na terceira idade. oliveiradarlene8@gmail.com
 - 2 Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCHT, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa –Bahia. Monitora do Projeto de Extensão Brinquedoteca: BrincArte, BrincAndo, BrinCaminhando. micacruzrocha.mcr@gmail.com
 - 3 Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCHT, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa –Bahia. Monitora do Projeto de Extensão LUDOTECA: Espaço de estudos e promoção das culturas da infância. patriciaestrellarocha@gmail.com.

surgiram com a pandemia.

Em meio a esse panorama assustador e conturbado, a área educacional não teve como escapar, as escolas foram fechadas e os alunos afastados das salas de aula. Com isso, as dificuldades começaram a aparecer e o ensino que antes era presencial deu lugar para o ensino remoto, uma nova maneira de fazer com que os alunos não se sentissem afastados da sala de aula e também de levar conhecimento mesmo que de maneira virtual.

Diante dessa pesquisa, é possível perceber que o ensino remoto é uma estratégia que proporciona potencialidades aos alunos a aprenderem e continuarem aprendendo neste tempo de pandemia. As aulas são ministradas buscando abranger todos os alunos com as plataformas adequadas ou através de conteúdos e atividades impressas que são disponibilizados pelas escolas. Isso possibilita ao professor dinamizar muitas atividades e os alunos a dedicarem mais tempo nas disciplinas de mais dificuldade, escolhendo onde estudar e como estudar.

2 Desenvolvimento

2.1 O contexto da educação antes e durante a pandemia

A Constituição Federal de 1988 busca a garantia do direito à educação para todos, e no seu artigo 206 estabelece que todos os sistemas de ensino ao elaborarem suas propostas de políticas públicas deverão contemplar os princípios básicos para o ensino de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais, e garantia de padrão de qualidade.

Mesmo sendo um direito garantido por lei, a educação no Brasil enfrenta diversos problemas, que consistem em baixos salários dos professores, infraestruturas precárias, evasão e reprovação escolar, o que, aliado a crise social e econômica que o país enfrenta, é a razão da educação brasileira gerar resultados insatisfatórios, que

perpassam desde o Ensino Infantil ao Ensino Superior (AVELINO; MENDES, 2020). Sendo isso, um reflexo da formação histórico-política do Brasil que sempre colocou a educação em último plano, como fonte de descaso.

Nesse sentido, a realidade educacional brasileira sempre foi de precariedade, porém essa situação piorou no início do ano de 2020, quando o mundo inteiro foi surpreendido com uma pandemia de Sars-Cov-2, causador da doença COVID-19, que culminou em uma crise sanitária, de saúde, econômica, social, e educacional que tem sido vivida até os dias de hoje, e que motivou o fechamento de escolas, a suspensão do ensino presencial, e a substituição do mesmo pelo ensino remoto ou híbrido.

Segundo a Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), a educação a distância começou no Brasil no ano de 1904 através de uma matéria publicada no Jornal do Brasil, que continha um anúncio oferecendo um curso de datilografia por correspondência (ABED, 2011). Contudo, legalmente, a educação a distância surgiu pelo Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005, que em seguida foi revogado. A sua atualização ocorreu pelo Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, está vigente até a atualidade, e define no seu primeiro artigo:

Art. 1º Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017)

Mesmo o ensino a distância já sendo uma realidade na educação brasileira, ele estava direcionado apenas para o ensino superior e para os cursos técnicos profissionalizantes. Na educação básica, o ensino a distância era utilizado apenas como forma de buscar uma educação complementar. Além disso, o parágrafo 4º do art. 32 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de

Diretrizes e Bases da Educação – LDB) define que “O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”.

A COVID-19 nos levou a uma dessas situações emergenciais. As escolas foram fechadas e os alunos foram afastados das salas de aula, e foi necessário recorrer a essa “nova” modalidade de ensino. Apesar de estar prejudicando o ensino e a aprendizagem, a suspensão das aulas é uma medida essencial para se evitar a propagação do vírus, visto que a escola é um ambiente de natural contato. Porém, há a percepção coletiva das autoridades, dos gestores e dos professores de que a educação tem que continuar, com o objetivo de não perdermos o ano letivo.

Assim, surge a necessidade de adaptação e de superação por parte de todos os envolvidos nesse processo. Dessa forma, se faz necessário pensar na educação como forma de buscar manter a aprendizagem dos alunos, levando em conta os instrumentos de aprendizagem construídos pelos professores.

2.2 Os desafios da educação diante do ensino remoto:

Um cenário assustador para muitos, a pandemia trouxe consigo diversos desafios no meio educacional. Conforme Rodrigues (2020), “inúmeros têm sido os desafios: o suporte tecnológico aos discentes para acompanhamento das atividades remotas, a normatização das ações e dos procedimentos, a formação dos professores”.

O ensino por meio digitais era antes uma exclusividade do ensino superior, e agora em meio à pandemia, os professores e alunos da educação básica foram obrigados a se adequar e conduzir essa nova modalidade de ensino aprendizagem. Moraes e Pereira (2009, p. 65) afirmam que:

a educação a distância rompe com a relação espaço/tempo, que tem caracterizado a escola convencional, e se concretiza por intermédio da comunicação mediada, por meio da mídia.

Diferentemente de uma situação de aprendizagem presencial, onde a mediação pedagógica é realizada pelo professor em contato direto com os alunos, na modalidade a distância a mídia torna-se uma necessidade absoluta para que se concretize a comunicação educacional.

Desse modo, o ensino remoto, pode ser compreendido como “distante no espaço” pois alunos e professores foram impedidos de frequentarem instituições educacionais por conta da pandemia para evitarem disseminação do vírus. Sendo assim, a presença física do professor e aluno no espaço de aula presencial, foi substituído por uma presença digital numa aula online e tanto os alunos quanto os professores tiveram que encontrar meios para se adaptarem a esse novo modelo de ensino.

Logo veio a preocupação de além de proporcionar a oferta de aulas e atividades, ao mesmo tempo garantir uma aprendizagem significativa aos estudantes, levando em conta que muitos alunos não possuíam equipamentos tecnológicos e uma internet de qualidade que suprisse as necessidades do momento. Essa dificuldade com acesso à internet foi um dos grandes entraves encontrados pelas escolas, além da falta de formação dos professores para implementar tecnologias de ensino a distância em suas aulas.

Com isso, percebe-se um imenso desequilíbrio social e educativo, e um grande desafio para a educação básica, que ficou diante da desigualdade do acesso aos recursos tecnológicos, das limitações no acesso ao conhecimento, e de um processo educativo e epistemológico construído fora do espaço escolar, que acaba não atingindo a todos, sobretudo os educandos das camadas populares.

Um outro problema encontrado durante esse período, é o acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, visto que na sala de aula, os professores conseguem ter uma percepção, um monitoramento mais próximo, o que se torna mais difícil no meio virtual. Assim, esse período pandêmico trouxe consigo uma “nova” forma de aprender e por vez uma “nova” forma de ensinar para diversos professores e profissionais da educação.

Cordeiro (2020) afirma que reaprender a ensinar e

reaprender a aprender são desafios em meio ao isolamento social na educação do país. Na prática, a pandemia fez com que profissionais aprendessem a lecionar suas aulas de forma diferente das que eram realizadas presencialmente. Os docentes tiveram que se reinventar para conseguir dar aula à distância através do ensino remoto e para fazer com que os alunos vivenciassem as novas formas de aprender sem o contato presencial da figura do professor.

Além disso, toda essa mudança de rotina trouxe grandes parcelas de frustrações, esgotamento físico e principalmente psicológico. O ensino remoto provoca uma exaustão profissional, pois o trabalho do professor vai além da carga horária contratada, ficando disponível nos três turnos para planejar suas ações, corrigir atividades, realizar webconferências, responder às perguntas e as dúvidas por WhatsApp, e avaliar os alunos a partir desse novo molde de ensino. Lockmann, Saraiva e Traversini (2020)

2.3 As novas perspectivas de educação que surgiram com a pandemia

Sem dúvidas, a pandemia ocasionou inúmeras alterações na vida social, desde a economia, passando pelo cotidiano e principalmente, mudanças consideráveis no ambiente educacional. As tecnologias se tornaram mais presentes como ferramentas imprescindíveis para o ensino/aprendizagem em todos os níveis educacionais. No recorte brasileiro, as desigualdades sociais aparecem e nos mostram que as políticas públicas da educação não asseguram a todos uma educação de qualidade. (ORTEGA; ROCHA,2020).

Além disso, houve uma transformação na educação que nunca antes foi imaginada. O desconforto causado por essa nova realidade, o afastamento e o isolamento social, causaram uma desestruturação no sistema regular e presencial de ensino. Com isso tornou-se evidente a necessidade de investimento e remodelamento do sistema educacional com o objetivo de garantir os direitos e a redução das desigualdades educacionais, que foram evidenciadas

pela pandemia de Covid-19.

Para mais, a pandemia evidenciou ainda que o Brasil necessita de uma reformulação urgente na educação, pois é obvio que o sistema de ensino atual é marcadamente desigual, o que torna o aprendizado dos estudantes um caminho cheio de dificuldades. Sendo que essa reformulação se torna possível a partir de mudanças na políticas publicas educacionais, bem como de um maior envolvimento da sociedade civil na busca de um modelo de ensino que seja capaz de formar sujeitos históricos, críticos e sociais, que possam resolver os problemas do cotidiano. (AVELINO; MENDES, 2020)

A sugestão é que as escolas tenham currículos mais flexíveis, salas de aulas interativas, trabalhar a interdisciplinaridade, fazer com que a escola seja o lugar do saber, que desenvolvam suas habilidades e que remetam as competências. E talvez o principal, ou seja, a valorização do educador. (AVELINO; MENDES, 2020, p. 59-60).

Além disso, há a necessidade de políticas de inclusão digital no cotidiano escolar, que devem ir desde a educação continuada, treinamentos e cursos de qualificações em recursos tecnológicos, até o fornecimento dos recursos para os alunos adquirirem o acesso aos aparelhos eletrônicos, bem como o acesso a redes de *internet*. (SILVA; SOUSA. 2020). Nesse sentido, Silva e Sousa (2020, p. 973) afirmam que “[...] a situação atual convida ainda as Instituições de ensino a refletir em busca de soluções que garantam adaptações e o pleno acesso ao currículo em condições de igualdade através de uma educação igualitária de todos.”

Outra questão fundamental, é a oferta de formação de professores e equipes pedagógicas de forma continuada, para que os mesmos consigam promover o envolvimento dos alunos às aulas remotas. Assim, se torna necessário reforçar a importância do apoio dos pais no ensino dos seus filhos, com o objetivo de aumentar o envolvimento das famílias no ensino domiciliar (INSTITUTO AYRTON SENNA, 2020).

A capacitação e experiência no uso das tecnologias de

ensino e aprendizagem por parte dos professores e gestores é o fator mais crítico no processo de capacitação docente. Essa necessidade de formação na área de tecnologia confirma a evidência brasileira que, quando alguns dos estados, os mais ricos, possuem acesso à tecnologia, os professores não são capacitados para o seu uso. (UNESCO, 2020). As barreiras são inúmeras e algumas ainda intransponíveis, mas cabe a todo o sistema educacional e também à sociedade tentar resolver os problemas, ou amenizar os futuros resultados negativos decorrentes da interrupção súbita das aulas presenciais nas redes escolares, com problemas amplificados nas redes públicas.

4 Considerações finais

A educação pública brasileira sempre sofreu com o descaso por parte dos governantes e da sociedade civil, com pouco investimento e políticas públicas que não conseguem atender todas as necessidades dos estudantes brasileiros, levando o ensino a uma situação precária. Essa realidade de dificuldades foi comprovada pela pandemia de Coronavírus, que gerou uma crise social, política, econômica, de saúde e educacional em todo o mundo, já que vários serviços considerados não essenciais ou como possíveis propagadores da doença foram suspensos.

O sistema educacional demonstrou uma enorme fragilidade, ficando claro que há a necessidade de maiores e ou melhores investimentos nas áreas de tecnologias e informação, além da oferta de capacitação dos docentes para atividades virtuais e, introdução e uso permanente da tecnologia, como forma de apoio à educação nas instituições de ensino

Apesar disso, e talvez seja um dos aspectos mais relevantes trazidos para esse contexto, a resiliência e a persistência do educador brasileiro, que se mostra pronto e disposto a desempenhar seu papel com coragem e otimismo, fizeram com que a oferta de um ensino de qualidade não parasse mesmo que fosse por meios virtuais e frente aos desafios impostos, os quais, muitas vezes, fogem do seu

controle imediato.

Dessa forma, pode-se concluir que apesar das dificuldades deste sistema de ensino, seja com o acesso dos alunos internet ou o domínio do professor com esses meios tecnológicos, os resultados deste estudo mostram que as aulas remotas neste momento de emergência devido a COVID-19 é uma das estratégias mais positiva para as escolas voltarem ou continuarem com as suas atividades.

Referências

- ABED. **Associação Brasileira de Educação a Distância:** conceitos e história no Brasil e no mundo. Associação Brasileira de Educação a Distância. 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/revistacientifica/revista_pdf_doc/11/artigo_07.pdf>. Acesso:20 de julho de 2021
- ABIME. Educação na pandemia: desafios e perspectivas. Disponível em: <<https://abime.com.br/2021/01/25/educacao-na-pandemia-desafios/>> acesso em 19 de julho 2021.
- AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A REALIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DA COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 56–62, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3759679. Disponível em: <<http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/137>>. Acesso em: 24 de julho de 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Lei das Diretrizes e Bases da Educação. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- CORDEIRO, K. M. de A. **O Impacto da Pandemia na Educação:** A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. 2020
- INSTITUTO AYRTON SENNA. Políticas educacionais na

pandemia do covid-19: O que o Brasil pode aprender com o resto do mundo? Disponível em: <<https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/hubsocioemocional/politicas-educacionais-na-pandemia-do-covid-19.pdf>> acesso em 19 de julho 2021.

JORNAL DA USP. Educação e pandemia: desafios e perspectivas. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/educacao-e-pandemia-desafios-e-perspectivas/>> acesso em 21 de julho de 2021.

MORAES, R. A.; PEREIRA, E. W. **A política de educação a distância no Brasil e os desafios na formação de professores na educação superior**. In: SEMINÁRIO DO HISTEDBR. EIXO2. HISTÓRIA, POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO. 2009. Disponível em <https://histedbrnovo.fe.unicamp.br/pf-histedbr/seminario/seminario8/_files/mBv36y8F.doc> Acesso 21 de julho de 2021.

ORTEGA, L. M. R.; ROCHA, V. F. O que esperar da escola pós-pandemia? Pedagogia em ação, Belo Horizonte, v. 13, n.1. Disponível em: <<http://200.229.32.43/index.php/pedagogiacao/article/view/23782>>. acesso em 19 de julho 2021.

RODRIGUES, A. (2020). Ensino Remoto na Educação Superior: desafios e conquistas em tempos de pandemia. SBC Horizontes, jun. 2020. ISSN 2175-9235. Disponível em: <<http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/06/ensino-remoto-na-educacao-superior/>> acesso em 19 de julho 2021.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A **educação em tempos de COVID-19**: ensino remoto e exaustão docente. Práxis Educativa, v. 15, p. 1-24, 2020.

SILVA, D. dos S. V.; SOUSA, F. C. de. **Direito à educação igualitária e(m) tempos de pandemia**: desafios, possibilidades e perspectivas no Brasil. RJLB, Ano 6, nº 4, p. 961- 979, 2020. Disponível em: < https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/4/2020_04_0961_0979.pdf >. Acesso em: 25 de julho de 2021

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Reabrir as escolas:** quando, onde e como? Disponível em: <<https://pt.unesco.org/news/reabrir-escolasquando-onde-e-como>> acesso em 19 de julho 2021.

Capítulo 18

ENSINO REMOTO: SABERES E DESAFIOS DURANTE A MONITORIA DO COMPONENTE CURRICULAR “PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO”

Daniel Neres da Silva¹
Gisele Ferreira de Amorim²

1 Introdução

Com a chegada da pandemia que assola o mundo inteiro, tivemos que nos adaptar e encontrar novas maneiras para fazer educação. Desta forma, a universidade buscou novas alternativas para que o processo de formação do discente acontecesse mesmo de forma virtual. Com isso, existe vários desafios para que o processo da monitoria ocorra de forma virtual, e durante este período as experiências adquiridas neste processo me fizeram compreender como os docentes estão lidando com os emaranhados de atividades, afazeres pessoais, e ainda darem conta de ministrar aulas virtuais mediante alguns desafios que a evolução tecnológica nos impõe no dia a dia. Durante este período de aulas virtuais na minha monitoria, adquirir novos conhecimentos e um novo olhar sobre a docência na universidade. Com isso, essa experiência agregou importantes conhecimentos tanto para minha

1 Estudante do 5º semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Membro do grupo de Pesquisa e Extensão Cultura, Gênero e Sexualidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Web designer pela Soluções Dinâmicas em Informática (SDI) – Bom Jesus da Lapa – Bahia. E-mail: dneresjob@gmail.com

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UESB. Membro do Observatório da Infância e Educação Infantil/OBEI. Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/ Campus XVII. Bom Jesus da Lapa – Ba. E-mail: gisele_ksgl@hotmail.com

vida pessoal, tanto para a minha vida profissional.

Sabemos o quanto que este processo da monitoria é de extrema importância nas disciplinas no ensino superior, pois ela excede o caráter de obter somente um título, seja no âmbito pessoal para ganho de conhecimentos intelectual do monitor, seja para contribuir com as atividades dada aos estudantes monitorados, e também na sua construção da relação interpessoal para a troca de conhecimentos entre os docentes da disciplina e o discente na monitoria. Sendo assim, o exercício da monitoria é de extrema importância para que o estudante desenvolva suas habilidades com relação à docência e principalmente aprimorar a sua construção de conhecimentos para contribuir com o processo de ensino/aprendizagem no decorrer da sua vida acadêmica.

Desta forma, a legislação brasileira no artigo 84 da lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 afirma que “os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.” Diante disso, a monitoria se torna indispensável neste processo de aprimoramento de conhecimentos. Afinal o que é a monitoria? A monitoria consistente em várias atividades de ensino que são desenvolvidas pelos estudantes/monitores(a) com a principal função de aproximá-los (las) cada vez mais, da prática dos docentes no âmbito da universidade. Esses estudantes auxiliam outros estudantes ao longo do desenvolvimento do seu aprendizado, seja esclarecendo dúvidas ou até mesmo auxiliando em outras atividades.

Pode-se afirmar que a monitoria transcende o caráter de aprimoramento de conhecimentos, tornando-se uma ferramenta necessária na comunidade acadêmica. Diante disso, este estudo buscou relatar essas experiências vivenciadas durante a monitoria do componente curricular “Processos de Alfabetização” no curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no campus XVII na cidade de Bom Jesus da Lapa, tendo como pano de fundo o ensino mediando por tecnologias devido o país e o mundo enfrentarem uma pandemia que ocasionou grandes

mudanças na educação, na economia e no cotidiano das pessoas. Durante a realização das atividades e observações feitas neste novo modelo de se fazer educação, este estudo evidenciou que a teoria e a prática são sistematizadas e indissociáveis, e que juntas fortalecem a aquisição da aprendizagem dos graduandos, bem como colabora com o aperfeiçoamento acadêmico e profissional e nos aproxima da verdadeira prática docente.

2 Ensino Remoto e os desafios da educação

Com a chegada da Pandemia causada pela COVID 19, o mundo se viu obrigado a mudar sua forma de fazer educação. É sabido que a educação a distância ou mais popularmente chamada de EAD, já existia e essa educação mediada por aparelhos tecnológicos já não é mais uma novidade. Mas afinal, o que é o ensino remoto? Quais mudanças esse novo modelo de ensino vem causando na vida dos estudantes e professores com a chegada da Pandemia? Para responder a essas questões, precisamos nos atentar a legislação brasileira e o que ela vem dizendo sobre esse novo modelo de educação que trouxe grandes desafios para a construção de ensino/aprendizagem.

Sendo assim, a legislação brasileira no nº 14.040 de 18 de dezembro de 2020 estipula diretrizes a serem seguidas durante o estado de calamidade pública em nosso país. O grande problema desta legislação é que somete assegurar o acesso à educação por mediação tecnológica não é o suficiente e a falta de suporte tecnológico é um dos grandes desafios desta nova modalidade de ensino. Segundo Rodrigues (2020) esse é apenas um dos vários desafios que os professores vêm enfrentado para garantir o acesso à educação. A falta de formação voltada para a área tecnológica não está ocorrendo da forma que deveria, e somente ensinar os professores a lidarem com estes recursos não é o suficiente. Como ela mesmo coloca é essencial aprender a dominar as tecnologias antes de aplicá-las em sala de aula, pois mesmo fazendo parte do cotidiano das pessoas, ainda existe uma falta de comando destas

ferramentas quanto ao seu uso adequado para a garantia de aquisição de conhecimentos.

Segundo a autora, se durante uma aula presencial de 50 minutos já era cansativo, imagine essa mesma aula via recursos tecnológicos. Deste modo, percebemos que por mais que a educação tente se enquadrar nesta nova forma de fazer a educação, os desafios vão aumentando e um deles é exatamente o cansaço advindo dos estudantes e até mesmo dos professores, que durante este período tiveram que trabalhar ainda mais para que o processo de educação se adequasse a cada estudante para que não houvesse uma grande perda na construção da sua vida acadêmica. Arroyo (2013) citado por Rodrigues (2020) também coloca que para além deste exercício de aprender novas formas de ensinar e de colocar em movimento estes diferentes conteúdos curriculares, através da mediação tecnológica para garantir a aprendizagem, a questão do tempo pode estar sendo a primeira reflexão promovida por essa impossibilidade da aula presencial, e ainda está sendo necessário como os autores colocam rever essas novas formas de dar aula.

Outra grande dificuldade deste novo ensino, é a forma de avaliação que antes feita com os estudantes em sala de aula presencial, agora teve que ser remodelada para se adequar neste modelo. Como avaliar o estudante por trás das câmeras dos computadores, celulares ou tablets? Como garantir uma avaliação justa conforme o desempenho destes discentes durante as aulas on-line? Como ter um “feedback” sobre o processo de ensino/aprendizagem através das tecnologias? Essas indagações surgem durante este desafio que a educação vem enfrentando e os professores e estudantes vão tentando se adequar a cada dia que passa a essas novas regras, a essas novas maneiras de fazer/construir educação neste processo atípico na qual estamos vivenciando.

3 Monitoria de ensino mediatizada por tecnologias digitais

O programa de monitoria como já mencionado, é de suma importância para a comunidade acadêmica, pois além de garantir a

permanência dos estudantes nas universidades, ela tem por objetivo o aproximar ainda mais da docência e dos desafios que cercam a profissão de ser professor. Em tempos em que a tecnologia vem se modificando, a educação vai se adequando a cada dia nesta nova forma de fazer educação. Sendo assim, sabemos que este processo de monitoria já funciona desde dos primórdios, mais precisamente em meados da idade média. Segundo Frison (2016) neste período o professor fazia a escolha de um determinado conteúdo para ser debatido com os estudantes e que ao final expusessem suas dúvidas e argumentos a partir daquele determinado conteúdo. Ainda segundo a autora, foi a partir dos séculos XII e XIII que realmente surge a necessidade de se ter um monitor para auxiliar estes mestres assim chamados durante aquele período nas atividades desenvolvidas.

Percebemos então, o quanto é importante este programa e como ele contribui para o processo de construção da formação crítica do estudante. A partir da lei 5.540 de 28 de novembro de 1968 começa-se a estipular as normas sobre a monitoria, bem como a sua organização e funcionalidade no ensino superior em nosso país. Com isso, essa legislação determina pontos específicos e importantes para a concretização deste programa no Brasil. Segundo Dias (2007, p. 35) no artigo 41 desta referida lei é estipula que “as universidades deverão criar as funções de monitor para alunos do curso de graduação que se submeterem a provas específicas, nas quais demonstrem capacidade de desempenho em atividades tecno-didáticas de determinada disciplina.” Vejamos então, que o monitor exerce atividades importantes juntamente com o docente que o direciona para determinadas atividades, o trazendo cada vez mais perto da construção dos saberes docentes.

Já é sabido, o quão é importante o processo da monitoria nas universidades. Deste modo, a monitoria vem sendo moldada para também fazer parte deste processo de ensino remoto na qual toda a comunidade acadêmica escolar vem tendo que se adaptar. Por meio de tecnologias digitais como o computador, ‘smarphone’, ‘tablet’ a garantia do programa vem tomando forma a partir destes aparatos tecnológicos que temos disponíveis ao nosso

alcance. A evolução tecnológica contribui para que as atividades até então realizadas de maneira presencial se adequem a forma “digital”, mesmo enfrentando inúmeros desafios: seja por falha na conexão com a internet, a falta de formação para lidar com as tecnologias, o processo de adaptação do presencial para o mundo virtual, dentre outros inúmeros desafios fazem que o processo de monitoria juntamente com toda a educação sofra para fazer a educação acontecer de forma que não haja perda na qualidade de construção do ensino/aprendizagem nas universidades. Sendo assim, o fazer pedagógico em tempo atípico se torna mais um dos inúmeros desafios que toda a comunidade acadêmica que faz parte deste processo público de ensino, vem enfrentando para garantir a permanência dos estudantes nos espaços de educação.

4 Metodologia

Para a efetivação deste estudo utilizou-se o relato de experiência construído através das vivências no componente “Processos de Alfabetização” que faz parte da grade curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus XVII localizada na cidade de Bom Jesus da Lapa no recôncavo baiano. Segundo Da Silva (2019) o relato de experiência tem como principal objetivo fazer uma narração detalhada das experiências vivenciadas a partir do ponto de vista de quem relata e se caracterizando como um estudo descritivo de abordagem qualitativa detalhando essa troca de conhecimentos de forma detalhada a partir destas experiências.

No que tange a este estudo, este relato de experiência foi idealizado a partir das minhas vivências em uma sala de aula virtual composta por 05 estudantes de graduação em Pedagogia, sendo estes educandos remanescentes, ou seja, estudantes que estão pagando algum componente curricular para findar o seu curso. Devido a atual situação que estamos enfrentando em nosso país com a chegada da Pandemia causada pela COVID-19, tivemos que fazer educação por mediação tecnológica, através destas salas

virtuais. Juntamente com a docente do componente curricular, realizamos várias ações para poder garantir o acesso aos estudos por meio de tecnologias digitais, fazendo o uso da sala de aula virtual “*Microsoft Teams*” que é uma das ferramentas bastante utilizada para realização de reuniões virtuais e que nos tempos atuais é bastante empregada para se fazer o processo de educação.

5 Relatando as experiências vivenciadas

O processo de construção de ensino/aprendizagem é importante para a nossa formação acadêmica, seja para nossa vida pessoal ou profissional este processo nos faz construir a nossa visão crítica e nos tornar cidadãos conscientes nas nossas tomadas de decisões. Sedo assim, fazer parte deste programa de monitoria me fez compreender ainda mais como é árduo e incrível os caminhos da docência. Quando se é monitor de algum componente curricular, você aprende desde o planejamento até a aplicação de uma atividade, os vários processos que demandam essa profissão. Desta maneira, é essencial que nós estudantes de graduação passe por este processo para poder associar a teoria adquirida com as leituras e pesquisas com prática docente.

Ao estudar os conteúdos passados pela docente responsável, eu aprendia um pouco mais sobre esse universo e principalmente sobre o processo de alfabetização na qual este relato de experiência se preocupou em relatar sobre essas vivências dentro deste componente curricular tão importante e necessário, haja vista que ao adentrar numa sala de aula tenhamos conhecimentos necessários para que o processo de alfabetização realmente aconteça, respeitando os limites, as dificuldades, e as etapas de cada criança e de cada adulto que irá passar por este método tão encantador que o universo educacional nos proporciona.

A monitoria com suas nuances nos ajuda a compreender ainda mais sobre este universo tão cheio de caminhos e possibilidades. Porém, é fundamental que também saibamos que a monitoria não substitui os conhecimentos mediados pelo um professor em sala

de aula, a construção destes conhecimentos também é de suma importância para a nossa formação acadêmica, pois através dela podemos fazer uma ligação entre a prática e a teoria que andam sempre de mãos dadas durante a nossa formação. Como o próprio Vygotsky (1995) citado por Frison (2016) colocam “essa troca se dá por um princípio dialético – aprende-se na interação com o outro.” Sendo assim, ambos são indissociáveis um do outro e essa dialética é importante para a construção de conhecimentos.

A cada função dada a mim durante esta vivência acadêmica, me sentia desafiado a buscar diferentes estratégias e mais aprofundamento sobre cada temática a ser estudada e debatida em sala de aula, temáticas essas que me fazia refletir e me sentir provocado a desenvolver novas competências para agregar na minha vida pessoal, acadêmica e profissional. É também fundamental que se leve em consideração o quanto que a dedicação, a orientação, a atenção, e o desejo de fazer educação da docente responsável por esta monitoria, fez com que um leque de novas informações e saberes se abrissem para a minha construção acadêmica dentro da universidade. A partir disso, eu pude compreender o que é de fato fazer uma universidade e somente passar pela universidade, pois mesmo sendo o meu primeiro contato com a monitoria, eu sentia que já fazia parte deste programa a séculos e esse despertar só acontece quando se tem profissionais responsáveis a sua volta e que te fazem redescobrir o verdadeiro significado de se fazer educação.

4.1 Aprendizagens e desafios durante a monitoria mediada por tecnologias digitais

As tecnologias digitais nos ajudaram a construir essa monitoria, pois sem elas seria impossível realizar as atividades que foram feitas durante este período pandêmico. A professora soube desenvolver com maestria os conteúdos programados e as avaliações do componente. Sabemos o quanto que é difícil estarmos diante de uma “tela fria” como a professora sempre fala durante as suas aulas,

mas é necessário continuar e a educação não pode parar, como menciona os autores Silva, Perry e Uggioni (2020) vivemos em tempos de transformações digitais, na qual a velocidade influencia diretamente no nosso modo de vida e devemos fazer o uso dessas tecnologias ao nosso benefício, seja para fazer educação como é o nosso caso, seja para ser usada em outras áreas que não estejam diretamente ligadas à área educacional.

Durante as aulas, fizemos o uso de várias ferramentas para que o desenrolar do componente pudesse acontecer de forma natural e compreensível para os alunos. Ferramentas estas que ajudaram tantos os discentes, quanto eu e a professora no processo da construção de saberes do componente e que com certeza saíram da turma com uma nova visão sobre o processo de alfabetização e letramento. Dentre as várias ferramentas utilizadas pelos estudantes, a que mais utilizamos foi o “Jamboard”, um quadro interativo desenvolvido pelo Google para se discutir ideias e usar até mesmo como um bloco de anotações durante uma reunião e uma aula virtual como foi o nosso caso. Os estudantes acharam incrível essa nova ferramenta e alguns deles relataram sentir mais facilidade para poder compreender o assunto ministrado pela professora. Na figura 01 abaixo trago um dos quadros interativos construídos por eles durante uma das aulas.

Figura 01 - Quadro Interativo construído pelos discentes no componente curricular “Processos de Alfabetização”



Fonte: Recorte de um dos trabalhos realizado em sala de aula virtual, 2021

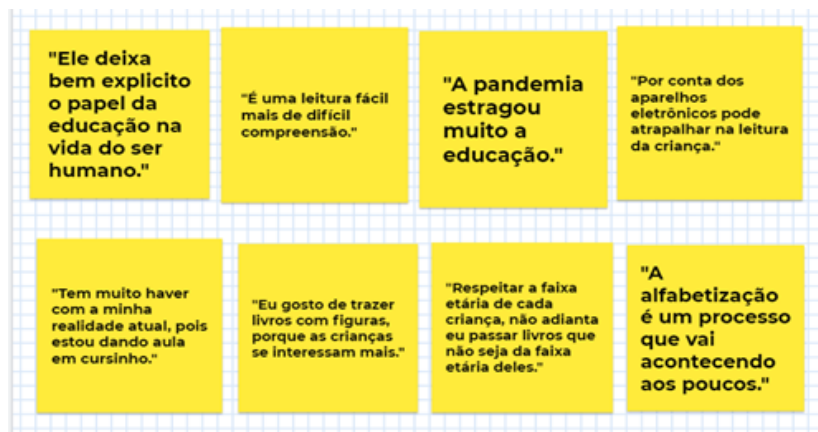
Como podemos perceber no quadro, os alunos foram anexando várias notas sobre o conteúdo que estava sendo ministrado pela professora, neste caso foi perguntado aos discentes o que vinha na cabeça deles quando se falava em processos de alfabetização. Cada um, foi colocando aquilo que eles tinham em mente quando se falava sobre essa temática. Surgiram várias ideias e inclusive alguns citaram importantes autores que discutem sobre essa temática no Brasil, dentre eles Paulo Freire um dos mais importantes educadores do país e a grande professora, pesquisadora e autora Dra. Magda Soares. A partir desta atividade, podemos perceber o quanto que os estudantes estavam realmente imersos em aprenderem ainda mais sobre o universo da alfabetização, esta atividade por exemplo, depois das explicações feitas em sala, podemos ver o quanto que cada um tentou de alguma maneira entender como a ferramenta era utilizada e fizeram o seu uso de forma brilhante. Kenski (2013) fala exatamente sobre como essa tecnologia pode auxiliar neste processo de educação como foi o nosso caso ao trazer para sala de aula esta ferramenta.

Para que todos possam ter informações que lhes garantam a utilização confortável das novas tecnologias é preciso um grande esforço educacional geral. Como as tecnologias estão permanentemente em mudança, o estado permanente de aprendizagem é consequência natural do momento social e tecnológico que vivemos. (KENSKI, 2013, p. 22)

A autora traz o quão importante é trazer essas inovações tecnológicas para a sala de aula, tornando-a mais dinâmica e mais atrativa para os estudantes. Sabemos o quanto é difícil trazer essas inovações para a sala de aula, ainda mais quando não se tem suporte tecnológico para exercer tais funções quando se fala de ensino remoto no Brasil. Mesmo assim, a professora conseguiu fazer com o que os alunos compreendessem a essência do que ela queria passar para eles e pude notar em cada fala o quanto as aulas estavam sendo dinâmicas e traziam exatamente a essência do conteúdo, respeitando os limites de cada um, suas dificuldades e seus momentos. Na figura 02 a seguir, esse quadro interativo eu fui fazendo anotações a respeito de cada fala durante as apresentações

sobre alfabetização e letramento.

Figura 2 - Quadro Interativo construído a partir das falas dos estudantes



Fonte: Elaborado pelo autor através de uma vivência em uma apresentação em sala

Durante as apresentações foram ditas falas importantes sobre alfabetização e letramento e sobre a pandemia. Cada discente ficou responsável por um livro sobre a temática de alfabetização e letramento, enviado em PDF por grupo de WhatsApp, outra forma muito utilizada neste período. Percebemos o quanto cada estudante apresentou de forma brilhante cada conteúdo, expondo suas ideias, opiniões, suas dificuldades, medos, anseios relacionados com as ideias dos autores das respectivas obras dadas a eles. Cada fala, foi muito importante para a construção da minha formação, mesmo eu já tendo realizado o componente eu observei o quanto sempre estamos aprendendo novas formas de aprender e de construir novos conhecimentos.

Essa ferramenta nos guiou durante todo o componente curricular e serviu como ponte para levar conhecimentos para os estudantes. O "Jamboard", o "WhatsApp", o "Teams", o "Power Point" já utilizado de forma presencial, ebooks, PDFs, foram alguns dos métodos que buscamos trazer durante este período atípico para fazer e realizar educação sem perder a sua qualidade do presencial, mesmo com todos esses esforços ainda temos uma perca

desta qualidade, mas conseguimos levar o componente até o final com excelência.

5 Considerações finais

A partir de tudo que foi exposto até aqui e vivenciado por mim durante o processo da monitoria, eu notei o quanto é importante e necessário fazer parte deste programa e o quanto que ele acrescenta saberes na nossa vida acadêmica e pessoal. Sendo assim, a monitoria faz parte do nosso processo formativo e deve fazer parte da vida de estudantes de graduação que ainda não tiveram a oportunidade de participar deste programa que acrescenta na nossa vida, uma verdadeira aproximação com a docência. Deste modo, ao fazer parte deste processo de associação da prática com a teoria foi notório perceber o quanto que a docência enfrenta desafios e que estes desafios nos tornam ainda mais fortes para fazer a educação acontecer no nosso país, seja em meio a uma pandemia, seja em meio ao sucateamento da educação. O mais importante é que não devemos nos calar e desistir em meio a esses empecilhos que a monitoria desvelou.

Sendo assim, os resultados desta monitoria apontaram que a teoria e a prática são sistematizadas e indissociáveis, e que juntas fortalecem tanto a aquisição da aprendizagem dos graduandos, quanto o aperfeiçoamento acadêmico e profissional quando se parte de uma monitoria. Esse estudo e os fatos aqui relatados servirão como motivação para que outros educadores venham fazer parte deste processo que é tão rico e magnífico para a nossa formação acadêmica e que nos enriquece de conhecimentos para nos tornar profissionais cada vez melhores quando formos entrar numa sala de aula ou até mesmo trabalhar em outros espaços voltados para a área da educação.

Referências

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dezembro. 1996.

DA SILVA, L. M. As crianças como pesquisadoras: um relato de experiência sobre uma prática inovadora na educação infantil. In: **Anais do Congresso Internacional de Educação e Geotecnologias**. 2019. p. 61-65.

DIAS, A. M. L. A monitoria como elemento de iniciação à docência: ideias para uma reflexão. *in*: NMD, Santos; LINS, N. M. A. (org). **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1, p. 133-153, 2016.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus Editora, 2013.

RIBEIRO, Lei Darcy et al. LDB: lei de diretrizes e bases da educação nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 2014.

RODRIGUES, A. Narrativas digitais, autoria e currículo na formação de professores mediada pelas tecnologias: uma narrativa-tese. 2017. 274 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <tede2.pucsp.br/handle/handle/20196>. Acesso em: 25 junho 2021.

SILVA, da A. L; PETRY, R. J. Z; UGGIONI, N. Desafios da Educação em tempos de Pandemia: como conectar professores desconectados, relato da prática do estado de Santa Catarina. *in*: PALÚ, J; SCHÜTZ, J. A; MAYER, L. (org.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

Capítulo 19

APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS ATRAVÉS DAS TICS EM PERÍODO DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Lucas Magalhaes Silva¹

Gislane de Oliveira Almeida²

Sandra Thomaz de Aquino³

1 Alinhavando as reflexões introdutórias

Este artigo apresenta o resultado de estudos que foram realizados no intuito de entender sobre a aprendizagem das crianças através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), em período de pandemia do Coronavírus. Consideramos que diante de inúmeros desafios da docência, seja ela na educação infantil ou nos anos iniciais, este é um período que excede toda e qualquer dificuldade em sustentar a aprendizagem por forma de meios virtuais, pesquisar sobre a aprendizagem das crianças através das tecnologias nos possibilitou entender sobre o desenvolvimento da aprendizagem de crianças a partir de práticas pedagógicas inovadas que sustentam as ações pedagógicas nesse momento pandêmico, de isolamento social.

A motivação para essa pesquisa surgiu primeiramente pelo fato de que já participarmos de estágios oferecidos pela prefeitura da cidade de Bom Jesus da Lapa, em anos atrás, bem como por

1 Graduando em pedagogia. Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus XVII, em Bom Jesus da Lapa-BA.

2 Graduada em de pedagogia. Universidade do Estado da Bahia -UNEB, Campus XVII, em Bom Jesus da Lapa-BA

3 Pedagoga. Especialista em Psicologia Educacional. Mestre em Ciências Sociais (área de concentração Política). Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa/BA. Orientadora do trabalho.

fazermos parte de projetos de extensão nos quais a temática principal discutida é infância, criança e desenvolvimento da aprendizagem.

Somando a motivação pessoal ressaltamos a importância pedagógica da temática escolhida, por se tratar de um assunto que ainda é visto com tabu por muitos docentes que não estavam habituados a trabalhar com mediação tecnológica. A partir destes fatos, buscamos estudar a seguinte questão problema: Como vem se desenvolvendo o desenvolvimento da aprendizagem das crianças através das TICs no período de pandemia?

Desse modo, os estudos aqui desenvolvidos buscaram atender ao seguinte objetivo geral: compreender o desenvolvimento da aprendizagem das crianças através das TICs no período de pandemia do Coronavírus. Este objetivo tem como finalidade conhecer mais sobre a aprendizagem das crianças considerando as medidas de distanciamento social que são refletidas na relação professor/aluno/aprendizagem, no sentido de divulgar resultados da pesquisa como contribuição para a comunidade acadêmica e instituições de ensino escolar.

A pesquisa pretende atender a três objetivos específicos, os quais nortearão o desenvolvimento deste trabalho, sendo eles: entender sobre o impacto que as TICs provocam na aprendizagem das crianças, estudar sobre o desenvolvimento da aprendizagem das crianças através das TICs e, analisar as condições de acesso das crianças às TICs nesse período pandêmico. Ressaltamos que nosso interesse nessa análise se faz a partir do desenvolvimento da aprendizagem tanto de crianças em fase de educação infantil, quanto dos anos iniciais do ensino fundamental, considerando, a legalidade exposta no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei federal nº 8.069/1990) em seu artigo Art. 2º, no qual: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Nesse sentido, o embasamento contou com a sustentação dos teóricos que pesquisam sobre essas temáticas, tanto sobre o

desenvolvimento da aprendizagem das crianças, quanto sobre o uso das TICs, dentre os que nos ofereceram aportes, destacamos: Almeida e Prado (1999), Kenski (1997), Lemos (2011), Mattoso (2010), Santos (2006), Vygotski (1998).

2 Discussão teórica

2.1 As tecnologias de informação e comunicação (TICs) na Educação Infantil

As tecnologias da informação e comunicação (TICs) se fazem presentes desde as atividades básicas até as mais complexas de uma sociedade globalizada, facilitando a comunicação e a interação entre as pessoas e o acesso à abjetos de consumo. No que diz respeito à educação, sendo ela parte de relações ao se tratar do desenvolvimento da sociedade, se encontra no meio da revolução tecnológica, como nos orienta Kenski (1997).

Em meio ao avanço crescente das tecnologias de informação e comunicação, as TICs, com a inserção no meio educacional, indagamos como vem ocorrendo a inserção dessas tecnologias no âmbito da Educação Infantil, sabendo que em outros níveis educacionais essa inserção tem tido grande avanço no processo didático-pedagógico.

Tendo em vista a importância da inserção das tecnologias da informação e da comunicação na sociedade para o desenvolvimento de habilidades para atuar no nosso mundo contemporâneo, Kenski, afirma que:

[...] favoráveis, ou não, é chegado o momento em que nós, profissionais da educação que temos conhecimento e a informação como nossas matérias-primas, enfrentamos os desafios oriundos das novas tecnologias. Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical ao ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significam criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens, de seus riscos e possibilidades, para transformá-las em ferramentas

e parceiras em alguns momentos e dispensá-las em outros instantes (KENSKI, 1997, p. 61)

Desse modo, de acordo com Sampaio (1998), cabe ressaltar que a função principal da escola é trabalhar o conhecimento que possibilite para às crianças oportunidades de aprendizagem, para que as mesmas adquiram uma compreensão ampla e crítica do seu mundo e do seu tempo. Assim, conforme os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI), o trabalho pedagógico com as crianças de educação infantil deve buscar sua valorização singular em que se considere seu desenvolvimento integral por meio de experiências e espaços diversificados de aprendizagem.

No que diz respeito ao ambiente virtual, como espaço de aprendizagem, pontua Kenski:

O professor precisa ter condições para poder utilizar o ambiente digital no sentido de transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula, em interesse e colaboração, por meio dos quais eles aprendam a aprender, a respeitar, a aceitar, a serem melhores pessoas e cidadãos participativos (KENSKI, 2001, p. 74).

Diante disso é perceptível que o trabalho do professor com as crianças da educação infantil e anos iniciais, deve buscar espaços diversificados, onde procure valorizar o desenvolvimento integral das crianças através das suas experiências e necessidades.

2.2 O impacto das TICs no desenvolvimento da aprendizagem das crianças

Desde o momento em que as tecnologias começaram a fazer parte frequente do nosso cotidiano, é informado acerca do uso de tecnologias pelas crianças. O acesso às tecnologias da informação e comunicação, TICs, pelas crianças geram discussões mediante o processo de aprendizagem educacional, em relação aos danos que esse acesso pode causar e qual o seu impacto diante das necessidades de aprendizagem das crianças para seu desenvolvimento integral,

como defende o RCNEI.

Antes de adentrarmos ao ponto principal sobre o impacto das tecnologias no desenvolvimento da aprendizagem das crianças, adentraremos no impacto social que está ligado diretamente à esse processo. Com os avanços das ciências da tecnologia da informação e comunicação, as TICs, é aparente que as crianças estão trocando brincadeiras que envolvam os exercícios físicos, o movimento e o lúdico, por jogos de computadores e celulares e demais aparelhos eletrônicos, como defende Rosado (2006).

Para a referida autora (idem), as bolas, as bonecas hoje estão disputando espaço com os jogos e brincadeiras eletrônicas. Hoje na atual conjuntura em que estamos vivenciando, onde nos encontramos numa pandemia global, a qual impossibilita ainda mais essa interação social entre as crianças inviabilizando as brincadeiras fora das telas, é preciso repensar o papel do educador diante das atuais tecnologias da informação e comunicação. Nessa perspectiva, fica evidente que o lazer e a interação da criança ficam ainda mais ligadas às tecnologias, visto que, a possibilidade da criança está frente a uma tela de computador ou de celular, podendo, inclusive, acarretar aos responsáveis maior falta de controle e regras, fazendo com que a criança não consiga diferir o que é lazer do que sejam os estudos.

Nesse sentido, podemos considerar que, com os avanços das TICs, diante de tal falta de interação social, pode ser provável que as crianças adquiram doenças e problemas psicológicos frequentemente, como cita Matosso:

[...] em pleno século XXI onde a tecnologia está cada dia mais avançada, as pessoas adquirem doenças e problemas psicológicas frequentemente. A tecnologia com os processos de automação leva as pessoas uma vida sedentária, já que a comodidade, rapidez e flexibilidade na aquisição de informação diminuem o esforço em buscar fontes alternativas de lazer, trabalho e estudos (MATOSSO , 2010, p. 31).

Partindo do fato do impacto social adentraremos ao fato de que, o impacto das TICs no desenvolvimento da aprendizagem das

crianças, onde ressaltamos uma declaração da sociedade brasileira de pediatria (SBP) na qual é recomendado evitar ou proibir o uso de tablets e celulares para crianças menores de dois anos, e a partir dos 2 anos até os 5 anos limitar seu uso em até uma hora diária (SPB, OMUNICIPIO.COM.BR, 2019)

Desse modo, indagamos sobre qual o impacto do uso das TICs, em trabalho escolar, didático pedagógico, no período de pandemia do Coronavírus, para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, sabendo que o acesso exagerado a essas tecnologias pode causar danos na saúde física e psicológica das crianças?. De certo modo há inúmeras questões sobre o acesso das TICs pelas crianças, tendo em vista que as mesmas não devem ser expostas as telas por um período muito longo de tempo, além de depender do auxílio de um adulto.

Considerando essas adversidades, como a falta de capacitação profissional para o uso das TICs e suas inovações didático-pedagógica, de equipamentos e estruturas adequadas, outra questão que podemos pontuar como causa ou um obstáculo para o bom rendimento educacional escolar, são as desigualdades sociais e a falta de acesso de muitas famílias no que diz respeito às TICs. O ponto que se dá ao impacto acerca do desenvolvimento da aprendizagem das crianças é a não interação, o que se pode considerar como um fator essencial para a formação mais ampla da construção do conhecimento pela criança e seu desenvolvimento de aprendizagem, como nos orienta Vygotsky:

[...] primeiro nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (Interpsicológico) e, depois, no interior da criança (intrapsicológico). Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos (VYGOTSKI, 1998, p. 75).

Acerca dessa perspectiva é notório o quanto as interações sociais têm papel essencial no desenvolvimento cognitivo da criança, sendo através da interação entre diferentes indivíduos que se estabelecem os processos de desenvolvimento da aprendizagem.

2.3 O desenvolvimento da aprendizagem das crianças com o uso das TICs

A educação está sempre em transformação, com isso o acesso às tecnologias, como ferramentas para aprendizagem se tornou fundamental e esse processo está em permanente estado na interação social da criança, tanto na escola como fora do ambiente escolar, no cotidiano das crianças com a TICs, na maioria das vezes já estão integradas a vida delas, defende Almeida e Prado (1999) .

Como recurso didático pedagógico as TICs, tornam-se um instrumento de apoio para as aulas remotas, importante no auxílio das matérias e dos conteúdos lecionados. O desenvolvimento da aprendizagem da criança, não ocorre de qualquer modo, trata-se de um processo com muitos fatores que contribuem para esse desenvolvimento e é preciso saber como se constitui uma metodologia diversificada para o ensinar e aprender, orienta Sampaio (1997). Assim, no que tange ao ensino remoto, por aulas virtuais, destacamos que informações do site de Educação da UFBA:

O ensino remoto imposto pelas medidas de isolamento social devido à covid-19 tem se mostrado um desafio para todos os níveis de ensino, mas, em especial, para a educação infantil, já que crianças pequenas têm mais dificuldade em se adaptar às atividades a distância. O impacto que a pandemia trará a essa geração ainda é incerto, mas estudos começam a mostrar que o prejuízo pode ser grande. (CANGURUNIWS.COM.BR, 2021).

As crianças já têm conhecimentos prévios que devem ser respeitadas, posto que na perspectiva que vivemos, as práticas pedagógicas no ensino-aprendizagem das crianças, devem possuir principalmente a inclusão digital, como pontua, Almeida (1999):

Hoje é consenso que as novas tecnologias de informação e comunicação podem potencializar a mudança do processo de ensino e de aprendizagem e que, os resultados promissores em termos de avanços educacionais relacionam-se diretamente com a ideia do uso da tecnologia a serviço da emancipação

humana, do desenvolvimento da criatividade, da autocrítica, da autonomia e da liberdade responsável. (ALMEIDA; PRADO, 1999, p.1).

De acordo com o levantamento realizado por pesquisadores da UFRJ em escolas das redes públicas e privadas, o estudo mostra o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, com o uso das TICs nesse momento de pandemia. (TIC Educação.com.br). O estudo mostrou que na aprendizagem das crianças causou consequências negativas, isso por se tratar de alunos que estudavam presencialmente e estavam acostumados a uma rotina da sala de aula com professores e colegas de classes no qual semanalmente tinha aula presenciais, e com a pandemia, o distanciamento social, essa rotina mudou com isso o processo de aprendizagem das crianças foi afetado.

De acordo com o Bezerra, Silva, Soares e da Silva (2020), o trabalho pedagógico não é fácil, ainda mais nesse contexto de aulas remotas e exige um nível de coordenação nacional. Se os professores sentem dificuldades, os pais e responsáveis dos alunos também sentem, dessa forma as TICs nesse suporte para aprendizagem foi essencial, porém aprender em meio ao momento de pandemia se tornou complexo, as principais dificuldades que causam impactos na aprendizagem dessas crianças, estão nas diferenças econômicas, na falta de recursos financeiros, na alimentação precária, e em muitos outros fatores.

Existe uma discussão na mídia e no senso comum que a parcela com menor renda está praticando menos o isolamento social em relação à parcela com maior renda, principalmente em função da necessidade de locomoção para o trabalho, uma vez que a população mais pobre está vinculada a atividades essenciais que não pararam, e a população com maior renda está, de forma geral, mais vinculada às atividades que pararam e/ou estabeleceram o trabalho remoto (LYNN ALVES 2020,p. 355 apud BEZERRA; SILVA; SOARES; 2020, p. 6).

Muitas são as famílias, que nem recursos tecnológicos têm para se comunicar com professores ou receberem orientações e se torna ainda mais desafiador. Como aprender, se as crianças não tem

condições de assistir as aulas por falta de um aparelho eletrônico? Como cita canguru news:

Interessante é que a gente está medindo isso em crianças bem pequenas, quando muito se fala sobre a importância do desenvolvimento integral, o qual está relacionado a oportunidades de aprendizagem amplas, incluindo aspectos como desenvolvimento do vocabulário, da coordenação motora fina, coordenação motora global e interação com os pares, por exemplo. Para tanto, é preciso que as famílias pensem, com suporte das escolas, em uma rotina que oportunize às crianças se desenvolver nessas mais diferentes áreas”, avalia Tiago (CANGURUNEWS.COM.BR, 2021).

Portanto, as pesquisas mostraram que na aprendizagem das crianças quando são aulas presenciais, elas aprendem com mais facilidade, já no ensino remoto sentem bastante dificuldades, porém é muito importante manter o distanciamento social, pois com a pandemia se torna fundamental, e as TICs como ferramentas nesse processo, contribui de forma positiva, quando acontece a inclusão ao acesso digital e quando são usadas corretamente.

2.4 As condições de acesso das crianças às TICs

As TICs, são vistas como uma aliada durante esse momento de pandemia, no qual é preciso manter o distanciamento social, essas tecnologias são fundamentais para que não só as crianças, como todos em geral que estudam, possam assistir aulas virtuais ou receber materiais de apoio, nos esquecendo, inclusive de suas recomendações quanto ao seu uso exacerbado, conforme orientações de Santos (2006)

Essa rotina de aulas remotas, passou a fazer parte da vida dos alunos, se tornando uma alternativa única e imediata. Desse modo, os governantes decretaram que para reduzir os impactos negativos neste processo de aprendizagem das crianças causado pela pandemia, no qual se baseia em um ano letivo como no presencial, o professor com a sua turma, deve interagir nos mesmos horários em que as aulas ocorriam no modelo presencial, decidido pelo

Conselho Estadual de Educação da Bahia (CEE/BA) através da Resolução nº 27/2020 e do Parecer nº 53 de março do mesmo ano.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar, a falta de equipamentos, softwares e internet é um dos pontos negativos desse tipo de ensino, onde a falta de acessibilidade é um dos grandes problemas do Brasil, destacando, principalmente, a larga desigualdade social existente no Brasil, onde pesquisas mostram que 46 milhões de cidadãos estão nessa fração, em que, a cada quatro estudantes, um não tem acesso aos aparelhos digitais e a internet.

[...] A ideia de desigualdade digital - mais próxima da ideia de “brecha”, “hiato”, “fosso” ou “gap” parece-nos mais operacional para um pensamento que percebe e valoriza as graduações sincrônicas e diacrônicas entre os indivíduos e grupos considerados num. mesmo instante, e entre os estados sucessivos apresentados por um particular indivíduo, ou grupo considerado. na história da sua luta para superação das barreiras digitais. Nem os “excluídos” podem ser vistos como uma massa homogênea de have-nots, nem será possível à correção desta situação senão mediante processos e degraus diferenciados (SANTOS, 2006, p.43).

No entanto, por um lado, enquanto algumas crianças, de estamentos sociais menos vulnerável ou mais abastados economicamente, possuem aparelhos: celulares, tablets, notebooks, computadores, dentre outros, conseguindo acompanhar e assistir às aulas e entregar as atividades, mantendo uma rotina de estudos, por outro, crianças em situação de pobreza e maior vulnerabilidades econômica, que não têm acesso a esses aparelhos, por questões diversas, sejam: um único aparelho celular para toda a família, famílias de baixa renda que não tem condições de comprar um aparelho, ou quando tem é do pai ou da mãe, que trabalham durante o dia todo e precisam do celular, esses e muitos outros fatores são uma das causas para que as crianças não tenham acesso às aulas virtuais e/ou sucesso a depender delas, conforme nos orienta Santos (2006).

A desigualdade social ao acesso digital, juntamente a ausência de políticas públicas para tal, é o que mais contribui

para essa desigualdade, apesar de existir políticas públicas que auxiliam no acesso e permanência na educação, ainda os esforços governamentais inexistem com relação aos avanços das TICs na Educação, sendo esse um dos problemas relacionados à falta de priorização de investimentos da educação.

Para a execução dessas atividades, essa secretaria é composta pelo Departamento de Articulação e Formação (DEAF), responsável pela coordenação e articulação das ações de inclusão digital, gerindo as parcerias existentes para a promoção da inclusão digital, além de formulação e execução das ações de formação e capacitação para uso das TIC; e pelo Departamento de Infraestrutura para Inclusão Digital (DEID), que tem como competências o estudo, a aquisição e a gestão das escolhas tecnológicas adequadas para a execução das políticas públicas da SID (BRASIL, TCU, 2015).

Assim, essa modalidade de ensino remota, sendo uma inovação educacional escolar, se tornou um desafio, no qual muitos, professores e educandos, tiveram que se adaptar mesmo que diante de precárias condições. Com a desigualdade social e econômica, a falta de políticas públicas causou um grande impacto, diante dessa crise mundial da pandemia do Coronavírus, na qual todas as pessoas são afetadas e, em nosso país pela não priorização da Educação como essencial para o desenvolvimento do país, essas questões políticas, sociais e econômicas acabam por desnudar tamanha desigualdade social que afetam as crianças, mostrando os obstáculos no acesso à inclusão digital, onde grande parcela das crianças, nessa nova forma de ensino, são excluídas.

[...] mais do que dar acesso às tecnologias (uma condição técnica imprescindível e básica para qualquer projeto de inclusão digital), o desafio maior da inclusão cidadã à cultura digital é fazer com que os indivíduos possam produzir conteúdo. próprios e distribuí-los livremente. (LEMOS, 2011, p. 19).

É possível identificar as muitas falhas existentes no sistema governamental, a exclusão digital que existe, afetando muito a vida das crianças, onde o desenvolvimento da aprendizagem se torna um processo cheio de desafios, em que se avoluma o distanciamento

entre muitos, visto que, uns tem acesso às TICs, outros não, provocando precário desenvolvimento da aprendizagem dos que não tem. Cabe salientar como a Educação enquanto direito social prescrito na Carta Constitucional de 1988, que em seu artigo 205 determina como direito de todos os cidadãos deste país.

3 Percurso metodológico

Para a construção destes estudos seguiu-se os passos da pesquisa qualitativa, considerando para a elaboração de uma pesquisa, o percurso metodológico é fundamental, no qual envolve aspectos importantes para obtenção dos resultados. De acordo com Minayo (1995, p. 21-22): “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças...”.

Com a finalidade de compreender nesse processo pandêmico de aulas remotas, o desenvolvimento da aprendizagem das crianças por meio do uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Foram adotados como recurso de coleta e construção dos dados o uso de dois questionários online, ficando disponível pelo período de uma semana, sendo o primeiro questionário para entrevista, direcionada aos alunos contendo três questões: 1- Para você a aprendizagem dos conteúdos é melhor quando você está próximo dos seus colegas e na sala de aula ou quando você está em casa fazendo as aulas online? 2- Que você gosta e o que você não gosta nas aulas online? 3- Você gosta das aulas online ou gosta mais das aulas presenciais na sala de aula, por quê?

O segundo questionário foi dirigido aos pais e/ou responsáveis pelas crianças, contendo quatro questões com múltiplas escolhas: 1- disponibilidade de aparelhos eletrônicos? 2- Se sim, quantos aparelhos tem em casa? Não sabe lidar com as tecnologias? (aparelhos), “a família que ajuda a criança” 3- Você classifica o conteúdo enviado pela escola como?

A pesquisa contou com a participação de cinco crianças com idade entre 6 e 9 anos, duas de escolas particulares e duas de escolas públicas localizadas em Bom Jesus da Lapa Bahia, tendo os pais destas crianças também participado. A divulgação dos questionários online foi feita pelo aplicativo do Whatsapp, entre pais, professores/as e demais conhecidos para maior amplitude de conhecimento das pessoas acerca do formulário online. A fim de preservar a identidade dos integrantes da pesquisa fez uso de pseudônimos utilizando os números 01, 02, 03, 04 e 05, em substituição dos nomes dos participantes.

4 Resultados e discussões

De acordo com os estudos realizados nesta pesquisa, foram feitos alguns questionamentos para crianças com idade entre 6 e 9 anos que estão cursando a educação infantil e os anos iniciais do fundamental. Tendo sido feita a seguinte pergunta: para você a aprendizagem dos conteúdos (as tarefinhas) é melhor quando você está próximo dos seus colegas e na sala de aula ou quando você está em casa fazendo as aulas online? Sobre essa questão, obtivemos as seguintes respostas:

Dentro da sala de aula com os colegas, porque é melhor, porque minha professora escreve no quadro e dá para copiar (Criança 01)

Próximo dos colegas e na sala de aula, porque quando está com pessoas é bom (Criança 02).

Com os coleguinhas, porque é mais fácil (Criança 03).

Diante destas respostas, analisa-se que existe uma troca de experiências muito grande na sala de aula, onde facilita a aprendizagem dessas crianças, quando se juntam com outras crianças, como salienta Alves (2020), visto que cabe salientar que, a troca de experiências em sala de aula é uma fonte indispensável de aprendizagem.

Buscando ainda compreender o impacto causado na

aprendizagem das crianças e entendermos o que às incomodam nesse período de aulas online, foi perguntado o que a criança gosta e o que ela não gosta nas aulas online.

Não gosto, porque trava muito, e gosto porque dar para desligar a câmera (Criança 01)

Não gosto de abrir a câmera, porque normalmente não estou legal, e gosto das apresentações e dos trabalhos (Criança 02)

Não gosto das aulas online, porque minha professora é muito rápida (Criança 03)

É que eu não posso ver os coleguinhas e professores e não me divirto como na escola e também o contato direto que não tem que só tem na aula presencial e eu sinto falta (Criança 05)

Acerca do que foi questionado podemos perceber a insatisfação das crianças com o ensino remoto e as aulas online, onde, mesmo que as crianças tenham uma boa interação com plataformas digitais por meio de jogos e aplicativos, no quesito aulas remotas não é tão intensa essa interação, como salienta Alves (2020)

É interessante destacar que apesar de acreditarmos que as crianças e adolescentes têm expertise para interagir com plataformas digitais por conta das interações com jogos e aplicativos (CGI BR, 2019 a; 2019b), a relação que é estabelecida nesses ambientes para promover educação é bastante diferente e muitas vezes desprazerosa (ALVES, 2020, p. 356).

Diante de tal insatisfação ainda foi questionado se elas gostam das aulas online ou se gostam mais das aulas presenciais na sala de aula e, sobre este questionamento, tivemos como respostas:

Quando estou na sala, porque lá dá para entender melhor (Criança 01)

As presenciais, porque eu gosto de estar com meus colegas (Criança 02)

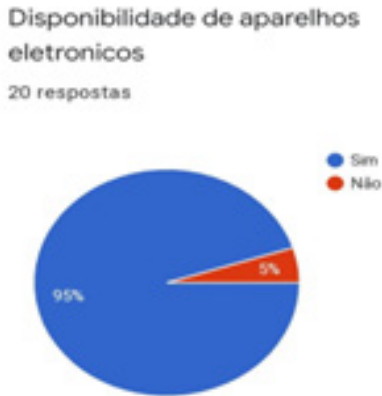
Mais das presenciais, por causa que minha professora não escuta nas aulas online e fica todo mundo com os microfones abertos (Criança 03)

Na escola, pois lá eu aprendo mais (Criança 04)

De acordo com as respostas, podemos perceber que estar no ambiente escolar para as crianças é a melhor forma de aprender e sanar as dúvidas que surgirem acerca dos conteúdos. Podemos destacar, ainda que, o contato direto com o professor e com os colegas, que a interação social, como defende Vygotsky (1998), facilita essa aprendizagem.

Além da participação das crianças, a pesquisa também contou com a participação de 20 pais e/ou responsáveis por elas, que, por meio de um questionário, conforme citado anteriormente, para entendermos sobre o acesso das crianças aos aparelhos eletrônicos e à internet e buscar analisar se há algum tipo de suporte dado pela escola, conforme será mostrado nos gráficos a seguir.

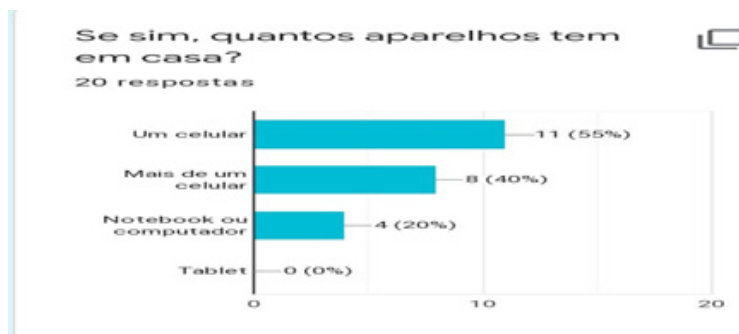
Gráfico1: Tem disponibilidade de aparelhos eletrônicos?



Fontes da pesquisa

Como pode perceber a grande maioria tem algum tipo de aparelho eletrônico disponível em casa, mais especificamente 95% dos questionados. Ainda sobre essa disponibilidade foi perguntado sobre a quantidade desses aparelhos em casa como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 2: Se tem disponibilidade, quantos aparelhos tem em casa?



Fontes da pesquisa

Como mostra o gráfico acima foi perguntada a quantidade de aparelhos eletrônicos tem em casa para a criança estudar, das 20 pessoas questionadas, 11 informaram que tem somente um celular em casa; 8 delas informaram que tem mais de um celular para uso em casa e 4 informaram que tem computador/notebook em casa, vale ressaltar que os entrevistados poderiam marcar mais de uma das alternativas.

Em seguida foi feito o questionamento sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação e, se a família auxilia a criança nesse uso, obtendo o seguinte resultado:

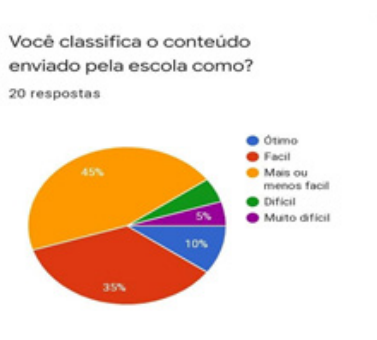
Gráfico 3: Não sabe lidar com as tecnologias (aparelhos), “a família ajuda a criança”



Fontes da pesquisa

Das 20 pessoas que responderam ao questionário, 10 delas responderam escolhendo a opção “ sei o básico, 8 marcaram a opção “sim, eu sei” e somente 2 pessoas marcaram “ sei um pouco”. Em continuidade do questionário foi perguntado sobre como a família classifica o conteúdo enviado pela escola, que, sobre o qual apresentamos o gráfico que se segue:

Gráfico 4: Você classifica o conteúdo enviado pela escola como?



Fontes da pesquisa

No gráfico acima, onde 20 pessoas responderam ao questionário, 9 delas classificam o conteúdo enviado pela escola como: “mais ou menos fácil”, 7 classificam como “fácil”, 2 classificam como “ótimo” e 1 classificou como “muito difícil”

Nesse cenário é possível perceber o quanto o acesso às tecnologias da informação e comunicação ,TICS, se tornam essenciais, porém, o ensino remoto trás desafios, sendo um deles a dificuldade em aprender, estudar com o uso das tecnologias fora do ambiente escolar (como na rotina antes da pandemia da Covid-19). Cabe salientar que é preciso o uso de diversas estratégias para compreensão e assimilação dos conteúdos e com isso os diferentes recursos para o ensino/aprendizagem desses alunos se tornam imprescindíveis, contudo a resposta dos pais ao questionário, nos leva a observar que a maior parte dos familiares dessas crianças tem em casa somente um aparelho celular, sendo ele para o uso de todos, assim dificultando ainda mais o acesso as aulas remotas.

No que tange às TICs, conforme Alves (2020) como recurso didático pedagógico, vale destacar que é necessário se valer desse avanço e conhecimento produzido pela humanidade, no entanto, é necessário que se tenham políticas públicas que oportunizem essa acessibilidade pela população, considerando o distanciamento entre os estamentos sociais e suas dificuldades em lidar com os aparelhos, sem entrar no mérito da questão sobre a qualificação de grande parte de professores/as em lidar com essa demanda tecnológica e social.

5 Considerações acerca destes estudos

Esta pesquisa teve como objetivo entender sobre o desenvolvimento da aprendizagem das crianças através das tecnologias de informação e comunicação no período de pandemia, refletir sobre o impacto dessas tecnologias na aprendizagem e entender sobre o acesso das crianças às TICs, em tempos de pandemia do Coronavírus.

Diante do que foi abordado sobre a Educação por aulas remotas e o uso das TICs no desenvolvimento da aprendizagem das crianças, entendemos que, o impacto causado nesse período está vinculado a inúmeras questões que vão desde uma estrutura adequada ao período de pandemia até o uso das TICs pelas crianças, bem como seu distanciamento social. Dentre estas questões, destacamos a carência de auxílio no acesso aos recursos das TICs, bem como uma metodologia que atenda as necessidades das crianças em relação, tanto em suas relação social com as outras crianças, quanto em relação a socialização da aprendizagem entre elas nesse processo de desenvolvimento da aprendizagem.

Cabe ainda destacar que, o momento atual que estamos vivenciando não tem sido tarefa fácil, é algo recente e inusitado, mas que causou muitos impactos negativos, tanto no que diz respeito a emergência de um planejamento escolar em que se considere esse período, quanto em relação às estruturas proporcionadas para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças. O que se faz presente,

aparentemente é a necessidade de cumprir o ano letivo e trabalhar os conteúdos propostos. Nesse sentido, fica o questionamento: Não seria esse momento inusitado uma oportunidade de revermos as possibilidades de aprendizagens inovadoras das crianças por meio de pesquisas, diálogos, construções, socializações e até mesmo questionamentos sobre as conquistas da humanidade? Ficando ainda a reflexão: que sociedade essas crianças estão presenciando para a construção de seu futuro?

Dessa forma, observamos que esse período pandêmico se tornou complexo e com muitos desafios, nos quais uma grande parte das crianças acaba sendo prejudicada, visto que a necessidade de se recorrer a TICs para dar continuidade a um ensino remoto foi visto como única alternativa impactando tanto no planejamento escolar quanto o impacto que ficou aparente, principalmente pela desigualdade social, onde cada família tem suas dificuldades e particularidades, tendo esse tipo de ensino impactado e surpreendido de formas diferentes as famílias das crianças. O desenvolvimento da aprendizagem das crianças foi afetado pela surpresa das mudanças bruscas, inclusive do distanciamento entre as crianças, no entanto, ele não deixou de acontecer, onde mesmo em casa, fora do ambiente escolar a criança precisa se adaptar e passar por essa fase dolorida para se desenvolver educacional escolarmente.

Sabendo que este momento foi marcado por mudanças repentinas e que mudaram a vida de muitas crianças em seu processo de desenvolvimento da aprendizagem, as TICs, em tempos de pandemia além de revelar as desigualdades no acesso digital, assim com a assistência das políticas públicas acerca de sua importância se mostra presente no seio da Educação e precisa ser repensada ou pensada de modo que faça parte desse universo de aprendizagem.

Cabe destacar que o mundo vem se modificando, as produções da mente humana vem se alargando, e o universo da tecnologia da informação e comunicação vem tomando conta do dia a dia das instituições. Nesse aspecto, a educação também precisa acompanhar essas mudanças de modo a modificar e garantir esse processo mais amplo e diferenciado do desenvolvimento do ensino/

aprendizagem. É preciso que se garanta aos cidadãos o acesso aos bens culturais de modo que se possa promover a qualidade da escola pública, onde todos possam ter direito de aprender e se desenvolver histórica e culturalmente, mesmo que, por ensino remoto, tão singular e fundamental como tem sido esse momento desafiador caudado pela pandemia do Coronavírus.

Referências

ALMEIDA, Maria E. B.; PRADO, Maria E. B. B. **Um retrato da informática em educação no Brasil**. 1999. Disponível em: <<http://www.proinfo.gov.br>> Acesso em: 20/04/2021

ALVES, Lynn. **Educação remota: entre a ilusão e a realidade**. 2020 disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://periodicos.set.edu.br/educacao/e//9251/4047&ved=2ahUKEwj204W_6IPyAhWOqJUCHQM8BR0QFjAAegQICRAC&usq=AOvVaw0xjXBTnXyOPM8aUu2eCOMV. Acesso em: 22/07/2021

BAHIA. Conselho Estadual de Educação (CEE). Resolução CEE-BA nº 27, de 25 de março de 2020 e Parecer CEE-BA nº 53, de 25 de março de 2020 Acesso em 17/06/2021 <http://www.conselhodeeducacao.ba.gov.br/arquivos/File/ParecerCEEn532020.pdf>

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 17/06/2021

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal nº 8,069, de 13 de Julho de 1990. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm Acesso em 17/06/2021

BRASIL. Referencial Curricular para a Educação Infantil RCNEI. Caderno 3. Conhecimento de Mundo. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> Acesso em 12/06/2021

BRASIL. Tribunal de Contas da União (TCU). Política Pública

de Inclusão Digital. 2015

file:///C:/Users/thoma/Fam%C3%ADlia%20Dropbox/SandraThomaz%20de%20Aquino/My%20PC%20(LAPTOP-H9C27S9L)/Downloads/Final_web_final.pdf Acesso em 08/05/2021

Canguru news: **Estudo mostra o impacto da pandemia em crianças de educação infantil.** Disponível Em: <https://cangurunews.com.br/estudo-impacto-da-pandemia-educacao-infantil/>**Inclusão digital: polêmica contemporânea.** v. 2. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 15-21.

Inclusão digital: polêmica contemporânea. v. 2. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 15-21. MATOSSO, R. **Tecnologias X sedentarismo sala textual** 2010. Disponível Em: <http://salatextual.wordpress.com/2010/04/04-tecnologia-x-sedentarismo/> Acesso em: 21/04/2022

KENSKI, Vani. M. O papel do professor na sociedade. In: **Ensinar a Ensinar.** São Paulo, Pioneira, 2001

LEMOS, André. Prólogo. In: BONILLA, Maria Helena; PRETTO, Nelson de Luca. **Inclusão Digital: polêmica contemporânea.** v. 2. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 15-21.

MINAYO, Maria Cecília. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

O Município: **Crianças conectadas:** o impacto das tecnologias no desenvolvimento infantil. Disponível Em: <https://omunicipio.com.br/criancas-conectadas-o-impacto-das-tecnologias-no-desenvolvimento-infantil/amp/> Acesso em: 22/04/2021

ROSADO, Janaína. R. **História do Jogo e o game na aprendizagem.** 2006. Disponível em: <<http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/seminario2/trabalhos/janaina.pdf>>/ Acesso em: 22/04/2021

TIC Educação: **PESQUISAS.** Disponível em: <<https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/>> Acesso em: 19/04/2021.

SAMPAIO, Maria Mercês F. Problemas na elaboração e realização do currículo. In: **Currículo, conhecimento e sociedade**. Borges, Abel Silva... [et al.] TOZZI, Devanil A. (coord.) 3. ed. São Paulo: FDE, 1998. SANDIN ESTEBAN, Maria Paz. Pesquisa qualitativa em educação. Porto Alegre AMGH, 2010.

VYGOTSKY, Levi. S. **Pensamento e Linguagem**. 1ª Ed. 3ª reimpr. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Capítulo 20

EDUCAÇÃO E INFÂNCIAS DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA ANÁLISE DO MUNICÍPIO DE PARATINGA-BA

Maiane de Sousa Santos¹

Maria Karina Rodrigues Laura²

Priscila Teixeira da Silva³

1 Introdução

Nos últimos tempos a pandemia de covid-19⁴ vem desestruturando a educação brasileira de maneira imensurável, dentro deste cenário a presente pesquisa busca elucidar acerca do planejamento de ensino e realização das atividades na educação infantil e o fundamental I nas escolas do campo do município de Paratinga-BA.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) Paratinga, é uma das cidades mais antigas da Bahia ao qual se desenvolveu a partir do século XVII em fazendas e terras latifundiárias. A população é composta por 37% de habitantes na área urbana e 63% de residentes na área rural e cerca de 32,67% de sua população se encontram em estado de analfabetismo.

-
- 1 Graduanda do terceiro semestre do curso de pedagogia pela universidade do estado da Bahia-UNEB-DCHT campus XVII, Bom Jesus da Lapa-BA. E-mail: Maianesousa2002@gmail.com
 - 2 Graduanda do terceiro semestre do curso de pedagogia pela universidade do estado da Bahia-UNEB-DCHT campus XVII, Bom Jesus da Lapa-BA. E-mail: karinakaka251199@gmail.com
 - 3 Doutoranda em Educação e Contemporaneidade, docente da UNEB- DCHT campus XVII, Bom Jesus da Lapa. E-mail: prteixeira@uneb.br
 - 4 Doença infecciosa causada por uma variante do coronavírus descoberto no ano de 2019 em Wuhan na China. Seus sintomas mais frequentes são tosse, febre, dificuldade respiratória e nos casos mais graves os pacientes podem evoluir à óbito.

Definimos como objetivo central deste estudo a análise de como o município se situa sobre o planejamento de ensino direcionado a educação infantil e o fundamental I das escolas no campo durante o período de pandemia, como também em identificar quais as dificuldades dos educandos e seus familiares na realização do que foi proposto. Para tanto, iremos inicialmente compreender como a pandemia promoveu o desvelamento da disparidade educacional e social brasileira, posteriormente discutimos como foi desenvolvido o planejamento de ensino durante a pandemia no município de Paratinga-BA, e por fim verificamos quais estão sendo os principais desafios enfrentados para se concretizar o que foi proposto.

Tais objetivos vem da reflexão sobre o momento de pandemia ao qual vivenciamos e o que ele tem ocasionado referente aos inúmeros rompimentos no planejamento de vários segmentos da sociedade, sobretudo nos aspectos educacionais e ao considerarmos a histórica negação de acesso ao ensino para os sujeitos do campo. Arroyo, Caldart e Molina (2004) declaram que a escola do campo, foi tratada como a escória do sistema educacional brasileiro e, conseqüentemente, à população do campo foi negado o acesso aos avanços ocorridos nos últimos tempos como o reconhecimento e a garantia do direito à educação básica. O presente estudo é pertinente no aspecto científico em relação ao mapeamento educacional concernente as circunstâncias educacionais experienciadas. No aspecto social se justifica na discussão em sociedade sobre os desafios educacionais existentes e as possibilidades a serem seguidas no município.

A pesquisa se baseou na análise de documentos que orientam a manutenção das práticas educacionais a nível estadual e municipal. Além de entrevistas semiestruturadas realizadas via chamada de voz no WhatsApp⁵ com dez educandos que cursam do pré-escolar ao 5º ano do ensino fundamental I de escolas situadas em diferentes regiões do município, uma mais distante do alunado

5 Aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz e vídeo pela internet, disponível para smartfones e computadores.

que identificaremos como colaboradores da escola A, e outra mais próxima identificados como colaboradores da escola B, além de oito familiares de educandos escolhidos por critérios de idade e nível de escolarização diferentes.

Explicitado essas questões, é fundamental compreendermos os aspectos da disparidade social e educacional em nosso território, especificamente na Bahia, e discutir sua interferência no plano municipal de ensino para às infâncias camponesas.

2 A educação e a pandemia: o evidenciamento das disparidades sociais

Nesta seção apresentaremos como se estabeleceu os procedimentos de enfrentamento ao COVID-19 e as práticas educacionais direcionadas às infâncias do campo durante a pandemia, salientando a desigualdade social evidenciada nesse período. No início do ano de 2020 o Brasil foi atingido por um vírus que já assolava muitos países, conforme o crescimento acelerado de infectados e em seguida o número de mortes, a sociedade vê-se diante da necessidade de descobrir ao menos um tratamento para conter o seu avanço em simultâneo com a procura em se adaptar à nova realidade imposta pela pandemia. Com isso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda medidas de prevenção e enfrentamento da disseminação do covid-19, desse modo todos os estados e municípios passam a adotar as medidas de distanciamento e isolamento recomendadas, conseqüentemente, muitas atividades foram suspensas.

Portanto, para a segurança dos estudantes e profissionais da educação o governador da Bahia através do Decreto nº 19.586, de 27 de março de 2020 estabeleceu a suspensão das aulas presenciais visando o enfrentamento a contaminação comunitária já presente no estado, previsto inicialmente para o período de quinze dias. Posteriormente com a não solução da problemática e sim o seu agravamento diário o regente prorroga sua determinação à perdurando até o momento atual. Nesta fatídica

conjuntura apresentada, se constatou a necessidade de redirecionar o planejamento educacional para que a sociedade estudantil não fosse tão fortemente prejudicada.

Porém, a dificuldade de acesso à internet no Brasil e as amarras impostas por ela foi ampliada, e de certo modo desvelada à população que ainda se mantinha alienada a verdadeira face da disparidade social em nosso país. O Secretário da Educação do estado da Bahia Jerônimo Rodrigues discorreu em uma entrevista coletiva virtual no dia 24 de fevereiro de 2021 as facetas do não acesso à equipamentos tecnológicos e internet ligados ao entravamento do redirecionamento dos processos educacionais de forma remota. Na entrevista o secretário afirmou que 35% dos 417 municípios baianos possuem dificuldade de acesso à internet. Nesse contexto, o governador da Bahia destacou em uma entrevista concedida com a participação do Secretário de Educação, durante o Papo Correria⁶ no dia 23 de fevereiro do ano de 2021 a estratégia que o estado desenvolveu para o prosseguimento do ano letivo no território baiano, Rui destacou que:

Adotamos uma estratégia que irá atender a todos os alunos da rede estadual. Desde o início da pandemia, eu afirmei que não iria aceitar uma solução que alcançasse um número pequeno de alunos. Temos muitos estudantes que moram na zona rural e que não tem sequer sinal de celular. Por isso, estamos implementando esse início remoto das aulas, que não se trata da aula virtual por entender que não contemplaria os alunos que não tem sinal de telefone ou banda larga. (COSTA, 2021)

Em outras palavras, o acesso à internet inviabilizou o plano de ensino estadual principalmente aos sujeitos do campo, nesse sentido é conveniente que os municípios tenham autonomia na elaboração de seus planos, atribuindo suas respectivas particularidades no que concerne a sua população, visando essas questões, o Fórum Estadual de Educação da Bahia em uma publicação declara que:

6 Programa exibido no formato de lives em redes sociais como facebook, Instagram e YouTube do governador da Bahia Rui Costa, onde o regente interage com os internautas respondendo às dúvidas da população que são transcritas nos comentários.

A Bahia é plural, e nisso reside a sua riqueza. Apresentando uma diversidade de cenários, produz “educações” diferenciadas que representam trajetórias históricas específicas, sendo afetada, no entanto, pela desigualdade de condições objetivas e por problemas acumulados ao longo de sua história. No entanto, tais realidades distintas precisam ser mapeadas e conhecidas a fundo, visto que irão exigir soluções contextualizadas para serem executadas em cada local ao invés de respostas padronizadas e planejadas centralizadamente. Assim, ao invés de centralizar a reflexão e a condução de medidas de enfrentamento da pandemia e seus impactos na educação, reorganizar o ano letivo exige um esforço que valorize a ação coletiva, porém coordenado pelo poder público. (FÓRUM, 2020, p. 5).

Portanto, considerando a autonomia que disponibilizaram aos municípios e a desigualdade de acesso à internet e equipamentos tecnológicos pelos estudantes da educação infantil e o fundamental I, o município de Paratinga-BA optou pelo recurso de atividades impressas, visto que um grande número de alunos é residente no campo e poderiam ter dificuldades com o ensino de modo remoto.

Segundo dados do Censo da Educação Básica (INEP, 2021) Paratinga possui 10 pré-escolas e creches no campo e possui 55 estabelecimentos de ensino fundamental I sendo 16 deles na zona urbana e 39 na zona rural. As escolas situadas no meio rural atendem 3950 alunos(as), equivalendo a 54,6% dos estudantes da rede pública municipal.

No viés dos tempos atuais, o município de Paratinga-BA desenvolveu um plano de ação nomeado “*Fique bem, aprendendo em casa*”, determinando a realização de atividades em casa. Referente à educação infantil e o fundamental I se instituiu que as atividades deveriam ser desenvolvidas na forma de tarefas impressas que seriam repassadas aos responsáveis a cada duas semanas na instituição escolar onde a criança estuda, somando carga horária de 10 horas semanais distribuídas entre as disciplinas. Sendo aos anos iniciais atividades não avaliativas com o propósito de somente cumprimento de carga horária em relação ao ano letivo. Tal tomada de decisão se fez pela dificuldade de acesso as tecnologias necessárias

para o ensino remoto ou a distância.

Após a explanação dos aspectos em relação ao plano de ação educacional do município, faz-se oportuno entendermos como está sendo a efetivação das ideias propostas para a população paratinguense na prática cotidiana com ênfase nos desafios encontrados pelos estudantes e seus familiares.

3 “Eu não tenho estudo”: desafios enfrentados pelos familiares em auxiliar os infantes

Nesta seção apresentaremos os dados sobre o panorama dos obstáculos enfrentadas pelos familiares no auxílio às crianças, à medida que ressaltamos a importância da escolarização histórica dos povos camponeses. Segundo os dados coletados, os responsáveis entrevistados de alunos da escola A, narram que sentem a necessidade de as atividades serem entregues em suas residências, pois a instituição escolar se encontra distante e eles nem sempre dispõem de transporte para se deslocarem. Um outro ponto ressaltado pelas famílias concerne na dificuldade de compreensão das questões levantadas nas atividades, pela falta de escolarização que estes possuem muitas vezes são impossibilitados de auxiliarem seus filhos na resolução das atividades.

Neste quesito discorre uma das colaboradoras desta pesquisa: *“Não sei ler nem escrever direito e desse jeito é difícil ajudar ele (criança) a resolver as tarefas”*. (Mãe de estudante da escola A). E completou outra mãe acerca da ausência dos docentes: *“Era mais fácil ensinar elas (crianças) quando tinha as aulas normais, porque os alunos entendiam o que precisavam fazer com a explicação do professor”*. (Mães de estudantes da escola A).

Identificamos que os sujeitos que participaram desta pesquisa com faixa etária de 45-50 anos possuem grande dificuldade em orientar as crianças, pois, estes não possuem nenhum nível de escolarização. Já os que possuem entre 35-40 anos percorreram obstáculos nível médio na instrução, e os colaboradores entre 20-30

anos relataram nível de complexidade na resolução das atividades baixo ou não encontraram desafios significativos.

Os responsáveis dos estudantes da escola B, não relataram essa dificuldade já que a instituição está localizada próxima às residências dos educandos. No aspecto dos encaixos em ajudar as crianças a desenvolverem as atividades não se aplicou nesta instituição, pois os familiares dessas crianças possuem ao menos escolarização de nível fundamental completo. Por outro lado, essas famílias desprezaram dificuldades a respeito da falta de tempo para auxiliar os educandos, já que, majoritariamente os sujeitos do campo se dedicam ao cultivo agrícola, ou, as tarefas domésticas de forma integral. Além da dificuldade de concentração das crianças na realização das atividades escolares em casa.

Nesse sentido uma mãe entrevistada descreveu sobre esses aspectos:

A rotina de trabalho do dia-a-dia acaba dificultando a entrega das atividades em tempo certo. Pois de repente, nos vimos em casa com nossos filhos precisando acompanhar mais de perto do que nunca a jornada escolar deles. [...] é extremamente difícil criar uma rotina e horário para ser seguido em casa, essa dificuldade de compreender que é hora de deixar de brincar para realizar as atividades. [...] (Mãe de estudante da escola B).

Os responsáveis de alunos matriculados em ambas escolas, ainda afirmaram que suas perspectivas em relação ao aprendizado das crianças se definem na manutenção dos conhecimentos já adquiridos antes do período de pandemia, ou, aprenderem muito abaixo do esperado para as suas idades, questionados sobre a razão de eles acreditarem nessa concepção, os sujeitos discorreram os obstáculos em prosseguir na escolarização das crianças sem apoio docente. Como elucidada esta mãe de um aluno estudante da escola B:

Eu acho que não vai evoluir muita coisa né, porque a aula presencial a professora explica né, e eles aprendem mais. Assim, eu acho que é só pra não ficar parado de tudo, mas que vai evoluir muito eu acho que não vai não [...].

Assim, salientamos a importância da intervenção pedagógica na realização das atividades de ensino, onde os responsáveis afirmam que os docentes por possuírem formação específica são mais aptos a ensinarem de maneira apropriada, além disso, como já foi manifestado anteriormente a dificuldade de concentração das crianças em realizar as tarefas em suas residências, como também não terem os elementos significativos que dispunham no ambiente escolar corrobora para essas perspectivas.

4 “Eu saberia o que significaria”: a importância das particularidades do campo nas atividades a domicílio

Diante dos inúmeros contratempos experienciados pelos familiares, surgiu a necessidade de se ouvir o panorama dos infantes. Por isso, nesta seção abordaremos os aspectos acerca da representatividade no que tange aos elementos do campo nas atividades distribuídas pelo município, salientando a importância do sentimento de pertença para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos.

Durante as entrevistas questionadas sobre como está o nível de dificuldade das atividades nesse período de pandemia em relação às que desenvolviam anteriormente nas aulas presenciais e sobre o que mais sentem falta na rotina escolar que tinham, 8 das 10 crianças estudantes das escolas A e B afirmaram que as tarefas estão mais difíceis e que sentem falta da professora. Como narra em uma entrevista realizada com uma aluna da escola A:

As tarefas estão mais difíceis porque lá na escola a gente escrevia as perguntas e as respostas no caderno e agora as perguntas estão muito apagadas e borradas. [...] e eu sinto falta da professora explicar pra mim o que eu tinha que fazer nas minhas tarefas, e me ajudar também. [...]

Todas as crianças descreveram que sentem muita falta dos colegas e das brincadeiras que vivenciavam no ambiente escolar. Dessa forma chamamos a atenção para a importância de se oportunizar a socialização das experiências infantis. Martins Filho

(2005) relata a necessidade dos sujeitos do contato social para o fortalecimento da aprendizagem e a importância da escola nesse processo, no seguinte trecho:

Como importante componente no processo educativo e também como grande possibilitador de experiências de contato com as variações da cultura humana. O adulto, ante as necessidades, interesses, desejos, vontades, relações, múltiplas linguagens das pequenas crianças, passa a ser o responsável pela ampliação dessas experiências e pelo acesso desses atores sociais ao conhecimento que é produzido e acumulado historicamente pela humanidade. [...] para que a criança assuma seu papel de ator na sociedade e viva sua condição de cidadã, precisará de apoio, incentivo, instrumentalização e intervenção efetiva do adulto. Todavia, para isso, é preciso problematizar, romper com as práticas autoritárias, de regulação e controle que caracterizam, em muitas situações, as relações entre adultos e crianças. (MARTINS FILHO, 2005, p. 168).

Ou seja, a participação das crianças no ambiente escolar trata-se de um instrumento de percepção dos contextos históricos, da aprendizagem interativa e da formação de identidade por meio da construção do sentimento de desenvolvimento grupal.

Indagados também acerca do reconhecimento de elementos próprios do campo nas atividades recebidas as crianças afirmaram que não identificaram nenhum objeto com relação direta ou indireta com suas experiências cotidianas e ainda disseram como seria mais crível se tivesse esses elementos, pois assim, conseguiriam concernir com suas particularidades. Como relatou uma das entrevistadas mirins: “[...] seria mais fácil se tivesse imagem do campo porque agente mora na roça e seria melhor para entender o que a professora quer dizer[...]” (criança).

A descrição articulada anteriormente por uma criança estudante do 4^a ano da escola A, nos faz refletir sobre esse fenômeno de significação do conteúdo escolar ser fundamental para a aprendizagem de quaisquer segmentos ao longo da trajetória humana, principalmente nas infâncias. Nesse sentido Rogers (2001) discorre que:

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimento mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência. (ROGERS, 2001, p. 01).

Trata-se de a aprendizagem significativa permitir aos sujeitos de maneira mais sólida o desenvolvimento crítico e reflexivo das concepções concretas e da transformação social.

As crianças declararam ainda que sentem menos falta no ambiente escolar das provas realizadas, pois precisavam codificar os assuntos e que se sentiam frustrados e oprimidos ao não alcançarem os resultados desejados, ou melhor, condizentes com o esforço gerado. Diante disso é preciso problematizar a educação destinada às infâncias nas escolas contemporâneas, pois a aprendizagem emancipatória que os cidadãos da classe trabalhadora necessitam, sobretudo os povos do campo que vislumbram, cotidianamente, seus direitos sendo retirados por governantes através dos instrumentos midiáticos alienando a óptica de sua população.

5 “Na escola eu aprendia brincando”: a ludicidade na aprendizagem infantil

Segundo o observatório da infância e educação infantil da UNEB (TEIXEIRA, et. Al. , 2020) que atribui recomendações para a manutenção do ato de brincar às infâncias durante e após o período de pandemia, destacando sua importância formativa e a necessidade de se constituir políticas públicas que garantam a manutenção dessas práticas, faremos nesta seção uma reflexão por meio desta fala “*Na escola eu aprendia brincando*” de uma das crianças entrevistadas e pela recorrência dessa temática lúdica levantada durante o diálogo com os infantes sobre a importância da ludicidade na aprendizagem infantil e os aspectos do não brincar no ambiente familiar dos sujeitos do campo.

O ato de brincar para além de uma atividade recreativa, divertida e de descontração trata-se de um importante instrumento de fortalecimento dos vínculos afetivos, significação das experiências e do aprendizado nas infâncias. Brougère (2010) narra esse procedimento:

A criança está inserida, desde o seu nascimento, num contexto social e seus comportamentos estão impregnados por essa imersão inevitável. Não existe na criança uma brincadeira natural. A brincadeira é um processo de relações interindividuais, portanto de cultura. É preciso partir dos elementos que ela vai encontrar em seu ambiente imediato, em parte estruturado por seu meio, para se adaptar às suas capacidades. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar. A brincadeira não é inata, pelo menos nas formas que ela adquire junto ao homem. A criança pequena é iniciada na brincadeira por pessoas que cuidem dela, particularmente sua mãe. (BROUGÈRE, 2010, p. 104).

Portanto, devido sua importância é preciso desvelar os fundamentos relativos ao não brincar infantil no ambiente familiar do campo e para isso nos debruçamos acerca das perspectivas relatadas pelos colaboradores mirins desta pesquisa.

Sabemos que os povos do campo dedicam maior parte do tempo centrados no trabalho da lavoura ou aos afazeres domésticos, muitas vezes, ambas as atividades em sincronia o que acaba não permitindo a esses sujeitos a oportunidade para a recreação de brincadeiras lúdicas com as crianças. Na realidade anterior a pandemia de covid-19 esses infantes brincavam com outros, vizinhas de suas residências e principalmente no ambiente escolar. Porém, com o fechamento das instituições de ensino no período de pandemia e as determinações de isolamento social, elas estão crescendo sem vivenciarem de forma intrínseca esses importantes fundamentos para o seu desenvolvimento.

A ludicidade é insubstituível para o aprendizado em simultâneo com o acréscimo da empatia e atenção às necessidades sociais particulares e do campo, desse modo faz-se necessária a articulação da sociedade para que de alguma forma possam

amenizar os impactos presentes na formação desses estudantes que não estão vivenciando o ato de brincar em suas infâncias de forma consistente.

6 Considerações finais

Referente ao planejamento de ensino municipal de Paratinga-BA foi possível perceber que a educação destinada às infâncias do campo enfrenta enormes desafios em manter-se nesse período de pandemia, devido ao seu caráter urbanizado onde percebe-se a inexistência de um plano específico para atender as demandas dos camponeses. No discurso elaborado pelos familiares é salientado a perspectiva histórica de negação a instrução colegial para os povos do campo, pois estes sujeitos que tiveram os processos formativos negligenciados pelo poder público e alguns deles se encontram atualmente impossibilitados de auxiliarem de maneira expressiva nas atividades.

A ausência de elementos subjetivos do campo nas questões escolares transcritas nas atividades impressas e a qualidade das mesmas fundamenta o desajuste educacional referente à significação dos conteúdos trabalhados para a aprendizagem concreta, o desenvolvimento da percepção crítica e a perspectiva da transformação social inerentes, sobretudo aos sujeitos camponeses.

O fato de as atividades na educação infantil não serem avaliativas deve ser questionado e cobrado pelos responsáveis, pois, não se trata apenas de atribuição de notas para os exercícios realizados, mas sim, do acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem dessas crianças ao qual deve ser garantido mesmo no momento atual.

Dito isso, para a promoção da escolarização emancipatória às infâncias do campo no período de pandemia é comedido na necessidade de se problematizar o plano de ensino municipal possibilitando o vislumbrar do panorama de ensino pelos sujeitos pertencentes à esfera de execução das atividades, propiciando

essa discussão acerca dos desafios encontrados e a partir desses levantamentos promover sua reestruturação com medidas complementares para garantir de fato o acesso educacional da melhor qualidade possível para os povos do campo.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagma (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BAHIA. **Decreto-lei** nº 19.586, de 27 de março de 2020.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COSTA, Rui. **Início do ano letivo, vacinação e números da Covid-19 na Bahia**. Live (1:26:27min). Papo correria, 2021. Disponível em:(2137) Início do ano letivo, vacinação e números da Covid-19 na Bahia. Está no ar o #PapoCorreria. -YouTube. Acesso em: 23 fev. 2021.

Fórum Estadual da Bahia. **Reorganização do ano letivo na Bahia**: Pela superação das desigualdades educacionais.2020. Disponível em: FEE-BA divulga documento sobre reorganização do ano letivo na Bahia -(apub.org.br)

IBGE –INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar**. Brasília: MEC, 2021.

MARTINS FILHO, Altino José. **Crianças e adultos na creche**: marcas de uma relação. 2005. 185f. Dissertação (Mestrado) -Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.

RODRIGUES, Jerônimo. **Coletiva: Secretário da Educação detalha planejamento para início do ano letivo**. Live (01:21:49 min). Governo da Bahia, 2021. Disponível em:(2138) Coletiva: Secretário da Educação detalha planejamento para início do ano letivo -YouTube. Acesso em: 24 fev. 2021

TEIXEIRA, Adriana M. P. Et al. **Proposições para a educação infantil durante (e após) a pandemia**: por uma proposta pedagógica que respeite os direitos dos bebês e crianças. Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, 2020.

Este livro é o resultado da união de estudos sobre as tecnologias na educação, principalmente, no período da pandemia de COVID-19. Participaram da construção desse livro graduandos do curso de Pedagogia e professores do ensino superior. É válido destacar que a maioria das pesquisas que o compõem são o resultado de estudos realizados no componente curricular Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), durante o semestre letivo - 2021-1.

Cada capítulo disponível nesta obra compõe uma panorâmica da realidade da educação brasileira quando se fala em uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICS) nos espaços escolares. O conjunto completo desta obra constitui uma rica diversidade de temáticas que abordam desde políticas públicas para facilitar o acesso à educação através das tecnologias, bem como os desafios e estratégias usadas para que o processo de garantia de acesso da educação pública.

